A UNIÃO

ANO LXXXIX Nº 126 — JOÃO PESSOA - domingo 05 de julho de 1981 — PREÇO Cr$ 20,00

HOJE.

jornal de domingo A UNIÃO

Especial:

Onde estão estas crianças?

E MAIS:

• *Anco Márcio*
Quero me aposentar!!!
Pág. 2

• *Reportagem*
Uma medicina barata e popular
Pág. 3

• *Ivan Lucena*
A UNIÃO há 50 anos
Pág. 4

• *Duardo Dusek*
Desgraça também é música
Pág. 5

• *Tizuka Yamasaki*
A diretora de "Parahyba Mulher Macho"
Pág. 6

• *Celso Furtado*
A renovação política está partindo da França
Pág. 7

• *Evaldo Gonçalves*
Anel do Curimataú
Pág.8

Revista NACIONAL

A DANÇA DOS MANEQUINS
• *Archidy Picado*
Pág. 3

ESCRITURA
• *Mercedes Ribeiro*
pág. 10

SOBRE A DITAÇÃO DE FOLHETOS
• *Átila Almeida e J. Alves*
pág. 12

UM ESCRITOR EM BALANÇO
• *Jácomo Mandatto*
pág. 16

Correio das Artes

ÁGUA-MARINHA PARA BÁRBARA
• *Rubem Braga*
pág. 3

O IMBECIL
• *Sebastião Nery*
pág. 6

TARCÍSIO BURITY
• *Entrevista a Mauritônio Meira*
pág. 7

CRIME DE LESA-PÁTRIA
• *Adirson de Barros*
pág. 12

IRRITAÇÃO DE ULYSSES
• *Carlos Chagas*
pág. 2

AFINAL E ENFIM
• *Osias Gomes*
pág. 2

O PRETO JOÃOZINHO
• *Sebastião Lucena*
pág. 2

QUEM TEM MEDO DO PROFESSOR
• *Otávio Sitônio Pinto*
pág. 2

Burity:

Só ficarei no Governo enquanto tiver força





Milhares de pessoas saíram às ruas de Taperoá para aplaudir Tarcísio Burity

"Quiseram cortar a emergência de pobres trabalhadores rurais, mas eu protestei e disse que não cortavam. O presidente Figueiredo, graças a Deus, soube me ouvir, atendeu ao nosso apelo e nós não desmobilizamos aqueles operários pobres e necessitados". Só ficarei no Governo da Paraíba enquanto tiver forças para protestar e condições para conseguir aquilo que é necessário ao povo paraibano".

Foi o que afirmou, ontem, em Taperoá, o governador Tarcísio Burity quando, diante de grande concentração popular, deu por inauguradas obras do seu governo naquele município. Junto com o governador se encontravam a secretária Giselda Navarro Dutra, da Educação, o interventor de Taperoá José de Queiroz, os secretários Francisco Arnaud, da Habitação, e José Silvino, dos Transportes, os deputados Egidio Madruga e Múcio Sátyro, o subchefe da Casa Civil, Jovani Paulo Neto, o presidente da Cagepa, Jael Carvalho e o diretor do DER, Francisco Quintães.

O sr. Tarcísio Burity, que esteve ontem em Livramento e pernoitou na fazenda de José Madruga, a 10 quilômetros da cidade, chegou a Taperoá por volta das 10 horas, sendo recebido por mais de três mil pessoas no início da avenida Epitácio Pessoa. Cercado por populares, o governador seguiu a pé até a Estação Rodoviária, onde se concentravam populares e estudantes, que o saudaram com salvas de fogos de artifício. Antes, o governador esteve visitando as obras do Hotel Turístico de Taperoá, obra que exigiu investimento de 9 milhões de cruzeiros e que deverá ser inaugurado em três meses.

Do palanque em que se concentravam todas as autoridades presentes ao evento, o interventor José de Assis Queiroz fez um balanço dos seus sete meses de administração. Segundo ele, o saldo deste trabalho está na recuperação e construção de unidades escolares, na instalação de uma repetidora de TV, na recuperação de estradas, do matadouro público, na construção de 4 mil metros de calçamento, na recuperação do prédio da Prefeitura, na aquisição de tratores e caminhões para a limpeza urbana, na aquisição de um terreno onde será instalado o parque de exposição de animais e na atualização e concessão de aumento de até 200% ao funcionalismo municipal. Na oportunidade, pediu ao governador Tarcísio Burity uma rede de esgotos, a instalação do sistema DDD e um hospital para a cidade.

Por sua vez, a secretária Giselda Navarro também relacionou os resultados do trabalho desenvolvido pela SEC, citando a construção e equipamento de seis unidades escolares o apoio à operacionalização do Departamento de Educação do município, bem como a garantia da complementação salarial aos professores da zona rural. Entregou à cidade, ontem, duas unidades escolares que abrigarão 360 alunos.

"A administração do governador Tarcísio Burity tem superado todas as expectativas", disse o deputado Egidio Madruga em seu pronunciamento, ressaltando a sábia decisão de acatar o parecer do Tribunal de Contas sugerindo a intervenção em Taperoá. Nestes sete meses de interventoria "o dinheiro público vem sendo aplicado honestamente na solução de problemas municipais", disse ele. O deputado apelou para que o governador se candidate a um cargo eletivo, "seja Câmara ou Senado, pois terá o meu apoio e o de toda a região".

Em seu pronunciamento, o sr. Tarcísio Burity, inicialmente, analisou a situação da emergência no Estado, garantindo que os trabalhadores rurais não serão desativados. "Chegou a vez de fazermos a política dos pobres, porque a política, dos ricos já foi feita", disse ele. Em seguida, elogiou o trabalho que o interventor José de Assis Queiroz vem realizando frente à Prefeitura de Taperoá e disse que seu governo está determinado a recuperar o antigo prestígio econômico da cidade na região.

Segundo o governador, essa determinação está evidenciada na construção da BR-230, que passa por Taperoá, e o asfaltamento da rodovia Taperoá-Sumé, que será iniciado brevemente, conforme anunciou. O governador surpreendeu a população ao anunciar que o hospital reivindicado, cujo projeto já se encontra concluído, será construído brevemente, com recursos da Caixa Econômica Federal. Finalmente, o governador Tarcísio Burity deu por inaugurado o conjunto habitacional "Luiz Gonzaga Burity", com 66 unidades, duas unidades escolares, o Núcleo do Projeto Sertanejo em Taperoá e iniciou a distribuição de 403 silos metálicos a pequenos produtores agrícolas da região, cuja continuidade será feita pela Emater.

Humberto já admite ser candidato das oposições

"Sempre afirmei que sou um homem a disposição do meu partido e, por isso, não posso dizer que não aceito ser candidato a Governador. Mas quero ressaltar que no momento não estou pensando em ser candidato".

A declaração é do presidente regional do PMDB, senador Humberto Lucena admitindo ser candidato ao Governo do Estado nas eleições de 82 se o seu nome for a solução para o problema da união das oposições. Ele acha que os entendimentos que estão sendo processados com o PP visando inclusive a candidatura de Antônio Mariz ao Governo do Estado "vão indo muito bem".

Quanto a negativa da família Gadelha em apoiar Mariz, entende Humberto "que tudo isso é uma questão de tempo, de entendimentos. O problema que há entre o deputado Antônio Mariz e a família Gadelha é um problema de confiança, mas na medida em que os dias passam essa confiança pode ser adquirida". (Página 3)

Secretário quer Estados recebendo mais recursos

Belo Horizonte - "Os Estados não podem permanecer descapitalizados, sob pena de não terem meios de levar a frente seus programas de desenvolvimento", afirmou ontem o secretário de Ciência e Tecnologia de Minas, Fernando Fagundes Neto, ao criticar a política mineral brasileira, que considera fator de enriquecimento dos Estados e municípios.

Ele sugeriu que Estados e municípios recebam 10 por cento do total do imposto de renda arrecadado pelas empresas mineradoras com o ferro, manganês e outros minerais consumidos internamente. "A distribuição do FUNOD-disse - seria feita em percentagens proporcionais à produção local, tanto para a venda no mercado interno, como para exportação, atribuindo-se aos municípios 80 PCT do rateio e, aos Estados, 20 PCT.

Lyra Braga receberá 12 milhões da Prefeitura

A Prefeitura Municipal terá que pagar uma indenização no valor de Cr$ 12 milhões nos autos de ação de desapropriação promovida contra a Firma J. Lyra Braga para que a Estação Rodoviária seja definitivamente inaugurada. Caso contrário, as obras serão retardadas e a inauguração não poderá se efetivar esse ano.

A informação é do advogado daquela firma sr. Roberto de Luna Freire, que ingressou com um mandado de segurança contra a Prefeitura Municipal, considerado pelo Tribunal de Justiça do Estado, porque esta queria indenizar no valor de apenas Cr$ 1 milhão 500 mil.

Colisão de bicicletas mata operário

O operário João Alves, 30 anos, morreu ontem numa colisão entre duas sicicletas em Bayeux. Ao cair, a vítima sofreu violenta pancada na cabeça e teve morte instantânea.

O outro ciclista - José da Penha da Silva, 39 anos, residente no bairro da Imaculada Conceição, em Bayeux - sofreu ferimentos em diversas partes do corpo e está internado no Hospital de Pronto Socorro.

O corpo de João Alves foi conduzido na manhã de ontem ao Instituto Médico Legal de João Pessoa, autopsiado e colocado em Câmara frigorífica até que seja procurado por seus familiares.

Bica ganha um leão de sete meses

Amanhã estará chegando a João Pessoa, pelo vôo normal da Vasp, um leão de sete meses de idade e pesando 50 quilos. O leão, africano, estará vindo de Brasília e ficará instalado na Bica, como mais uma atração para as crianças que visitam o local.

O animal, segundo explicou ontem o secretário de Comunicação Social da Prefeitura Municipal, é uma doação do Governo Federal ao prefeito Damasio Franca. Inicialmente o leão ficará isolado, pois ainda não está domado, e só depois se juntará aos outros seis leões do Parque Arruda Câmara.

O secretário Antonio Barroso Pontes informou ainda que provavelmente requisitará a opinião pública na ajuda da escolha do nome do novo leão, sendo distribuidos prêmios à pessoa cuja proposta do nome for aceita pela equipe da Prefeitura Municipal.

Panificadoras de João Pessoa fecharão amanhã

Todas as padarias e panificadoras de João Pessoa fecharão suas portas amanhã, em solidariedade aos comerciantes desse setor que ainda não dispõem de notas de venda para fornecimento à clientela, ficando, assim, sujeitos à lavratura de autos de infração, por parte da secretaria de Finanças do Estado. Na terça-feira, os padeiros abrirão normalmente, para atender à população, voltando a fechar na quarta-feira, quando transcorre o Dia do Panificador.

As diretorias da Associação dos Panificadores, que tem à frente o sr. Antonio Correia de Vasconcelos, e do Sindicato da Indústria de Panificação, presidida pelo sr. Vigolino Vasconcelos, explicaram que a paralisação das atividades amanhã não deve ser interpretada como greve, mas, sim, como movimento de "apoio e solidariedade aos colegas que não tiveram tempo de adquirir nas tipografias os talões de notas fiscais exigidos pelo Fisco".

Botafogo joga hoje com o Nacional no Almeidão

O Campeonato Paraibano prossegue hoje, com dois jogos decisivos para as pretensões de Botafogo e Treze com relação à conquista do primeiro turno, na rodada final do quadrangular. Em João Pessoa, no estádio Almeidão, jogam Botafogo e Nacional de Patos e em Campina Grande, no Amigão, Treze e Campinense fazem o clássico da rodada.

No jogo entre botafoguenses e nacionalinos, somente a vitória interessa ao Botafogo, que ainda depende de um tropeço do Treze ante o Campinense, para garantir a decisão do turno jogando no Almeidão. O Nacional de Patos, por sua vez, cumpre apenas a tabela do certame, mas mesmo assim é considerado como uma ameaça para os tricolores, porque na última vez em que as duas equipes se defrontaram, o time patoense fez uma boa exibição.

No jogo de Campina Grande, o Treze precisa vencer o Campinense para ter direito a disputar a final do turno, no Amigão, mesmo que o Botafogo saia vitorioso diante do Nacional. Este jogo está sendo aguardado com grande expectativa e os dirigentes campinenses acreditam que outro recorde de renda poderá ser quebrado no tradicional clássico da serra. (Pág. 7).

OPINIÃO

A UNIÃO
A UNIÃO
Fundado por Álvaro Machado

Não compreendo Democracia sem imprensa livre e independente, que informe corretamente a opinião pública.
Tarcísio Burity

FRUSTRAÇÃO DO PMDB

O vice-presidente Janson Guedes, do PMDB, disse que o documento de apoio à candidatura de Ronaldo Cunha Lima é uma frustração.

Ninguém melhor do que o vice-presidente do PMDB, principal porta-voz do senador Humberto Lucena, para fazer tal juízo. Qualquer opinião emitida pelo PDS, sobre o PMDB, será sempre suspeita. Mas a opinião do próprio vice-presidente do PMDB, não. Se o vice-presidente do PMDB diz que a candidatura de Ronaldo Cunha Lima é uma frustração, ele sabe o que diz.

Chega-se, então, a uma conclusão desoladora. O candidato próprio do PMDB é uma frustração. Diz o vice-presidente Janson Guedes que Ronaldo Cunha Lima é uma frustração porque não tem votos. E de outra parte, como o segundo candidato não é do PMDB, é do PP, então, como fica o PMDB?

O único candidato próprio, o único candidato do PMDB, é uma frustração. E o outro simplesmente não é do PMDB.

Pode-se concluir, dessa forma, que o vice-presidente Janson Guedes, do PMDB, está querendo acabar com o próprio PMDB. Ele está dizendo ao eleitorado paraibano que o PMDB não é de nada pois o único candidato que tem é uma frustração. O candidato que ainda chega a dar certa ilusão ao PMDB, não é do PMDB, é do PP.

Quando um partido chega a essa situação, é o fim. Raramente um presidente ou vice-presidente de partido chega a esse ponto de reconhecer e proclamar que o partido não tem condições de disputar uma eleição com candidato próprio, e que o único candidato próprio de que dispõe é uma frustração. Mas o vice-presidente Janson Guedes não teve qualquer hesitação: foi logo dizendo, alto e bom som, que o único candidato partidário, o único candidato do PMDB é uma frustração.

Em outras palavras, ele deixou claro que o PMDB é um partido falido, condenado, derrotado. Não tem candidato próprio e o único que tem é uma frustração.

A que ponto chegou o PMDB na Paraíba: seu próprio vice-presidente anuncia e proclama que o partido está falido, derrotado, liquidado, pois o único candidato próprio de que dispõe é uma frustração.

Para ousar participar das eleições, a única chance que tem o PMDB é recorrer ao candidato de outro partido. É apoiar o candidato do PP. Mesmo sendo minoritário, o PP tem condições de indicar um candidato. O PMDB, porém, despeito de ser majoritário, não tem condições de indicar ao povo um candidato próprio. O único candidato próprio de que dispõe, é uma frustração.

Em outros tempos, a oposição, mesmo não dispondo de um candidato próprio capaz de vencer, ia à luta, tendo a coragem de lutar mesmo para perder. O antigo PSD, por exemplo, lançou a candidatura do deputado Janduhy Carneiro, mesmo para perder. O ponto de honra era ter um candidato próprio, para vencer ou para perder.

Agora, o PMDB, ele mesmo se encarrega de reconhecer, anunciar e proclamar ao povo, ao eleitorado, que o partido não tem condições de disputar as eleições com um candidato próprio pois o único candidato próprio de que dispõe é uma frustração.

Nem todo dirigente partidário tem essa coragem do vice-presidente do PMDB, de dizer, às vésperas de uma eleição, que o único candidato próprio do seu partido é uma frustração.

O normal é os dirigentes partidários dizerem que o candidato do seu partido vai vencer. No caso do PMDB da Paraíba, ocorre o contrário: o vice-presidente Janson Guedes se encarrega de dizer, logo no início da campanha, que o candidato do PMDB é uma frustração e vai perder.

A UNIÃO • Diretor Presidente: *Petrônio Souto* • Diretor Técnico: *Hélio Nóbrega Zenaide* • Diretor Administrativo: *Etiênio Campos de Araújo* • Diretor Comercial: *Francisco Figueiredo* • Editor: *Agnaldo Almeida* • Secretário: *Walter Galvão* • Chefe de Reportagem: *Sebastião Lucena* • Redação: Rua João Amorim, 384 - Fones 221-1463 e 221-2277 • Administração e Oficinas: Distrito Industrial, km 03 - BR 101 - Fone: 221-1220 - Caixa Postal: 321 - Telex 832295 • SUCURSAIS: *Guarabira* Praça João Pessoa, 27 - Fone 478 • *Campina Grande* Rua Maciel Pinheiro, 320 - Ed. Jabre - Fone 321-3786 • *Patos* Travessa Solon de Lucena, S/N - Fone 421-2258 • *Sousa* Rua André Avelino, 25 - Fone 521-1219 • *Cajazeiras* Rua Pe. José Tomaz, 19 - Fone 531-1574 • *Itaporanga* Rua Getúlio Vargas, S/N - Fone 325 • *Conceição* Estação Rodoviária - Box 4 • *Catolé do Rocha* Rua Manuel Pedro, 574.

Quem tem medo do professor

A simples menção do nome do professor Celso Furtado como possível candidato à sucessão governamental, faz tremer os corações convencionais dos que tem nas mãos o poder decisório dos partidos políticos da Paraíba. A lembrança da atuação do mestre Celso à frente da Sudene, quando aquele órgão tinha prerrogativas executivas de super-ministério no Nordeste, não estimula alguns segmentos da oposição a unirem-se em torno da alternativa conciliatória. Velhos hábitos da política regional, não arraigados com a mentalidade desenvolvimentista que a antiga Sudene fez nascer no Nordeste, e redivivos nas duas últimas décadas mesmo em setores de oposição, vem a ser, em princípio, infensos à uma tentativa de experiência político-administrativa voltada para interesses populares e orientada sob um comportamento científico.

Essa a perspectiva que significa a hipótese da candidatura Celso Furtado. Uma personalidade universal, amadurecida a serviço de instituições internacionais, que honraria com sua participação qualquer ministério das nações líderes de ambos os hemisférios, oferece-se para gerir a coisa política de sua pequena província natal. Sem dúvida, um manequim grande demais para o macacão.

O processo seletivo das convenções partidárias, caso provoque o torpedeamento precoce da aludida candidatura, viria frustrar o homem do povo no exercício de seu único instrumento de opinião, já relativamente cerceado pelas precauções do sistema. Assim, a oposição, que tem por primeiro dever resguardar as conquistas democráticas tão precariamente alcançadas pelo povo brasileiro, estaria a fazer o jogo dos interessados em manter o *status quo* brasileiro.

Não seria a primeira vez que a Paraíba dispensaria a dedicação de um grande filho. Em outras oportunidades, deixou de sufragar os nomes de Alcides, Chateaubriand, José de Almeida. Mas, àqueles, foi dada a chance do julgamento popular, tribunal nem sempre soberano, angustiado, por vezes, nas farpas dos currais.

A lembrança do emérito professor à cátedra da Redenção não deixa de trazer desconforto apenas a seus correligionários, se assim pode-se chamar às lideranças oposicionistas. Mal estar semelhante é visível também nas hostes da situação, compelida a encontrar, no tabuleiro da província, sinônimo do mesmo significado que a graça do doutor de Pombal.

Diante do professor da Sorbone e do mundo, os quadros políticos paraibanos, em sua quase totalidade, revelam-se como simplórios vestibulandos, sem cola e bizú, na hora da verdade. Para esses, a indicação de Celso Furtado para o cargo de reitor da Paraíba, digo, governador, traz, implícito, o fantasma do jubilamento político.

Otávio Sitônio Pinto

Afinal e enfim

O deputado federal Celso Peçanha agradeceu ao escrevinhador deste comentário a remessa de sua tese, datada de 1951, apresentada como Secretário da Justiça deste Estado, ao I Congresso Nacional de Polícia no Rio de Janeiro, sob o título "Da supressão das testemunhas no inquérito policial".

A idéia dessa simplificação na metodologia rotineira da apuração dos delitos no âmbito da chamada polícia judiciária (termos antagônicos) não pertencera ao proponente da inovação, impressionado, desde que assumiu a pasta, com o volume, já então astronômico, dos inquéritos acumulados na gaveta dos comissariados. Dependentes da tarda diligência de escrivães de paz nem sempre alfabetizados e não raro mordidos da displicência que anestesia a burocracia nacional. Não pertencera, repete, porque haurida em alfarrábios esquecidos da lavra do criminalista João Mendes de Almeida, que a justificava com entusiasmo escorado na realidade da mesma inocuidade e da mesma inépcia da testemunhação policial, a que a jurisprudência tribunalícia sempre negou valimento na produção de prova da responsabilidade criminal.

O papel dos delegados de Polícia deveria, pois, se resumir no registro breve, puro e simples, do evento delitual, num relatório de poucas palavras indicando o nome das testemunhas e enriquecendo o relato com gráficos demonstrativos da topografia local. Não lhes competia sequer emitir palpite sobre a classificação jurídica do fato punível, visto que tal especificação científica compete, como sempre competiu, ao Promotor Público incumbido da denúncia.

A perda de tempo e, mais do que isso, o estímulo à impunidade na prática dos atestados à ordem decorrentes da congelação dos inquéritos na gaveta dos Delegados militares se tornaram até hoje incalculáveis. À falta de um grito oportuno estava sendo perdida toda boiada.

Osias Gomes

Aqui na Paraíba, tal o depoimento dos maiores responsáveis pela segurança geral, o marasmo no apronto dos inquéritos tem gerado verdadeira devastação e vez por outra os jornais se dão ao deprimente esporte de fornecer a estatística das dezenas e dezenas de crimes que restam misteriosos. Devido, acentuam as folhas bem informadas, à inacreditável procrastinação do trabalho de devassa e fixação de culpas.

A revolução marcada pelo intuitivo encurtamento do formulário comissarial já agora, entretanto, penetra no terreno vadeável dos fatos consumados. Pois o ilustre parlamentar comunicou ao autor do artigo que está em trâmite emenda de sua autoria nesse sentido ao projeto de reforma do Código de Processo Penal, de iniciativa do Ministério da Justiça.

Tudo indica, portanto, que outros galos cantarão tocante à eficácia da apuração criminal ora dispersa e dissimulada no imenso valhacouto geográfico que é o tamanho desmedido deste amável país continental.

• Do Redator

O preto Joãozinho

Joãozinho, preto, cinco anos, ativo apesar da fome, menino de rua que nunca viu escola, saiu naquela quinta-feira para, mais uma vez, acompanhar o avô cego em sua peregrinação pelo centro de João Pessoa, a cata de níqueis. Talvez pensasse que seria um dia diferente, onde pudesse se deslumbrar ante a visão de um carro de bombeiros, tocando as sirenes, para atender algum chamado de urgência. Em seu redor, do mundo, tudo aquilo que não fosse ouvir o cantar monótono e incômodo das muriçocas ou os ruídos provocados pelos sapos na lagoa perto do casebre, era novidade.

Joãozinho, menino pobre, esfomeado, que em sua infância não aprendeu a conhecer brinquedos ou carinhos, acordou cedo para levar o avô até à porta dos Correios e Telégrafos, ponto certo do velho. Lá, enquanto ouvia as "cantigas" do avô pedindo as esmolas em forma de música, via as outras crianças, bem vestidas e gordas, passarem levadas pelos pais. Deveria estar perguntando a si mesmo onde estavam os seus. Não os conhecera. Desde pequeno, tivera como único companheiro o velho avô, de olhar sem brilho.

Naquela quinta-feira, Joãozinho teve uma surpresa. O ar, bem vestido, de cabelos grisalhos em vez de tirar uma moeda do bolso e se dirigir diretamente ao velho cego, alisou-lhe a cabeça e perguntou se ele não queria ganhar um pão. É claro que tal oferta se constituiu surpresa. Desacostumado com gestos carinhosos, Joãozinho logo aceitou o convite do "amigo". Talvez visse, em sua pequenez de menino carente, o pai que fugira, o irmão que faltava para ouvir suas confidências, atender seus desejos fantasiosos e colocá-lo no colo para fazê-lo dormir.

Joãozinho, cinco anos, preto, pobre, menino de rua, saiu em companhia daquele que poderia ser o novo amigo. Foi em busca do carinho e do pão. Afinal, ainda não tomara café e já passava das 10 horas da manhã. O cego ficou só. Ficou esperando o neto que saíra a procura do pão tão gentilmente oferecido. Mais tarde o choro. O grito de dor. A hemorragia. Joãozinho fora violentado. Gritava que ia morrer, que estava morrendo, enquanto uma multidão curiosa formava a tradicional roda, mais interessada em observar a tragédia alheia, do que emprestar sua solidariedade a quem está sofrendo.

O cego, inerte, apenas chamava o neto e perguntava pelo pão que fora buscar. O menino, em vez de responder, continuava gritando, dizendo que estava morrendo.

Mais tarde, a multidão se dispersou. Joãozinho, apesar das dores, ainda encontrou forças para levar o avô até o casebre. Ninguém sabe se ainda vive. É desconhecida a sua sorte. Sabemos apenas que não foi levado ao HPS ou a outra casa de saúde. E o incidente foi logo esquecido, pois até mesmo as manchas de sangue que permaneceram durante toda a manhã na calçada dos Correios, foram desfeitas pelos pés dos indiferentes transeuntes. Aquela foi, realmente, uma quinta-feira diferente para Joãozinho, preto, cinco anos, menino de rua que nunca viu escola, pobre e esfomeado, igual aos milhares que perambulam pelas madrugadas frias de nossa João Pessoa.

Sebastião Lucena

CARLOS CHAGAS

IRRITAÇÃO DE ULYSSES

Senão revoltado, porque a palavra envolve conotações perigosas, foi irritado que o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, deixou Brasília na última sexta-feira, para uma ausência de um mês. Em suas palavras, o governo prepara a "malufização" do país, isto é, por conta dos casuísmos da reforma eleitoral, obrigará que os peculiares métodos político-administrativos do governador de São Paulo venham a ser seguidos em todos os estados e municípios, pelos governadores e prefeitos eleitos em 1982. Ele explica que um dos princípios fundamentais da democracia, já exposto por J. J. Rousseau, é o da representatividade. Os governantes precisam dispor, senão da totalidade, ao menos da maioria do apoio dos governados. Pelo que conhece dos projetos de reforma eleitoral, porém, tudo se fará para a institucionalização das minorias, equivale dizer, sublegendas, vinculação de votos, proibição de coligações e tanta coisa a mais terminará por levar ao poder, nos estados e nas prefeituras, inúmeros mandatários sem a maioria dos mandatos do eleitorado. Químicas e expedientes canhestros e abjetos, que obrigarão governadores e prefeitos eleitos pelas minorias, em seus municípios e estados, a se lançar na conquista da maioria nas câmaras de vereadores e nas assembléias através de nomeações, empréstimos, favores de toda ordem, ameaças e expedientes pouco éticos. Porque, dúvidas não existem, mesmo que o PDS force a eleição de muitos governadores e prefeitos, eles não conquistarão maior número de deputados estaduais ou, sequer, de vereadores. O país se transformará num caos, a partir de então, pois diante da perspectiva de não governar, ou até de serem impedidos, os referidos governantes apelarão para a corrupção ou a intimidação.

"Se isso acontecer, não tenho dúvidas de que o Palácio do Planalto pedirá ao governador Paulo Maluf para viajar por todos os estados e municípios, transmitindo aos prefeitos e governadores aulas práticas de como atuar sem o consenso dos poderes que, em condições normais, deveria dispor".

Ulysses Guimarães acha um absurdo a proibição de coligações partidárias para a apresentação de candidatos comuns da oposição, e compara a reforma eleitoral em andamento a uma espécie de "IPM político da bomba". Não entende, a não ser como "carrapatos do poder", aqueles que engendram mudanças às regras do jogo. O grupo palaciano, o sistema, o PDS ou o que quer que seja, em seu julgamento, assemelham-se a parasitas que, uma vez incrustrados em outros corpos, deles não admitem sair, mesmo sem dispor de respaldo popular. Por isso desenvolvem hoje como ontem, toda sorte de expedientes obcenos. Dos atos institucionais às cassações, dos editos do trono aos "pacotes", agora chegam aos projetos de sublegenda, vinculações e sucedâneos, como se nação fosse cega, surda e muda.

Reconhece que nem todos, na situação, sustentam esse tipo de postura. O presidente do PDS, por exemplo, tem sido de grande correção, quando conversam, pois ficou contra a proibição das coligações partidárias e, mesmo, não endossou a vinculação de votos. Quanto ao Ministro da Justiça, espera que siga antigas afirmações. Afinal, se os casuísmos acabarem aprovados, como e onde ficará a imagem que um dia Ibrahim Abi-Ackel transmitiu ao general João Figueiredo, antes de nomeado ministro? a referência é para uma conversa entre o então deputado e vice-líder do PDS, e o presidente na casa do deputado Flávio Marcílio. Ibrahim centralizou as atenções e ganhou a admiração do chefe do governo ao contar uma história de Rio Pomba. Naquele município mineiro, existiam dois líderes, Último de Carvalho, do PDS, e Ednar Mendes, da UDN, adversários ferrenhos, que se devoravam em todos os pleitos, ora vencendo um, ora outro. Transmitiam às bases o veemente grau de suas divergências, até o momento em que resolveram se unir, lançando um candidato único para a prefeitura local. Era a vitória certa, uma barbada, mas à última hora um humilde sapateiro resolveu, em sinal de protesto, lançar-se também. E foi eleito com esmagadora maioria, ocorre dizer, o eleitorado não concordou com o arranjo de suas cúpulas.

"Será que o Ibrahim da imagem de Rio Pomba dará lugar ao Ibrahim do casuísmo?" - indaga o presidente do PMDB, para manifestar esperanças de que não.

Entre inúmeros integrantes do governo e do poder, de ministros a parlamentares altamente situados, continua a se registrar a preocupação de não apenas minimizar o episódio da bomba, reaberto com as conclusões do pífio IPM, mas, inclusive, de demonstrar sua discordância reservada. Sustentam, na totalidade, nada ter com a decisão das autoridades que concluíram pela inocência do capitão, e até lamentam que tenha sido assim. Todos, sem exceção, também se preocupam em afirmar que o ocorrido não prejudicará o processo de aprimoramento do regime e que, até, ficou o Presidente João Figueiredo em melhores condições para levá-lo adiante. Nem as eleições do ano que vem estão ameaçadas e, mais ainda, nem a transferência do poder a quem fizer por merecê-lo.

Voltou a circular, por conta dessa dicotomia, a tese de que o futuro presidente da república não será escolhido por imposição castrense, mas pelo consenso das forças político-partidárias. Um civil, qualquer que seja, dispará de todas as chances para se eleger e suceder o general Figueiredo. Mas, se vier a ser um militar, precisará chegar lá amealhando votos e apoio, como candidato político, não em função da farda que vestir ou tiver vestido no passado.

Há preocupação, repete-se, na transmissão desses comentários à imprensa e a setores parlamentares. Trata-se, no mínimo, de um sintoma, de uma boa intenção, mas saber se ela terminará mesmo por se realizar, é difícil. Afinal, é sempre no auge de radicalizações ou de inusitados como os atuais que viceja o estranho raciocínio de não estar ainda a nação preparada para a democracia, para eleições ou para um presidente civil.

EFEITOS POLÍTICOS

Dias atrás, ao receber uma comissão de prefeitos das estâncias hidrominerais, acompanhados do presidente da Embratur, Miguel Colasuonno, o General João Figueiredo enfatizou os efeitos sociais e políticos da liberação dos postos de gasolina aos sábados e domingos, que determinara antes. Aproveitando a deixa, Colasuonno agradeceu, salientando ser no trabalho do dia-a-dia que se ganha eleição. Ele é candidato a candidato do PDS na sucessão paulista, e está convencido de que, mesmo se perder, ganhará, pois o que importa é não demonstrar medo das urnas, mas disputá-las.

NOTAS POLÍTICAS

Hélio Zenaide

PEDRO GONDIM E AGRIPINO

Perguntaram a Pedro Gondim se João Agripino teve influência direta na sua cassação.

"Esta pergunta - respondeu - já me foi formulada várias vezes. Sempre que compareço a qualquer programa essa pergunta é como que, senão necessária, mas sempre presente. O que tenho dito é o que digo sempre: eu não tenho em mãos dados positivos, subsídios concretos para dizer que João Agripino fez ou colaborou na minha cassação. Como não tenho subsídios concretos, não tenho motivação convincente para dizer que ele foi inocente no episódio de minha cassação".

Gostei muito da resposta de Pedro Gondim. De fato, Pedro já havia dito isso reiteradas vezes. Hoje, porém, Pedro Gondim, dentro do PMDB, faz parte daqueles que defendem a candidatura do deputado Antônio Mariz, que é a candidatura que João Agripino quer porque quer que seja apoiada pelo PMDB. E dentro da conveniência dessa posição, Pedro Gondim, amenizando depoimentos anteriores, poderia ter saído com outro tipo de resposta. Poderia ter recuado um pouco, para evitar ferir e suscetibilidade do seu novo aliado, João Agripino. Mas, não, Pedro deu a mesma resposta que sempre tem dado toda vez que lhe fazem essa pergunta.

João Agripino contribuiu, em verdade, para a cassação de vários paraibanos. Quanto à cassação de Pedro Gondim, porém, nega qualquer interferência. Ora, se João Agripino teve a coragem de dizer que influiu em alguns atos de cassação, não haveria razão para, no caso de Pedro, não ter a mesma coragem de dizer que também participou dela. Neste ponto, acredito que João Agripino merece crédito.

Pedro Gondim, no entanto, sempre faz a ressalva que acaba de repetir: não tem provas concretas de que João Agripino promoveu a sua cassação, como o fez com relação a outros cassados, mas também não tem provas para inocentá-lo do episódio de que foi vítima.

Em outras palavras, Pedro Gondim ainda deixa no ar uma interrogação.

INTERESSE HISTÓRICO

Estou abordando o assunto por mero interesse histórico. Prometi a Pedro Gondim escrever um livro sobre ele. Estou, aos poucos, levantando todo o material de apoio ao meu trabalho e um dos pontos que tenho de abordar é a sua cassação. Para este fim, é indispensável que eu investigue toda a verdade dos fatos, esclarecendo, inclusive, a posição de João Agripino.

PMDB FICOU DESCONFIADO

O PMDB não gostou das declarações do governador Tarcísio Burity em Campina Grande. Uma grande parte do PMDB ficou com raiva do governador. E outra grande parte ficou desconfiada...

A parte do PMDB que está com a candidatura de Ronaldo Cunha Lima, ficou com raiva. A parte do PMDB que quer entregar o partido ao PP, apoiando a candidatura do deputado Antônio Mariz, ficou desconfiada...

O PMDB de Ronaldo Cunha Lima não gostou porque entende que o autêntico candidato peemedebista é Ronaldo Cunha Lima, que pertence ao partido desde a fundação, sempre foi e continua sendo oposicionista e nunca ficou em cima do muro nem foi subserviente à Revolução ou ao partido da Revolução. O PMDB de Antônio Mariz não gostou porque já existe um namoro do ministro João Agripino com o governador Tarcísio Burity e se esse namoro, agora, incluir Mariz, o PMDB está lascado.

Então, uns ficaram com raiva, e outros, com raiva e desconfiados.

Eu, pessoalmente, fiquei muito satisfeito com as declarações do governador Tarcísio Burity, quando diz:

- Tenho um pensamento diferente de alguns colegas de meu partido. Acredito que o melhor candidato das oposições, e, sem sombra de dúvida, Antônio Mariz.

A essa altura, dentro do PMDB, todo mundo pergunta a todo mundo o que é que o governador Tarcísio Burity está querendo, que jogada é essa do governador Tarcísio Burity.

Por que o governador Tarcísio Burity vem, assim, de repente, com esta declaração de que o deputado Antônio Mariz é o melhor candidato da oposição? E de que gostaria de ver o deputado Antônio Mariz se confrontando com o deputado Wilson Braga, candidato do PDS?

O PMDB ficou com raiva e desconfiado.

O QUE BURITY QUER DIZER

O que o governador Tarcísio Burity quer dizer? - perguntam os peemedebistas. Quais são suas intenções, seus propósitos? Qual o seu objetivo, a sua jogada?

Eu esclareço tudo: o governador Tarcísio Burity quer dizer exatamente o que disse.

E ele disse três coisas: primeiro, que tem um pensamento diferente de alguns colegas do PDS; segundo, que acredita que o melhor candidato das oposições é, sem sombra de dúvida, o deputado Antônio Mariz; e terceiro, que gostaria de ver o deputado Antônio Mariz disputando a governança com o candidato do PDS.

Eis tudo o que disse o governador. Nem mais, nem menos.

PENSAMENTO DIFERENTE

Vamos ao primeiro ponto. Por que o governador disse que tem um pensamento diferente de outros colegas no PDS?

Porque dentro do PDS tem gente que não acha o deputado Antônio Mariz o melhor candidato das oposições.

Esclarecida a questão.

MARIZ, O MELHOR

Em seguida, o governador é enfático: - "Acredito que o melhor candidato das oposições é, sem sombra de dúvida, Antônio Mariz".

Bem, aqui, a interpretação é um pouco mais complicada. A frase pode ter vários sentidos. O governador se limita a afirmar. Ele diz que o deputado Antônio Mariz é o melhor candidato das oposições. Mas em que sentido? No sentido, ele não entrou.

A forma mais simples, lógica e direta de saber o sentido de sua afirmativa, de sua frase, de sua sentença, seria ir a ele e perguntar. Ninguém melhor do que ele para responder, para esclarecer, para elucidar.

Mas o governador é um homem muito ocupado, muito atarefado. Para consultá-lo, vamos demorar muito.

Que tal, se a gente tentasse responder por ele? Se a gente tentasse penetrar no seu cérebro e desvendar o verdadeiro sentido de sua frase?

A tentativa nos colocaria diante de um risco: podemos acertar na mosca, mas podemos errar...

TRÊS SENTIDOS

Diante desse risco, o melhor que podemos fazer é deixar este assunto de lado e abordar outra questão.

Há, agora, por exemplo, um excelente tema para análise: a possibilidade da candidatura de Enivaldo Ribeiro a governador do Estado.

Chego até a pensar que, quem vai matar o PMDB de enfarte, não é o ministro João Agripino. O PDS mesmo quer ficar com esta missão caridosa...

Mas voltemos à frase do governador Tarcísio Burity.

Na minha modesta e humilde opinião, o governador Tarcísio Burity pode ter empregado a sua frase três sentidos diferentes. O primeiro, diferente do segundo; o segundo, diferente do terceiro e o terceiro diferente do segundo e do primeiro.

O primeiro, quem melhor pode esclarecer, é o próprio governador. E como o segundo e o terceiro dependem do primeiro, o melhor seria a gente esperar que o governador esclarecesse o primeiro.

Não me conformo, porém, em deixar o assunto em aberto. Vamos arriscar?

PRIMEIRO SENTIDO

O governador Tarcísio Burity pode ter querido prestar uma homenagem ao deputado Antônio Mariz, reconhecendo suas qualidades, apontando-o como o melhor candidato do PMDB. É uma hipótese. A mais remota mas é uma hipótese.

SEGUNDO SENTIDO

O governador Tarcísio Burity pode ter querido ajudar ao PMDB. Penalizado com a desorientação do PMDB, poderia estar dando um conselho: a melhor coisa que o PMDB pode fazer é apoiar a candidatura de Mariz.

Isto porque, no caso da derrota, o PMDB fica com uma desculpa: a oposição só perdeu porque o candidato foi Mariz, foi do PP. Se o candidato tivesse sido do PMDB...

TERCEIRO SENTIDO

O governador Tarcísio Burity é um homem de pensamento muito refinado. Nem sempre a gente pode interpretar suas palavras ao primeiro impacto. O mais prudente é a gente não se precipitar.

O deputado Orlando Almeida, por exemplo, apressado, foi logo interpretando as palavras do governador Tarcísio Burity como um testemunho de exaltação e reconhecimento. O governador teria dado uma colher de chá a Mariz...

É, pode ter sido.
Mas pode não ter sido.

O governador pode ter querido dizer que o PDS quer ganhar as eleições. É que a melhor forma do PDS ganhar as eleições, é o candidato do PMDB ser Mariz...

Lucena admite ser candidato caso haja impasse no PMDB

O senador Humberto Lucena admite ser candidato ao Governo do Estado nas eleições de 82 se o seu nome for a solução para o problema da união das oposições. "Sempre afirmei que sou um homem a disposição do meu partido, mas no momento não estou pensando em ser candidato a Governador, mas não posso dizer que não aceito ser candidato. Acho que os entendimentos que estão sendo processados com o PP visando inclusive a candidatura de Antônio Mariz ao Governo do Estado vão indo muito bem".

Quanto a afirmação do sr. José Gadelha de que aceita Mariz no PMDB mas não apoiará sua candidatura ao Governo do Estado, disse Humberto Lucena que tudo isso é uma questão de tempo, é uma questão de entendimentos. "O problema que há entre o deputado Antônio Mariz e a família Gadelha é um problema de confiança, mas na medida em que os dias passam essa confiança pode ser adquirida. Eu tenho a impressão que o relacionamento pessoal pelo menos entre o deputado Antônio Mariz e a família Gadelha, a começar pelo deputado Marcondes Gadelha, já é bem razoável em comparação com um passado mais recente".

- O que há naturalmente, prosseguiu - é uma posição radical dos dois em relação à política de Sousa, e isso no caso de uma coligação teria que ser inclusive considerada porque em nenhum momento nós deixaremos de prestigiar os Gadelhas procurando situá-los naquela posição de destaque que eles merecem dentro do partido. Quando a visita de José Gadelha, foi apenas cordial, não houve nenhuma exigência de definição. Analisamos a política estadual e nacional com vistas a reforma eleitoral e está perfeitamente afinado com a idéia de que acima de tudo nós devemos lutar para manter unido o partido na Paraíba para as eleições de 1982".

REFORMA

Para Humberto Lucena, o projeto de reforma do PMDB, do qual colaborou como membro da Comissão de Reforma Eleitoral, é uma tomada de posição da agremiação em face da reforma eleitoral. "Nós vamos lutar para que todos aqueles pontos sejam atendidos mas não temos a veleidade de acreditar no êxito de uma batalha parlamentar porque o nosso partido e os demais partidos de oposição ainda são uma minoria no Congresso Nacional. Mas, como se diz na imprensa que a partir de agosto o Ministro da Justiça vai procurar os partidos de oposição para dialogar sobre a reforma eleitoral, é possível que, se o Governo for receptível, nós possamos pelo menos conseguir que alguns desses pontos sejam considerados na reforma eleitoral".

Entende o Senador paraibano que as eleições de 82 é um fato político irreversível "e só poderá deixar de haver eleições se por acaso acontecesse alguma coisa de imprevisto e o presidente João Figueiredo não fosse mais o Chefe do Governo. Apesar de homem de oposição eu confio no juramento do presidente Figueiredo de fazer desse país uma democracia e dentro dessa linha de conduta não se pode senão cogitar da realização das eleições".

Milton dá parecer favorável ao projeto do Meio-Ambiente

"Para os países que buscam alcançar o pleno desenvolvimento é imperioso contar com uma boa legislação de preservação do Meio-Ambiente, para que o crescimento econômico se realize sem destruir o equilíbrio ecológico". A afirmação é do senador Milton Cabral relator do projeto-de-lei de iniciativa do Presidente da República, através de mensagem ao Congresso Nacional que objetiva a instituição no país da política nacional do Meio-Ambiente, com a criação do órgão normativo e de formulação política, o Coselho Nacional do Meio-Ambiente, e os necessários instrumentos de efetivação da referida política.

Segundo Milton Cabral, se o projeto, proposto pelo presidente João Figueiredo for aprovado no Congresso Nacional, representará um marco histórico da maior relevância no processo de desenvolvimento brasileiro. "Esse projeto de lei tem especial significação porque vem possibilitar ao país aparelhar-se adequadamente para promover a indispensável conciliação entre o desenvolvimento e o Meio-Ambiente. Aliás, este empenho reflete a preocupação hoje presente, em todos os países civilizados, pela exploração inconsiderada da natureza, pelo homem".

O PROJETO

O projeto-de-lei que dispõe sobre a política nacional do Meio-Ambiente foi aprovado pela Comissão Mista do Senado Federal com parecer favorável do relator, senador Milton Cabral, que será votado no Congresso no próximo mês de agosto, após o recesso parlamentar. Recebeu 41 emendas e foram aprovadas 5 e mais 19 subemendas. As emendas rejeitadas, segundo o relator, foi em virtude de tratarem de dispositivo já previstos em lei específica, ou referiam-se a providências que constituem faculdade do decreto-lei nº 200, ou, ainda, cuidam de matéria conflitante com o espírito da mensagem, qual seja, os fins e mecanismos de formulação e aplicação de uma política, ou, então, emendas que se caracterizam, pelo detalhe próprio a dispositivo de lei regulamentar.

Disse Milton Cabral que a lei que estabelece uma política nacional do Meio-Ambiente é necessariamente dinâmica. Terá de ser periodicamente ajustada, face a experiência vivida que irá paulatinamente exigindo adaptações e novos comportamentos da sociedade. Toda política de Meio-Ambiente deverá passar pela prova da racionalidade econômica, e toda política econômica deverá atender as condicionantes do Meio-Ambiente. Este é um entendimento aceito universalmente. Como o desenvolvimento econômico está subordinado as necessidades básicas da população, cujo crescimento na terra, e particularmente no Brasil, é firme e assim o será por alguns séculos à frente, por via de consequência, na mesma proporção, mais espaços são ocupados e mais recursos naturais são mobilizados".

O projeto é uma iniciativa pioneira. É a primeira vez que o país terá definida, em lei, uma política do Meio-Ambiente, com os organismos normativos, e de execução, dentro de uma organização sistemática. Há 10 anos o senador Milton Cabral pediu, na tribuna do Senado, que o Governo definisse sua política ambiental. Em 1976 apresentou projeto-de-lei nesse sentido, que não mereceu acatamento sob o argumento de que a matéria era privativa do Poder Executivo.

Edme continua empenhado em beneficiar os funcionários

O deputado Edme Tavares manteve novos contatos com a Secretaria da Administração Estadual, no sentido de beneficiar os funcionários estaduais de nível intermediários, entre os quais se destacam técnicos em enfermagem, em contabilidade, em edificação, em radiologia, entre outros. O parlamentar esteve com o professor José Humberto de Carvalho, daquela Secretaria, o qual assegurou o empenho que vem sendo realizado para a elaboração do estudo que irá beneficiar essa categoria.

Edme Tavares disse ainda, que, segundo o Secretaria da Administração, esses estudos estarão concluídos ainda este mês, antes do reinício das sessões da Assembléia Legislativa. Ele será encaminhado à consideração do Secretário Oswaldo Trigueiro do Vale e do governador Tarcísio Burity, assegurou Edme, e posteriormente será encaminhado à Assembléia Legislativa para apreciação.

Edme salientou que a defesa da melhoria da situação desses técnicos de nível médio através da reestruturação do quadro, tem sido uma constante na sua luta política, acrescentando que o que se quer é de justiça e de direito, pois eles contribuem com decisiva parcela de trabalho para o bom desempenho da máquina governamental.

Derivaldo Mendonça critica resultado do IPM do Riocentro

O líder do PMDB da Câmara dos Vereadores, Derivaldo Mendonça, criticou ontem o resultado do IPM que apurou o atentado no Riocentro, afirmando que "o que se viu foi o encerramento de um inquérito que apontou os comunistas como culpados, porque o Governo tem usado as esquerdas como bode expiatório para todos os males da nação". Criticou também as medidas de economia do Inamps "que só vêm prejudicar os segurados" e elogiou a presença de Celso Furtado na Paraíba.

"A classe política - disse Derivaldo - que na hora certa prestou apoio ao presidente Figueiredo, quando da explosão das bombas no Riocentro, esperava um desfecho mais convincente sobre o resultado do inquérito".

Para ele, "criou-se neste país uma premissa de que todo ato levado a efeito contra as instituições sejam da lavra dos comunistas: é que uma minoria, não podendo assumir o patrocínio das badernas praticadas no país, encontram um caminho mais fácil nos comunistas, não chegando nunca a admitir que facções de direita e de centro possam se radicalizar no sentido de perturbar a vida nacional".

"Os comunistas - acrescentou - são e serão sempre o escoadouro natural de todos os complexos radicais de outras correntes, surgindo como bode expiatório para justificar os males da nação."

Na sua opinião, "custará muito a nós, políticos, vermos um resultado positivo nesses inquéritos que envolvem militares em atos dessa natureza".

Sobre as medidas anunciadas pelo Inamps no sentido de restringir a assistência médica aos segurados nos hospitais da rede credenciada, Derivaldo disse que "não dá para entender por que o governo, sendo sabedor que as grandes empresas sonegam e deixam de recolher as contribuições dos empregados a Previdência Social, deixe, logicamente, de punir essas empresas, para, ao invés disso, restringir os serviços médicos nos hospitais credenciados".

"Com isso - explicou - vemos que o governo primeiro vê os interesses dos grandes empresários e, segundo, retira do contribuinte segurado o seu direito conquistado a uma assistência médica melhor, que não é de graça, pois a contribuição é descontada, religiosamente, de seu salário nas folhas de pagamento, que, no entanto, é retida indebitamente pelas empresas".

Na sua opinião, "isto só se explica porque o governo põe a mão protetora sobre as grandes empresas, em detrimento dos trabalhadores".

Sobre Celso Furtado, disse que "quem o ouviu, nesses últimos dias quando esteve na Paraíba, pode avaliar o quanto a revolução foi arbitrária, inconsequente e despótica ao cassá-lo".

"Cassar um homem de porte desse economista - acrescentou - foi a forma mais truculenta do regime de querer afastar do convívio da nação uma inteligência privilegiada".

Celso Furtado recebe em João Pessoa novo Título de Eleitor

O cidadão Celso Monteiro Furtado desde anteontem é eleitor em João Pessoa, tendo-lhe sido deferida a inscrição eleitoral número 73.977 da 1ª Zona Eleitoral, vinculado à 138ª seção.

Como qualquer alistando, o cientista paraibano de renome internacional compareceu ao Cartório da 1ª Zona Eleitoral e foi recebido pela Secretária do Cartório, Abiaci Carvalho, em presença de quem preencheu a petição, declarando ser filho de Maurício de Medeiros Furtado e de Maria Alice Monteiro Furtado, nascido em Pombal, Paraíba, em 26 de julho de 1920, de profissão economista e com residência em João Pessoa, na avenida D. Pedro II. Protocolado e registrado o pedido, com os documentos que o instruíram, a petição foi submetida ao juiz Firmo Justino de Oliveira, Juiz Eleitoral em exercício na 1ª Zona. Considerando o pedido em termos, o Juiz Eleitoral o deferiu e mandou expedir o título de eleitor em nome do requerente, anteontem mesmo expedido e assinado, mandando ainda fazer as publicações de estilo.

Como o sr. Celso Furtado teve os seus direitos políticos cassados e só agora readquiridos por força da anistia, a inscrição ontem deferida tem a categoria de inscrição originária, e, segundo os especialistas em legislação eleitoral, pode ser requerida em qualquer lugar no qual o requerente tenha domicílio, residência ou simples moradia.

Apesar disso, é de praxe a publicação de aviso para eventuais pedidos de impugnação ou recurso dentro do prazo legal de cinco dias, contados da publicação do edital de inscrição. Acredita-se, porém que nenhum recurso será interposto contra a inscrição eleitoral do paraibano Celso Furtado.

Senado aprova projeto beneficiando a mulher com trabalho noturno

Por unanimidade, a Comissão de Legislação Social do Senado aprovou projeto-de-lei que permite o trabalho noturno da mulher, eliminando assim uma discriminação constante da própria CLT.

De acordo com o projeto - que já foi aprovado pela Câmara dos Deputados - a mulher continuará, entretanto, proibida de trabalhar à noite em empresas ou atividades industriais, salvo quando ocupar postos de direção, de qualificação técnica ou acentuada responsabilidade ou empregadas em serviço de higiene e bem-estar.

Ao aprovar o projeto, a Comissão de Legislação Social endossou o parecer do relator da matéria, senador José Fragelli, segundo o qual a mulher, nos dias atuais, está em condições de competir com o homem em qualquer atividade profissional.

PENSÃO

O senador Humberto Lucena encaminhou à Mesa projeto de lei revogando dispostivo da Lei Orgânica da Previdência Social, com o objetivo de assegurar o pagamento de pensão a dependente do sexo feminino, mesmo após o casamento.

NOTÍCIAS MILITARES

Maviael de Oliveira

Riachuelo

Alocução do Desembargador João Pereira Gomes, Chefe do Gabinete Civil do Governador, pronunciada na cerimônia do dia 11 de junho, na Capitania dos Portos do Estado da Paraíba:

"Estamos, nesta solenidade de congraçamento, que reúne autoridades e povo, professores e estudantes, comemorando mais um aniversário da Batalha Naval de Riachuelo, sustentada pelas Forças Navais Brasileiras ante o Paraguai de Solano Lopes, em 1865.

São conhecidas as circunstâncias geo-históricas e os reagros de heroísmo que cercaram essa batalha. Enquanto que no campo geográfico e político-econômico buscava-se o controle dos rios da bacia platina, por onde a penetração do capitalismo anglo-portenho se fizera sentir, desarticulando o artesanato paraguaio, no plano rigorosamente militar luziu, no choque de armas que então se travou, a bravura de homens simples como Marcílio Dias e Geenhalg, para que a decisão da Batalha se inclinasse para o lado brasileiro.

Acima de todos - de todos e de tudo, porém - ergueu-se a palavra serena do Almirante Barroso, que de bordo da nau Capitânia, comandou com energia, assim que se divisaram de fogos acesos, na linha do horizonte, os navios da Esquadra paraguaia que descia o Paraná:

- O Brasil espera que cada um cumpra o seu Dever!

Creio podermos tecer algumas considerações em torno dessa frase que, na linha exata das reflexões de outros grandes brasileiros - José Bonifácio, Caxias, Tavares Bastos, Mauá, Tamandaré, Alberto Torres, Getúlio Vargas, Castelo Branco, - torna-se profundamente atual para os dias em que vivemos.

É que, quando assim falava, Barroso não se dirigia apenas a seus comandados mas a todos os brasileiros. E não apenas aos homens do onze de junho de 1865, mas aos brasileiros de todos os tempos e lugares.

Realmente, para quem possua a exata noção desse sentimento básico de amalgama dos povos que, é o patriotismo, existe uma palavra chave - o Dever! Aí reside a lição máxima do onze de junho que ora comemoramos, o cumprimento do dever por parte de governantes e governados, civis e militares, operários e estudantes, funcionários públicos e profissionais liberais.

Estaríamos, porém, fugindo à nossa consciência de homem público, se limitássemos a realidade social dos nossos dias ao cumprimento do dever, eis que, na lição dos grandes tratadistas, a relação jurídica é bilateral, e, como tal, a deveres correspondem direitos. Que direitos e deveres, porém, devemos ter em vista neste momento?

No nosso entendimento, o dever público fundamental que se impõe é o de fortalecermos pela estabilidade de nossas instituições, porque é dessa estabilidade que derivará o nosso maior direito - o da Liberdade, que no campo do ordenamento jurídico - constitucional da Nação nada mais é do que a posse de nós mesmos, no exercício da democracia com senso da responsabilidade.

A ordem jurídica, calcada na liberdade e no respeito mútuo que almejamos não deverá significar apenas o direito do voto, mas o dever de cada um trabalhar por um Brasil maior, digno de nossas melhores tradições e no dever, também - por que não dizer? - de fugir aos radicalismos e aos cantos de sereia dos tradicionais pescadores de águas turvas.

Felizmente - e estamos aqui para proclamá-lo com a limpidez de nossa consciência histórica - a Marinha do Brasil emerge do passado para o presente com uma garantia dessa exata relação entre direitos e deveres em que se haverá de alicerçar a democracia brasileira exercida numa nítida perspectiva de mudança.

De todas as Forças Armadas Brasileiras foi a Marinha, indiscutivelmente, a que teve origem mais popular. Sua formação, como ressaltaram historiadores que se deliveram sobre o processo de nossa Independência, deu-se através de subscrições públicas, isto é, foi com o dinheiro do povo brasileiro que se deu a aquisição de navios ingleses e a contratação de seus Almirantes para que assegurassemos a Unidade Nacional, ameaçada pela resistência portuguesa, na Bahia e na Cisplastina, no Maranhão e no Pará.

Essa a razão por que nas lutas platinas, das quais a Guerra do Paraguai constitue verdadeira extensão, a Marinha esteve tão atenta ao cumprimento de seu dever, fêse bloqueando Montevidéu e Buenos Aires na contenção do Caudilhismo, fosse afrontando o militarismo de Solano Lopes que sonhava com um prata reunificado, sob controle Paraguaio e as expensas de porções territoriais Argentinas, Uruguaias e Brasileiras.

É inegável, que, na sequência do Processo Histórico, a Marinha adquiriu o aristocratismo que a fez, por exemplo, sob a liderança de Saldanha da Gama e Custódio José de Melo, não compreender a República contra a qual se insurgiu.

Fundamental, todavia, é que esses acidentes de seu comportamento histórico não deslustraram a sua função de Agentes da Unidade Nacional com que a criamou seu fundador, o grande brasileiro de todos os tempos - José Bonifácio de Andrade e Silva!

Vem daí, a maneira como a Marinha evoluiu para a Democracia, celebrando aliança com o tempo. Fêsse cobrindo-se de glórias contra os totalitarismos do Eixo, na Segunda Guerra Mundial, fosse velando pela segurança interna, nos trazees os mais difíceis da História do Brasil, a Marinha não desmereceu os ideais de seus Chefes Máximos, embos Comandantes de relêvo na Guerra do Paraguai - os Almirantes Barroso e Tamandaré.

Que vemos hoje em nossa Marinha? - A missão de se preparar para a paz e prover o desenvolvimento, como máximas garantias do Poder Nacional. Nesse particular a defesa de nossas riquezas marinhas como e verificou no episódio da chamada Guerra da Lagosta de que emergiu o conceito de Soberania Internacional das 200 Milhas; a multiplicação de nossas pesquisas oceanográficas; a incorporação de milhares de brasileiros ao cerne de nacionalidade, através do Ensino Técnico-Profissional, ministrado pela Escola de Aprendizes de Marinheiros, constituem bem a expressão de que nos encontramos no caminho certo quando rememoramos o passado, sem perder de vista a problemática do presente que haverá de antecipar o futuro.

Meus Senhores: O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever".

Patos beneficiada com a agência regional da CEF

Patos (A União) - Em solenidade que contou com a presença das classes empresarial, industrial e comercial, a agência da Caixa Econômica Federal dessa cidade passou a ser, na última quarta-feira, uma agência regional. Para presidir o ato solene, esteve presente o gerente geral da CEF na Paraíba, sr. Antônio Mesquita Galvão.

Com a transformação da agência da Caixa Econômica de Patos em regional, todas as transações bancárias relacionadas com a CEF podem ser decididas aqui mesmo, não precisando mais o cliente se deslocar para Campina Grande ou João Pessoa, como acontecia anteriormente.

Passando agora para o núcleo polarizador, a cidade de Patos foi bastante prestigiada, uma vez que essa transformação veio consolidar todas as bases políticas, culturais, sociais e comerciais da cidade, que como núcleo administrativo vai abrangir todas as cidades do interior do Estado, isto é todas as que tenham agência da Caixa Econômica Federal, terão seus processos despachados através de Patos.

Agora a agência local terá um advogado lotado na "Capital do Sertão", para resolver todos os problemas existentes na instituição bancária, como também terá condições de dinamizar, segundo o gerente, a área habitacional, principalmente no setor de Construção Civil.



Major Batista ladeado pelo prefeito Roberto Paulino, no SESC

SESC homenageia o novo comandante do 1º BPM

Guarabira (A União) - O Serviço Social do Comércio (SESC), dirigido em Guarabira pela comerciária Mariza Alverga Cabral, ofereceu na noite da última terça-feira, um coquetel ao Major José Batista do Nascimento, Comandante do 4º Batalhão de Polícia Militar sediado em Guarabira. A homenagem deve-se ao fato da recente nomeação do Major Batista para o Comando do 1º Batalhão de *Polícia Militar*, sediado em João Pessoa, feita pelo Governador do Estado.

O Major Batista, como é conhecido nos meios militares, esteve à frente do 4º BPM/Guarabira durante o período de 3 anos e 3 meses, onde segundo a diretora do SESC prestou importante serviço à comunidade do Brejo. Também esteve presente ao coquetel o prefeito de Guarabira, Roberto Paulino, que em seu discurso saudou o militar pelo trabalho desenvolvido como comandante do 4º BPM.

Segundo informações do Setor de Relações Públicas do Quartel de Guarabira, substituirá o Major Batista o Tenente Coronel João Valdevino da Silva.

Prefeitos e vereadores se reunirão em Pocinhos

Pocinhos (A União) - No próximo dia 7, a União dos Municípios do Nordeste, que tem à frente o professor Rogério Britto, reunirá nessa cidade prefeitos presidentes de Câmaras das micro-regiões do Agreste da Borborema e Cariris Velhos.

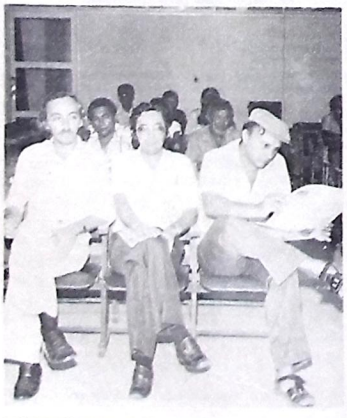
Segundo informações do sr. Rogério Britto, a reunião tem como finalidade principal se fazer uma explicação aprofundada em torno dos futuros novos coeficientes do Fundo de Participação dos Municípios, subsídios de prefeitos e vereadores e a interpretação da Lei de Organização Municipal.

Acrescentou ainda que a Lei de Organização Municipal do Estado da Paraíba não é conflitante jurídica e constitucionalmente com a Carta Magna do País, porém tem havido interpretação errônea por parte de algumas Câmaras Municipais. "Para isso, estou fazendo uma campanha esclarecedora junto a todos os edis dos nove Estados do Nordeste, ou seja, cerca de 1.380 prefeitos e 13 mil vereadores".

Com respeito as Leis de Organização Municipal dos Estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão estão sendo objeto de um trabalho técnico por ele elaborado.

Fazendo alusão ao Fundo de Participação dos Municípios, Rogério Britto disse que é preciso urgentemente uma reforma na Lei 5.172 (disciplinadora do FPM), para que os municípios não permaneçam com os mesmos coeficientes.

Finalizou dizendo que realmente não houve intenção do IBGE em prejudicar os municípios, mas a inoportunidade cronológica da realização do Censo, principalmente para o Nordeste, quando foi indubitavelmente registrado um êxodo rural provocado pela prolongada estiagem, não mais se constituindo um fenômeno e sim um calendário climático.



Sousa (A União) - Os srs. João Marques Estrela e Paulo Pereira Viana foram convidados pelo jornalista Francisco Alves Cardoso para escrever as orelhas do livro "O Caldeirão Político", que será editado até o final do corrente ano. Ambos são professores do Campus VI da Universidade Federal da Paraíba. João Estrela foi aluno do escritor e Paulo Viana colega de seminário em Cajazeiras.

Lagoa de Dentro terá nova creche

Lagoa de Dentro (A União) - O prefeito Raul Costa e o deputado Assis Camelo mantiveram contato, essa semana, com o superintendente da LBA, Gilvan Navarro Dutra, e marcaram a data oficial da inauguração da Creche Edvigie Rodrigues Costa.

A implantação da creche nessa cidade se deve ao convênio feito entre a Prefeitura Municipal e a Legião Brasileira de Assistência, que foi conseguido através do empenho conjunto do parlamentar Assis Camelo e o prefeito Raul Costa.

MAMANGUAPE

O deputado Assis Camelo foi alvo de várias homenagens durante os festejos juninos em Mamanguape, pela contratação do pessoal de apoio do Colégio Estadual daquela cidade. A notícia teve grande repercussão em todo recanto do município, principalmente na classe dos professores daquele estabelecimento da rede estadual de ensino. Os docentes enviaram um telegrama ao parlamentar, se congratulando pelo esforço junto ao governador Tarcísio Burity, para a contratação do pessoal.

Seminário encerrado em Itabaiana

Itabaiana (A União) - Será encerrado hoje nesta cidade o primeiro seminário sobre a Renovação Carismática, que teve duração de sete semanas. Naoportunidade, vai ser encenada a peça religiosa "A Descida do Espírito Santo", pelo grupo de jovens de Renovação Carismática, núcleo Colégio das Neves, da cidade de João Pessoa.

Durante o seminário, o primeiro neste gênero realizado em Itabaiana, contou com uma platéia de mais de 100 pessoas, entre adultos e jovens. As palestras foram ministradas pelos religiosos Orioswaldo Vale Soares, José Barbosa, Yeda Cardoso e Creusa Miranda de Araújo, entre outros.

Hoje pela manhã estará saindo de João Pessoa um ônibus com destino a esta cidade, trazendo integrantes do Grupo Carismático, núcleo Colégio das Neves, inclusive o grupo de jovens que apresentará a peça teatral "A Descida do Espírito Santo".

As palestras em Itabaiana foram realizadas, durante sete semanas consecutivas, no Colégio Imaculada Conceição, onde 100 pessoas ouviram a "Palavra do Senhor".

Leôncio na Comarca de Pirpirituba

Guarabira(A União) - Assumiu na última quarta-feira a Comarca de 1ª entrância de Pirpirituba, como juiz de direito, o sr. Leôncio Teixeira Câmara, removido recentemente da comarca de Caiçara, onde era juiz há alguns anos.

O juiz José Teixeira Câmara ocupa agora a vaga do Sr. José Hermano Guerra, promovido para a Comarca de 2ª entrância de Cabedelo, em ato do Governador do Estado.

A Caminho da Luz

Tolstoi

Aureliano Alves Netto

Este grande espírito é um caso de idéias claras. - Faguet

O conde Léon Nicolaievitch Tolstoi, romancista, dramaturgo, filósofo, moralista e crítico social russo (1828-1910), descendente de família nobre, foi uma dessas personalidades marcantes que definem uma época, legando à posteridade os frutos de sua portentosa cerebração.

Batizado e educado na igreja cristã ortodoxa, muito cedo deixara de frequentar essa igreja, rejeitando-lhe os ensinamentos, sem contudo negar a existência de Deus. Confessa, rememorando o passado: "A minha verdadeira crença de então era a minha fé no aperfeiçoamento. No entanto, também não sabia como era constituído esse aperfeiçoamento, nem qual era seu fim".

Tolstoi foi, durante muito tempo, torturado pela dúvida, mas em tempo algum a sua vida deixou de ser alimentada pelo mais pujante idealismo. Deixemos aos beletristas o estudo da exuberante produção literária do autor de *Guerra e Paz* e *Ana Karenina* - obras-primas universais. Focalizemos tão-só o pensamento filosófico e as tendências religiosas do genial conde.

Aos cinquenta anos é ele apossado de um grande tédio, a ponto de achar que "a vida parou e tornou-se inquietante". Possuidor de excelente saúde, proprietário de extensas terras; gozando, até então, de perfeita harmonia no lar e já considerado escritor de fama mundial, aparentemente não havia razão para a angústia que se lhe infiltrará na alma.

Não obstante, é intenso seu sofrimento. Suas indagações tornam-se verdadeira obsessão. Quer saber a razão de ser da vida; a causa das existências; a distinção entre o bem e o mal; como se deve viver; o que é a morte e como se salvar. Intrincadas indagações que os filósofos e sábios não respondem. O "sentido da vida" que ansiosamente procura descobrir, nem Schopenhaurer e Platão, nem Kant e Pascal lhe indicam. Então - segundo Stefan Zweig - se afasta dos filósofos e se dirige para as religiões em busca de consolação. O "saber" se lhe recusou. Procurará uma "Fé".

Diz ainda Zweig: - Procura a estrita ortodoxia. Observa todos os seus mandamentos. Jejua. Ajoelha-se diante das imagens. Discute com os bispos, os papas e os dissidentes; e, sobretudo, estuda o Evangelho.

Desencantado com a improficuidade desses recursos, resolve interpretar o Evangelho e pregar o Cristianismo "como nova concepção da vida e não como doutrina mística".

Surge seu primeiro livro *Minha confissão*, logo interditado pela censura; o segundo, *Minha fé*, condenado pelo Santo Sínodo. Escreve ainda *Crítica da teologia Concordância e tradução dos Quatro Evangelhos.*

Firma-se sua convicção, ao que ele próprio afirma, quando compreende que toda a mensagem do Cristo se acha encerrada nas palavras: *que não resistais ao mal (Mateus, 5: 39).* Na Índia, o Maatma Gandhi aproveita a tese de Tolstoi para empreender o grande movimento da libertação dos hindus.

Imprecando a propriedade com mais ardor do que o próprio Marx, e insurgindo-se contra o Estado, os desajustamentos sociais e os exageros e incoerências da Religião, Tolstoi intenta deflagar uma revolução moral pacífica, objetivando evitar uma outra revolta, causadora de morticínio e miséria. Prega a renúncia espontânea dos ricos às riquezas, dos ociosos à inação, de modo que todos tenham somente as mesmas necessidades.

Utópica como a *República* de Platão, a concepção sócio-religiosa de Tolstoi. Contudo, consegue fundar uma doutrina - o Tolstoísmo, que reuniu fervorosos adeptos, mas não sobreviveu.

Ao Santo Sínodo, que o excomungou em 1901, foi enviado por Tolstoi um "credo", do qual extraímos os tópicos essenciais:

"Creio em Deus, que é para mim o Espírito Santo, o Amor, o Princípio de tudo. Creio que a vontade de Deus nunca foi expressa com mais clareza do que na doutrina do homem chamado Cristo; mas ninguém pode considerar Cristo como Deus e dirigir-lhe orações sem cometer o maior dos sacrilégios. (...) Creio que a vontade de Deus é que todo homem ame seus semelhantes e proceda sempre com os outros como deseja que os outros procedam com ele; nisto, diz o Evangelho, se resumem a lei e os profetas. (...) Creio que só há um meio para progredir no amor: as orações. (...) Creio Creio na vida eterna, creio que o homem é premiado segundo as suas ações, aqui e em toda parte, agora e sempre. Tão firmemente creio em tudo isso que, na minha idade, à beira da sepultura, tenho de me esforçar muitas vezes para não invocar a morte do meu corpo, isto é, o meu nascimento para uma nova vida..."

Note-se que há pontos de concordância entre o "credo" de Tolstoi e a Doutrina Espírita. A condenação ao suicídio aí está patente, circunstância, aliás, importante, pois o grande escritor russo manifestou vezes seguidas o desejo de suicidar-se. Está manifesta, outrossim, a crença na sobrevivência da alma.

Espíritos como Tolstoi, sem dúvida, vieram à Terra em missão de esclarecimento e exemplificação.

Endereço para correspondência: Av. Manuel de Freitas, 34 55.100 - Caruaru-PE.

VENDE-SE PERMUTA-SE

Permuta-se por imóveis na Paraíba nas cidades de Patos ou João Pessoa uma Chácara com duas casas em alvenária totalmente saneada, Luz e força motor bomba automática, depósito, caixa D'agua, riacho perene nos fundos, totalmente cercada, currais em alvenária prontos para criação de porcos e diversas plantações. Medindo 8.000 metros quadrados , localizada no KM 21 da Br 040 Luziana, cidade satélite DF -. A tratar em Patos com Josemar (Comese) fones 421.3132,421.2367. A noite 421.3049. Em Brasília pelo fone: 274.2299.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

LOTERIA ESPORTIVA

Cartões que não concorrem de acordo com os relatórios dos computadores (Art. nº 9, Parágrafo 1º da Norma Geral dos Concursos de Prognósticos Esportivos). Os apostadores, cujos números dos cartões constam da presente publicação e que não tenham sido substituídos por outros, devem solicitar, dos respectivos revendadores a devolução da importância paga.

TESTE Nº 554

PARAÍBA

COD. REV.	NO. CARTAO		NO. CARTAO.
13-00003	0927916		0929370
	0930175		0930710
	0930730		
13-00006	1280290		1280529
	1280548		1280865
	1281936		1282951
	1283291		1283937
	1283987		1284643
	1284734		1284759
	1284777		
13-00007	0462811		0463288
13-00008	0815625		0816557
	0816560	A	0816561
	0816612	A	0816615
	0816617		0816619
	0816631	A	0816632
	0816647		0816653
	0816658		0816742
	0818180		
13-00010	0929696		0930430
	0930018		0933356
13-00012	0330865	A	0330866
	0330890		0331976
	0332471		0332527
	0332599		0332624
	0332665		0332909
	0333019		
13-00014	0181793		0181963
	0181965		0182350
13-10001	1598389		1599115
	1600311		1601302
	1602381		1603163
	1604828		1604189
13-10016	0264121		0264212
13-10019	0419659		0420814
	0421606		0421643
	0421677		0422234
13-10022	0258701	A	0258703
	0258889		0259024
	0259920		0260390
	0260637		
13-10028	0262061		0263621
	0264708		0265542
	0265795		0266033
13-10029	0006927	A	0006928

Obs. Esta relação e todas as demais que são publicadas neste Jornal aos domingos, a título de "Cartões que não comcorrem, são afixadas desde o dia anterior (sábado) no prédio da Caixa Econômica Federal, sito na Avenida Camilo de Holanda nº 100 - João Pessoa-PB.

AGROPECUÁRIA ESMAIRE S.A. - ESMAIRE
CNPJ(MF) 08.454.07L/0001-10
Alagoa Grande Paraíba

CAPITAL AUTORIZADO ... Cr$ 50.000.000,00
CAPITAL SUBSCRITO ... Cr$ 14.960.324,00
CAPITAL INTEGRALIZADO. Cr$ 14.456.824,98

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Ficam os Senhores acionistas da AGROPECUÁRIA ESMAIRE S.A. - ESMAIRE, convocados para se reunirem na ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, cuja reunião terá lugar na sede social da empresa, na Fazenda Boa Vista, no município de Alagoa Grande, Estado da Paraíba, às 10 (dez) horas, do dia 10 de julho do corrente ano, onde serão tratados os seguintes assuntos:

a)- Exame, discussão e votação do Relatório da Diretoria, Balanço Patrimonial e Demonstrações Financeiras do exercício social encerrado em 31.12.80;

b)- Eleição dos membros do Conselho de Administração para o triênio 1981/1984;

c)- Fixação dos honorários do Conselho de Administração, Diretoria e Conselho Fiscal, para o corrente exercício;

d)- Outros assuntos de interesse social.

OBS.- Os documentos referentes ao exercício social encerrado em 31.12.80 e demais documentos da ordem do dia estarão à disposição dos interessados na sede da empresa, à Fazenda Boa Vista, Alagoa Grande-PB, a partir desta data.

Alagoa Grande(PB), 30 de junho de 1981.

(a) Carlos Alberto Veloso Barbosa (Vice)
PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO.

ESTADO DA PARAÍBA

SECRETARIA DAS FINANÇAS

COMISSÃO DE LICITAÇÃO

AVISO DE EDITAL
TOMADA DE PREÇOS Nº 09/81

A Comissão de Licitação, designada por ato do Exmo. Sr. Secretário das Finanças, publicado no D.O.de 18.03.81, funcionando no Centro Administrativo, Bloco IV, 1º Andar, em João Pessoa, faz saber a quem interessar possa que se acha aberta Licitação, na modalidade de TOMADA DE PREÇOS, para a construção de um POSTO FISCAL, na BR.101-Sul, fronteira com Pernaubuco.

Os interessados poderão comparecer no local onde funciona a Comissão de Licitação, no expediente de 12:00 às 18:00 horas, nos dias úteis, afim de obterem os esclarecimentos necessários e receberem cópia do Edital, com o dossier da obra a executar.

Outrossim, comunica que as propostas serão abertas no mesmo local, às 15:00 horas do dia 13 de julho de 1981.

João Pessoa, 01 de julho de 1981.

- JOSÉ DE FARIAS COUTINHO-
PRESIDENTE

- FELIX SCARANO PEREIRA-
MEMBRO

-CARLOS ALBERTO DO VALE VELOSO-
MEMBRO

Carestia causa protesto popular

Nas feiras livres de João Pessoa, o consumidor revelou-se surpreso com os altos preços



Na feira, os consumidores constatam o aumento vertiginoso dos preços dos alimentos

Os altos preços dos produtos provocaram ontem um protesto geral nas feiras livres de João Pessoa. Pagando trezentos cruzeiros pelo quilo da carne de boi, o consumidor revelou-se surpreso com o grande aumento registrado esta semana nos mercados da Capital.

A carne de boi alcançou um preço recorde, segundo os próprios vendedores "muito alto". O quilo dessa carne estava custando Cr$ 300. A carne de porco foi comprada por nada mais nada menos que Cr$ 220 o quilo. A carne com osso sempre foi a alternativa da população de baixo poder aquisitivo, no entanto, o que se registrou ontem foi uma elevação do preço desse tipo de produto para uma faixa de custo que variava de Cr$ 180 a 200.

A carne de charque foi comercializada ao preço de Cr$ 250 enquanto a carne de sol ficou entre Cr$ 250 e Cr$ 300. A outra alternativa da população mais pobre e que, segundo os vendedores, não continuará sendo por muito tempo, foi a galinha, cujo quilo custa atualmente Cr$ 170. A dúzia de ovos só era adquirida por Cr$ 75, correspondendo ao preço unitário de Cr$ 6,5.

RAÍZES E VERDURAS

Os consumidores reclamavam também do preço das raízes. O inhame estava custando Cr$ 30, sem ser de primeira qualidade, a macaxeira Cr$ 25 e a batata grande Cr$ 25 o quilo. Para os vendedores, o fator principal do aumento de preço contínuo nesse tipo de produto é a estiagem que afeta atualmente a região do interior do Estado, escasseando estoques.

No entanto, a opinião dos consumidores é mais radical e eles acham que os vendedores já estão condicionados a elevar, por eles próprios, o custo dos produtos, alegando dificuldades operacionais, fretes e outros itens.

No mercado público do Bairro dos Estados, o quilo do tomate tinha seu preço variando entre Cr$ 30 e Cr$ 50; a batata inglesa estava por Cr$ 60, a exemplo da cenoura, e um pé de alface custava Cr$ 15. Na seção de verduras a reclamação dos consumidores era geral, pois registrava-se o aumento absurdo dos preços e a visível queda de qualidade da maioria dos produtos.

As frutas também na custavam menos. A laranja passou a ser negociada ao preço de 10 o conjunto de três unidades, enquanto a banana maçã estava por Cr$ 5, prata por Cr$ 4 e anã por Cr$ 3. O abacaxi, apesar de estar ainda em mercado de território produtor, foi vendido ao preço de Cr$ 50 o conjunto de três unidades.

Das feiras pessoenses, a considerada de preços mais elevados é a do Bairro dos Estados. Em segundo lugar vem a feira de Jaguaribe e as restantes ficam num só plano. Os vendedores estão receiando uma queda ainda maior na frequência da população às feiras. Anteriormente, já a partir das quartas-feira, já haviam compradores nos calçadões dos diversos mercados públicos. Atualmente, a feira só começa mesmo na tarde da quinta-feira, assim mesmo com o movimento de carga e descarga dos produtos trazidos da Ceasa.

Capital não oferece opções de lazer aos turistas e moradores

Por Wellington Farias

Afora o cinema, a praia ou o bar, o pessoense dispõe de muitos poucas opções de lazer: mesmo nas áreas nobres da cidade, como a orla marítima, as alternativas de diversões são as mais restritas possíveis. Nos bairros, a situação é mais crítica: não há nem cinema, e raros são os que dispõe de uma entidade recreativa destinada aos seus moradores.

O cinema, em João Pessoa, vem se constituindo num fenômeno em decadência progressiva: nos últimos anos, as salas cinematográficas sumiram dos bairros e, hoje, a cidade dispõe apenas de quatro cinemas, dos quais três situados no centro da cidade e apenas um -o Tambaú - na orla marítima.

Monopolizada por uma só empresa, a rede de cinemas de João Pessoa além de oferecer poucas alternativas, pelo reduzido número de salas, não oferece bons espetáculos, mesmo nos finais de semana e feriados. A reclamação parte do público frequentador de cinemas da cidade.

A buate, que nas cidades grandes se constitui num dos mais frequentados ambientes noturnos, em João Pessoa concorre no páreo com o cinema, na escala da decadência. Isoladas de clubes existem apenas duas ou três, no máximo. O total de buates existentes não ultrapassa a dez, em termos de quantidade e, mesmo assim, a maioria delas distantes.

Para o turista tornou-se comum as recepções de hotéis afirmaram que "turismo na Paraíba se pratica dentro dos próprios hotéis", por falta de opção em outro local, a não ser visitas aos poucos monumentos históricos existentes na Grande João Pessoa, como a Fortaleza de Santa Catarina, um dos setores turísticos mais visitados da região.

A criança é quem menos dispõe de opções de lazer e se limita a quase só um passeio pela cidade, uma ida ao Parque Arruda Câmara, praia pela manhã, e cinema dificilmente, porque quase não se exibe filmes para crianças na cidade.

Existem apenas dois teatros: o Santa Roza e o Lima Penante, este último pertencente a Universidade Federal da Paraíba. Nenhum dos dois, todavia, propõe uma programação que corresponda às necessidades de uma capital, com pautas restritas de espetáculos.

Em termos de zoológico, João Pessoa é também uma cidade de fracassada. Detém apenas um palpérrimo acervo: animais já bastantes conhecidos como leões, porco-espinho, pequenos jacarés e algumas aves, são tudo o que se pode ver no Parque Arruda Câmara (Bica). Afora isso, há uma piscina para crianças, um restaurante funcionando precariamente, pequenos parques de diversões para crianças, e mais nada.

A área do Camping Cabo Branco, mantida pela Pb-Tur, nas proximidades da Praia da Penha, registra uma frequência mínima, principalmente nesse período sujeito a chuvas. Mesmo nos tempos de verão, ocorrem semanas em que os turistas não a procuram. A maioria das poucas pessoas que vão, geralmente são de João Pessoa mesmo, ou, no máximo de Natal e Recife.

Uma diária na área de Camping do Cabo Branco custa 200 cruzeiros por cada pessoa e a renda mensal é a mínima possível, insuficiente até para custear as despesas de água e luz.

A maior diversão do pessoense, no momento, continua sendo mesmo a praia e o bar, muito embora nesse último, tenha se registrado uma queda considerável na demanda, por consequência da inflação nos preços dos produtos do ramo, principalmente a bebida.

Os banhistas ultimamente têm reclamado do mau trato das praias pessoenses. Além da sujeira, há também, sobretudo entre Tambaú e Cabo Branco, a invasão do matagal e carrapicho na beira mar.

Dos monumentos históricos, os dois mais frequentados são a Casa da Pólvora, onde além de um bar há também o Museu Fotográfico Walfredo Rodrigues; e a Fortaleza de Santa Catarina em Cabedelo que, ultimamente, tem registrado uma boa frequência de turistas, inclusive do sul do país.

Na Casa da Pólvora, os turistas têm encontrado sérios problemas: qualquer pessoa, principalmente do sexo feminino, que a frequente vestida de short, bermudão ou qualquer outro tipo de roupa que exponha um pouco mais o corpo, pode ser expulsa, como já ocorreu diversas vezes.

O Parque Arruda Câmara, depois de algumas reformas, passou a contar com parque de diversões para criança e uma pista de *skate*, que atualmente está totalmente ociosa, principalmente depois que diminuiu um pouco a euforia pela prática desse esporte.

A partir das 16 horas dos sábados, o pessoense poderá desfrutar da Feira Típica que se instala em frente ao Hotel Tambaú, e também vem registrando uma frequência considerável.

Ubiratan afirma que campanha da nota já obtém grande êxito

Vinte e nove mil dos 117 mil envelopes distribuídos pela Secretaria das Finanças já foram depositados nas urnas em apenas três dias do lançamento da campanha "nota Quente, a Sorte da Gente". A informação foi prestada ontem pelo secretário Marcos Ubiratan, adiantando "que aconteceu em três dias o que esperávamos que acontecesse em um mês".

Conforme o levantamento da Secretaria das Finanças, as urnas espalhadas em todo o Estado tem recebido do consumidor especial atenção, pois todos os envelopes encontram-se com as notas fiscais correspondentes, obedecendo o limite mínimo de três unidades e valor não inferior a um mil cruzeiros em cada envelope.

Segundo Marcos Ubiratan, "era esperado para o primeiro sorteio que entregará 50 prêmios e cinco cadernetas de poupança, a realizar-se em meados de agosto próximo, de 30 a 40 mil envelopes correspondentes" previsão esta já superada e reformulada, calculando-se agora, segundo estimativas fundadas nos primeiros dias de Campanha, participação não inferior a 100 mil envelopes, "excedendo assim a todas as espectativas mais otimistas", acrescentou.

Dentre os locais onde estão alocadas as urnas para recepção de envelopes, o ponto mais supreendente foi o de Cem Réis, enfatizou o Secretário das Finanças, ao alegar que, dos 72,5 mil envelopes distribuídos até o final da tarde de sexta-feira, 15 mil já retornaram às urnas, obedecendo o número e valor mínimo de notas exigidos pelo regulamento. Das urnas localizadas na Recebedoria de Rendas, Jumbo da Epitácio Pessoa, Barão do Triunfo e Ponto de Cem Réis, em João Pessoa, a que "obteve maior afluxo de participantes foi a do Ponto de Cem Réis", avalia, ao alegar que "50 por cento dos envelopes distribuídos já foram depositados nos pontos de coletas, exigindo a substituição diária das mesmas, tendo em vista a ocupação integral dos espaços internos disponíveis" relatando que das 11 urnas cheias que se registraram até o momento, seis foram desse local.

Em Campina Grande, já foram distribuídos 29 mil envelopes, dentre os quais seis mil já retornaram aos postos de recepção, o mesmo ocorrendo nas demais cidades do interior, onde foram entregues mais de 16 mil unidades. Finalmente alegou o secretário Marcos Ubiratan, que a movimentação geral no Estado em torno da Campanha está surpreendendo a todos os organizadores.

Compre onde há caixa registradora Rod-Bel



Os cupons da Rod-Bel dão mais sorte a Você

Revendedor
LOJAS JB
J. B. TAVARES & CIA.
Rua Gama e Melo, 139/149
Fones: 221-4447 e 221-8001
JOÃO PESSOA - PARAÍBA

TAMBÉM À SUA DISPOSIÇÃO
Máquinas de escrever, calculadoras eletrônicas, Relógios de Ponto, Registradoras Dismac, Móveis de madeira e aço, artigos para escritório e condicionadores de ar.

URSS reúne poloneses sob rumores de invasão

Operários da Ford podem fazer greve contra as demissões

São Paulo - A resposta dos trabalhadores da Ford Brasil, em São Bernardo do Campo, às 700 demissões que a empresa fez na última sexta-feira, poderá ser a paralisação de toda a fábrica. A ameaça foi feita ontem pelo Presidente deposto do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, sr. Luis Inácio da Silva, Lula. Hoje cedo, a diretoria deposta e a junta governativa do Sindicato irão à porta da Ford para discutir a proposta de greve.

Ante-ontem, houve uma reunião no Sindicato para avaliação das demissões - das 700, 450 foram na fábrica de São Bernardo do Campo - e da possibilidade de novas dispensas em cadeia no setor automobilístico. Lula e seus companheiros de ex-diretoria concluiram que "não é ficando quieto que o governo e os patrões deixarão de fazer dispensas". Lembrou o ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos os episódios da tentativa de redução da jornada de trabalho na Volkswagem e a greve da Fiat do Rio, "duas decisões dos trabalhadores contra o desemprego".

Se os trabalhadores deciderem pela greve, será um movimento inteligente para sairmos vitoriosos. Provavelmente, a partir de uma greve em São Bernardo do Campo, iniciaremos uma campanha nacional contra o desemprego", assinalou Lula.

Acrescentou o ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, que as dispensas da Ford são desnecessárias "porque a empresa está desativando a produção do Corcel, o carro que mais vende no país, para passar esse mercado ao Bel Rey, seu novo lançamento. Com isso, vendendo um Bel Rey e meio - com metade da mão-de-obra - a Ford terá a receita de três corcéis".

Campanha eleitoral começa nos bairros pobres de Pernambuco

Recife - A campanha política com vistas à eleição para governador, no ano que vem, começou este fim de semana em diversos bairros pobres da cidade que foram visitados de surpresa pelo governador Marco Maciel e pelo senador Marcos Freire. O PMDB escolheu a manhã de ontem para falar com o povo nas feiras livres, enquanto o PDS preferiu a noite da última sexta-feira para fazer contato com a população sob o pretexto de visitar obras governamentais.

O senador Marcos Freire havia revelado, na manhã da sexta-feira, que começaria no dia seguinte a manter uma série de diálogos diretos e informais com os eleitores, antes mesmo de ser oficialmente indicado como candidato do seu Partido ao Governo de Pernambuco. Às dez horas da noite do mesmo dia, o governador Marco Maciel chegava inesperadamente à Vila das Crianças, no bairro de Ibura, onde a Secretaria de Habitação mantém um programa de substituição de barracos por casas de alvenaria. Entre sonolentos e surpresos os habitantes da Vila receberam o governador, que acabou fazendo um discurso do alto de um monte de brita.

Exportações de cacau gera 600 milhões de dólares para o país

Brasília - O cacau deverá gerar para o Brasil, este ano, uma receita de aproximadamente 600 milhões de dólares, tendo em vista o crescente consumo de chocolate nos principais mercados importadores, Estados Unidos, Alemanha Federal, Grã-Bretanha e Holanda, e por causa da tendência de alta para as cotações da amêndoas na bolsa do cacau de Londres.

A informação é do secretário executivo da Ceplac, sr. José Haroldo de Castro Vieira, que está otimista com o novo acordo internacional do cacau, que entra em vigor no dia 1º de agosto próximo, e que foi assinado, desta vez, por 17 países produtores e consumidores. Na sua opinião, o fato do acordo ter previsto redução na oferta do produto fez com que as cotações se elevasse 17 por cento nos últimos dias.

Conforme explicou, o mecanismo administrativo do acordo do cacau está entrando no mercado internacional como comprador para forçar uma elevação no preço do cacau para o nível esperado de 110 centavos de dólar por libra-peso. Ele acredita que esta posição compradora vai ser eficiente, porque conta com o apoio da Alemanha Federal, que esteve de fora dos dois últimos acordos internacionais e é o principal importador europeu do produto.

REINO INFANTIL
Escolinha Maternal
Jardim da Infância e Alfabetização.
MATRÍCULAS P/2º SEMESTRE
A PARTIR DO DIA 15 DE JULHO
Rua Borja Peregrino, 298 - Fone: 222 0193
CENTRO - JOÃO PESSOA

PANIFICADORA MANAIRA
Pães, biscoitos, bolos, roscas, empadas, salgadinhos e queijos
MERCADINHO MANAIRA
Gêneros alimentícios
Rua Maj. Ciraulo, 470 Fone: 226-1600
Manaíra - João Pessoa - PB



O ministro das Relações Exteriores, Andrei Gromiko, com os dirigentes poloneses

Maiores importações podem ser usadas no combate à inflação

Brasília - Se persistirem os bons resultados obtidos até agora no controle do balanço de pagamentos, o governo, dentro de um ano, pode vir a promover uma certa liberalização nas importações de matérias-primas para fazer cair mais acentuadamente a inflação e, a partir de 1983, tentará levar a economia a retomar as taxas de crescimento em torno de 10 por cento obtidas em anos recentes.

O anúncio foi feito pelo chefe da assessoria econômica do Ministério do Planejamento, Akihiro Ikeda, que garante ter boas perspectivas a situação do balanço de pagamentos. Com efeito, os dados do Banco Central apontam que, para um déficit do balanço de pagamentos de 2 bilhões 125 milhões de dólares no primeiro trimestre de 1980, o saldo negativo em igual período deste ano reduziu-se a 305 milhões 500 mil dólares. Já o ingresso de recursos externos, cuja necessidade, em 1981, se situa próxima aos 14 bilhões de dólares, já atingiu 10 bilhões de dólares no semestre.

Explicou Akihiro Ikeda que as restrições às importações têm um certo caráter inflacionário na medida em que o país, com um controle mais rígido sobre as compras externas, deixa de importar vários produtos que, escassos aqui dentro, podem controlar a subida dos preços internamente.

- Importar matérias-primas é um recurso anti-inflacionário que ainda não pode ser usado plenamente por causa do déficit no balanço de pagamentos, mas no caso das taxas inflacionárias continuarem renitentes em cair ou mesmo se se decidir optar por fazê-las declinar mais rapidamente, este instrumento será usado, sempre condicionado à persistência de um bom desempenho do balanço de pagamentos - declarou.

A possibilidade de se promover uma certa liberalização nas importações de matérias-prima, como mais uma arma anti-inflacionária pode se tornar "perfeitamente factível" daqui a um ano, segundo o chefe da assessoria econômica do Planejamento.

O Banco Central atribui a redução no déficit do balanço de pagamentos no trimestre principalmente ao desempenho da conta de comércio, cujo saldo negativo, no mesmo trimestre, caiu a 418 milhões 200 mil dólares, contra 1 bilhão 346 milhões de dólares em idêntico período de 1980.

Wimbledon:

Rompida a invencibilidade de Borg

Wimbledon, Inglaterra - John McEnroe derrotou ontem Bjorn Borg, campeão indiscutível durante cinco anos do campeonato de tênis de Wimbledon, em uma partida tensa de 4-6, 7-6, 7-6, 6-4.

O americano se vingou assim de sua derrota diante de Borg ano passado, um jogo épico que se estendeu por cinco sets e foi considerado por muitos como o melhor já disputado no All Englad Club.

Com a derrota, Borg parou em 5 o número de vitórias em Wimbledon, que começaram em 1976. A última vez que o sueco perdeu aqui foi nas quartas de final de 1976 para outro americano, Arthur Ashe.

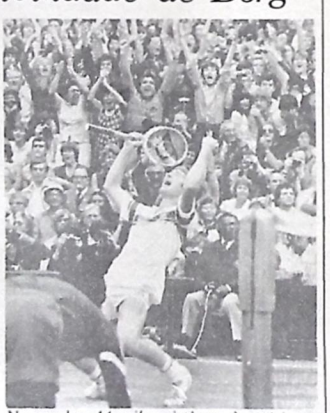
Borg perdeu ontem após 3 horas e 22 minutos de jogo, quando o americano se recompôs de um mau começo e ganhou dois desempates, no segundo e terceiro sets.

A atmosfera estava carregada e a multidão de 14 mil pessoas presentes à final não parava de aplaudir os dois jogadores. O árbitro Bob Jenkins pediu silêncio entre cada game quando a tensão aumentou. Não obstante essa foi a única tarefa difícil de Jenkins. McEnroe tinha sido multado em duas partidas anteriores por sua conduta na quadra e está a espera de uma decisão sobre o problema devido a sua atuação nas semi-finais. Ontem, porém, não discutiu as decisões do juiz.

Borg ganhava por 4-1 no terceiro set quando McEnroe se recuperou e chegou a 3-4. Uma das bolas bateu no lado superior da rede e caiu na quadra adversária. O escore: 15-30. Em 30-40, McEnroe rebateu de frente, numa rebatida aparentemente fraca, mas Borg não conseguiu pegar a bola. Foi o ponto culminante do encontro.

McEnroe empatou em 4-4. No décimo game chegaram a quatro os "break points" contra ele, mas se manteve incólume. Ganhou o desempate por 7-4 e acumulou 2-1 sets.

No quarto set McEnroe não teve falhas. Chegou a break pont em duas ocasiões mas Borg se superou. McEnroe pôs o marcador em 5-4 e Borg lutou para salvar seu título. Borg ganhava 30-15 e então veio o momento de McEnroe. Dominou o sueco com duas rebatidas de revés e avançou até o "match point".



Na quadra, 14 mil assistiram à vitória

Junto com o título, McEnroe ganhou 43 mil dólares e Borg 21.500 pelo segundo lugar.

Como Chris Evert Lloyd venceu o torneio feminino, os Estados Unidos levaram os dois principais títulos deste ano. É a primeira vez desde 1975 que americanos vencem os títulos feminino e MASCULINO AO MESMO TEMPO. Naquele ano os ganhadores foram Billien Jean King e Arthur Ashe. As americanas Pam Shriver e Martina Navratilova de origem tcheca, ganharam a coroa de duplas, no torneio feminino ao superar a suas compatriotas Anne Smith e Kathy Jordan 6-3, 7-6.

IV CONVENÇÃO DE DIRETORES LOJISTAS DO NORDESTE
Participe
16 a 18/Julho/81
Hotel Tambaú — João Pessoa
Informações e Inscrições:
Rua Barão do Abiay, 40 — 1º andar - fone: 221-5134

Ajude o hospital Padre Zé
Promoção
Jornal
A UNIÃO

Varsóvia - O ministro de Relações Exteriores Andrei Gromiko se reuniu ontem com os principais dirigentes da Polônia, em meio a rumores de que a União Soviética está convocando reservistas para possível mobilização ao longo da fronteira com a Polônia.

Em Moscou, pessoas com ligações na área da fronteira informaram que vários trabalhadores da província da Transcarpatia estão faltando aos empregos nas fábricas e fazendas coletivas para um período de instrução no Quartel-General da região.

A Transcarpatia é uma das regiões mais a oeste da União Soviética. Tem fronteiras com a Romênia, a Hungria e a Tchecoslovaquia e fica situada cerca de 400 quilômetros ao sul de Varsóvia.

As fontes disseram que a convocação envolve milhares de reservistas. Segundo as informações, os chamados foram avisados a ficarem prontos para uma mobilização geral de todos os reservistas com menos de 35 anos devido a "necessidades provocadas pela complicação da situação internacional".

Não houve uma menção direta à Polônia, mas os reservistas foram informados de que iriam "defender a comunidade socialista", disseram as fontes. Os reservistas estão convencidos de que a mobilização se destina a intervir na Polônia.

Gromiko se reuniu com o chefe do Partido Comunista, Stanyulaw Kania, logo depois de chegar de Moscou, anteontem a noite. Ontem, reuniu-se com Kania e com o primeiro-ministro Wojciech Jaruzelski logo depois de rápidas cerimônias de deposição de coroas de flores no túmulo do soldado desconhecido e no cemitério militar soviético.

A Agência de notícias PAP informou que as conversações de anteontem à noite entre Gromiko e Kania se centralizaram em "assuntos de interesse comum" para os governos e partidos comunistas poloneses e soviéticos.

A agência não adjetivou as reuniões de ontem, mas informou que conversações mantidas à tarde por Gromiko com o ministro de Relações Exteriores Jozef Czyrek trataram "da atual situação internacional, especialmente a cooperação entre a Polônia e a União Soviética na luta pela segurança e pela distenção, pela concretização do ideal da coexistência pacífica e pelo desarmamento a suspensão da corrida armamentista".

Observadores poloneses consideram a visita de Gromiko mais uma viagem exploratória do que uma tentativa de mudar a orientação do governo polonês, apesar dela ter lugar apenas um mês depois do partido soviético ter enviado uma carta bastante dura à Comissão Central do Partido Polonês, advertindo inclusive que a própria independência do país estava *em risco* devido às alterações na política interna.

Papa se recupera da infecção virótica e apresenta melhoras

Roma - A saúde do Papa João Paulo II melhorou sensivelmente, enquanto se recupera de uma infecção virótica e já deu longos passeios pelos corredores do Hospital, disseram ontem seus médicos. "Sua condição geral melhorou sensivelmente ao mesmo tempo que reassume progressivamente suas atividades físicas", informou o boletim médico.

O dr. Emílio Tresalti, chefe de médicos da Clínica Gemelli, disse numa entrevista telefônica que a temperatura do Papa voltou à normalidade. Entretanto, comenta-se que para a bênção semanal será feita uma transmissão direta do Hospital para os alto-falantes da Praça de São Pedro.

O Papa, de 61 anos, retornou ao Hospital Policlínico Gemelli no dia 20 de junho devido a um vírus semelhante ao monocucleose, que o afetou enquanto se recuperava dos ferimentos de bala sofridos na tentativa de assassinato no dia 13 de maio.

O Dr. Tresalti disse aos jornalistas que o Papa caminhou um total de 700 metros anteontem, através dos corredores do décimo primeiro andar, onde se encontra seu quarto.

A infecção, denominada citomegalovirus, poderá durar até seis semanas, segundo o médico "por enquanto, manteremos vigília para ver como anda o estado geral. Queremos sempre ser prudentes, embora esperemos que a infecção não dure o tempo de seu conhecido ciclo", adiantou.

Os médicos querem estar seguros de que o Papa estará inteiramente recuperado do vírus antes de decidirem uma segunda cirurgia. E disseram que o Papa pode ter sido contagiado pelo vírus durante as inúmeras transfusões de sangue que recebeu depois que foi baleado nos intestinos.

Begin e Peres fazem negociações para formar novo governo

Telavive - O primeiro ministro Menahen Begin e o chefe do Partido Trabalhista Shimon Peres, ambos tentando converter em vitória seu empate nas eleições, mantinham ontem intensas negociações com potenciais sócios de coalizão enquanto a contagem dos votos entrava em sua etapa final.

O escrutínio foi suspenso devido ao Sabat e reiniciado esta noite. Begin e Peres se reuniram com os dois principais candidatos a integrar uma coalizão e estão aguardando a divulgação terça-feira dos resultados oficiais antes de iniciar oficialmente as negociações.

As cifras extra-oficiais estabelecem diferenças de dezenas a centenas de votos entre o bloco Likud de Begin e o Partido Trabalhista e ambos podem terminar ganhando 48 a 49 cadeiras cada um no parlamento de 120.

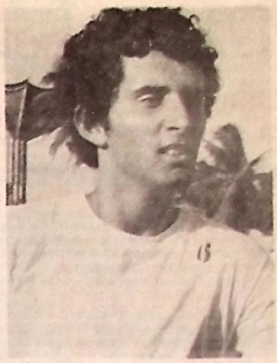
Após anunciar-se os resultados, o presidente Witzhak Navon consultará todos os partidos e depois designará o candidato que pareça ter mais possibilidades de formar uma coalizão. Begin insiste que ele é esse candidato, mas Peres prometeu explorar todas as probabilidades de reunir uma maioria parlamentar.

Na noite das eleições, o premier de 67 anos parecia firme favorito, mas os candidatos da coalizão estão agora aumentando o preço de sua adesão. O principal deles, o Partido Religioso Nacional (PRN), que no início parecia ansioso por continuar integrando a coalizão de Begin, se manifesta agora de duas maneiras.



O Naça joga completo e está disposto a embaraçar a situação do tricolor





Erivan, ao lado de Áureo, vai tentar melhorar o meio campo do Botafogo

Só a vitória interessa ao Botafogo

Campinense quer complicar a invencibilidade do Galo

Campina Grande (Sucursal) - Para assegurar o jogo extra que decidirá o primeiro turno do Campeonato Paraibano, contra o Botafogo, em Campina Grande, o Treze terá a obrigação de vencer o Campinense, hoje à tarde, no Amigão, concluindo as disputas do quadrangular decisivo. A FPF escalou Everaldo França, José Geraldo e José Marinho, para sorteio.

O Galo da Borborema foi campeão da fase final do primeiro turno por antecipação, quarta feira, ao derrotar o Nacional de Patos por 2x0, mas encara o jogo de hoje com muita importância, sobretudo porque, dependendo do seu resultado, poderá decidir com o Botafogo em Campina.

Por sua vez, o Campinense, mesmo sem chances no primeiro turno, quer conseguir um resultado positivo, a fim de melhorar sua imagem perante a torcida, pois, no Campeonato deste ano, perdeu as duas partidas que disputou com o Galo da Borborema.

EQUIPES

CAMPINENSE - Jorge Luiz, Sales, Paulinho, Zé Carlos I e Sérgio; Joel Maneca, Jorge Machado e Zé Carlos II; Edvaldo Araújo, Guedes e Berg. Técnico: Hélcio Jacaré.

TREZE - Hélio Show, Levi, Jotabê, Hermes e Olímpio; Wilson, Lula e Zé Augusto; Puma, Joãozinho Paulista e Hélio Alagoano. Técnico: Pedrinho Rodrigues.





E o Campinense também quer sugestionar o Treze

Torcida poderá quebrar novo recorde de renda em Campina

Campina Grande, (Sucursal) - O clima que envolve o clássico de hoje entre Treze e Campinense é de grande expectativa, sobretudo pelas ameaças do Campinense em quebrar a invencibilidade do Galo no quadrangular decisivo do primeiro turno, para dificultar a decisão com o Botafogo. Os dirigentes trezeanos esperam que a arrecadação seja superior a do último jogo entre as duas equipes, quando mais de 2 milhões de cruzeiros foram arrecadados pelas bilheterias do estádio Amigão.

Muito tranquilo, o treinador Pedrinho Rodrigues preparou seus jogadores para não deixarem ser envolvidos pelos atletas do Campinense, que nada mais têm a aspirar com relação ao primeiro turno. Pedrinho lembrou inclusive o que aconteceu no jogo Botafogo e Campinense, quando o time rubro-negro foi criticado pela indiscreta apresentação diante dos tricolores.

O clima entre os atletas é de muito otimismo e todos acreditam que o Treze está no caminho certo para conquistar o primeiro turno do Campeonato. Pelo menos esse é o pensamento do artilheiro Joãozinho Paulista, que diz acreditar na conquista do turno "porque o Treze vem realizando uma boa campanha, e seria muito injusto deixar escapar o título para o Botafogo, que vem realizando uma campanha abaixo da crítica".

Tentando melhorar a sua posição no Campeonato Paraibano, precisando desesperadamente de uma vitória, o Botafogo enfrenta o Nacional de Patos, hoje no Estádio José Américo de Almeida Filho, concluindo a sua participação no quadrangular decisivo.

O objetivo do Botafogo é vencer o jogo de hoje e esperar por um tropeço do Treze no clássico com o Campinense, a fim de ter o direito de jogar em casa na finalíssima do primeiro turno do Campeonato Paraibano.

O Nacional de Patos, por sua vez, luta para fugir da lanterna do quadrangular e espera repetir a mesma atuação do dia 21, quando, mesmo tendo perdido para o Botafogo no Almeidão, mereceu sair de campo com um resultado positivo.

Árbitros escalados para sorteio: Ivan Fernandes, Jair Pereira e José Everaldo.

EQUIPES

BOTAFOGO - Fernando Lira, Zito, João Carlos I, Edvaldo e Edson Garapa; Nelson, Erivan e Áureo; Lala, Paulinho e João Carlos II. Técnico: Ibiapino.

NACIONAL - Pereira, Didi, Jaime, Washington e Bau; Teomar, Silva e Messias; Luizinho, Clóvis e Café. Técnico: Virgílio Trindade.

Ibiapino modifica o time

O técnico Zezinho Ibiapino poderá processar várias alterações no time do Botafogo para o jogo desta tarde, contra o Nacional de Patos, no Estádio Almeidão, quando precisará de um resultado positivo para poder jogar contra o Treze, na decisão, aqui em João Pessoa, dependendo ainda de um tropeço do quadro galista no clássico com o Campinense.

Sexta feira, no coletivo realizado no Estádio da Graça ele armou a equipe titular de uma maneira totalmente diferente, com Fernando Lira, Zito, João Carlos I, Edvaldo e Edson Garapa; Erivan, Reinaldo e Áureo; Lala, Paulinho e João Carlos II, tudo fazendo crer que o time poderá ser este, talvez com a inclusão de Nelson, no lugar de Reinaldo, pois ele foi poupado do coletivo apronto.

Os botafoguenses iniciaram regime de concentração ontem à noite e o técnico evitou maiores comentários sobre a provável escaração da sua equipe, afirmando apenas que só definirá tudo nas vestiárias do Almeidão, hoje à tarde.

A diretoria do Botafogo, mesmo reconhecendo que o time não vem fazendo uma boa figura no quadrangular do primeiro turno, espera que a torcida compareça ao jogo de hoje, pois o time está precisando do apoio de todos, a fim de chegar na decisão com o Treze mais motivado.

- A hora de provar que é fiel é esta - afirmou o presidente José Moreira de Andrade.

Nacional ameaça o tricolor

Patos (Sucursal) - O Nacional voltará a contar com a sua força máxima no quadrangular decisivo do primeiro turno do Campeonato Paraibano, hoje, em João Pessoa, diante do Botafogo, quando encerrará a sua participação na competição.

Washington e Clóvis, expulsos de campo no jogo frente ao Campinense, cumpriram suspensão automática e retornarão ao time principal, deixando o técnico Virgílio Trindade mais tranquilo para o compromisso desta tarde, quando espera repetir a mesma atuação que fez no dia 21, diante do mesmo Botafogo.

Será a décima quarta viagem do Nacional de Patos no Campeonato deste ano, pois, como se sabe, o alvi-verde sertanejo só poderá utilizar o Estádio Municipal Prefeito José Cavalcante a partir do terceiro turno.

A delegação nacionalina sairá de Patos às 6 horas da manhã seguindo diretamente para o Estádio José Américo de Almeida Filho, sob a chefia do próprio treinador Virgílio Trindade.

Haroldo diz que no 2º turno Auto fará melhor campanha

Sem nenhum amistoso programado para este domingo, e depois do treino realizado ontem com o Santos, o Auto Esporte libera hoje seus atletas, para retornar aos treinamentos amanhã, dando prosseguimento aos preparativos para o segundo turno do Campeonato, cujo objetivo é lutar para não mais ficar de fora do quadrangular, como aconteceu neste primeiro turno, onde afastado da competição, o clube só teve prejuízo financeiro.

O diretor de futebol Haroldo Navarro disse ontem que as providências estão sendo tomadas para que não se repita a má campanha do primeiro turno, "porque, todos sabem que o fato de ficarmos de fora do quadrangular, deixa o clube em situação bastante difícil."

Haroldo lembrou inclusive o problema" das "alas" existentes no clube, só tem acarretado problemas para a agremiação. "Sabemos que o Auto é um clube humildo e todos precisam trabalhar para o seu engrandecimento. Desta forma, com brigas internas, não poderemos fazer um trabalho positivo, e dificilmente chegaremos ao título, que é o sonho de todo torcedor alvi-rubro".

Abel faz hoje a sua estréia

Belo Horizonte, - Animado pela boa vitória sobre o Uberaba, no Triângulo Mineiro, o Cruzeiro terá a estréia do zagueiro central Abel, contra o Valério, no Mineirão. Mas estará" desfalcado de Luis Antonio, Nelinho, Jair e Eduard, contundidos, além de Edmar, suspenso.

Treinando há duas semanas, Abel já está quase em sua forma física ideal. Ele se diz bastante motivado para esta partida, que marcará sua volta ao futebol brasileiro, dois anos e meio após ter sido vendido pelo Vasco ao Paris Saint Germain. O Cruzeiro o contratou por cerca de Cr$ 9 milhões.

A situação do Cruzeiro no Campeonato Mineiro melhorou bastante, após a vitória, no meio de semana, sobre o Uberaba, por 2 a 0. Em setepartidas o Cruzeiro venceu quatro, empatou uma e perdeu duas. A equipe enfrentará o valério com Gasperin, Carioca, Abel, Vagner e Claudio Mineiro. Remi, Euder e Carlinhos. Zé Henrique, Luís Carlos e Macedo. Abel já deverá estrear como capitão da equipe.

Seleção se apresenta para jogar contra Espanha

Mesmo desfalcada de vários jogadores - mas substituídos por outros bons atletas -, a Seleção Brasileira se apresentará amanhã, em Salvador, quando o treinador Telé Santana reunirá os jogadores para o primeiro treino com vistas ao jogo de quarta-feira, na Fonte Nova, contra a Seleção da Espanha, anfitriã do Mundial de 82.

Telé Santana deverá fazer apenas um treino coletivo à tarde no estádio da Fonte Nova, oportunidade em que escalará o time



brasileiro. Embora com especulações de Renato pode ser escalado de primeira, no lugar do centroavante Reinaldo, o treinador brasileiro admitiu escalar o centroavante Baltazar, que vem se destacando no Campeonato Gaúcho, com os gols que tem assinalado.

A dúvida do treinador é exatamente pelo fato de lembrar que Renato, ao entrar no lugar de César, no último amistoso - contra a Alemanha -, mudou o panorama do jogo, fazendo um quadrado com Cerezo, Zico e Sócrates, o que lhe deixou ótimas impressões, estando portanto, cogitada a possibilidade do craque do São Paulo entrar no começo do jogo.

A Seleção Brasileira deverá treinar com um combinado de jogadores do Bahia e Vitória, quando Telê escalará a equipe para o amistoso contra os espanhóis. O provável time será Valdir Peres, Getúlio, Juninho, Luizinho e Júnior; Cerezo, Sócrates e Zico; Paulo Isidoro, Renato (Baltazar) e Eder.

Estudantes do Estado vão à Reunião para o Progresso da Ciência

Levando mais de cem universitários, a delegação de estudantes que representará a Paraíba na reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Salvador, seguirá para a Bahia na próxima terça-feira.

Segundo informações do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal da Paraíba, mesmo com a ajuda, considerada mínima dada pela Reitoria, os universitários farão o possível para bem representar o Estado na reunião, tido como de muita valia e importância para os setores científicos e de pesquisa.

Através de promoções, vendas de roupas velhas, venda de milho no período junino, forrós e pedágios, os universitários já conseguiram arrecadar cerca de Cr$ 80 mil. A ajuda financeira dada pela Reitoria foi de Cr$ 100 e, segundo os estudantes, não dá para pagar o aluguel de um ônibus, cujo valor é de Cr$ 120 mil.

Apesar disso, grupos estudantis dos campi de Bananeiras, Areia e Campina Grande também desenvolveram suas campanhas de arrecadação com a finalidade de adquirir fundos monetários para a viagem. No ano passado a Reitoria cooperou com o fornecimento de dois ônibus e ainda o pagamento de bolsa no valor de Cr$ 900 para cada participante.

A SBPC será realizada na Universidade Federal da Bahia. A abertura do evento está marcada para a manhã da quarta-feira próxima, devendo prosseguirem as sessões até o dia 15 desse mês. Os temas a serem discutidos durante o encontro, que contará com a presença de autoridades, professores, estudantes, pesquisadores e cientistas de todo o País, são *A População Brasileira: dinâmica, desigualdades e políticas, Processos Regionais de Desenvolvimento Econômico Nacional, O Negro na Realidade Brasileira, A Luta Indígena e O Problema Energético Nacional.*

Kombis especiais são utilizadas para transferir presos

Para facilitar a transferência de presos das delegacias distritais para a Superintendência Regional de Polícia, a Secretaria de Segurança Pública adquiriu esta semana sete kombis xadrez e uma especial equipada com laboratório e equipamento eletrônico que será utilizada no Instituto de Identificação Criminalística.

Em João Pessoa serão utilizadas quatro viaturas, e em Campina Grande as três restantes. A Kombi especial será operada por três pessoas, dois peritos que realizaram os exames periciais de lâmina no próprio local da ocorência criminal e o motorista.

Também farão o transporte de cadáveres das vítimas.

A aquisição da frota custou à Secretaria de Segurança Pública a importância quatro milhões de cruzeiros.

Marcelo Lopes vai à reunião do conselho de energia no Piauí

O secretário de Energia e Recursos Minerais do Estado da Paraíba, engenheiro Marcelo de Figueiredo Lopes, viajará segunda-feira a Teresina, Piauí, a fim de participar da III Reunião da Comissão Regional de Energia da Sudene.

O titular da SERM foi recentemente escolhido por aquela Comissão para chefiar um Grupo de Trabalho encarregado de estudar as energias solar, eólica e biomassa, na região nordestina.

A Comissão tem por finalidade promover e compatibilizar estudos de interesse do Nordeste, no âmbito da utilização da oferta de energia disponível e das possíveis substituições energéticas.

ALDO JUSTINO DE OLIVEIRA

(Missa de 30º dia)

Maria Lica de Oliveira, viúva, seus filhos, genros, noras, netos e bisnetos convidam parentes e amigos para a missa de trigésimo dia que mandam celebrar, hoje, às 17,00 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, em João Pessoa, na Igreja de Nossa Senhora do Amaparo, em Teresina, e na Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, em Sousa, em sufrágio da alma de seu querido e inesquecível Aldo Justino de Oliveira.



MARIA DE FÁTIMA

NOGUEIRA DE SOUTO

Missa de 1º aniversário

José Moraes de Souto, José Souto Filho, José Marcelo, José Sérgio, José Flávio, José Leonardo, irmãos, sobrinhos, cunhados, cunhadas, primos e demais parentes convidam os amigos da inesquecível MARIA DE FÁTIMA NOGUEIRA DE SOUTO, para a missa que mandarão celebrar pelo repouso eterno de sua alma, na próxima terça-feira, às 17 horas, na matriz de Nossa Senhora de Lourdes.

A quantos comparecerem ao ato de fé cristã, antecipam sinceros agradecimentos.



As faixas começaram a ser colocadas na Lagoa logo às primeiras horas da manhã

Amigos da natureza protestam contra caça à baleia no Estado

Ampep vai discutir a "intervenção"

A diretoria da Ampep estará amanhã se reunindo com o secretário Osvaldo Trigueiro do Valle, da Administração, a fim de discutir o corte da verba, descontada em folha daquela Associação. A idéia partiu dos próprios professores que não se conformam com as explicações do sr. Osvaldo Trigueiro.

O secretário da Administração explicou que o corte se deu a pedido de alguns professores, explicação que não foi aceita pela classe. "Nós queremos saber os reais motivos que levaram o Governo do Estado a determinar a intervenção econômica na Ampep", insistem os professores.

Segundo a opinião deles, o secretário da Administração deveria comunicar à Ampep caso algum professor tenha realmente solicitado a intervenção. "Não basta simplesmente algum professor desejar essa medida para que ela se concretize. Ninguém, além da própria Associação do Magistério Público estadual, poderá solicitar oficialmente a intervenção ou qualquer outra medida. Além disso, nós gostaríamos que esse ou esses professores que fizeram a solicitação ao secretário, nos envie um comunicado nesse sentido", reclamam os professores.

"Estamos de *luto* pela reabertura do massacre às baleias". Esta é uma das frases de protestos exposta ontem, no Parque Solon de Lucena durante uma vigília contra a pesca da baleia no litoral paraibano, promovida pela Associação dos Amigos da Natureza, com o apoio de outras entidades que exigem o cumprimento da Portaria nº 17 de 24 de julho de 79 da Sudepe, que interditava a caça a baleia a partir do dia 1º de janeiro deste ano, mas que foi revogada pelo Presidente da República.

Segundo os manifestantes, o movimento começou pela necessidade de fazer cumprir a lei, e teve início em São Paulo em dias da semana passada e será estendida a todos os Estados da Federação. Em todos os Estados estão sendo colhidas assinaturas de amigos da natureza que posteriormente serão encaminhadas ao Presidente da República e demais autoridades do país, juntamente com um documento que mostra a falta de preservação da fauna que se encontra em extinção.

Durante a vigília foi mostrado um documento no qual consta que o não cumprimento da Portaria da Sudepe, "trata-se de um recuo que significa descrédito para o país, o governo brasileiro cedeu às pressões políticas e econômicas daqueles que controlam e tiram proveitos de uma das mais absurdas atividades predatárias e devastadoras a caça à baleia.

Dizem, que revogando decreto anterior, resultado de esforços de entidades ecológicos e preservacionistas, foi liberada a caça às baleias minke e cachalote no litoral paraibano. Se ainda as houver, serão chacinadas 863 baleias, cujo estudo científico foi negligenciado e renegado a segundo plano ante a imposição de lucros imediatos de uma companhia nipo-brasileira que controla o mercado de trabalho da região de Costinha, na Paraíba, cujos argumentos apresentados por essa empresa não corresponde a realidade, segundo trabalho realizado pelo almirante Ibsen Câmara de Guamão, (do EMFA) uma das maiores autoridades brasileiras no assunto.

Copesbra já capturou seis baleias em apenas três dias

Em apenas três dias de pesca da baleia no litoral paraibano, já foram capturadas seus espécies daquele animal, número considerado "relativamente bom" pelo diretor da Copesbra, sr. Guilherme Rabay. Ele disse que até o dia 10 de dezembro, quando se encerra o período de pesca, espera ter conseguido atingir a quota estipulada para esse ano, ou seja, 832 baleias capturadas.

Com relação a uma campanha contra a pesca da baleia desenvolvida em Pernambuco, por autoridades e pessoas ligadas à defesa do meio ambiente, Guilherme Rabay disse apenas que "é um direito que eles têm. Mas acredito que se a indústria fosse localizada lá eles não fariam essas manifestações", desabafou.

Frisou ainda que a Pesca da Baleia é muito importante, mesmo porque é a única empresa existente no município de Lucena." Só para dar um exemplo da importância desse empreendimento, 80 por cento do orçamento daquele município depende da Copesbra", adiantou.

Salientou que, além disso, um outro aspecto a ser analizado é a questão do emprego. Naquela indústria, existem cerca de 450 operários que recebem, no mínimo, quase Cr$ 10 mil e, em cima disso, ainda recebem comissões por peso e unidade de cada baleia processada. Afora os operários, são muitas as pessoas que vivem de revenda de carne de baleia fresca, artesanato de barbatana e artefato de baleia.

- Diante desse quadro, seria razoável supor que todos os esforços fossem envidados no sentido de incentivar, ao máximo, toda atividade produtiva que tivesse como objetivo gerar empregos para absorver parte de um grande contingente de desempregados que habitam essa região. Essa atividade beneficia nada menos do que mais de duas mil pessoas somente em Lucena", disse.

Lembrou ainda que a pesca da baleia gera para o Estado da Paraíba, em termos de ICM, mais de Cr$ 40 milhões, abastecendo ainda alguns Estados do Nordeste, como Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas e Bahia. O preço da carne de baleia, segundo informou o diretor da Copesbra, é a metade do preço da carne de boi e ainda oferece proteínas em maior quantidade, sendo ainda mais saudável.

Enquanto um lombo de boi possui uma taxa de 74% de Colesterol por cada miligrama, possuindo uma taxa de proteína por peso de 19,24%, a carne de baleia tem apenas 31% de colesterol e 27,36% de proteínas. O peixe, apesar de baixo teor de colesterol, também possui menos proteínas do que a baleia-17,86%. "Portanto, em termos de proteínas, a carne de baleia custa 1/3 do preço da carne de gado", prosseguiu.

- São poucas as opções econômicas que estão ao alcance do Estado dentro da divisão interregional de trabalho existente no sistema econômico brasileiro. E dentro desse quadro, o que tem restado à Paraíba são poucas oportunidades, motivadas de um lado por uma fraca dotação de recursos naturais e de outro pela exposição da economia tradicional do Estado à forte concorrência econômica do Centro-Sul, afirmou Guilherme Rabay.

Disse ainda que para o município de Lucena, onde a pesca da baleia é realizada, essa atividade representa quase tudo. "Cidade de pequeno porte, com cerca de 6.400 habitantes, Lucena tem na indústria de aproveitamento da baleia sua única fonte de recursos. A extinção dessa atividade pode causar ao município sérios prejuízos sociais que, fatalmente, influem na economia", finalizou.

Artesanato da Paraíba será mostrado em Feira Nacional

Peças de madeira e cerâmica, couro e linha serão os tipos de trabalhos artesanais da Paraíba exibidos no stand que a Secretaria do Trabalho e Serviço Social organizará na II Feira Nacional de Artesanato, que será realizada no período de 11 a 17, no Parque Barigui, em Curitiba.

Representarão o Estado quatro artesão, que executarão trabalhos de artesanato durante a feira para demonstração ao público, e três técnicos da Secretaria do Trabalho e Serviço Social.

- Segundo informou o secretário Adailton Coelho Costa, os principais pólos de artesanato são: João Pessoa, Campina Grande, Lagoa Seca, Alagoa Grande, Juarez Távora Patos, Catolé do Rocha, São Mamede, Junco, Santa Luzia, Camalaú, Areia, Baía da Traição, Mataraca, e Cabedelo.

Ele explicou que, no momento, a Secretaria está realizando um levantamento das potencialidades regionais, e fazendo a aquisição das peças artesanais. Posteriormente, através da Fundação de Artesanato do Estado da Paraíba, desenvolverá uma apoio mais intenso com o fornecimento da matéria-prima para o artesão e a comercialização dos produtos.

Abacaxi da Paraíba poderá conquistar o mercado externo

A possibilidade do abacaxi da Paraíba conquistar o mercado externo, com o rebaixamento dos custos de fretes que tornam o produto paraibano com condições de competir no comércio internacional é uma das consequências da aprovação da proposta governamental de isentar de ICM o abacaxi quando exportado pelo Porto de Cabedelo que foi aprovado na última reunião do Confaz, na opinião do Secretário Marcos Ubiratan.

Segundo ele, em período anterior a Paraíba chegou a exportar 25% de sua produção anual, ou seja 850,000 caixas, que em divisas representavam mais de dois milhões e seiscentos mil-dólares, no entanto, em 1980, foi comercializado no mercado internacional apenas sessenta mil caixas, gerando receitas da ordem de 325 mil dólares, o que se deveu sobretudo aos custos de transportes que tornava o produto paraibano sem condições de competir no mercado internacional.

Também considerou positivo o fato de que o convênio é válido apenas para abacaxi exportado pelo Porto de Cabedelo, pois assim contribuirá para movimentação do ancoradouro do Estado. Marcos Ubiratan esclareceu que a primeira vista parece uma perda de receita, mas isto é inexistente, ao contrário é uma geração de recursos, visto que o produtor terá um novo mercado consumidor, mais uma fonte de renda para a sua propriedade ou empresa e ainda aplicará seu dinheiro no consumo de bens tributáveis.

Na mesma reunião foi aprovado a isenção de ICM para as operações de vendas de produtos de contrabando quando estes forem leiloados por pessoas físicas, e rejeita a proposta do Estado de Pernambuco para a isenção do imposto sobre as máquinas e equipamentos destinados à indústria quando importado do exterior. Na legislação deste estado não contém disposição que beneficie as importações, o que não acontece na Paraíba que prevê a incidência nesses casos.

Mobral lança na 3ª nova campanha em favor da natalidade

O Mobral estará lançando na próxima terça-feira a Campanha da Natalidade, no Hotel Bela Vista, em Cruz das Armas, no horário das 8h30m. O treinamento, no entanto, será iniciado logo a partir da amanhã, cujas palestras serão dadas por três técnicos do Mobral central.

O treinamento, que será encerrado no dia 10, tem por finalidade formar pessoas para atuar na Campanha da Natalidade, realizadas em pequenas comunidades da Capital e interior. O arcebispo Dom José Maria Pires também estará participando das palestras, falando ainda do ponto de vista da Igreja a respeito dessa Campanha.

O método utilizado é do de Billings, extraído do livro "A Transmissão da Vida" e se baseia na aplicação de métodos naturais. Segundo informou o coordenador do Mobral na Paraíba, sr. Pedro Soares Nutto, esta Campanha da Natalidade será desenvolvida devido a um convênio assinado entre o Mobral e a CNBB.

Ele acrescentou que "essa campanha difere totalmente da desenvolvida pela Bemfam, pois só utiliza métodos naturais, nunca pílulas anticoncepcionais. E foi por isso mesmo que obtivemos o apoio integral da Igreja, que é de grande importância para nosso êxito total".

Na solenidade de lançamento da Campanha, terça-feira, deverão estar presentes representantes da Igreja, da Secretaria de Saúde do Estado e Município, do Governo do Estado, da Secretaria de Educação e Cultura e demais autoridades convidadas.

Perrone destaca o apoio do Governo à atividade bancária

Numa reunião realizada esta semana entre a diretoria do Banco do Estado e o secretário da Indústria e Comércio, Carlos Pessoa Filho, foi apresentada uma explanação sobre as atividades que o Paraiban vem desenvolvendo e as principais operações que foram feitas durante o mês de junho, informou ontem a Assessoria de Comunicação. A reunião, dividida em duas partes, teve, inicialmente a explanação do diretor presidente Fernando Perrone e dos diretores do Paraiban, seguindo-se a mostra das aplicações realizadas pelo banco durante junho.

Na oportunidade, o sr. Fernando Perrone agradeceu a presença do secretário Carlos Pessoa e destacou o apoio que o Governo do Estado vem dando para que as diretrizes estabelecidas pela atual administração sejam atendidas. "O governador Tarcísio Burity tem nos apoiado de forma supreendente. Já imaginava que assim aconteceria mas estou muito satisfeito com esse apoio do Governo porque, assim, está possibilitando fazer o que estamos fazendo", disse.

Depois de verificar atentamente os projetos de financiamentos que transcedem a alçada dos diretores e dos gerentes e que têm de serem liberados através do colegiado, o secretário Carlos Pessoa Filho disse que saída da reunião satisfeito e não era supresa" o fato dessa mudança e desse desenvolvimento do Paraiban, porque já conhecia o sr. Fernando Perrone, e, quando soube que ele havia sido convidado para ocupar a presidência do Banco do Estado, tinha certeza de que ele alcançaria as metas pretendidas".

Prosseguiu afirmando que "como modesto homem de Governo quero dar minha colaboração, na certeza de que juntos, setor econômico e Governo, poderemos realizar alguma coisa. Saio daqui muito feliz e quero parabenizá-lo pelos resultados, estando certo de que irão atingir as metas desejadas pela diretoria do Paraiban".

Paraiban será agente financeiro da Adten

A partir de agora o Banco do Estado tem novas linhas de atuação ao tornar-se agente financeiro dos Programas de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Empresa Nacional - ADTEN e Apoio a Usuários de Serviços de Consultória - AUSC, informou ontem a Assessoria de Comunicação do Paraiban.

Na semana passada estiveram em João Pessoa, os técnicos Marcos Antônio Nunes, Marina Schibuola e Jayme Henrique Rodrigues, oportunidade que divulgaram junto aos órgãos oficiais, à universidade e às empresas paraibanas os programas da *Finep*, órgão ligado à Secretaria de Planejamento do Governo Federal. Além de discutirem com os funcionários do Paraiban como funciona as linhas de créditos propostas.

jornaldedomingo
A UNIÃO
JOÃO PESSOA - 05 de julho de 1981

Em meio à miséria e ao desamor, muitos jovens estão desaparecendo de suas casas

• Reportagem de Marcos Aurélio
• Texto de Agnaldo Almeida

MARILU, EDJANE, ROSEMARY, EDMUNDO, MARCOS, MÁRCIO, MARIA DAS GRAÇAS, ROSINALDA, MARIA APARECIDA, CÍCERA, IVAN, ACILENE E MARCOS ANTONIO...

ONDE ESTÃO ESTAS CRIANÇAS?



Marilú Batista César está desaparecida e até agora foram inúteis as tentativas da polícia e do Juizado para encontrá-la

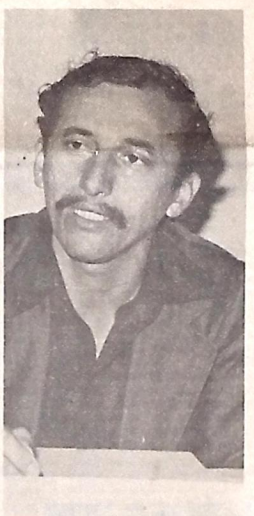
EDJANE - FILHA



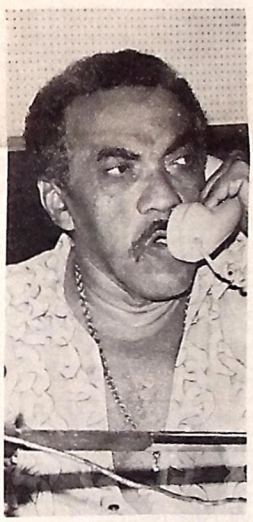
A menina Edjane Ferreira, de 13 anos, sai de casa com frequência para apanhar papel e revistas velhas nos monturos da cidade. Sua mãe, tuberculosa, agora mesmo, está aflita com o seu novo desaparecimento.

CREUZA - MÃE





Isaías Olegário



Enock Pelágio



Mário Rezende

Meio dia. Nos estúdios da Rádio Arapuan, o repórter Enock Pelágio se prepara para mais um de seus programas policiais. O controlista dá o sinal para que ele tome seu lugar, mas uma mulher continua chorando ao seu lado e quase não o deixa sentar-se. Só se acalma quando ele promete fazer um apelo às autoridades policiais para tentar encontrar a filha que desapareceu há três dias. Com a sua voz inconfundível, Enock assume o microfone e lança a manchete pelo ar: "Jovem de 15 anos desaparece e deixa a família em polvorosa".

A cena é quase diária: mães, pais, irmãos e parentes mais distantes procuram as emissoras de rádio, a polícia, o Juizado de Menores e até os jornais para denunciar o desaparecimento de meninas e meninos, cujas idades nunca ultrapassam os 15 anos. Às vezes, são casos patéticos, como o de Edjane Ferreira, a garotinha de 13 anos, que foge de casa para apanhar papel e revista velha nos munturos da cidade, enquanto a mãe, tuberculosa, fica desesperada em casa. Outras vezes, os casos são mais fantasiosos, a exemplo do de Rosemary Diniz, que fugiu no dia 10 de fevereiro para acompanhar um circo *pé-de-poeira*, que se apresentava no bairro do Rangel.

COMO FOGEM

O delegado de Menores da Capital, Isaías Olegário da Silva, que entre queixas de agressões, defloramentos, e briga de vizinhos, vê-se também à volta com inúmeras mães procurando suas filhas, já tem uma larga experiência no ramo: segundo ele, o desaparecimento desses garotos normalmente se dá no caminho para a escola, na saída dos pais para o trabalho e, na grande maioria, são motivados pelo grau de miséria em que vivem suas famílias.

Ele confessa que esses desaparecimentos já estão preocupando as autoridades, porque a cada dia o número de desaparecidos é maior e só nestes últimos seis meses, mais de 70 queixas já foram encaminhadas à sua delegacia. Baseado em informações do serviço de Assistência Social da Delegacia de Menores, Isaías Olegário diz que dificilmente alguns desses casos de desaparecimento se devam a sequestros. "O que eu admito e acho realmente possível é que muitos desses menores possam ter sido aliciados para casas de lenocínio já que, nesses ambientes, uma garota de 13, 14 ou 15 anos, garante bons lucros aos seus exploradores".

QUEM FUGIU

Culpando a estrutura social do país pela existência deste tipo de problema, o delegado de Menores ressalta que ele não se restringe a João Pessoa e que, em outros centros mais desenvolvidos, o problema chega a ter ares de tragédia. Atualmente, na relação dos menores que desapareceram de suas casas e não foram encontrados, estão os seguintes nomes:

Marilu Batista Cesar, 15 anos, rua José Tavares, Rangel; *Rosemary Diniz*, 14 anos, Varjão Velho; *Edmundo Ferreira de Lima*, 9 anos, residente nas proximidades da Cidade Universitária; os gêmeos *Marcos Aurélio Gomes dos Santos* e *Marcio José Gomes dos Santos*; *Maria das Graças Inocêncio Nunes*, Varadouro; *Rosinalda de Souza*, 12 anos, rua Lauro Torres; *Maria Aparecida da Silva*, 15 anos, Jardim Itabaiana; *Cícera Aparecida da Silva*, 9 anos, Santa Rita; *Ivan Martins de Oliveira*, 14 anos, Bayeux; *Acilene da Nóbrega*, 5 anos, Cristo Redentor; *Marcos Antonio da Silva*, Cruz das Armas.

A assistente social Diana Domingues, que também trabalha na Delegacia de Menores, igualmente não acredita em sequestros, mas conta que há pelo menos um caso recente de rapto, provocado por desentendimentos entre os pais. Os gêmeos Marcos e Marcio estão desaparecidos de casa desde que foram abandonados pela mãe. Segundo o pai, o picolezeiro José Aurélio Pereira dos Santos, os garotos possivelmente estão no Paraná, levados "ninguém sabe por quem".

Com dezoito anos de crônica policial, realizando diariamente três programas na Rádio Arapuan, com uma audiência invejável, o radialista Enock Pelágio, ex-vereador pela extinta Arena, diz receber constantemente denúncias de menores desaparecidos, alcançando uma média de 8 casos por semana. Revela que o maior número de desaparecimentos é de mocinhas na faixa de 13 a 16 anos, ou de crianças abandonadas na multidão pelas mães ou por pessoas que as alugam para esmolar.

Enock não descarta a hipótese de rapto e acrescenta ao problema uma denúncia mais grave e concreta: nos bairros pessoenses, uma mulher gorda, numa Brasília bege, com placa de Recife, acompanhada de um barbudo, vem propondo aliciamento a menores e até a mulheres casadas, prometendo vagas em uma casa na capital pernambucana, além de dinheiro fácil.

As revelações do radialista mostram que nem todas as queixas são feitas na Delegacia de Menores ou no Juizado. Para ele, existem pessoas ou grupos de pessoas se aproveitando dessa situação de abandono em que se encontram milhares de menores, para tentar aliciá-los para um *emprego*, onde são totalmente exploradas e pervertidas. Há também - na sua opinião - famílias de bem que se aproveitam do problema para levar as mocinhas para as suas casas, para o trabalho doméstico e pessimamente remunerado.

POR QUE FOGEM

A incompreensão no seio da família, a repressão e a arbitrariedade dos pais são fatores importantes para o crescimento do número de desaparecimentos que está se registrando em João Pessoa, mas, ao enumerar todos esses itens, o juiz de menores, Martinho Lisboa, faz logo uma ressalva: a origem de todo o problema é sócio-econômico e essas dificuldades de sobrevivência vêm desagregando as famílias de baixa renda, expondo pais e filhos a situações violentas.

– Em alguns casos - diz o juiz - o jovem procura distanciar-se da família e toma rumo para outros Estados, através de caronas no meio da estrada, sujeito aos riscos comuns a essas aventuras, tornando difícil sua localização.

Frequentemente, quem também dificulta a localização dos menores é a própria família que nega informações ao Juizado e à imprensa. Alguns chegam mesmo a garantir que seus filhos já apareceram quando, na verdade, ainda continuam desaparecidos. Isso ocorre, quase sempre, porque a família sabe os motivos do desaparecimento e tem medo de revelá-los.

Na faixa populacional de baixa renda ou renda nenhuma, o desaparecimento destas crianças se dá normalmente em decorrência do desamparo existente no meio familiar. O menor, às vezes, deixa de voltar para a casa, ou porque ficou na rua ou até mesmo por ter sido recolhido às dependências do Juizado, permanecendo dias sem que ninguém lhe procure.

O DRAMA DE CADA UM

O drama íntimo de cada criança, vivido num contexto de decepções, desgraças e irresponsabilidade social é, na opinião do desembargador Mário Moura Rezende, a constatação mais óbvia que se pode fazer na tentativa de explicar tantos desaparecimentos. Segundo sua opinião, a componente psicológica no desajustamento destes menores tem que ser vista como prioritária. E explica:

– A educação dada atualmente relega ou omite os ensinamentos espirituais, concorrendo para que a criança cresça interiormente vacilante, indecisa, intranquila ou revoltada. Isso, quando se fala de lares relativamente estruturados e não de lares em que a miséria e o pauperismo não permitem uma convivência social e familiar normais.

Mário Rezende enumera ainda outros fatores igualmente determinantes de tamanhos desajustes: para ele, o sentimento fatalista do tempo, provoca um impacto enorme no mundo emocional do pubescente, de tal maneira que se produz de forma irremediável uma rutura com a escala de valores iniciada na vida familiar. E arremata:

– Se na vida familiar não foi possível se fixar qualquer valor importante e permanente, o assunto assume proporções de um problema gravíssimo, uma vez que a fuga do lar, a revolta e até mesmo o comportamento anti-social surgem como consequências normais desse estado de desordem.

De modo quase didático, o ex-juiz de Menores da capital explica que a fuga das crianças e adolescentes poderiam se restringir a fatores endógenos, ligados ao temperamento da criança, comportamento dos pais, situação econômica e moral da família; e a fatores exógenes, representados pelo mundo-cão que os cerca, transformando suas vidas num verdadeiro pesadelo dentro de uma sociedade existencialmente consumista e insensível à miséria alheia.

LETRAS

Carlos Romero

As multinacionais só se interessam pelo faturamento e não pela saúde

"Nós Somos o Que Comemos" - esté é o *slogan* que serve de *leit-motiv* nessa obra do professor José Geraldo Vergueiro, médico nutricionista, assistente da Faculdade de Medicina e professor de Higiene Militar.

Seu livro Nutrição Perfeita, que está sendo relançado em 5ª edição pela *Editora Barão de Itararé*, sediada em Goiânia, Estado de Goiás, - é um trabalho utilíssimo, sobretudo para o homem agitado e preocupado dos nossos dias.

O Autor, *expert* em nutrição, depois de longas e pacientes pesquisas científicas, chegou à conclusão de que "de uns sete mil anos para cá, os homens foram ficando com falta de vitaminas por andarem vestidos e abrigados, quando para a fixação delas é preciso muito sol sobre a pele de todo o corpo".

Na opinião do renomado nutricionista, "as multinacionais de medicamentos não se interessam pela cura dos doentes e sim pelo faturamento".

E aqui vai um conselho do professor Vergueiro: "Nada comer dos hidrocarbonatos-arroz, feijão, batata, cereais, farinhas, farinha de trigo e o que as contenha (pão, biscoito, bolacha, bolo, massas, macarrão, coisas à milanesa, croquetes, pasteis etc).

Quanto aos doces, nem se fala...

NOVIDADES QUENTES DAS LIVRARIAS

A Atlântida - Platão - Lançamento da Hemus. Ao longo da tradução do texto, que acompanha de perto o original grego, bem como na Introdução, procura-se fazer o paralelo que faltava entre a tradicão pitagórica, tal como continuada por Platão, e aspectos da ciência moderna, que não só confirmam a sabedoria tradicional, como servem para abrir um novo diálogo com a ciência, à procura de sua Síntese.

Moderna Ficção Brasileira - **Vol. 2 - Malcolm Silverman - Lançamento da Civilização Brasileira - Minuciosa pesquisa das obras, tantas vezes díspares e conflitantes em suas tendências estéticas e objetivos artísticos, de Antônio Torres, Dinah Silveira de Queiroz, João Antônio, João Ubaldo Ribeiro, Josué Montello, Lygia Fagundes Telles, Murilo Rubião, Orígenes Lessa, Otto Lara Resende, Rubem Fonseca e Sérgio Sant'Anna.**

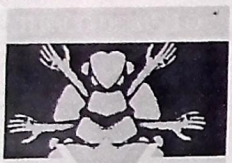
As Aparições do Dr. Salu - Guido Guerra - Lançamento da Civilização - Trata-se de uma 4ª edição ampliada. - "É um livro digno, cuja ternura humana jamais se deixa dominar pelo pieguismo ou a condescendência. O autor, ficcionistas baiano, já com vários livros publicados, com seu humor, sua visão crítica, bem pode ser considerado um êmulo baiano de Gogol.

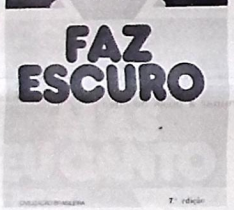
Sem Sal - **Giselle Manuela da Silva Prado - Lançamento da Melhoramentos - O livro tem como subtítulo "Coma bem e viva melhor". O prefácio da obra coube ao médico Dr. Mário de Moraes Rossetti, para quem "o consumo de alimentos ricos em sódio pode ser um dos fatores causadores ou agravantes da hipertensão arterial". Como se sabe o sal agrava as moléstias cariovasculares, a hipertensão arterial etc.**

Sem Sal - **apresenta uma numerosa lista de receitas, evidenciando, assim, que sem sal as comidas podem ser saborosíssimas...**

Armance - Stendhal - A Nova Fronteira está lançando, na Coleção Grandes Romances, *Armance* - de Stendhal. Retrato implacável de um drama pessoal e ao mesmo tempo de alienação de toda uma classe social.

Por que eu? - **Rose Kushner. É um lançamento da Summus. Tem como subtítulo: "O que toda mulher deve saber sobre o câncer do seio". É um livro realista, mas, ao mesmo tempo, abre perspectivas de esperanças às vítimas do mal, em função do progresso na detecção precoce e dos avanços nas pesquisa .**





OS LIVROS MAIS VENDIDOS

Segundo pesquisa feita pelo colunista nas nossas livrarias, os livros mais vendidos, na última semana, foram:

1 - *Henfil na China* - Henfil
2 - *O crepúsculo do macho* - Fernando Gabeira
3 - *A falta que ela me faz* - Fernando Sabino
4 - *Memórias de Adriano* - Marguerite Yorcenar
5 - *As ondas* - Virgínia Woolf
6 - *Entradas e bandeiras* - Fernando Gabeira
7 - *Um homem* - Oriano Fallaci
8 - *Absalão, Absalão* - William Faulkner
9 - *O que é isso companheiro* -Gabeira
10 - *Viver é amar* - Simmel
11 - *O desafio mundial* - Servan Schreiber
12 - *Profeta do passado* - Daniken

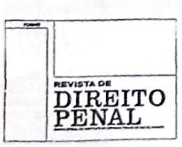
Correspondência - Carlos Romero - Av. N.S. dos Navegantes, 792 - Tambaú - João Pessoa - Paraíba - Telefone: 226.1061





Estante jurídica

Revista de Direito Penal



A Forense está lançando o volume 29 da *Revista de Direito Penal*, órgão oficial do Instituto de Ciências Penais do Rio de Janeiro e Conjunto Universitário Cândido Mendes.

O estudo com que se abre a presente edição, está dedicado ao importante tema das alternativas da pena privativa da liberdade, hoje na ordem do dia. A falência completa da pena privativa da liberdade tem conduzido as legislações modernas à busca de alternativas para evitar o encerramento, nos vários momentos de atuação do sistema.

Parece importante examinar o assunto, com vistas à próxima reforma de nosso código penal, à luz da realidade brasileira, para ver se seria realmente possível e conveniente importar novidades.



QUERO ME APOSENTAR !!!

Tudo bem, tudo legal, professores machos podem se aposentar depois de trinta anos de serviço, professoras fêmeas depois de 25, boneca num se aposenta nunca, tudo OK. Só um detalhe: porquê esse privilégio? Dizem que os professores têm atividades extra classe, como por exemplo, corrigir provas e fazer greves. Certo! Por mim, o projeto tá mais do que aprovado. O que quero é puxar a brasa pra minha sardinha. APOSENTADÓRIA PRA SOFRIDA CLASSE DOS JORNALISTAS.

A gente trabalha pra se lascar, sem feriado nem dia santo. Dia Sete de Setembro, lá estamos nós, cobrindo a parada. Sexta feira Santa, lá estamos nós, cobrindo a procissão. E assim por diante. Qualquer coisa importante que aconteça no sábado ou domingo, a classe dos alunos de Gutemberg, está lá, de caneta em punho, pronta a anotar tudo. E se aposenta com quantos anos? Nunca! Dou uma assinatura grátis de qualquer jornal do país, a quem me trouxer aqui na redação um jornalista nordestino aposentado! (Detalhe! morto num vale, pois morto se aposenta naturalmente).

Portanto, senhores deputados, vereadores, senadores, etc, vocês que estão sempre nas páginas dos jornais, graças a gente, vê se fazem algo nesse sentido. A gente precisa se aposentar! Nós não temos quatro meses de férias como os professores! Quando muito, temos um! Nunca fizemos greve. Os professores fazem. E quando não são eles, são os alunos. Temos amor, dedicação, por nosso trabalho. Muitos professores trabalham apenas pela grana. Arriscamos nossas vidas no cumprimento de nossa missão. Eu por exemplo, quando era "copidesque" da página policial de um jornal cujo nome não merece ser citado, me vi com um revólver na cara, sem ter feito nada! Apenas por ter burilado a matéria que um repórter havia trazido. De vez em quando somos processados. Porisso, queria que os colegas levassem esse meu comentário a sério, e lutassem por nossos direitos de aposentadoria. Pelo nosso ritmo de vida, teríamos por justiça, direito aos vinte anos. E não vamos nos ofender de maneira nenhuma, se as jornalistas fêmeas se aposentarem antes de nós. Sabemos que as mulheres são mais frágeis. Lanço o berro: QUEREMOS REGULARIZAR NOSSA APOSENTADORIA!!!

DEFINIÇÃO

É a palavra da moda: CASUISMO. Muita gente perguntando-se e perguntando aos outros o que vem a ser isso. Explico já: é um bocado de ISMO querendo criar um caso. Satisfeitos?

PROVÉRBIOS DA SEMANA

"Quem tem telhado de vidro, num joga pedra no do vizinho"
"Quem tem rabo de palha não toca fogo no dos outros"

DIA "GAY"

Bonecoso painel, comemorava dia desses o Dia Internacional do *Orgulho Gay*. Não sei se houve manifestações outras, nem me interessa saber. Nada tenho contra a classe, mas quero distância. Detalhe: reconheci o estilo da pintura da Epitácio Pessoa. Até tu, esse menino!!! Bem que me disseram!!!

BINGOS

Num tou querendo assombrar, nem botar terra nas coisas de ninguém, mas é bom o pessoal que gosta de bingo se certificar de que os mesmos estão na verdade legalizados, pois tá uma enchente...! Eu mesmo já contei 10. Até agora não comprei nenhuma cartela. Eu não sou cego, mas desconfio de esmola grande...

PAPIM

Entreauvido na sala de parto da Maternidade:
- É menino ou menina?
- Bom... Até agora é homem. Mas quando ele crescer, decide...

NOVA PROFISSÃO

Aberto um novo mercado de trabalho pra as bichas brasileiras: a de *garota propaganda*. Atuando atualmente nos vídeos tupiniquins, ou mais precisamente na Globo que é a única que a gente vê, temos a do BOM BRIL, a da MESBLA, a da WALITA e a do DENOREX, uma velha "tia", ridícula...

SUGESTA

Sugiro às autoridades competentes, aos altos mandatários do país, por aí assim, que façamos em 82, o *ANO DO EFICIENTE FÍSICO E MENTAL*. Será que daria pra juntar um mil no país todo?

A QUEM INTERESSAR POSSA

A quem interessar possa, comunico que não tenho nada que possa interessar a quem interessar possa. Tenho dito.

□ "INOCÊNCIA"

Genival Lacerda, querendo dar uma de engraçado e "inocente", bem como tirar o corpo - fora da jogada, dando entrevista dizendo que "detesta música de duplo sentido, e que é pela música nordestina pura". E DE OLHO NA BOUTIQUE DELA? Por acaso *boutique* não tem outra conotação aí no caso, não? E ELA DEU O RÁDIO? Algum inocente vai pensar que se trata de rádio, mesmo? Vai com esse papo para cima de outro Genival! Pra mim, num cola não...!



Greve de jornalista deve ser mais ou menos assim.

CARTA DA SEMANA

Estimado Anco Márcio - Pensei muito antes de lhe escrever. Passei noites insones: escrevo ou não escrevo? Como será que ele vai me receber? Será que ele gosta de meu tipo? Será que ele não prefere as louras? Será que ele está acreditando naquelas horríveis fofocas de que estou de caso com o Roberto Carlos? Anco: eu te amo com todas as minhas forças! O que sinto está acima de mim. Tinha que extravasar. Todos aqui na Globo sabem disso, e me aconselham a ficar com o Roberto, que, segundo elas, ganha mais do que tu. Mas eu não quero, não quero, não quero!!!! Desejo você, sonho com você: Ame-me por favor! MIRIAM RIOS - RIO

RESPOSTA - Minha doce criança: há muito tempo que sabia de tua paixão. Tonia Carrero ligou lá pra casa contando tudo. Na última noite que passei com Cristiane Torloni, ela fez uma tremenda cena de ciúmes. A Glorinha Pires, não me deixa em paz. Lídia Brondi, está hospedada no Tambaú à minha espera. Minha vida está sendo um inferno. Por favor, minha doidinha Mirian, fica com Roberto! Ele tem muito mais que te dar. E vou te confessar uma coisa: é verdade; ele ganha muito mais do que eu. Esqueça-me por favor.



Primeiro dia de experiência de Zona Azul... Tá bom de mudar de cor...

COISAS DO AMOR:



...ter dois meninos por ano. Um em janeiro, outro em Dezembro...

DEU NO HUMORÍSTICO DA TV:





Ai, Worthington, aparece por aqui...!

TASCARAM NO JORNAL



Mas isso eu sei desde que nasci! O problema é dinheiro pra comprar comida, gente boa...!

UMA MEDICINA BARATA E POPULAR



À procura às farmácias aumenta cada vez mais, na medida em que a baixa renda familiar diminui a saúde do povo brasileiro

Acrescentando uma alternativa de sistema de cura entre a população brasileira - doente ou sadia - vive-se no país o que o professor carioca Alfredo Vervloet chamou de "explosão da homeopatia". O seu estilhaço foi o 1º Encontro de Estudantes Interessados no Estudo da Homeopatia, há quatro anos atrás, no Rio de Janeiro, quando 217 acadêmicos discutiram o assunto - um número duplicado oitos meses depois com outro encontro, então em Juiz de Fora.

Mas, a homeopatia no Brasil já era apoiada, embora bem minoritariamente, há anos atrás, por personalidades como Ruy Barbosa, Monteiro Lobato e Luís Carlos Prestes. Este, entusiasmado, nos anos 30, chegou a disseminar na União Soviética os achados do alemão Samuel Hahnemann. Foi Hahnemann que, por volta de 1790, sistematizou essa terapêutica médica.

O edifício da homeopatia está assentado em quatro pilares: experiência no homem são; lei dos semelhantes; doses mínimas; e medicamento único. No *ABC da Homeopatia*, o pediatra paulista Waltencir Linhares discorre sobre a experiência no homem são:

"De que outro modo você poderia conhecer a *verdadeira ação* de uma droga sobre o ser humano? Experimentando-a nos doentes? Nesse caso você não poderá está seguro do que se deve à droga, à doença ou aos dois. Experimentando em animais? Com todo o carinho que me merecem, por favor, não me compare... Hahnemann começou experimentando-do em si mesmo. Primeiro experimentou a quinquina e verificou que, enquanto a tomava, sentia uma série de sintomas 'semelhantes' àqueles da febre intermitente. Ora, a quinquina oferecia ótimos resultados no tratamento da referida febre. Raciocinou então: não será esse efeito devido ao fato de provocar uma sintomatologia 'semelhante' no homem são? Experimentou o enxofre e verificou que produzia uma erupção cutânea 'semelhante' àquela que era capaz de curar. Com o mesmo espírito de observação, experimentou a beladona, o mercúrio, a ipecacuanha, a digitalis... confirmando seu raciocínio inicial".

Então, ficou oficializada na prática, a *Lei dos Semelhantes*. Os semelhantes curam os semelhantes. A um doente de malária que tenha os sintomas de febre, sede, calafrios, suores, face vermelha, será dado o quino, experimentado por Hahnemann, remédio que produz sintomas semelhantes.

Linhares, referindo-se à questão das doses mínimas, lembra que, ao transportar para a prática os conhecimentos a partir da experiência no homem são e da lei dos semelhantes, Hahnemann verificou que, nas doses habituais, algumas vezes a ação da droga agravava muito enfermo e passou a diminuí-las. Com espanto observou que tanto mais diluída, maior era a ação curativa e menores as agravações. Se Hahnemann espantou-se, imagine os ortodoxos da alopatia! Como acreditar que uma diluição em que o soluto ultrapassou o número de Avogadro, possa ter efeito medicamentoso? Só experimentando. Cabe perguntar àqueles que duvidam da ação de um medicamento em diluição elevada: já leu algum relato de pessoas alérgicas à rosa, que sofrem uma crise de asma ou rinite quando entram em um recinto com 20 metros quadrados por 3 metros de altura onde existe uma rosa? Em que "diluição" estaria esse perfume? Responde Waltencir Linhares: "realmente, só experimentando"...

Quando ao último pilar do edifício (o medicamento único), toda pessoa - dizem os homeopatas - tem um medicamento preferencial, "de fundo", que age em sua energia vital. É o medicamento único. A principal tarefa do médico é encontrar o remédio certo para seu paciente.

Assim é que a homeopatia não admite especialistas, nem trata de doenças localizadas. Uma gastrite, por exemplo, é considerada um problema de todo o organismo, e não apenas do estômago. Para tratá-la, o médico tenta descobrir as causas mais remotas do mal - se o paciente é ciumento, por exemplo - e define o remédio para todo o corpo.

□□□

O médico Alberto Seabra, falecido em agosto de 1934 aos 60 anos de idade, deixou o *Esculápio na Balança*, verdadeiro libelo acusatório à orientação alopática de sua época, como o fora o *Organon da Arte de Curar* (a "Bíblia" dos homeopatas), de Hahnemann, outro libelo - esse de 1810 - eternamente sem resposta. Outro livro importante legado por Seabra é *Higiene e Tratamento Homeopático das Doenças Domésticas*, um guia seguro por assunto.

Seabra frisou como a homeopatia cura suavemente, sem prejudicar órgãos nem funções. A convalescença dos doentes tratados pela homeopatia é, por assim dizer, imediata. "O convalescente não se arrasta penosamente, durante alguns dias, fraco, cheio de dores, de estados aflitivos, com língua suja, etc. Longe disso. Ele põe-se rapidamente sem incômodo ou acidente de qualquer natureza. Isso, naturalmente, porque a cura se deu sem agressão violenta de drogas que deixam traços de medicamentos, que continuam atacando o organismo ainda depois que a moléstia foi curada".

Muita gente, não suficientemente informada sobre o assunto, pensa que a homeopatia cura somente as doenças leves, de pouca gravidade. Para Seabra, isso é um preconceito: "Ela cura as doenças mais graves, como o *cholera morbus*, a febre amarela, a peste bubônica. Os seus recursos se estendem a todas as moléstias conhecidas, e *todas as estatísticas elaboradas sobre qualquer moléstia dão ganho de causa ao tratamento homeopático*. Não se conhece uma só doença em que a porcentagem de curas homeopáticas não exceda à da escola alopática".

Em 1837, por ocasião de uma epidemia de *cholera morbus*, em Viena, ficou comprovada oficialmente nos hospitais a superioridade do tratamento homeopático. Desde então a homeopatia alastrou-se por toda a Europa, Estados Unidos, e também no Brasil, em 1940, com a chegada ao Rio de Janeiro do médico francês Mento Mure.

Alberto Seabra insistiu em que "as curas homeopáticas são negadas por espíritos de sistema, por ciúmes de escola, por sectarismo. É pena que assim aconteça, que se procure negar a homeopatia com grande prejuízo do povo. A medicina é coisa cara; caro os remédios e caro o serviço médico. A homeopatia tem a vantagem de ser medicina popular, barata, acessível a todas as bolsas, de ser manejada, nas doenças comuns, por qualquer pessoa de boa vontade, que estude com cuidado manuais e guias homeopáticos. Ora, todas as pessoas que compuserem esses manuais e guias, que se puserem a fazer o tratamento das moléstias mais simples, seguindo-lhes a indicação e os conselhos, verificarão as excelências deste método, que cura prontamente, sem arruinar a bolsa do cliente".

□□□

Apesar da homeopatia estar oficializada pela Associação Médica Brasileira, de ser reconhecida como especialidade, e da Previdência Social dar sinais de querer adotá-la nos postos do Inamps, há um grande temor, por parte dos homeopatas, de que a política das multinacionais possa novamente impedir seu uso oficial, como aconteceu na Europa e nos Estados Unidos. O maior centro homeopático do mundo localiza-se na Argentina, que guardou seus fundamentos tradicionais e cujos trabalhos são fiéis aos ensinamentos de Samuel Hahnemann.

Em João Pessoa existe um pequeno grupo homeopático que vem realizando estudos deste 1978 e que persiste sob a orientação de um médico paulista com clínica em Pernambuco, José Laércio do Egypto. Com a experiência que vem acumulando durante suas experiências, o grupo pensa em fundar um centro, na Paraíba, com o objetivo de fundamentar, solidificar, a prática da homeopatia, que - como acusou em recente entrevista ao *Jornal de Domingo*, o médico paraibano Paulo Tavares - "vem sendo bastante distorcida e invadida por inúmeros laboratórios comerciais".

Paulo Tavares, que é homeopata no Centro Terapêutico da Serra, em Minas Gerais afirmou que o Brasil corre o risco de sofrer mais um modismo, desvirtuando a verdadeira prática da homeopatia.

□□□

A farmácia homeopática não tem segredos. As substâncias usadas são folhas, cascas de árvore, veneno de cobra, minerais e produtos farmacêuticos - sempre citados pelo seu nome científico. O *aurum metallicum*, por exemplo, é o ouro, que os árabes já usavam na Idade Média para combater depressões ou moléstias do fígado. Um remédio feito com ouro, porém, não é caro como se supõe: uma grama dá para fabricar milhares de glóbulos.

A matéria-prima, em geral, é pouca. O *lachesis*, por exemplo, um dos remédios mais usados, é feito a partir de uma gota de veneno da cobra surucucu. O problema é achar o veneno. O Instituto Butantã, em São Paulo, tem apenas uma surucucu, guarnecida por um ciumento pesquisador. Por isso farmacêuticos de homeopatia chegaram à conclusão de que é mais fácil arranjar uma cobra em Mato Grosso do que esperar pelo veneno do Butantã.

O veneno da surucucu é usado contra males variados - de infecções a sonolência após as refeições. Mas homeopatia é assim mesmo: propõe-se curar, com um só remédio, os males mais disparatados e exótico: Isso pode ser constatado no *Guia de Medicina Homeopática*, do dr. Nilo Cairo, já falecido. Ali se fica sabendo; contra os maus efeitos das coisas, bons remédios. Mau efeito causado por injúria, por exemplo, combate-se com *staphisagria*. Mau efeito do luar? *Thuya*. Se alguém tem "medo de parecer ridículo?, deve tomar *paladio*. Se o paciente é teimoso, *silícia*.

Mas, um dos medicamentos mais usados pelos homeopatas é a noz-vômica. É um remédio pra pessoas tensas e teimosas. É usado contra intoxicações, hipocondria, neuroses, gastrite crônica, dispepsias e hérnias.

Uma associação da homeopatia com a alopatia?



Pedro Gomes: "Há prescrições de remédios que pioram a saúde do doente"

Dizendo que "os laboratórios brasileiros antigos, absorvidos pelas multinacionais, adotavam a exploração da flora na fabricação de medicamentos", o médico-psiquiatra Pedro Gomes defende a necessidade dos médicos alopatas conhecerem a homeopatia e o uso da planta medicinal.

Ele reconhece a existência de "um exagero de medicação que, certamente, é o produto da própria propaganda de laboratórios sobre a classe médica brasileira, levando-a a entrar no sistema de forma indireta".

Pedro Gomes acha "interessante testarmos a homeopatia, para vermos a sua validade. Com a tradição de tanto tempo de uso, se a homeopatia fosse falsa já teria sido eliminada, evidentemente".

O psiquiatra paraibano aponta uma vantagem da homeopatia: o aspecto econômico, pois o tratamento fica mais barato. Diz que se ela for realmente uma boa terapia - "o que acredito que é" - seria viável um conhecimento seu maior por parte dos médicos. Considera, inclusive, que - com a pesquisa dos dois métodos de cura - pode-se associar a homeopatia à alopatia.

DESESTÍMULO

Para Pedro Gomes, a visão capitalista dos laboratórios, sempre em busca dos lucros, exerce um papel de desestímulo de qualquer pesquisa ou prática de medicina alternativa, como a homeopatia e a medicina chamada de caseira.

"Sabemos" - explica - "que o chá, o lambedor, por exemplo, foram usados no passado para curar. Então, a medicina caseira poderia ser levada a um estudo científico mais sério. Mas, não há qualquer esforço dos meios acadêmicos para fazer as pesquisas no sentido de dar um aproveitamento do que há de útil nesse gênero de terapia".

Ele frisa a questão da absorção dos antigos laboratórios brasileiros, que utilizavam a flora, pelas multinacionais, permitindo que "os remédios sintéticos tomasse conta do mercado e da indústria, sobretudo por conta do jogo das empresas estrangeiras que fabricam essas medicamentos". No Brasil, um laboratório fabrica um medicamento, mas sua matéria-prima vem de outros países. As matrizes das multinacionais fornecem a matéria básica tanto para os laboratórios brasileiros como para suas filiais no Brasil.

"A indústria farmacêutica", continua, "é muito sofisticado e tecnológica, e nós confiamos demais no que é tecnológico. Isso não acontece apenas com os remédios, mas também nos exames médicos. A cada dia, o médico é menos um bom semiólogos; sabe palpar menos; não vê diretamente pelo exame físico o diagnóstico do paciente, recorrendo sempre à aparelhagem tecnológica. Esse fator, inclusive, favorece sobretudo o encarecimento do tratamento médico, tanto o particular como o da Previdência e, em última análise, desfavorece a clientela, principalmente a mais carente de recursos".

ECONOMIA

Pedro Gomes acha que o padrão de cura atual, pela medicina tradicional, não corresponde à nossa realidade econômica, levando-se em conta o nível de renda da população. "Por isso, muitas vezes, o médico tem consciência de que, geralmente, não podendo prescrever a medicação necessária ao paciente, por conta desse fator econômico, a prescreve, deixando o cliente com a responsabilidade de resolver a situação por ele mesmo".

Ele ressalta a automedicação. Existe, segundo o psiquiatra, o hábito de farmacêuticos exercerem o papel de médico, tanto nas pequenas como nas grandes cidades; isso por conta das dificuldades de acesso aos médicos. O paciente procura, então, uma pessoa praticamente leiga, com conhecimento empírico, que desconhece o lado científico e os efeitos colaterais dos medicamentos.

Pedro admite mesmo que um tipo de consulta de um paciente a um médico pode hegar até a piorar a situação da saúde do cliente. Dois aspectos são apontados como explicação desse fator: o excesso de medicação, que causa efeitos colaterais, e - pelo lado psicológico - o aspecto econômico.

"Se levarmos em conta, por exemplo, que os produtos que contêm cimetidina, muito prescritos para a cura da úlcera, custam, em média, mil cruzeiros a caixa, e se lembrarmos que consumente isso afeta o fator psicológico do paciente, relacionado com os seus problemas econômicos, a prescrição desse medicamento piora a saúde do doente".

Como alternativa, Pedro Gomes defende também a medicina preventiva, achando que as escolas devem ensinar bons atos de higiene e adotar disciplinas especializadas para orientação na precaução de enfermidades. Acentua, entretanto: "Isso só será possível com um padrão de vida mais elevado do povo brasileiro, porque para se ter moradia, saúde e educação contínuas, é preciso que se tenha também uma renda contínua".

HORÓSCOPO

MAX KLIM

ÁRIES

- 21 de março a 20 de abril - *Os próximos dias reservam ao ariano aspectos benéficos quanto ao trato pessoal e indicações de alguma desfavorabilidade na terça feira para viagens ou mudanças temporárias. Seu temperamento inquieto marcará de forma notável estes seus próximos dias. Acautele-se quanto a atitudes tomadas de forma precipitada. Posicionamento astrológico neutro para a família. Boas indicações quanto ao amor e sua saúde.*

TOURO

- 21 de abril a 20 de maio - *O taurino viverá dias neutros quanto a sua influência astrológica nesta semana. Nesse quadro você poderá se condicionar a reverter, em seu favor, quaisquer problemas que venham a se opor a plena afirmação de sua capacidade pessoal. Saiba motivar-se construtivamente. Bom momento para o relacionamento mais íntimo. Manifestações de afeto e apreço pessoal. Saúde em período de debilidade e carência de cuidados.*

GÊMEOS

- 21 de maio a 20 de junho - *Os primeiros dias desta semana reservam ao geminiano momentos de certa instabilidade em termos profissionais, com reflexos intensos sobre atividades pessoais. Cautela, nestes dias, com dinheiro e finanças. Após quinta feira haverá uma sensível mudança nesses aspectos com presença de benéfica e vantajosa influência astrológica.*

CÂNCER

- 21 de junho a 21 de julho - *Os indicativos desta semana para o canceriano revelam a predominância de um clima de favorabilidade e boas indicações em todos os aspectos do seu horóscopo diário. Você terá grande satisfação em termos profissionais. Lucros e ganhos. Procure, na terça feira, agir com cautela no trato de assuntos pessoais e domésticos.*

LEÃO

- 22 de julho a 22 de agosto - *O leonino terá, durante esta semana dois momentos de indicações astrológicas da maior monta. Na quinta-feira um posicionamento desfavorável do Sol lhe trará inquietação e desacerto em assuntos pessoais. No final do período, mormente no sábado, você terá grande favorabilidade para a condução de negócios com imóveis ou ligados ao comércio. Vida íntima com boa disposição. Saúde em período neutro.*

VIRGEM

- 23 de agosto a 22 de setembro - *Esta semana traz ao virginiano aspectos altamente negativos no seu mapa astrológico com influência desfavorável de Mercúrio que altera de forma muito acentuada as indicações ligadas a profissão, negócios e família. Você se mostrará facilmente influenciável, tornando-se assim presa fácil de seus próprios complexos e deficiências. Busque motivar-se com maior positividade e confie mais em suas amizades. Saúde regular.*

LIBRA

- 23 de setembro a 22 de outubro - *Durante esta semana, principalmente após a entrada da Lua em Libra na terça feira, você viverá momentos de afirmação profissional em clima de benéficas disposições quanto a sua vida pessoal, seus ganhos e o trato com pessoas estranhas ou desconhecidas. Sua disposição pessoal estará francamente inclinada à aceitação íntima e a vivência doméstica. Saúde em período de consolidação de suas condições gerais.*

ESCORPIÃO

- 23 de outubro a 21 de novembro - *O momento astrológico favorece ao escorpiano em seus aspectos gerais, trazendo-lhe um bom clima em relação ao seu trabalho que será recompensado e solidificado nestes dias. Evite, na terça feira, envolvimento com fogo ou o trato com metais. Boas indicações marcam sua vivência doméstica e os aspectos afetivos. Novos conhecimentos de fascinante atrativo podem ocorrer no período. Saúde em período positivo.*

SAGITÁRIO

- 22 de novembro a 21 de dezembro - *Em meio a uma semana de posicionamento astrológico neutro, o sagitariano encontrará dias de benéficas condições para assuntos ligados a negócios, principalmente os próprios, concluindo com uma segunda feira que lhe é totalmente favorável para o relacionamento íntimo. Procure moldar os próximos dias a sua feição e dentro de seus interesses. Bom relacionamento em família. Saúde em período neutro.*

CAPRICÓRNIO

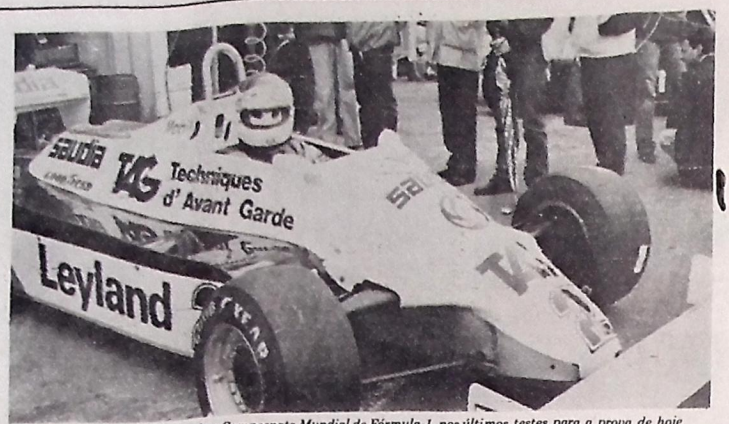
- 22 de dezembro a 20 de janeiro - *A cautela no trato de questões controvertidas e redobrados cuidados com assuntos com os quais tenha pouca experiência, devem marcar as atividades do capricorniano para esta semana que não reflete boas indicações astrológicas. Suas reações se baseardo, na maioria das vezes, em impulsos irreflet idos que podem lhe trazer problemas e desgostos. Vida familiar e amorosa em fase neutra. Saúde regular.*

AQUÁRIO

- 21 de janeiro a 19 de fevereiro - *Para os próximos dias, o aquariano verá concretizadas algumas de suas aspirações rotineiras que envolvam assuntos ligados a terra ou imóveis. Você sofre direta e muito forte influência de Saturno, principalmente após quinta feira. Busque superar pequenas deficiências no relacionamento pessoal evitando atitudes de prepotência e arrogância. Carinho e ternura no trato doméstico e sentimental. Saúde em boa fase.*

PEIXES

- 20 de fevereiro a 20 de março - *O piciano deve precaver-se diante de um clima muito adverso que marcará a sua terça feira, um dia que lhe traz influência astrológica totalmente negativa. Nos demais dias do período as previsões são neutras ou sofrem pequena influência de alguma positividade. Mostre-se mais compreensivo e tolerante diante de colegas e amigos. Vivência doméstica bem disposta. Neutralidade amorosa. Saúde muito boa.*



Reutemann, atualmente liderando o Campeonato Mundial de Fórmula-1, nos últimos testes para a prova de hoje

* Ruim
** Regular
*** Bom
**** Ótimo
***** Excelente

O QUE HÁ DE NOVO



Sean Connery em "Cuba"

NO CINEMA

BUTCH CASSIDY (***) - Produção americana. Direção de Goerge Roy Hill, o cineasta de *Golpe de Mestre*. O filme narra as aventuras de Butch Cassidy e Sundance Kid, personagens lendários do Oeste americano, tendo alcançado grande êxito comercial no fim da década de 60. Música de Burt Bacarah. Com Paul Newman, Robert Redford e Katharine Ross. A cores. 14 anos. No Tambaú. 18h30m e 20h30m.

CUBA (***) - Produção americana. Direção de Richard Lester, o cineasta de *Help!*. No Natal de 1959, últimos dias do regime de Batista, um mercenário americano chega a Havana para treinar as tropas do ditador mas conclui que chegou atrasado, e acaba encontrando uma mulher com quem tivera uma relação amorosa quinze anos antes. Com Sean Connery e Brooke Adams. A cores. 16 anos. No Municipal. 14h30m, 16h30m, 18h30m e 20h30m.

O CORCEL NEGRO (**) - Produção americana. Direção de Carroll Ballard. Uma clássica história de amor de um garoto por seu cavalo, com o qual emociona o país participando da corrida do século. Com Kelly Reno e Teri Garr. A cores. 14 anos. No Tambaú. 14h e 16h.

BACANAL (*) - Produção brasileira. Direção de Antônio Melliande. Estrelado por John Herbert e Aldine Muller. A cores. 18 anos. No Plaza. 14h30m, 16h30m, 18h30m e 20h30m.

VENENOS MORTAIS DE SHAO LIN - A cores. 18 anos. No Rex. 14h30m, 16h30m, 18h30m e 20h30m.

NA TV

GRANDE PRÊMIO DA FRANÇA - FÓRMULA-1 - Com o encerramento da primeira metade do Campeonato Mundial de Fórmula-1 deste ano e o início da fase decisiva, as duas equipes favoritas para a vitória final - Williams e Brabham - são ameaçadas pelas poderosas adversárias Ferrari e Ligier. No circuito de Dijon, hoje, o resultado é imprevisível. Na colocação do Mundial, o argentino Carlos Reutemann continua em 1º lugar, com 37 pontos, seguido por Alan Jones (24 pontos), Nelson Piquet (22 pontos), Gilles Villeneuve (21 pontos) e Jacques Lafitte (17 pontos). Comentários de Reginaldo Leme. Narração de Luciano do Velle. No Canal 10. 6h30m.

GLOBO RURAL - A experiência e o dia-a-dia de um pequeno produtor de hortifrutigranjeiros da cidade de Cotia, na região da Grande São Paulo, serão mostrados em *Globo Rural* desta semana. Ainda, um retrato sem retoques da seca nordestina, que desde 1979 instalou-se definitivamente nesta região, com raríssimos intervalos de alívio. No Canal 10. 10h00m.

TRÊS NUM SOFÁ (**) - Produção americana de 1966, com direção de Jerry Lewis. Chris Pride (Jerry Lewis), pintor, recebe um prêmio de viagem a Paris. Decide aproveitar a oportunidade para se casar com a noiva, Liz (Janet Leigh), e utilizar o prêmio como lua-de-mel. Liz, psicanalista, tem, no momento, pacientes que não pode abandonar: três moças traumatizadas com o sexo oposto. Chris se desespera, mas a sugestão de um médico amigo, Ben, traz-lhe novas esperanças: tentará ele, Ben, recuperar as pacientes, através de um tratamento direto. Ben assume três personalidades diferentes para devolver às moças a confiança nos homens. A cores. No Canal 10. 14h00m.

PLANETA DOS HOMENS - Um dos quadros mais engraçados mostra como é difícil, mesmo, conseguir a presença de um Ministro num programa de TV. No Canal 10. 18h00m.

OS TRAPALHÕES - Os Melhores Momentos dos 15 Anos de Os Trapalhões serão a atração do programa. Para isso, Carlos Alberto da Nóbrega e Luiz Teixeira, redatores, e Maurício Shermann, diretor, selecionaram os quadros que serão apresentados neste domingo. No Canal 10. 19h00m.

FANTÁSTICO - Com muito humor, Luiz Gonzaga canta a verdadeira história de Lampião, e Biafra apresenta uma faixa de seu último LP, Leão Ferido. Na principal reportagem, o Rio de Janeiro se prepara para ser palco de uma experiência que poderá solucionar o problema de superlotação das penitenciárias: 1.500 presos, condenados até oito anos de prisão, serão soltos e colocados sob liberdade vigiada. Juristas, policiais, psicólogos e sociólogos analisam o problema. No Canal 10. 20h00m.

OS GOLS DO FANTÁSTICO - Os gols de fim-de-semana no Brasil e no mundo. No Canal 10. 22h00m.

PSICOSE (****) - Produção americana de 1960, com direção de Alfred Hitchcock. Clássico filme de suspense e o maior sucesso comercial da carreira de Hitchcock. Uma jovem, Marion (Janet Leigh), rouba 40 mil dólares da caixa da loja onde trabalha na esperança de resolver seus problemas e poder casar com o homem que ama, Sam Loomis (John Gavin). Na fuga, Marion se hospeda num pequeno motel à beira da estrada e cujo dono é um jovem conturbado, Norman Bates (Anthony Perkins), dominado pela figura da mãe. Também no elenco, Vera Miles, Martin Balsam, John McIntire e Simon Oakland. Em preto-e-branco. No Canal 10. 22h15m.

ENCONTRO NOS CÉUS - Produção americana de 1944, com direção de George Cukor. Drama focalizando o treinamento de seis cadetes da Força Aérea americana durante a II Guerra Mundial, as missões de bombardeio que lhes são confiadas e as mulheres que os esperam em casa. Com Lon McCallister, Jeanne Crain, Edmond O'Brien, Judy Holliday, Don Taylor, Lee J. Cobb e Peter Lind Hayes. Em preto-e-branco. No Canal 10. 24h00m.

Amanhã

O TRAPALHÃO NAS MINAS DO REI SALOMÃO - Produção brasileira de 1976, com direção de J. B. Tanko. Pilo (Renato Aragão) e Duka (Dedé Santana) ganham a vida em brigas simuladas contra ferrenhos inimigos, empresados pelo cabo Fumaça (Muçum). Depois de assistir a uma luta, Glória (Monique Lafond) contrata os três para uma perigosa expedição as minas do rei Salomão, para tentar encontrar seu pai que havia desaparecido. Também no elenco, Vera Setta, Francisco Di Franco e Milton Villar. A cores. No Canal 10. 14h30m.

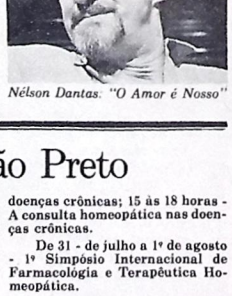
SÍTIO DO PICAPAU AMARELO - De vez em quando surge uma crítica à série *Sítio do Picapau Amarelo*, especialmente se os temas abordados não estão explícitos na obra de Monteiro Lobato, embora partir de um pequeno fragmento dos livros seja uma das possibilidades da equipe de criação. A história que estréia *amanhã não admite observações* neste sentido, a começar pelo título - *As Caçadas de Pedrinho* - e por todo tratamento dado ao episódio, uma adaptação de Marcos Rey, dirigida por Geraldo Casé e Fábio Sabag. A história gira em torno de uma onça que aparece no Arraial dos Tucanos, mobilizando todos os habitantes, que partem para capturá-la. No elenco convidado: Walter Stuart (Julião Bacamarte), Thaís de Andrade (Dudinha) e Alfredo Murphy (Venâncio Saião). No elenco fixo, entre outros, Zilka Salaberry (dona Benta), Jacira Sampaio (tia Nastácia), Reny de Oliveira (Emília), André Valli (Visconde de Sabugosa), Daniela Rodrigues (Narizinho), Marcelo José (Pedrinho), Tonico Pereira (Zé Carneiro), Ivan Senna (João Perfeito) e Edson Silva (Tufik). No Canal 10. 17h30m.

O AMOR É NOSSO - Novela com um *timing* próprio para às 7 da noite, escrita por Roberto Freire e Wilson Aguiar Filho. Com Fábio Júnior, Araci Cardoso, Nelson Dantas, Ney Sant'Anna, Miriam Rios, Pepita Rodrigues, Buza Ferraz, Stênio Garcia, Stepan Nercessian, Tônia Carrero, Fernando Ramos da Silva (o *Pizote* do cinema), Ariel Coelho, Júlio César, Rosana Garcia, Kátia D'Ângelo, Cristina Aché, Marlene, Osmar Prado, entre outros. No Canal 10. 19h00m.

VIVA O GORDO - Em *Viva o Gordo* desta semana estão em foco as invenções e os inventores. Abrindo o programa e apresentando, a seguir, alguns esquetes, o tema é desenvolvido, como se espera, da forma mais alegre e bem-humorada. No quadro do Reizinho, a ele é entregue, simbolicamente, a chave do Congresso. E para estarrecimento e espanto de alguns imortais presentes, Bo Francineide irrompeu, como uma avalanche, no recinto da douta e solene Academia Brasileira de Letras, onde propõe apresentar o seu *pornô-strecp-tease-show*. No Canal 10. 21h10m.

JIM JONES, O PASTOR DO DIABO - 1º CAPÍTULO (***) - A vida do enlouquecido líder Jim Jones é contada, desde sua juventude até a morte, no especial *Jim Jones, o Pastor do Diabo - A Tragédia da Guiana*, apresentado em *Semana Um* de amanhã até quinta-feira. Para a crítica americana Judith Crist, da reviata *TV-Guide*, o filme é um dos 10 melhores produzidos diretamente para a TV no ano passado. Filmado em locações na Georgia e em Porto Rico, com direção de William A. Graham, traz Powers Boothe como Jim Jones, tendo ao lado atores como Ned Beatty, James Earl Jones, Brenda Vaccaro e Diane Ladd. Música de Elmer Bernstein. A cores. No Canal 10. 22h10m.

RAÍZES QUE NÃO MORREM - Produção inglesa de 1978, com direção de Jack Gold. Inglaterra, na era vitoriana. Um marinheiro, William Targett (Tom Bell), casa-se com uma princesa negra africana, Tulip (Shope Shodeinde). O casal vai viver numa pequena aldeia no interior e é hostilizado pelos habitantes locais. A cores. No Canal 10. 24h00m.



Nélson Dantas: "O Amor é Nosso"

Homeopatia em Ribeirão Preto

Estudantes, médicos e farmacêuticos de todo o país poderão participar da 1ª Semana Homeopática de Ribeirão Preto, a ser realizado entre os próximos dias 27 de julho e 1º de agosto, no Umuarama Recreio Hotel, daquela cidade. A Semana será desenvolvida pelo professor e doutor francês Denis Demarque de Bordeaux, que virá da Europa, havendo tradução simultânea.

A programação será assim seguida:

27 de julho - 9 às 12 horas - Metodologia experimental e conceitos fundamentais da homeopatia; Como estudar a matéria médica homeopática; 15 às 18 horas - A consulta homeopática nas doenças agudas.

Dia 28 - 9 às 12 horas - Noções de semiologia; 15 às 18 horas - Importância do diagnóstico patológico, da similitude anátomo-patológica e dos dados toxicológicos.

Dia 29 - 9 às 12 e 15 às 18 horas - Os tipos sensíveis - Exemplos.

Dia 30 - 9 às 12 horas - As doenças crônicas; 15 às 18 horas - A consulta homeopática nas doenças crônicas.

De 31 - de julho a 1º de agosto - 1º Simpósio Internacional de Farmacologia e Terapêutica Homeopática.

As informações e inscrições podem ser solicitadas à Representação Regional da Associação Paulista de Homeopatia - Rua Florêncio de Abreu, 681 - Conjunto 1003 - CEP 14.100 - Ribeirão Preto, SP - Teoefone: 625-8786 (DDD 016).

A UNIÃO

HÁ 50 ANOS

Ivan Lucena

Continua o campeonato de "foot-ball"

No dia 5 de julho de 1931
A União publicou

Bater-se-ão hoje no campo das Trincheiras as fortes esquadras do "Cabo Branco Futebol Clube" e "Pytaguares", promettendo o jogo muita animação.

Os juizes da peleja são os srs. Aluysio Franca, dos primeiros quadros e Luis Spinelli dos segundos quadros.

Representará a Liga Desportiva o sr. Marqueburgo *Carneiro*.

Os jogos dos segundos quadros começará sem falta ás 13,40 e o dos primeiros *teams* ás 15,20.

A PARAHYBA AO CAMPEONATO BRASILEIRO DE "FOOT-BALL"

Na proxima terça-feira estará reunida, em sua séde social, á praça 1817, n. 233, a directoria da Liga Desportiva Parahybana, para tratar dos ultimos preparativos para a disputa do 8º Campeonato Brasileiro de "Foot-Ball".

Nesta reunião será definitivamente organizada a embaixada parahybana áquelle certamen nacional.

Segundo consta, a embaixada parahybana será composta além de outras, das seguintes pessôas:

Dr. Manuel Moraes, dr. João Santa Cruz, Anchises Gomes, Luiz Franca Sobrinho, Luiz Spinelli, Raul Aguiar ou José Braz, Antonio Simões do Nascimento, José dos Santos Coêlho,! Antonio do Valle Mello, Fernando Pinto Seixas, Renato Amaral, Flávio de Carvalho, Hermes Aguiar, José dos Reis, Rivaldo de Holanda, Antonio Roberto, Henrique do Nascimento, Dante Grisi, Luiz da Silva ou Manuel Deodato e Henrique de Almeida.

A embaixada pebolista parahybana deverá deixar esta capital com destino a Recife, na proxima sexta-feira em automoveis.

******

ACÇÃO CONTRA BOATEIROS

A policia está agindo rigorosamente contra os boateiros.

Ainda hontem fôram detidos varios individuos que espalhavam boatos infundados, estando os investigadores na pista dos demais. Entre os detidos se encontram o barbeiro João Xavier, conhecido por "João Corrimboque" e Antonio Correia, conhecido por "Antonio de Candinha".

******

RELATORIO SOBRE A LUCTA DE PRINCEZA

(Conclusão)

... Concluindo este trabalho, julgo-me, sr. dr. Interventor desobrigado da incumbencia que v. exc. me confiou. Ficaria confortado se, além da convicção de ter cumprido o meu dever, dentro das minhas limitadas possibilidades, tivesse a certeza de haver correspondido á generosa expectativa e elevados intuitos de v. exc. Resta-me expressar perante v. exc. o meu reconhecimento pelo valioso e intelligente concurso prestado na apuração dos factos pelo dr. Praxedes da Silva Pitanga, digno promotor desta comarca, assim como pela dedicação desinteressada e inexcedivel capacidade de trabalho do tabellião Antonio Rodrigues Lima Amaral, escrivão designado, a quem faço a justiça de affirmar ser um serventuario modelo.

Princeza, 6 de abril de 1931. *José de Farias* - Juiz de Direito.

Jim Jones
O Pastor do Diabo



Powers Boothe é Jim Jones

Nos últimos dias de novembro de 1978, o mundo foi surpreendido por um macabro acontecimento. No interior da Guiana, mais de 911 pessoas estavam mortas - assassinadas ou induzidas ao suicídio - por responsabilidade direta de um fanático, o reverendo Jim Jones, líder da seita religiosa americana Templo do Povo. Este fato, mais terrível do que qualquer ficção, seria comparado pela imprensa internacional aos dois maiores suicídios coletivos da história: no ano 79, os 964 defensores hebreus de Masada se mataram e, no final da II Guerra Mundial, mil japoneses se atiraram do alto de uma colina em Saipan, assim que as tropas americanas chegaram à ilha. Mas, nestes dois casos, fôra uma guerra que precipitara a tragédia, enquanto, nas selvas da Guiana, apenas um homem com suas loucas fantasias causara a morte de homens, mulheres e crianças.

A vida deste líder enlouquecido, desde sua juventude até a morte, é contada no especial *Jim Jones, o Pastor do Diabo - A tragédia da Guiana*, que a Rede Globo apresentará em *Semana Um*, de amanhã a 5ª feira às 22h10m. Para a crítica americana Judith Crist, da revista *TV-Guide*, o filme é um dos 10 melhores produzidos diretamente para a TV no ano passado, indo "muito além do óbvio sensacionalismo, para traçar os 20 anos de ascensão e queda de Jim Jones e seus seguidores".

Filmado em locação na Georgia e em Porto Rico, este especial tem texto de Ernest Tidyman, o roteirista de *Operação França* (que lhe valeu o Oscar) e *Shaft*, entre outros. O diretor foi William A. Graham, que junto com os produtores, escolheu Powers Boothe, um jovem e premiado ator da Broadway, para o difícil papel de Jim Jones. A escolha se revelou perfeita e Boothe foi considerado melhor ator em filme dramático, recebendo o Emmy de 1980. Ao seu lado, no elenco, atores muito conhecidos, como Ned Beatty, James Earl Jones, Brenda Vaccaro, Irene Cara, Colleen Dewhurst, Veronica Cartwright, LeVar Burton, Ed Lauter, Diana Scarwid e Rosalind Cash.

A história de Jim Jones começa no momento em que ele passa a acreditar que tem uma missão divina a desenvolver, alterando a vida daqueles que acreditam em seu poder. Aos poucos, Jones, graças ao seu inegável carisma, vai se cercando de seguidores e fanáticos religiosos e funda sua própria igreja, o Templo do Povo. Os fiéis entregam a seu líder não só a devoção, mas também inúmeros bens materiais, dinheiro, jóias e propriedades, aumentando as posses e o poder de Jones e seu templo. Essa movimentação de pessoas em torno de Jones logo o transforma numa força política dentro da cidade de Indianápolis e ele retribui, organizando programas de assistência social e campanhas que o colocam à frente das populações carentes e minoritárias. Mas o intenso trabalho afeta a saúde de Jones, que passa a utilizar drogas para manter-se disposto. Nessa época, ele prevê a proximidade de um holocausto nuclear e estuda os lugares do mundo onde poderá se refugiar com seus seguidores. A cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, é sede por dois anos - entre 1962 e 1964 - de Jones, mas ele resolve voltar para os Estados Unidos e se instala em Redwood Valley, na Califórnia. Aí, Jones e o Templo do Povo conseguirão seu momento de maior expressão e riqueza.

O pastor se relaciona com inúmeros políticos, homens de negócio e cidadãos influentes no Norte da Califórnia. Conduz cruzadas, serviços de cura através da fé e até um programa de televisão, angariando um número crescente de adeptos. Mas serão os sonhos de poder e o vício das drogas que transformarão seu relacionamento com os milhares de seguidores. Fanático por disciplina e considerando qualquer dissensão uma traição pessoal e imperdoável, ele passa a agir com violência, através de uma polícia pessoal que controla os membros do Templo. Relatos de castigos físicos, torturas e pesadas punições àqueles que discordam de seus métodos e idéias, chegam aos órgãos de imprensa e ao Governo. A pressão sobre Jones aumenta e ele percebe que seus dias nos Estados Unidos estão contados. A saída é achar um novo local e instalar os que ainda o seguem. Após um entendimento e um acordo com o Governo da Guiana, Jones e cerca de mil pessoas partem para criar uma cidade utópica nas selvas.

Fundada Jonestown, o comportamento dos fiéis se divide: alguns, desgostosos com os métodos de controle de suas vidas e mentes, lutam para escapar do que chamam de inferno, enquanto um outro grupo se fanatiza ainda mais, adorando realmente as idéias e a figura de Jones. As tentativas dos primeiros, que redundam até na morte de vários, são encaminhadas por amigos e parentes ao congressista californiano Leo Ryan, um deputado democrata conhecido por investigar pessoalmente os problemas de seus eleitores. Ryan e seus assistentes estudam durante algum tempo os relatos e informações vindos da Guiana, decidindo-se, finalmente, por formar uma comitiva e visitar Jonestown. Ryan chama vários assessores e jornalistas e chega a afirmar para um deles: "Essa deve ser quente. Tem todos os elementos - religião, sexo, drogas - para fazer manchetes em todo o país".

O grupo de mais de 20 pessoas chegou a Georgetown, capital da Guiana, em 14 de novembro e iniciou os entendimentos para entrar na propriedade de Jim Jones. Após um acerto com os advogados do Templo, Ryan e sua comitiva passaram a entrevistar-se com os habitantes locais, num levantamento sobre as reais condições em Jonestown. O líder era entrevistado pela imprensa e a tensão se tornava mais forte, a cada momento. No dia seguinte, pouco antes de partir, levando um grupo de seguidores que temia a morte na aldeia, Ryan foi atacado por um homem com uma faca. O congressista conseguiu se libertar sem ferimentos e prontamente todos seguiram para o pequeno aeroporto onde dois aviões os aguardavam. Minutos antes de embarcar, o grupo ainda se defrontou com homens armados que, atirando, tentavam impedir o vôo. Muitos visitantes já estavam no chão, quando apareceu um destacamento da polícia local e afugentou os atiradores. No tiroteio, foram mortos o deputado Ryan, um fotógrafo de San Francisco, um cinegrafista e um repórter da NBC, ambos veteranos de coberura na Guerra do Vietnan.

Algumas horas mais tarde, a poucos quilômetros dali, o reverendo Jim Jones iniciava o terrível espetáculo que vinha ensaiando semanalmente há mais de um ano: o suicídio coletivo de todos os seus seguidores, através de envenenamento.

O roteiro de Rnest Tidyman se baseia no livro *O Massacre da Guiana: O Relato de Testemunhas*, escrito por Charles A. Krause e o staff do *Washington Post*, reconstituindo com perfeição os momentos que antecederam a tragédia de Jonestown.

O elenco do filme é o seguinte: Powers Boothe (Jim Jones); Ned Beatty (deputado Leo Ryan); Veronica Cartwright (Marceline Jones); James Earl Jones (Father Divine); Colleen Dewhurst (Myrtle Kennedy); Irene Cara (Alice); LeVar Burton (Richard Jefferson); Rosalind Burton (Jennie); Brad Dourif (David); Brenda Vaccaro (mrs. Briggs); Diane Ladd (Lynetta Jones); Randy Quaid (Clayton Ritchiet); e Diana Scarwid (Sheila). A fotografia é de Gil Hubbs e a música é de Elmer Bernstein.

Duardo Dusek
"DESGRAÇA TAMBÉM É MÚSICA"

Este é um depoimento de Eduardo Dusek sobre "Olhar Brasileiro", seu elepê de estréia, lançado pela Polygram Discos e que vem sendo elogiado até por críticos rigorosos e radicais, como José Ramos Tinhorão, do "Jornal do Brasil". Em 1973, Dusek fazia shows no próprio apartamento em que morava ("a platéia se espalhava pela sala, em clima de quase orgia obrigatória dado as pequenas proporções de tal lugar; tinha a delirante lotação máxima de 60 pessoas"). Num desses shows feitos-em-casa, Gilberto Gil estava lá e resolveu apresentar Dusek num show produzido pelo paraibano Rodrigo Faria Lima no Teatro Opinião. De lá para cá, Dusek montou nove shows diferentes no Rio e em São Paulo, e Ney Matogrosso lançou-o em disco cantando *Seu Tipo*. Mas, Dusek começou a ficar conhecido mesmo com sua delirante apresentação no *MPB-80*, da Globo, apresentando *Nostradamus*, um dos êxitos do ano passado entre a juventude sulista.



Dusek: êxito com "Nostradamus"

Gosto muito de samba e sou hipnotizado por isso tudo que chamam música popular. Tenho um público pequeno, mas já me é incrível e fascinante ver o veículo que se tem nas mãos. É estimulante e desafiador, sei lá. Só sei que aí a gente tem que tentar trazer sempre sangue novo. O povo quer. Ele está sempre precisando de som. Se possível, de novos sons. Eu tenho visto gente aí trazendo nova música e novas idéias. Acho isso um barato e vou procurar também fazê-lo. Ninguém faz mais do que obrigação em procurar esses sons. Quem se meteu nisso sabe que nego tem que cantarolar, assobiar, pular ou tocar sempre novos sons. Inclusive para se orientar e segurar essa barra, essa atual, que, diga-se de passagem, é uma das piores de todos os tempos.

Em particular, eu estou na escolha de caminhos. Resolvi partir de uma visão carioca das coisas; do humor e malemolência cariocas. O humor carioca já era conhecido muito antes até do Lamartine Babo, um dos seus reis, nascer. E era uma maneira de enfrentar "monstros", como digamos, naquela época, uma febre amarela. Epidemia chocava.

Hoje tem mil febres: de assalto, de violência, de inflação, de expansão antiecológica, de miséria; desgraça é o que não falta. E, é como eu comento nos meus shows atuais: desgraças também é música. O Brasil é uma desgraça e aí eu dou uma gargalhada e digo: este país é música pra cacete.

Cresci dentro dessa salada de ritmos que nossas rádios sempre tocaram. Já disse que gosto muito de samba, mas meu disco de estréia passeia por algumas coisas que a gente ouviu e viu durante esse tempo todo. Escolhi o que a gente gostou de fazer. Portanto, tem uma porção de influências vindas dos lugares mais diferentes, como do teatro, por exemplo (para quem trabalhou muito, principalmente compondo), ou mesmo de um baileco do subúrbio, daqueles bons; de um botequim baixo, ou de uma cena vista em uma boate pseudofina da zona sul do Rio.

Tem de um tudo, dentro (espero) de uma certa unidade.

Começa com um samba-choro meio autobiográfico, *Injuriado*, que eu fiz na época que comia um ovo *poché* por dia com uma garrafa de vinho de promoção de alguma firma, e achava chiquíssimo. Era o início dessa crise movediça em que a gente se afunda cada dia mais. Isso lá tem quatro anos.

Chocante foi feito um pouco depois, e a letra, do Luiz Carlos Góes, trazia um tempo (ritmo) teatral sobre a estória da biriteira de bar abandonada: a música ficou sendo totalmente cênica. Tem vários clímas e narra alguma coisa. Uma desgraça, claro.

Nostradamus vocês já conhecem: fala sobre alguém acordando de manhã e o mundo acabando. É cinema realista e de efeito especial. Aliás, a gente vive numa época de efeitos especiais.

Iracema, como não podia deixar de ser, é uma estorinha sobre a História do Brasil. Um maxixe cheio de saudade, brejeirice, tragédia e descobre.

Olhar Brasileiro é uma saudade. A nostalgia do que já era e não volta. Um carioca falando de um Brasil ou de uma pessoa que ele conheceu e que não pintarão nunca mais. Um samba-canção num arranjo ótimo do Luiza, um cara novo muito competente no que faz.

Singapura eu fiz numa época de profundo ódio às gravadoras. Fiz de supetão, como quem cospe um sapo. Mas estava com muito humor para olhar para estes moinhos com quem quixotescamente insistimos em lutar.

No segundo lado vem abrindo esse roque-sorvete que eu acho delicioso de cantar que é a *Coitadinha*. A gente queria fazer algo sobre a alta sociedade e os enjeitados e saiu isso aí. O arranjo de Lincoln Olivetti, na minha opinião, ficou apropriadíssimo. Criei aqueles vocais em cima da inspiração que me deu esse barato de arranjador que tanto to que me jogou só com essa música.

Depois, em *A Deputada Caiu*, volta o clima dramático e cinematográfico. Uma estória que pudesse ser tirada da manchete de um jornal sanguinolento e escandaloso. Arranjo de cinema preto-e-branco.

O Pão acabou se transformando numa música romântica propositalmente piegas. Antes de mais nada é uma música "entregue", de alguém que realmente não tem mais nada a perder. Esse clima dessa gente desesperada nos interessa muito. E nada melhor do que uma narração à la Vicente Celestino sobre o novelesco arranjo de Roberto Gnatalli (que arranjou também, com maestria, *Nostradamus*). Essa música foi gravada por Zizi Possi com uma idéia diferente, numa boa gravação, no último disco dela. Originariamente, ela era apenas um fox-canção.

Ave é, das músicas românticas que eu tive a ousadia de fazer, a que eu gosto muito. É também das mais antigas que fiz e, neste disco, a única em parceria com Luís Antonio de Cássio, o outro letrista com quem realizei coisas. Não me considero um bom compositor romântico (nem cantor idem), mas me emociono muito com esta música até hoje. Gostei de gravá-la e há muito sabia comigo que ela seria obrigatória neste LP por ser, inclusive, uma música que me acompanha tantos anos. Gosto muito, enfim, de seu poema, embora ele seja muito diferente do que eu produzi com o Cássio, para poder representar o que se fez nessa época.

Finalmente, *Folia no Matagal* é a marchinha que eu jamais imaginei que pudesse pegar, por ser meio difícil pelo seu tamanho, e por ser marchinha (um ritmo que está meio jogado de lado, mas que eu adoro) e que deu no carnaval com a famosa gravação do Ney Matogrosso. É uma sensação maravilhosa ver uma música nossa fazer sucesso no povão. Afinal, a gente trabalha para isso mesmo.

A escalada da pornografia e da violência

• Waldeban Medeiros

O Conselho Superior de Censura aprovou o anteprojeto dos decretos a serem apreciados pelo presidente da República criando em todo país as chamadas "salas restritas", destinadas à exibição de filmes sobre sexo e que contenham doses extremadas de violência.

AS capitais e as cidades com mais de um milhão de habitantes serão beneficiadas com as medidas inseridas em tais decretos, como forma de permitir a difusão de tais filmes que, trocado em miúdos, não sofrerão mais censura, dando oportunidades a todos aqueles que se "ligarem" no gênero de assisti-los.

NUMA época de inflação galopante, custo de vida nas alturas e uma situação política beirando o imprevisível, nada mais justo do que pão e circo para o povo, como medida atenuante dos seus problemas maiores.

SE o povo quer carnaval, carnaval nele; se quer futebol, futebol nele; se quer feriados, feriados nele; se quer sexo, sexo, nele. Enfim, se quer violência e violência a mais do que vemos pelos noticiários dos jornais e Tv, violência para ele.

O Brasil é um país deveras engraçado: Enquanto milhares de senhoras da sociedade paulista encabeçam manifesto contra a licenciosidade na televisão, o governo cria salas especiais para a difusão do sexo sem fronteiras e a violência exacerbada. Um paradoxo que nos deixa com uma indagação: será que vivemos num país sério?

ATENTEM para o detalhe. Não estou falando com ares de moralismo e sim, analisando o contexto do problema pois as ditas salas serão o mesmo destino dos cinemas de arte, que tanto furor fizeram na década de 70 e depois foram relegadas ao abandono e as poucas que existem nem sempre exibem filmes de arte e que no circuito comercial, assistimos a filmes muito mais perfeitos que os ditos.

E outros detalhes, será que o público não vai cansar de ver filmes sobre sexo e violência sete dias por semana? Será que João Pessoa, como capital de Estado e, logicamente, candidata a uma destas salas, terá público suficiente para mantê-la aberta, digamos, por um ano? São perguntas que somente o tempo responderá, pois elas, como novidade, logo no início poderão compensar o investimento que por certo fará o Sr. Luciano Wanderley, pois somente ele, como proprietário do circuito comercial de cinemas em nossa capital e Campina Grande é quem poderá montar o palco para o desenrolar do drama em questão. Esperemos...

Trazendo Simone, Djavan e Alceu Valença a João Pessoa

A VOLTA DA JAGUARIBE PRODUÇÕES

Simone, Djavan e Alceu Valença são so nomes dos três primeiros shows musicais, programados para este semestre, marcando o retorno da Jaguaribe Produções às atividades de promoção de espetáculos na Paraíba.

Há nove meses que as atividades da Jaguaribe foram encerradas, por conta de problemas financeiros enfrentados e explanados na época, através da imprensa local, por seu coordenador, Carlos Aranha. Como resultado de contatos e acertos definidos na última semana, entre o compositor paraibano e a representante local da firma Ação Produções Artísticas, do Rio de Janeiro, a Jaguaribe Produções voltou a ter as condições suficientes para atuar na região nordestina.

No entanto, Aranha explicou que, inicialmente, na nova fase de sua vida, a Jaguaribe atuará somente em Joãc Pessoa. A partir do final deste ano, ou começo do próximo, é que seus trabalhos serão ampliados para Campina Grande, Maceió, Recife e Natal.

Os shows que marcarão o começo da nova fase da Jaguaribe Produções serão os seguintes: *Simone*, a 2 de agosto, no ginásio do Astréa; *Cinco Sentidos*, com Alceu Valença, a 22 de outubro, também no Astréa; e *Seduzir*, com Djavan, a 29 de outubro, no Teatro Santa Roza.

A produtora paraibana também partirá para investimentos na realização de espetáculos com instrumentistas, cantores, grupos e compositores locais, de festivais de música popular e de montagens que possam revitalizar o movimento teatral da cidade. Mas, para essa etapa, Carlos Aranha ainda está recolhendo subsídios, anotando opiniões e fazendo os primeiros planos.

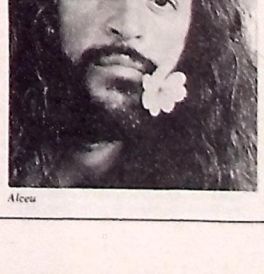
• • •

Os espetáculos de maior êxito de público promovidos pela Jaguaribe Produções foram: *Setembro* (reunindo, em 1975, na mesma noite, no ginásio do Sesc, Paulinho da Viola, Fagner, Sueli Costa, Luiz Gonzaga Júnior e Moraes Moreira, entre outros); *Refazenda*, Gilberto Gil; *Somos Todos Iguais Nesta Noite*, Ivan Lins; *Refavela*, Gilberto Gil; *Aqui Nesta Praça*, Nara Leão e Domiguinhos; *Muito Dentro da Estrela Azulada*, Caetano Veloso *Realce*, Gilberto Gil; *Coração Bobo*, Alceu Valença; *Gal Tropical*, Gal Costa; e as apresentações de Chico Anísio, no Cine Municipal, e Simone, no Ginásio do Astréa (esta, recorde de público, em shows musicais, até hoje em João Pessoa).

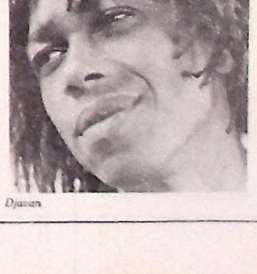
No campo do teatro, a Jaguaribe Produções trouxe à Paraíba espetáculos como *Diário de um Louco*, de Gogol, em montagem do carioca Acyr Castro; *Canção de Fogo*, em montagem paulista de Luiz Mendonça; *Viva o Cordão Encarnado*, de Luiz Marinho, na montagem pernambucana de Leandro Maciel; *Dinheiro, Pra Que Dinheiro*, de Martins Penna, com Eduardo Tornachi; *Se Minha Empregada Falasse*, com Thais Moniz Portinho; e *Fero-Cidade*, com Maria Pompeu.



Simone



Alceu



Djavan

Estórias que a História não Conta (XIV)

SUPER-HOMEM NO PAÍS DO "ENCHE CUCA"

• Abmael Morais

Estávamos eu, Tiradentes, Plínio Marcos e Júlio César no "Enche Cuca Bar", na 13 de maio, tentando ensinar Napoleão a jogar porrinha, quando entra aquela figura estranha, capa esvoaçante e vai logo pedindo uma bebida no balcão.

– Me traz uma meiota de São Paulo e não precisa ser casco escuro, nem vir gelada.

Um novo humorista, pensamos nós, já preocupados com Anco Márcio que ganharia assim um concorrente. Mas – a outra preocupação – de onde viria aquele personagem tão caracterizado de Super Homem?

– Sou o próprio – disse ele, antes que alguém falasse alguma coisa, mas como se o distinto tivesse ouvido a gente pensar alto.

E dito isso, tratou logo de se abancar na nossa mesa, mesmo sem convite expresso. E deitou falação.

– Negócio seguinte: fui contratado por Delfim Neto para solucionar alguns problemas que, eventualmente, vinham preocupando o povo brasileiro. Mas, posso garantir a vocês, mesmo recebendo em dólar, nunca encontrei uma missão tão difícil.

Napoleão, meio irrequieto, com três palitos na mão, interrompeu o Super Homem para saber se na primeira partida podia sair de lona. Por isso mesmo terminou levando um esporro de Ari e Arari, os donos do bar, que ameaçaram logo suspender seus trabalhos se ele voltasse a interromper a narração.

Com esse apoio logístico, Super Homem retomou a conversa:

– Bem, como eu ia dizendo: a primeira missão logo que ele me deu foi fazer São Paulo parar. E vejam vocês, somente com um intuito político – para evitar a escalada de Jânio.

"E por falar em São Paulo, "diz Plínio Marcos, interrompendo a narrativa. Não sei porque, com mais prestígio do que Napoleão, ninguém lhe obstaculou a interrupção. Do que aproveitou-se ele para concluir:

– Outro dia, fazendo minha evacuação matinal, como sempre dentro do banheiro e lendo o jornal do dia, li a notícia de que São Paulo só possui 30% de esgotos sanitários em proporção à população. E pensativo imaginei meu dejeto chegando de retorno pela pia, ao som de um triunfante e sensível – "voltei, aqui é o meu lugar".

Dessa vez quem não gostou foi o próprio Super Homem, que entendeu estar Plínio querendo fazer graça com sua cara, como se aquilo fosse motivo de riso e não contivesse uma boa dose de veracidade. Mas, com a palavra de volta, continuou com suas lamentações delfinianas:

– O que é fato é que estou arrependido de ter aceito o convite de Delfim Neto e pronto.

AGRURAS DE UM HERÓI

Tiradentes, até então calado, limitando-se a ouvir, resolveu dar o ar de sua graça:

– Eu nunca acreditei nesses planejadores. O último que pintou na minha vida, um tal de Silvério dos Reis, terminou fazendo rolar minha cabeça. E olhem que nós também tínhamos o nosso Golbery.

Como se não tivesse observado a participação de Tiradentes, Super Homem voltou a tomar o fio da meada:

– E o pior de tudo, caros companheiros, é que ele colocou a maior batata quente na minha mão: "você vai ter que derrubar a inflação". E eu sou algum Sarney, é? Mas não foi tudo, a missão era mais ampla: "vai ter que ensinar a barriga do pobre no Nordeste, mesmo com a Sudene desativada na frente de trabalho". E eu ai não resisti: tá pensando que eu sou Jesus Cristo, é ? O milagre da multiplicação do pão e do peixe ele só fês uma vez e jogou fora a fórmula. Ato contínuo, pedi demissão e botei ele na Junta, reclamando minhas horas extras, que ele não quis pagar, alegando a crise do petróleo no Oriente Médio.

Júlio César, curtindo uma fossa por conta de Cleópatra, sugeriu que se acabasse com aquele papo furado e mudasse as regras do jogo. Ou melhor, deixasse a porrinha de lado e passasem a jogar general.

– General, general, estão falando comigo!

Era Napoleão, ainda enrolado com seus palitinhos, tentando localizar uma pretensa aliado a sua pessoa.

– Que é isso, quis saber Júlio César, e provavelmente e você o único general aqui presente!

Não sei porque, falou-se em general e a casa animou. Não demorou muito e estavam os dois disputando batalhas, um querendo se mostrar mais do que o outro. Júlio César referiu-se a uma tal guerra das Termópilas, feito maior de sua passagem guerreira, enquanto Napoleão lembrava um tal encontro no Egito, onde ele fez quarenta séculos lhe observarem debaixo das pirâmides.

Super Homem, momentaneamente deixa o mesa, entra na máquina do tempo e, mostrando-se despeitado, volta com duas verdades históricas:

– Primeiro que a tal guerra das Termópilas foi ganha por um general grego e nem a regido Júlio Cesar conhece. E, segundo, a tal contemplação de Napoleão foi feita somente pelo sua tropa, o que não traz mérito nenhum.

Pra que, minha gente! O pau amaçou de cantar. Júlio César e Napoleão, a partir daquele momento unidos, investiram contra o Super Homem naquela.

– Você pode ser Super lá pra suas negas ou pra Delfim, mas pra cima de nós, nem vem que não tem.

Com muito esforço, os circunstantes conseguiram apartar os litigantes, não sem antes terem providenciado mais duas meiotas para promover a confraternização geral.

E no final, entre mortos e feridos, escaparam todos.

Tizuka Yamasaki

A DIRETORA DE "PARAHYBA MULHER MACHO"

Tizuka Yamasaki, 31 anos, gaúcha e filha de japoneses, continua, no Rio de Janeiro, a trabalhar no roteiro de "Parahyba Mulher Macho", filme que deverá rodar neste Estado em janeiro do próximo ano, tendo como cenário a Revolução de 1930 e como personagens principais a poetisa Anayde Beiriz (que será vivida por Sônia Braga) e seu amante, João Dantas (a ser interpretao pelo ator paraibano José Dumont). Nesta entrevista - concedida a João Carlos Rodrigues e publicada na revista especializada "Filme Cultura", editada pela Embrafilme -, Tizuka revela aspectos importantes de sua vida, seu pensamento e sua carreira profissional, inclusive suas ligações com o cineasta paraibano Vladimir Carvalho, que foi um de seus professores.



Tizuka participando de um debate no Rio

Quando você morava em São Paulo, o ambiente em que você viveu era um ambiente brasileiro, misto, ou de imigrantes japoneses?

Em Atibaia, o contato com os japoneses foi muito grande, porque lá moravam os meus avós e havia ainda uma grande quantidade de imigrantes. Mas foi em São Paulo que comecei a travar contato com o que se chama de "sociedade japonesa". Fiz parte de uma patota de *niseis*, coisa meio fechada - só tinha um chinês no grupo. Convivi muito com esse grupo, até que um dia cortei tudo e fui para Brasília.

O ensino que você recebeu, curso primário e ginasial, foi um ensino brasileiro ou foi em escolas japonesas?

Eram escolas brasileiras. Em Atibaia, havia apenas umas poucas famílias japonesas vivendo na fazenda. Depois que meu pai morreu, minha mãe foi para a cidade e abriu uma escola de costura. Mas o ambiente era todo brasileiro. Tanto que minha mãe ficou preocupada em querer me dar uma educação japonesa. Tentou de todos os modos levar um professor de japonês de São Paulo para Atibaia. Como não conseguiu sustentar isso sozinha, criou uma escolinha de japonês. Só que eu nunca cheguei a aprender. Quando meu pai era vivo, eu só falava japonês, até cerca de 4 anos de idade. Depois eu desaprendi e comecei a falar só o português. Até em casa eu só falava português...

Você foi para Brasília por ter se aborrecido com a colônia?

Na época, pensei que poderia começar uma vida nova. Depois de dez anos, eu percebi que, se não estava conseguindo viver bem em São Paulo, a pressão era menos da sociedade urbana, etc., do que da comunidade japonesa. Esse negócio de exigir de mim um comportamento japonês eu já sentia em Atibaia. Os japoneses, por exemplo, são incapazes de achar que você é brasileira; chamam você de *nisei* ou *sansei*. Isso já é uma forma de segregação.

"Gaijin" significa exatamente o quê?

Significa estrangeiro no sentido pejorativo. Exemplo: nós somos japonesse e você é *gaijin*. Tudo o que está na periferia é gaijin. Isso demonstra porque os japoneses não gostaram do título do filme.

Chegamos a Brasília. Você foi estudar cinema lá?

Não. Fui fazer o Instituto Central de Artes, porque não passei no vestibular de arquitetura. Isso foi na passagem de 1969 para 1970. Comecei a frequentar uma matéria de cinema e outra de música. Era Cecil Thiré que estava dando o curso básico de cinema.

Era um curso mais para o prático ou para o teórico?

Era prático. Nós fazíamos uns filminhos.

Isso durou quanto tempo?

Só um semestre. O Cecil, então, foi mandado embora e comecei a fazer as matérias do curso profissional de cinema. As aulas eram dadas por Vladimir Carvalho e Fernando Duarte.

Vocês fizeram algum trabalho prático, um filme, alguma coisa coletiva?

Foram dois trabalhos mais ou menos importantes. Um foi para o Instituto de Tecnologia, sobre o *overcraft*, uma espécie de barco que anda na terra e na água. No outro filme, eu fiz a continuidade. Depois, o Fernando propôs um desenho animado sobre o feto humano. Eu me interessei muito, porque gostava de desenho. Quando chegou na hora de rodar, a escola foi fechada. Quando fui fazer a matrícula, não tinha mais o curso nem a matéria. Isso foi em 1972.

Qual foi a alegação dada?

O MEC dizia que o curso não era regulamentado, que não tinha o número de professores, que não tinha equipamento e que era muito dispendioso. Fizemos a proposta para que o curso fosse um centro de produção para a própria universidade, que por sua vez distribuiria os filmes para as outras universidades, o que geraria recursos. Eles não quiseram nem saber. Queriam era fechar o curso. Diziam que era o mais subversivo da escola. Aí, acabou o curso e eu fui para a Universidade Federal Fluminense.

E lá foi aluna do Nélson Pereira dos Santos.

O Gustavo Dahl também era professor. O Rogério Duarte, o Breno Kuperman...

Como se deu a passagem do ensino eminentemente teórico para a prática?

Em 1973, o Nelson estava filmando *O Amuleto de Ogum*. O Ney Santana ia ser o *ztill* do filme, mas como ia ser também o ator principal, quando ele estivesse filmando, eu *fotografava*. De repente, não tinha continuista. Aí, o Luiz Carlos Lacerda, o Bigode, que era o assistente de direção, teve uma crise, saiu, e eu acabei sendo também assistente de direção. Foi o meu primeiro trabalho profissional.

"O Amuleto" trata da umbanda e do Esquadrão de Morte, assuntos muito distantes da sua vida de adolescente nisei e, depois, de universitária. Você já se interessava por esses temas?

Quando eu saí de São Paulo, deixei pela primeira vez a colônia, que até então era a minha realidade. Em Brasília, tive contato com pessoas do Brasil todo, nordestinos, gaúchos, etc. Na Universidade, tinha muito bairrismo, cada um defendendo o seu. De certa forma, eu não tinha escolhido a USP, porque era uma universidade classe-média. Em Brasília, os alunos tinham bem menos poder aquisitivo; era uma universidade com poucos carros. Numa viagem que fiz ao Nordeste, me pintou a idéia de fazer um filme sobre a imigração japonesa, e falei com o Vladimir Carvalho, que é paraibano. Era a idéia ainda para um curta-metragem. No Rio, através do *Amuleto*, eu tomei conhecimento do que era a Baixada Fluminense e a cultura negra.

O que você fez depois do "Amuleto?"

Fiz *Still*, na Paraíba, em *Soledade*, do Paulo Thiago. E depois, cenografia em *Tenda dos Milagres*, do Nelson.

Na cenografia da "Tenda", você teve problemas com a equipe baiana, por você ser uma sulista, e ainda por cima de cara japonesa?

O baiano mistura muito relação pessoal com relação profissional. Tive principalmente o problema de ser uma mulher chefiando uma equipe de cenografia composta de homeis, onde havia até gente respondendo a processo por crime, etc., e tal. Eles tinham o maior grilo de ter uma mulher mandando neles.

E depois da "Tenda"?

Logo em seguida escrevi um primeiro tratamento de *Gaijin*. Em maio de 76, botei esse projeto na Embrafilme. Fiz também o programa *Nosso Cinema*, na TV-Educativa, onde fazia de tudo - produção, direção, edição e textos.

Você já era ligada em cinema brasileiro desde a universidade, ou foi se informando de acordo com a necessidade?

Na minha primeira aula na Universidade, eu conheci o cinema brasileiro e comecei a me interessar. Mas, quando fui para a TV defender o cinema brasileiro, aí eu tinha de acompanhar os filmes desde o início do processo de produção, etc. Foi então que apareceu o Glauber Rocha lá na CPC e nos convidou para sermos os produtores do filme. Era o primeiro projeto da gente; foi assim uma ousadia da parte dele... Várias vezes deu vontade de largar o filme no meio, mas fomos até o fim.

Quanto tempo levou o trabalho com o Glauber?

De outubro de 1977 a março de 1979.

Quais eram exatamente as suas funções?

Comecei como uma assistente de direção mais ligada à produção. Tinha outro mais ligado aos atores, etc. O trabalho da gente era fazer o Glauber filmar.

Você trabalhou com os dois diretores mais importantes do cinema brasileiro. Fale um pouco do método de trabalho de cada um deles.

Com o Nelson, por exemplo, é engraçadíssimo. Tudo o que você faz e apresenta para ele está bom. Convida todo mundo para ir ao boteguim. Se você entrar no ritmo dele, você dança, porque quem trabalha com ele deve saber que não pode ir ao botequim. Se na hora de rodar você não der as coisas que ele precisar, você nunca mais trabalha com ele. Como ele não exige nada, você sempre tem vontade de dar mais para ele. A transa do Glauber é uma espécie de desorganização que tem muito a ver com o filme. Você inclusive tem de aceitar, por exemplo, preparar toda uma filmagem e ele virar e dizer que não está a fim de rodar. Assim como, de repente, ele chega sem nada programado, não dá nada, começa a filmar e não pára mais. Eu me lembro de que, às vezes, ele se sentia pressionado em estar tudo pronto e alguém dizer "pode filmar"

Um pouco antes, você falou em CPC. O que é?

CPC quer dizer Centro de Produção e Comunicação do qual sou sócia com mais três pessoas. Nós nos juntamos porque já trabalhávamos há algum tempo como técnicos, assistentes de direção, diretores de produção. Tínhamos nossos projetos e queríamos opinar. Resolvemos que a única maneira disso acontecer era fazer uma produtora.

O primeiro filme que vocês produziram foi "A Idade da Terra"?

Foi. Juntamente com *J. S. Brown, o Último Herói*, do José Frazão. Ambos filmados simultaneamente, na Bahia. Mas, antes, já havíamos feito prestação de serviços em *Se Segura, Malandro*, *Delmiro Gouveia* e *Lúcio Flávio*.

Agora, eu gostaria que você falasse do começo da idéia de "Gaijin".

Havia a história da minha avó. Depois estruturei um pouco mais, em Brasília.

O filme conta exatamente a história da sua avó?

A maioria das ações é parecida com coisas que aconteceram com minha avó. A morte do marido, a fuga da fazenda. Já a relação da filha com o pai, eu tirei muito do meu pai. Foram assim coisas da vida da minha mãe, da minha própria vida e muito da vida da minha avó. E também a história da era Takano Nakamura, que veio no primeiro navio imigrante e está viva até hoje. Ela chegou aqui com 16 anos e veio casada por contrato. Uma coisa que achei interessante foi que, através dos imigrantes, não consegui nenhuma explicação sobre a realidade social da época. Eles diziam: fugimos da fazenda porque não *tinhamos* o que comer. Nunca conseguiam explicar a relação deles com a fazenda e com os outros imigrantes. Tive então de consultar livros, essa coisa toda. Na hora que comecei a perceber a importância da imigração italiana, decidi incluir um personagem italiano.

Você percebeu isso através de pesquisas ou pela sua experiência pessoal?

Através de pesquisas. A minha avó me contou ainda que os italianos faziam pão e ela trocava por objetos pessoais.

Os italianos foram os introdutores das lutas trabalhistas no Brasil e eram principalmente anarco-sindicalistas. Os japoneses tinham alguma tradição de luta semelhante no Japão?

Não. Vinham de uma sociedade imperial e feudal. No filme há uma sequência quando os italianos resolvem fazer greve e os japoneses não aderem.

Inscrito o projeto na Embrafilme e escrito o roteiro, como você começou a levantar a produção?

Fizemos um folhetinho com o roteiro do filme, dados sobre o cinema brasileiro em termos de renda, orçamento. Fizemos 350 cópias e oferecemos a empresas japonesas ou brasileiras com negócios com a colônia, cooperativas, essa coisa toda - oferecendo 2% da produção por 240 mil cruzeiros. Multinacionais também. Alguns se interessavam, mas precisavam de uma autorização da matriz no Japão, e aí vinha uma resposta negativa.

Então não houve nenhuma receptividade?

- Foi aí que alguém me falou da Igreja Messiânica, que promovia exposição de pinturas, não sei o que. Acabei um dia na sala do reverendo Watanebe, falando que queria fazer um filme sobre imigração e que ninguém tinha se interessado. Estava dando a vida. Quando parei, ele disse que eu tinha o mesmo comportamento que ele quando chegou no Brasil para divulgar a Igreja e ninguém acreditava. E comprou uma cota só para me dar um incentivo e eu não desistir. Não leu nada; foram 15 minutos de papo. Depois recebi uma carta do Sérgio Sugino, dono da loja de móveis Lixão, que colocou os móveis à nossa disposição. De fato ele deu tudo, mobiliou a casa em que a gente morou, mobiliou o cenário, levava de caminhão. Já a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, cujos presidentes são os mafiosos da colônia, ficou três meses enrolando sem querer emprestar os móveis deles. Depois de muita pressão, emprestaram apenas o material que estava no depósito jogado.

Você já falou das suas relações com o cinema brasileiro. Agora eu quero saber as com o cinema japonês. Você viu muitos filmes japoneses? Gostava? Não gostava?

Em Atibaia, quando eu era criança, via uma média de dois filmes por semana, porque vinha uma projecionista ambulante de filmes japoneses. Depois, em São Paulo, eu também via muito. Quando eu vim morar no Rio, a coisa dificultou muito. Mas sempre vi os filmes como espectadora comum. Não sou uma conhecedora do cinema japonês. Quando fazem uma crítica dizendo que tenho influência, sei lá, do Kurosawa, acho engraçado porque não me lembro de nenhum filme dele. Se existe alguma influência em mim, é do cinema brasileiro. Influência da cultura japonesa, também, mas não do cinema japonês. Chegou a ficar preocupada no *Gaijin*, porque havia cenas japonesas e eu queria que o espectador japonês pensasse que tinham sido filmadas no Japão.

Eu não sou espectador japonês, mas vi muito filme japonês, e acho que essas cenas têm uma iluminação, sei lá, uma cor diferente das outras sequências e que lembram muito o cinema japonês.

Os próprios japoneses acham que eu filmei no Japão...

O filme custou caro em relação ao orçamento médio dos filmes brasileiros?

Na época, era acima da média, mas não chegava a super-produção. Estava orçado para 12 milhões, enquanto a média era 8. Mas já tinha sido feito *Guararapes* por 40 e mesmo *Bye Bye Brasil* falava em 20.

Perguntei isso porque a maioria das pessoas fica muito impressionada com as sequências da chegada do navio e da guerra russo-japonesa, apontadas como exemplo de superprodução. Como você resolveu essas sequências?

O que gastamos na chegada do navio foram os ônibus para transporte da figuração e dinheiro do almoço deles. Ficamos procurando um navio parecido com o *Katsumaru* e acabamos descobrindo que o cargueiro do Lóide era semelhante. O problema maior era o dia que o navio ia ancorar, quantos dias ia ficar no porto e como botar aquela gente toda lá dentro. E esse navio ia ancorar no porto moderno de Santos; o porto antigo não tinha profundidade adequada. Foi muito mais um trabalho de produção. Não podia errar; era uma vez só e acabou. Lembro-me de que chamei um amigo e, quiteto para planejar a chegada dos 500 figurantes. Quando ao porto, às 5 e meia da manhã, pensavi dar tudo errado. Mas apareceu até um guindaste à minha disposição servindo de grua; quando o navio aparece andando é o guindaste que está andando. Às 10 e meio começamos a rodar e às quatro e meia da tarde estava todo mundo voltando para São Paulo. Um técnico me disse que, em vinte anos de cinema, nunca viu coisa mais organizada. Já a sequência da guerra foi transada através dos figurinos, da cenografia e da interpretação.

Por que você escolheu atores japoneses não "niseis" de São Paulo ou imigrantes?

Eu queria que os atores japoneses tivessem impacto que os imigrantes tiveram ao chegar no Brasil. Isso atores nisei não poderiam me dar, além de serem muito poucos. Por outro lado, abriria uma oportunidade de comercialização no Japão, por ser atores japoneses?

Como você selecionou o Jiro e a Kyoko?

Cheguei a Tóquio com alguns endereços de agências e empresários de atores. Vi fotos, li currículos e quando me interessava marcava uma entrevista. Entrevistei umas 60 pessoas. A única pessoa que vi trabalhando foi o Jiro. Como, apesar de ter gostado da entrevista dele, achei-o um pouco velho para o papel, fui de noite a um teatro onde ele estava representando *Macbeth*. Fiquei impressionadíssima. Só faltava ele ler o roteiro para ver estava a fim. Ele terminou a peça a 1 hora da madrugada. Às 8 da manhã a gente se encontrou e aquerendo. Já a Kyoko me impressionou muito papo: Achava a cara dela um pouco sem expressão mas o papo foi ótimo.

No lançamento, como foi a receptividade da colônia japonesa?

Antes de terminar o filme, eu fiz uma sessão em banda dúpla para os atores sacarem que o filme estava em andamento. Nesta época, com um bosto de que a liderança da colônia tinha visto o filme, e que era muito ruim. A primeira exibição pública foi na Associação Brasileira de Imprensa no Rio, e a segunda no Museu de Arte de São Paulo. E pintou parte desta liderança. Foi um negócio incrível: aplaudiram durante muito tempo e eu fiquei emocionadíssima. Aí, o filme foi lançado em São Paulo e premiado em Gramado. Comecei a ir tão a aparecer de vez em quando nos cinemas, por que as pessoas me diziam que tinha fila no Astor sei lá... Um dia passei por lá às 6 horas da tarde vi uma fila imensa... Em plena avenida Paulista. Comecei a perceber que muita gente que não conhecia do bairro da Liberdade, começou a se interessar ver o filme. Outra coisa engraçada é que a primeira semana havia mais ou menos metade de japoneses e a outra metade de brasileiros. Depois a percentagem dos japoneses foi diminuindo e dos brasileiros aumentando. Isso me animou, porque já estava pensando no Rio, onde não tem colônia japonesa para me assegurar. Enquanto estava em Berlim, foi feita em São Paulo uma sessão para a liderança econômica japonesa e parece que o resultado foi o melhor possível. A frase mais falada foi: "Nós não acreditávamos que vocês terminassem o filme". Coisa interessante, eu acho que se não se discute o problema da cara estrangeira, o *gaijin* - que é um problema brasileiro. No cinema, por exemplo, o Jorge Bondansky fez *Os Muchachos* sobre uma colônia alemã religiosa, mas não a relacionou com o resto do Brasil. Era, aliás, uma colônia que não queria se relacionar. *Aleluia Gretchen* de Silvio Back, é a mesma coisa. E a colônia italiana? A portuguesa?

Você já sofreu discriminação racial?

Duas vezes, aqui no Rio de Janeiro. Uma vez foi em 73, na avenida Rio Branco, defronte da Escola de Belas Artes. Tinha um alejado que pintava com os pés. Me agachei perto dele, comecei a perguntar coisas e a fotografar. Aí uma mulher começou a gritar histericamente que eu era estrangeira: "ela está roubando nossas coisas, tem que expulsá-la daqui...". Juntou gente, tive até que mostrar minha identidade para provar que sou brasileira. A outra vez foi há pouco tempo numa batida de carro. Abriu o sinal, um carro bateu no meu, aquela confusão, aí uma mulher começou a falar que eu estava errada porque era estrangeira não sei o que mais...

Como foi a reação da colônia ao final do filme, que de certo modo prega a integração do imigrante sob a bandeira das reivindicações sociais? Você nunca pensou em outro final?

Uma semana antes da estréia me deu uma tremenda ranóia de que a colônia ia odiar o filme por causa da proposta final. Fiquei realmente apavorada com isso. Cheguei a pensar num outro - eis se cria-va com outro japonês, depois encontrava o Antônio Fagundes, apresentava o marido para ele e partia para o interior. Mas tanto não gostava desse final que o abandonei ainda durante as filmagens.

Queria saber agora um pouco sobre a carreira de "Gaijin" nos festivais de Cannes e Berlim.

Em Berlim, o filme tinha sido convidado para a mostra competitiva, mas só passou na informativa. Quando cheguei lá, descobri que não entendo porque tinha chegado atrasado, ficou cinco dias dando no aeroporto e ainda por cima com legenda em inglês. Passou desapercebido. O que pude fazer foi convidar o máximo de pessoas ligadas ao festival de Cannes. Assim, o Louis Marcorelles, do *Monde*, viu, e o Claude Antoine também.



A família Yamasaki. De pé, os pais (Sumiko e Toshio). Sentados, os avós (Titoe e Shimehiti Nishi). Tizuka é a garotinha

CELSO FURTADO
A RENOVAÇÃO POLÍTICA ESTÁ PARTINDO DA FRANÇA



Foto de Arnóbio Costa

"Os governadores passaram a ser funcionários federais"

Em entrevista coletiva, no auditório da Associação Paraibana de Imprensa, o professor e economista paraibano Celso Furtado - superintendente da Sudene no governo Juscelino Kubitschek e Ministro do Planejamento no governo João Goulart -, atualmente radicado na França, deu sua interpretação dos atuais caminhos econômicos no sistema capitalista. Ele demonstrou que a França poderá alterar, em muito, a política internacional, principalmente no que diz respeito à corrida armamentista ("o poder de destruição acumulado corresponde ao que seria um milhão de vezes o que se fez em Hiroshima"). Celso também fez análises sobre a economia de guerra, a presença dos soviéticos no Afeganistão, o modelo político brasileiro, a situação dos governadores nordestinos e o caso do Inquérito sobre o atentado do Riocentro.

□ *Qual a visão que o sr. tem desse novo processo que se inaugura na França, sob o comando do socialista François Mitterand?*

• O que está acontecendo na França é de importância capital para todo o mundo. É difícil exagerar a importância do que está acontecendo. Isso por razões múltiplas: em primeiro lugar porque a situação econômica política mundial é grave e tende a cada vez mais se acentuar sem que a gente possa saber onde isto vai levar. Se tomamos, por exemplo, o problema como a carreira armamentista: Cada dia que passa se acumulam mais armas; chegamos a uma situação mundial em que existem quatro toneladas de explosivos da ordem de TNT por pessoa humana viva. Isto é, para cada um dos quatro bilhões de pessoas que existem no mundo. O poder de destruição que está acumulado no mundo corresponde ao que seria um milhão de vezes o que se fez em Hiroshima. Para sobreviver a humanidade precisa um pouco compreender a dimensão desse problema. É particularmente difícil porque não existe simetria na situação: o que um faz, desequilibra, e obriga o outro a fazer qualquer coisa que cria novo desequilíbrio. E a situação das duas superpotências (Estados Unidos e União Soviética) não tem simetria. A União Soviética está muito próxima da Europa Ocidental, onde está a grande implantação atômica dos Estados Unidos. Os Estados Unidos tem os seus aliados muito mais próximos da União Soviética. Por exemplo, se os americanos colocam foguetes de médio alcance dentro da Europa alcançarão também o território da União Soviética. Por outro lado, se a União Soviética coloca foguetes dentro da Europa realimenta mais o seu poder de destruição dentro da Europa Central. Quer dizer que não existe simetria; não existe uma posição racional. Se estes países já têm o poder de destruir um ao outro cem vezes, e estão empenhados ainda em acumular as armas... Vejam a irracionalidade. Era como se eu, digamos, para matar uma pessoa tivesse que dar cem tiros, quando eu posso matar com dois. Hoje em dia uma bateria de submarinos atômicos (10) seria suficiente para destruir qualquer grande país do mundo. E esses submarinos são impossíveis de se localizar, o que os tornam invulneráveis. Se eles são invulneráveis, como é que se pensa em criar outros imensos sistemas de ataques de um lado e de outro? Esse sistema móvel, que os americanos aperfeiçoam e cujo orçamento inicial é superior a 30 bilhões de dólares, poderá chegar a 100 bilhões de dólares. Significa que um sistema de foguetes intercontinentais poderá alcançar a União Soviética, que não mudou de um lugar para outro, cada um deles, impossibilitando a sua destruição. Tudo isso, digamos assim, baseado na idéia de que o adversário pode atacar de surpresa. Esta é a situação em que estamos hoje em dia. Neste bloqueio a que se chegou no mundo de hoje, é indispensável renovação no plano político. E essa renovação surgiu subitamente na França. Nós sabemos que a Alemanha é um país imobilizado e não tem possibilidade nenhuma de atuar neste plano. A Inglaterra é hoje em dia um país também quase imobilizado pela decisão da Irlanda e por outras razões. O segundo ponto é que a situação econômica mundial é de uma degradação que já se prolonga por sete ou oito anos. O desemprego é crescente e estrutural porque o sistema não tem capacidade de absorção da mão-de-obra. Um país como França tem 1 milhão e 500 mil desempregados. Há algo de errado e só pode evidentemente ser abordado esse problema mediante reformas estruturais muito importantes. E essa reforma do Partido Socialista só pode ser está abordando isso não do lado econômico mas do lado social. A tese é simplesmente a seguinte: nós estamos, hoje em dia, em face de um imenso atraso social nos próprios países desenvolvidos. Durante 30 anos um país como a França conheceu um desenvolvimento importante na sua economia, com o seu produto nacional multiplicado por um fator relativamente elevado. A bandeira social da Europa de hoje ainda é a bandeira de antes da Segunda Guerra Mundial. A semana de 40 horas de trabalho, foi uma decisão do Governo Popular em 1936. Hoje continua ainda a ser a realidade social da França, diria até pior, porque a semana de trabalho francesa na média hoje é em torno de 42 horas de trabalho. Os sistemas sociais não evoluíram suficientemente. Portanto, falar em sociedade hoje, na Europa, é falar em sociedade, em transformações no plano da sociedade e não transformações no plano da economia como era o socialismo dividido há 40 anos atrás. As empresas que não na mão do Estado não são muito diferentes das que estão nas mãos dos grupos privados. Uma empresa como a Renault, que é do Estado francês, é uma empresa tão eficiente, tão moderna e tão internacionalmente como a Peugeot, que está nas mãos de um grupo privado. Um verdadeiro socialismo que se inventou na Europa foi saber redistribuir, como utilizar, o produto do trabalho da produção, isso aí é um programa que se tem a discutir e podemos imaginar variantes; mas, isso vai ser utilizado o fruto deste trabalho, isso é uma coisa que pertence à política do domínio civil. Nesse sentido. Daí terem começado as negociações, precisamente, para a semana de 35 horas de trabalho. E tenham iniciado uma série de reformas no que diz respeito às condições de vida dos chamados grupos de baixa renda. A grande surpresa da eleição francesa foi que o povo de verdade tenha sido o ator fundamental. Não foram os partidos, não foram os grupos; foi o povo. Ninguém previu esse resultado. Nenhum analista político conseguiu fornecer um prognóstico que dele se aproximasse. A ação de Mitterrand, particularmente, foi muito importante porque ele vem há muitos anos tentando desbloquear a vida política francesa. A vida política francesa tem sido bloqueada, praticamente, a partir de De Gaulle, porque se criou um sistema que pretendia perpetuar uma maioria. E essa maioria tendia a se reproduzir. A lógica da V República é que ela tende assegurar uma maioria a quem está no Governo. Agora, uma vez que você tem essa maioria, também você tem meios ou tem possibilidade de se perpetuar. Isso era agravado pelo fato de que o Partido Comunista representava como um instrumento desta perpetuação, pelo fato de que ele servia sempre de espantalho para assustar a classe média, uma parte do eleitor de centro, como sendo uma ameaça à ordem social na França. A habilidade de Mitterrand foi conseguir trazer de novo o Partido Comunista para a vida política francesa. Isso ele o fez restabelecendo a noção de esquerda, e colocando em segundo plano a noção de Partido Comunista e Partido Socialista. Formou a união das esquerdas. Essa esquerda tem que ser uma união e desta forma, se foi descongestionando a coisa e trazendo para a vida política todos os elementos de todos os partidos.

□ *Há uma discussão teórica sobre a capacidade que teria a economia capitalista de fugir à opção tecnológica de fabricar bens para a guerra. Seria possível a economia americana, como carro-chefe da economia capitalista mundial, realizar uma transição para o bem e para a paz sem destruir o próprio sustentáculo da tecnologia capitalista?*

• O que aconteceu na Segunda Guerra Mundial, e particularmente na Guerra da Coréia, foi em verdade uma distorção da economia norte-americana que é conhecido nesta altura. Dizia, em outras palavras: a economia norte-americana tinha vivido historicamente sem gasto de armamentos. Os Estados Unidos era um dos países que menos gastavam em armas até a Segunda Guerra Mundial. O que aconteceu nos Estados Unidos foi o impacto da Segunda Guerra Mundial, agravado pela guerra da Coréia. Vocês se recordam que depois da Segunda Guerra Mundial o governo americano baixou o seu orçamento de guerra enormemente, a economia se reciclou e voltou a coeficiente de desgaste em armamento. Depois veio a guerra da Coréia e eles resolveram dobrar o orçamento em gasto de armamento de guerra. Uma vez instalada uma guerra fria eles não eram mais, e hoje em dia se pode dizer que a economia americana funciona em grande parte como uma economia de guerra. O que é mais grave ainda é que a pesquisa que se realiza nos Estados Unidos em grande parte é financiada pela economia de guerra. Isso representa uma grande vantagem para as empresas porque elas não gastam em pesquisas. Isso tem uma força enorme na expansão internacional das empresas norte-americanas. Portanto, se cria também aí uma espécie de solidariedade, entre as grandes empresas, como a IBM e outras, e os gastos de armamentos. A vantagem tecnológica que tem os norte-americanos e, importantes setores (espacial, eletrônico, de computação, etc.,) vem em grande parte do formidável orçamento de guerra. São coisas que decorrem da própria história moderna nos Estados Unidos. Onde levará isso, nós não sabemos. Vejamos um caso diferente. A União Soviética não é uma economia capitalista; portanto, por definição é uma economia que não necessita de gastos em armamentos para ocupar o seu sistema. Em segundo lugar, as empresas da União Soviética não tiram grande partido nos gastos de investigação e pesquisas para o armamento, porque elas não competem internacionalmente. As empresas sociéticas, finalmente, têm um fundo comum. Na União Soviética nem a economia precisa de gastos de armamentos, porque é uma economia socialista; e nem as empresas se beneficiam, como os Estados Unidos, de gastos com armamento. Contudo, em termos relativos, com esse produto gasta mais do que os Estados Unidos. A União Soviética gasta hoje a mesma quantidade em armamento do que os Estados Unidos, sendo que o seu produto é um pouco mais do que a metade dos Estados Unidos, o que é uma imensa sobrecarga. Em consequência disso, o peso sobre a economia soviética tem sido crescente e a ineficácia que se vem observando na economia Soviética em parte se atribui a isso, pelo fato de que o esforço enorme de pesquisa, de desenvolvimento, está canalizado na concorrência armamentista, e se deixando de lado outros setores fundamentais da vida econômica ou do progresso tecnológico. Então, se criou, em face disso grande insatisfação na população. Portanto, isso é um fenômeno da história; não tem nada a ver com a natureza do regime socialista. No caso da sociedade capitalista, como o Japão mesmo, pode viver maravilhosamente sem gastos armamentistas. Mas, uma vez que ela se instala, ainda é mais difícil do que num regime socialista para sair. Na economia capitalista, como é de outra natureza, os grupos que se beneficiam particularmente dentro disso vão lutar para que não se modifique essa política. Vão inventar projetos novos e vão pressionar o congresso para reproduzir o sistema. Pelo menos em teoria, arrancar um país como os Estados Unidos desta situação é bem pior do que a União Soviética, se bem que os dois estão dentro desta engrenagem. Agora, digamos, por qual lado se poderá sair disso? Somente pela pressão dos outros países. Teria que começar dentro da própria Europa, porque essa confrontação se faz na Europa. A situação atual é que cada um desses dois países se considera como um santuário, uma região que não seria atingida na guerra, em último caso. Todas as hipóteses de guerras excluem a possibilidade de alcançar o grande. Porque o ataque de um a outro grande significa o seu próprio suicídio. No dia em que os soviéticos atacassem os Estados Unidos se suicidariam, e vice-versa. Portanto, há o equilíbrio de terror nesse caso e se exclue a hipótese desses enormes armamentos inúteis, porque eles já podem se destruir mutuamente. Mas, continuam a se armar. As hipóteses mais prováveis de um grande conflito são fora das fronteiras deles. Portanto, dentro da Europa, porque na África vão lutar com pessoas interpostas. Se se tratar de uma guerra no Vietnam, os americanos não põem mais a mão na armadilha como antes puseram. Se metem diretamente. De uma forma geral, hoje se tratam de guerras convencionais. A teoria americana e soviética, hoje em dia, é modificar o objetivo da cidade para a força militar. Então, no caso de guerra dentro da Europa, se destroem apenas as posições militares. Isso, de alguma forma, é como se fosse uma justificação de que se pode fazer a guerra, e até boje a guerra não se pode fazer, porque é a morte. Agora já se pode fazer, porque destrói somente a força e deixa as cidades. Portanto, é a Europa que está ameaçada; seja atacando cidade, seja atacando força, o prejudicado é a Europa.



Celso explicou como o Brasil não soube absorver o choque da questão do petróleo

Em face disso só da Europa é que pode sair uma reação efetiva para modificar essa tendência. Isso é que se espera da França, porque a Alemanha não tem autonomia no seu sistema de defesa. A defesa da Alemanha é do próprio Estados Unidos. O americano não pode sair porque a Alemanha está fácil para a União Soviética.

□ *O que é que significa estrategicamente a presença dos soviéticos no Afeganistão?*

• Há muitas idéias sobre isso aí. Tudo indica que foi um ato impensado dos soviéticos. Eles foram sendo arrastados; se meteram na engrenagem. O Afeganistão é um país muito antigo, não é um país qualquer. É um país milenar e ninguém nunca vai destruir o Afeganistão. Eles sempre vão se defender. Em toda a época do colonialismo, nem os russos, que invadiram grande parte da Ásia do Norte, tomaram aqueles países todos da Ásia do Norte. Nem os ingleses, que subiram a partir do Oceano Índico. Nem um dos dois lados conseguiu tomar o Afeganistão. Eles se defendiam como um povo de montanheses. O Afeganistão é constituído de um povo um pouco medieval. Agora o que aconteceu: se cria aí um Partido Comunista. Esse Partido Comunista tenta no Afeganistão qualquer coisa parecida com a que se fez na Mongólia. Tenta a idéia de controlar o Estado, e a partir do seu controle, pedir a ajuda do Exterior. Aparentemente os russos começaram a dar alguma ajuda, depois começou a se dividir como as coisas que aconteceu no Irã. E entrou uma variável nova dentro do Afeganistão, que é uma corrente islâmica. Se intensificou um movimento islâmico integrista dentro do Afeganistão. Isso, então, colocou o Partido Comunista em situação difícil. Então, começaram os golpes entre eles. Nessas lutas internas, eles pediram ajuda a uma facção e conseguiram a intervenção soviética. Isso foi um ato realmente violento e muito arriscado para os soviéticos. Isso vai ser uma guerra muito longa. Os soviéticos entraram no Afeganistão propriamente sem querer; uma vez dentro não podiam mais sair sem perder fácil. E hoje em dia estão tentando encontrar uma forma para sair disso. A forma que eles gostariam realmente era uma negociação, que o próprio governo do Afeganistão fizesse com o Irã e com o Paquistão. Mas outros não querem negociar com esse governo que eles impuseram lá. Querem negociar a partir do momento em que haja uma outra força política no Afeganistão.

□ *Até onde essa transformação da política francesa vai repercutir na estratégia da União Soviética de levar a socialização à economia de outros países?*

• O que está se passando na França é um socialismo de tipo puramente europeu, que não tem nenhum parentesco com a experiência do Leste. Essa experiência francesa provavelmente vai reforçar o que está se passando na Polônia, que é a idéia exatamente de um socialismo em que não existe um controle da sociedade pelo Estado. A experiência comunista socialista da União Soviética, hoje em dia, está muito na defensiva, particularmente na Europa, pelo fato de que certos valores são fundamentais no mundo europeu. O valor de uma imprensa livre, por exemplo: chegar aqui para debater como eu debato com vocês. Esses valores, hoje em dia, depois de 60 anos não existem na União Soviética. Nem o europeu da Europa Central nem os comunistas franceses aceitam isso. Portanto o descrédito da União Soviética, como experiência histórica, existe hoje em dia dentro dos Partidos Comunistas da Europa Ocidental. Não falo só dos italianos não, nem dos espanhóis. É de todos eles. Isso é um aspecto grave da situação, porque a União Soviética sofre isso em consequência da carreira armamentista. Ao assumir uma responsabilidade tão grande na carreira armamentista, a União Soviética teve que limitar muito mais a expectativa da sua população no plano social.

□ *Para um país que está com a economia doente como é o caso do Brasil, qual seria o modelo político adequado para a solução do seu problema maior, que é o caso da inflação?*

• A inflação indubitavelmente é um sintoma de desordem numa economia. Evidentemente, essa desordem pode ser provocada por um choque: a elevação do preço do petróleo. Esse petróleo, para se ter uma idéia, representou uma degradação de 25 por cento nos fins de 1974; 25 por cento dos termos de intercâmbio do Brasil. A exportação brasileira naquela época representava mais ou menos 8 por cento do produto nacional; portanto, foi na verdade 2 por cento do produto nacional que apresentou como captação. Portanto, o problema era absorver isso. Agora, o que se fez no Brasil foi ignorar completamente isso e seguir correndo; então, o Governo perdeu o controle da situação e a inflação é a manifestação disso. Há países, como o caso do Japão, que importam todo o seu petróleo porque, não têm nenhuma fonte geradora de energia. O Japão importava, já em 1974, 300 milhões de toneladas por ano de petróleo, e hoje é considerado um país completamente equilibrado e pagou a conta. Na Europa, um país como a Alemanha, que importa todo o seu petróleo, mantem-se perfeitamente em equilíbrio. O que aconteceu foi que em 74, quando o Brasil sofreu esse choque, em vez de se preparar para absorvê-lo, abriu completamente as portas à importação. Tratava de aumentar rapidamente a oferta mediante a importação, [endividou-se. O déficit em conta-corrente da balança de pagamentos do Brasil em 74, foi o que representou 7 por cento do produto nacional. O que vem ocorrendo no Brasil é uma manifestação de desgoverno.

□ *O sr. foi o responsável direto pela instituição da Sudene, órgão que foi criado com uma estrutura de Ministério. Se diz inclusive, que o Ministério do Interior é a Sudene do Nordeste. De repente a Sudene foi se esvaziando e hoje é apenas um escritório do Ministério no Nordeste, recebendo ordens e transmitindo-as aos governadores. Esse esvaziamento da Sudene se deve a uma falta de ação política ou ao próprio modelo econômico brasileiro?*

• Deve-se basicamente a uma mudança que houve no quadro político brasileiro. É evidente que a Sudene correspondeu a uma resposta que o Brasil deu a uma problemática naquele momento preciso. A Sudene resultou de uma mobilização do Nordeste. Houve tensões aqui, que iam desde as Ligas Camponesas até a ação política dos governadores da região. Correspondeu a um quadro político determinado. Esse quadro político modificou-se completamente. Os governadores passaram a ser funcionários federais, acabando-se a idéia da possibilidade de ter um parlamento onde representava uma grande força e aprovava os planos da Sudene. Agora o plano da Sudene é um ato do próprio Executivo.

□ *O Governo brasileiro reafirma que vai fazer deste país uma democracia. Enquanto isso, atentados terroristas se repetem. O caso do Riocentro há alguns meses e o resultado da apuração, o Brasil todo viu com surpresa. O sr. acredita na sinceridade dessas afirmações do Governo Figueiredo?*

• Idubitavelmente eu considero um grande progresso que um atentado como esse como ocorreu no Riocentro tenha suscitado uma grande reação da imprensa. É que a imprensa tenha dado uma transparência considerada do que está se passando. Isso é que é importante, porque o episódio acontece em qualquer país do mundo. Nos Estados Unidos vem um cara e dá um tiro no Presidente da República. Mas são coisas que existem numa democracia. O importante é que isso imediatamente é esclarecido, é julgado dentro da lei do país. Num país como a Itália há atentados de toda a ordem, e são todos julgados dentro da lei. Na Espanha, em que o problema é mais complicado, porque é uma questão regional, existem atentados enormes. O primeiro passo nessa direção é que haja transparência, que a imprensa divulgue, que se debata, e que se saiba, inclusive, que a gente tem o direito de não acreditar nas conclusões do inquérito. É o que está se passando agora. Isto é que é um avanço.

ESPAÇO POLÍTICO

Mauro Nunes Pereira

O professor Celso Furtado é um cientista que sempre teve as suas preocupações voltadas também para o Nordeste. Sob este aspecto, a região pode ser considerada privilegiada, por contar com um pensador social dos mais lúcidos do mundo de hoje. O professor Celso propõe que a questão Nordeste seja pensada globalmente. E mais, que haja a participação e o envolvimento de todos os segmentos da sociedade nas proposições de alternativas que conduzam o Nordeste á porta de saída da miséria absoluta em que se encontra, e que definam o seu futuro.

Não é novo o diagnóstico sempre repetido de que "não existe em todo o mundo ocidental, região tão populosa com tão elevado grau de pobreza absoluta", como não é nova a colocação de que a questão Nordeste é uma questão eminentemente política. Muito menos é novidade que o Nordeste vem passando desde há muito tempo, por um cruciante processo de esvaziamento político e de desgoverno. O que é novo é o processo de mobilizar as pessoas, motivando-as no sentido do "pensar o Nordeste" de forma integral e dentro de uma dimensão sócio-político. É pensar a Região, dentro das perspectivas do país e do mundo de hoje. E é pensar as pessoas na sua dimensão maior e mais nobre, que é a humana.

A proposta maior, da construção de uma consciência crítico-reflexiva na região, é o marco mais expressivo deixado pelo professor Celso Furtado, nesta sua rápida visita. Refletir criticamente o Nordeste, engajando e envolvendo todos os segmentos da sociedade brasileira, é a etapa primeira e fundamental para a sedimentação de um processo de conscientização que seja permanente e dinâmico. Isto é, trata-se de um processo sem terminalidade e transferível para as gerações futuras. Há vinte anos atrás o professor Celso Furtado dizia que não se veria um Nordeste desenvolvido, antes que fossem sacrificadas duas gerações. E praticamente já consumimos uma geração, que pouco fez por um desenvolvimento desejável para a região, quer pela omissão de um trabalho crítico-reflexivo, quer por esmagamento de vontades políticas emergentes.

Se o bôjo institucional em que se concebe a reflexão crítica é efetivamente democrático, a vontade política fluirá naturalmente, na medida em que as ações estejam direcionadas para a lógica do desenvolvimento, que é a lógica do bem-estar da população em toda a sua extensão e da plenitude do viver de cada um. O exercício da vontade política é muito mais amplo do que simplesmente o de inserir um ideário nos discursos das Câmaras, Senados ou Assembléias. Esta vontade, para assumir foros de legitimidade, terá que partir necessariamente do povo. E aí está um ponto básico á exigir profunda reflexão: repensar o modelo político institucional e a consequente estrutura de poder vigente. Este espaço vem sendo conquistado gradativamente, muito embora a vontade de mudanças não seja exercida na sua plenitude, comprovando-se o desuso da consciência crítica, tão necessária ao processo.

É bem visível a posição de que o Nordeste não é uma questão simplesmente nordestina, a ser tratada somente pelos nordestinos. É um problema de Brasil, é um problema dos brasileiros. Contudo, enquanto o centralismo estiver inscrito, como está, na estrutura econômica do Brasil, as possibilidades de integração de economias regionais, continuarão remotas. Isto evidencia a necessidade de que a gestação de uma consciência nacional seja concebida e deflagrada a partir de uma vontade regional. Justamente porque "a lógica da centralização é implacável" como dizia o professor Celso, é que é indispensável a conformação de uma força política regional que conduza ao repensamento e a reestrutura da distribuição do poder.

A conquista desse espaço político é fundamental e indispensável para que o Nordeste, como matriz cultural maior do país, encontre os caminhos para inventar o seu próprio desenvolvimento.

Sociedade

IVONALDO CORREA

POSIÇÃO DE BRAGA

□ *O médico Carneiro Braga, fiel aos princípios que nortearam sua vitoriosa caminhada à comodoria do Iate Clube da Paraíba, embora não pense em reeleição e nem tão pouco em participar ativamente da campanha em que será escolhido o seu sucessor, não irá de encontro aos ideais daqueles que com ele, em abril, de 1980, estiveram ombreados.*

□ *A posição do Comodoro Carneiro Braga não poderia ser outra e significa, além de mais, uma prova de lealdade aos também leais seguidores de sua doutrina, transformada em vitória incontestável e num impulso impressionante dado ao Iate Clube da Paraíba, no decorrer de sua administração, até agora modelo e sem merecer nenhuma censura, só elogios.*



EULINA MAIA CABRAL, VISTA PELA OBJETIVA DE MARIO JÁCOME

DJAIR NÓBREGA: UM PARAIBANO DE SORTE

□ *No Boletim da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), que a entidade "mater" do nosso futebol está distribuindo para todos os compradores do seu Super Plano de Sorteios, está publicado o seguinte:*

□ *"Um dos argumentos que usamos para vender o Super Plano CBF é que você pode ganhar um ou mais carros num mesmo sorteio. Pois bem, da teoria passamos à prática. Djair Nóbrega, paraibano de João Pessoa, morador no Parque Solon de Lucena, 52 no dia 15 de abril foi sorteado com dois automóveis Volkswagen Gol. Entre outros carnês estavam os de números 21.338 e 21.339, ambos adquiridos na agência do Banco America do Sul S.A. de João Pessoa. É por pouco, muito pouco mesmo, Djair não leva um terceiro automóvel, pois ele também é portador do carnê 21.340.*

□ *Neste mesmo sorteio saiu outro carro para João Pessoa; Hamilton Maciel S. Araújo, da rua São José Jardim, 51-B, também comprou o seu carnê nº 21.337 na mesma agência bancária".*

Almoço e negócios

□ *Uma figura bastante cumprimentada sexta-feira no Cassino da Lagoa foi o industrial Teotônio Neto, que todos os paraibanos admiram pelo sua tenacidade e reconhecido espírito público.*

□ *O ex-parlamentar chegou em companhia dos industriais Paulo Brandão e Roberto Cavalcanti. No Cassino almoçaram e discutiram, certamente, assuntos de interesses mútuos.*

Encontro cenecista

□ *Na cidade de Fortaleza, dia 18, será aberto o XXXVIII Congresso da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade. Inúmeros cenecistas do Norte a Sul lá estarão para participar dos debates. Daqui seguirá o jornalista José Barbosa de Sousa Lima, presidente da CNEC/Paraíba.*

□ *O dirigente cenecista paraibano viajará no dia 10 em companhia de sua esposa Aldaíza. Com eles vão também o General e sra. Antônio (Léa) Bandeira.*

□□□

Amaury o imortal

□ *Depois da bonita e concorrida festa de posse do cronista Carlos Romero, a presidência da Academia Paraibana de Letras prepara-se para uma outra. No dia 5 (sexta-feira) será a vez do professor e advogado Amaury Vasconcelos ganhar a imortalidade.*

□ *Amaury vai para a Cadeira 18, cujo patrono é o historiador Irineu Pinto. Na ocasião será saudado pelo acadêmico Humberto Nóbrega.*

□□□

Um novo diretor

□ *Não há mais dúvida quanto a aceitação. Luciano será apresentado em grande festa que o clube está programando para o final deste mês, com Ivanildo e Seu Saxo de Ouro.*

□ *Na próxima reunião do Conselho Deliberativo do Jangada Clube, a ser convocada pelo seu presidente médico Gidcomo Zácara, o colegiado apreciará a mensagem do presidente Marco Crispim de apresentação do nome do médico Luciano Henriques para novo diretor social.*



CASAL EMPRESARIO HUMBERTO (ADYLIA) RABELLO

□□□

Um clube em evidência

□ *O presidente Marco Crispim está decidido mesmo a tornar o Jangada Clube ainda mais movimentado, não só no setor social como também no esportivo. Este mês a agremiação alvirubra irá novamente reunir seus associados para outra grande festa dançante. Como a orquestra de Ivanildo não poderá vir no dia 31, é possível que o encontro seja antecipado.*

□ *Está também pensando o presidente do Jangada Clube ativar a parte recreativa do "mais fechado", organizando um campeonato interno de sinuca e um outro de futebol de mesa (celotex). Tudo isto sem esquecer a formação da "Batucada do Jangada", para agitação às terças e sextas-feiras.*

□ *As quadras de tênis têm sido outra preocupação permanente do presidente Marco Crispim. O Jangada, realmente, está disparado.*



FÁTIMA E NAPOLEÃO CASADO, DA SOCIEDADE PESSOENSE

□□□

Aniversário de Astrid

□ *A colunista Astrid Bakke Di Pace nunca se sentiu tão feliz e nem tão pouco cercada de tantas amizades sinceras, como na última sexta-feira no Elite, quando foi homenageada no dia do seu aniversário por senhoras da sociedade.*

□ *Em meio à festa, a cronista de "O Momento" foi presenteada com um quadro seu pelo artista Elpídio. Vários brindes foram sorteados, saindo premiadas a aniversariante, sua filha Ingrid, e as senhoras Lilita Targino e Nerita Rolim. Dona Glauce Burity foi levar seu abraço a Astrid.*

□ *Impossível relacionar todas as presenças, mas destacamos Mariza Gaudêncio, Helena Passos, Lúcia Mangueira, Roberta Aquino, Cely Furtado, Maria Emília Freitas, Ana Rita Tavares, Virgínia Maia, Elizabeth Pinto, Eulina Cabral (foto), Lúcia Padilha, Dizinha Góes, Lourdinha Cruz, Marinez Amorim, Selda Ribeiro, Marlene Terceiro Neto, Eveline Limeira, Ana Lúcia Ribeiro, Edna Gomes.*

Rápidas

- *MÉRCIA e Walderedo Nunes de Brito estão fazendo hoje aniversário de casamento. Amanhã será a vez de Arluce e José Lemos.* □□□ *COLEÇÃO da Vera Modas será mostrada em desfile, dia 12 de agosto, no Cabo Branco, em benefício da Amem.* □□□ *RESTAURANTE do Astrés serve hoje feijoada aos seus associados.* □□□ *DÉA e Marcos Teixeira estão dando os retoques finais em sua nova residência.* □□□ *PAULO Augusto, Paulo Cézar e Angeline, filhos de Aline e Paulo Pires, seguem viagem, dia 9, aos Estados Unidos.* □□□ *RAQUEL e Lula Soares voltaram de Aracaju, onde receberam a hospitalidade de Maria da Paz e Mario Castelo Branco, ela filha do casal Gen. Délio Barbosa Leite.* □□□ *GUILHERME Di Lorenzo vai aos Estados Unidos se encontrar com a noiva Marília Beltrão, que está fazendo curso naquele país.* □□□ *SEGUINDO para a Suiça nos próximos dias o industrial Francisco Anísio de Paula Cavalcanti.* □□□ *MARLENE Costa comemorará seu aniversário quarta-feira no Hotel Tambaú.* □□□ *LIGIA Braga receberá dia 8 em sua residência o Informal Clube.* □□□ *RENÚNCIA no Iate Clube.*

Promoção

□ Será Tereza Madalena Lira Braga, Assessora de Recreação e Cultura da Prefeitura de Campina Grande, a responsável pela apresentação dos novos rostos da sociedade serrana durante a festa que o colunista Josildo Albuquerque irá promover no dia 15 de agosto.

□ A festa das "News Faces" terá lugar no Clube Campestre, decorado por Nair Luz. Josildo contratou a Orquestra Super O'Hara. Convidados pessoenses participarão do encontro.

Agente

□ A Viação Aérea São Paulo (VASP), através de sua diretoria, resolveu transformar o seu escritório em João Pessoa em agência, numa evidente prova de que os negócios vão muito bem.

□ A agência se instalará modernamente no Parque Solon de Lucena e, pelo que se tem comentado, terá como seu agente responsável o experiente Dolly Von Shosten.

Rotárias

□ Jocelina Reopell, que vinha respondendo interinamente pela presidência da Casa da Amizade, foi eleita e passará a ocupar oficialmente a direção daquela entidade de fins meritórios e formada pelas damas rotárias de João Pessoa.

□ A posse de Jocelina está marcada para a noite (20h) da próxima terça-feira, segundo informa Suzana Moura Melo.

Canino

□ Henrique Almeida viajou para outra exposição canina internacional. Deste vez ele irá mostrar os campeoníssimos "Saveiro" e "Afra" para os alagoanos. Gilda, sua esposa, viajou ontem em companhia do filho Toni.

□ Para lá também seguiram Ornezina e João Alberto da Cunha, ele presidente do Kennel Clube do Estado da Paraíba. Aqui estarão amanhã.

Provedor

□ A Irmandade da Santa Casa da Misericórdia está convocada para se reunir em assembléia, hoje, às 9h30m, a fim de proceder a eleição de 24 membros da Junta Definatória e suplentes, bem como provedor e vice-provedor, cujos nomes constam de chapa já registrada.

□ O pleito será na Igreja da Misericórdia, encerrando-se às 11 horas. Espera-se o comparecimento de todos os Irmãos.

ANEL DO CURIMATAÚ

Evaldo Gonçalves

Não merece contestação a afirmativa de que qualquer Administração se consagra na medida em que implanta boas estradas, no âmbito de sua jurisdição. Já o Presidente Washington Luiz afirmava que "Governar é construir estradas". Isto tem sido confirmado na prática, embora nos dias atuais, em face da crise do Petróleo, esteja se culpando a nossa Rede Rodoviária pelo agravamento da situação. Nosso Estado da Paraíba, em termos relativos, é dotado de uma razoável malha rodoviária asfaltada, cortado que é por várias BRs do Plano Rodoviário Nacional e tem merecido dos Governos Estaduais as melhores atenções na implantação de uma infraestrutura de rodovias de alto padrão técnico. Pedro Gondim, João Agripino, Ernany Sátyro e Ivan Bichara, todos, a seu tempo, fizeram sua parte. Neste governo do Professor Tarcísio Burity, além da continuação dos esforços anteriores, sua administração será marcada pela construção do Anel do Curimataú, ligando a cidade de Soledade à de Remígio, numa extensão de mais de 150 quilômetros, o que significa ligar a BR-230 à BR-104, substituindo o Governo do Estado uma ação administrativa que competiria ao Governo Federal. Necessário não será dizer que tal iniciativa do Governo Burity se justifica plenamente. Não só em razão da ligação se justificar por si mesma: é obra de integração do nosso Estado. Aquela área vivia isolada mantendo, por isso mesmo, maiores ligações com o vizinho Estado do Rio Grande do Norte. Não só por esse motivo, já relevante, mas sobretudo em função de ser a micro-região 91 - o Curimataú paraibano, a maior área produtora de sisal e minérios da Paraíba, sem se subestimar, por outro lado, sua produção agrícola já bastante diversificada. Ora, com a construção do Anel do Curimataú o Governo Burity além de realizar a sua grande obra rodoviária, resgatará uma dívida enorme do Estado para com aquela região que muito tem contribuído para as finanças da Paraíba.

Ademais, o alto padrão que está sendo emprestado à construção do Anel do Curimataú é característica que está valorizando sobremodo a obra. E diga-se de passagem, já foram construídos mais de trinta quilômetros no trecho Cuité / Barra de Santa Rosa. Em construção, já se encontram os trechos Barra de Santa Rosa / Remígio e Soledade / Cubati / São Vicente do Seridó, completando-se a ligação até Picuí em meados de 1982, o que representará a conclusão do Anel Rodoviário do Curimataú. Tenho a certeza de que essa rodovia se constituirá na maior realização do Governo Burity com reflexos positivos não só na economia do Curimataú como na de todo o Estado. Mais tarde talvez, quem sabe, seja o Anel do Curimataú a obra através da qual fique mais lembrado o Governo Burity.

Fundador
Edson Régis
• 27-Maio-1949

Correio das Artes

Suplemento
quinzenal
de A UNIÃO

NOVA FASE

João Pessoa, 05 de julho de 1981

Nº 150



A LUTA PELA CONSOLIDAÇÃO DA PERSONALIDADE AFRICANA

• Geraldo Sobral

Num dos mais sérios estudos já empreendidos sobre o desenvolvimento do romance de autores negros de expressão francesa, Jingiri J. Achiriga descobre as raízes de sua revolta (1). Desde os movimentos *Presença Africana* e *Négritude*, inspirados sem dúvida nas obras dos haitiano Jacques Roumain e martinicano Aimé Cesaire, a novelística africana de língua francesa buscou tenazmente o que se convencionou denominar "personalidade africana" e, em particular instância, a identidade nacional em meio à diversidade.

Analisando com sensibilidade de um entomologista, Achiriga apreende todo esforço despendido pela *intelligentsia* negra para a autoafirmação. Desvincular-se dos laços coloniais, daquela forma de pensar que aprisiona e deforma, para assegurar a vitalidade das formas e expressões típicas das diversas sociedades negras da África. Surpreende, por exemplo, alguns tipos de "personalidade africana" elaborados por vários artistas. E que nessa busca os romancistas se revoltaram para não sucumbir ante às forças dominadoras e alienantes da metrópole. Dal o expressivo título de seu livro: *La Révolte des Romanciers Noirs*.

Que tipos de "personalidade africana" detectou Jingiri J. Achiriga? O primeiro deles estaria em *Le Regard du Roi*, de Laye Camara, em que se inaugura um Deus negro dotado de um amor infinito, que não somente salva como oferece vida eterna. No mesmo sentido opera *L'Aventure ambigue*, de Cheikh Hamidou Kane, escrito após a independência do Senegal, ao invés da obra de Laye Camara. Propõem estes romances ao "negro um lugar de vida onde as fronteiras entre a vida e a morte, se é que existem, não são exclusivas". É preciso entretanto, a esta altura, relembrar Jacques Roumain com seu *Gouverneurs de lá Rosée*, cujas implicações sociais marcam *O payes, mon bon Peuple*, de Ousmane Sembène, entre outros.

O outro tipo se revela na descoberta da condição de colonizado. Cite-se assim a nostalgia do herói de *L'Enfant Noir*, marcante romance do citado Faye Camara que atraiu a atenção dos críticos européus para a nascente literatura negro-africana. Ou a frustração do protagonista de *Ville Cruelle*, de Eza Boto, ou no fugitivo racismo da heroina de *Nini*, de Abdoulaye Sadji. Ainda se registra na resistência ao catolicismo em *Le Pauvre Christ de Bomba*, de Mongo Béti, caminho este que esbarra na capitulação com *Le Vieux Nègre et la Medaille*, de Ferdinand Oyono. Ou ainda no significativo *Une Vie de Boy*, de citado Oyono, símbolo da degradação de uma negra em contacto com seus amigos brancos.

Assinala o Autor de *La Révolte des Romanciers Noirs* que os romancistas sofreram mais fortemente que os poetas da *Négritude*, liderados por Leopoldo Seghnor, a influência ampla de afirmação da "personalidade Africana". Teriam atendido aos fortes apelos de sua gente, embriagando-se com as venturas e desventuras de seu povo. E sobretudo ao influxo de correntes anticolonialistas que se foram germinando ao sabor dos acontecimentos.

Esta busca e afinal conquista de uma "personalidade africana", traduzida em identidade nacional, germina do que Jingiri J. Achiriga denominou de revolta. Em que consistiria basicamente a revolta? Afastando a idéia genérica, Achiriga esclarece: *"Il y a état de révolte quand un "sujet" se dresse contre ce qui le gêne, qu'il s'agisse d'un objet, de sa propre condition ou d'un autre sujet. Refus de la contrainte, le geste du revolté ne s'exerce pas toujours dans un état absolument conscient et sá revolté se situe plus exactement entre l'effacement qu'il repousse et l'épanouissement dont il ressent un profond besoin, mais qu'il doit encore réaliser"*. Adianta ainda que *"tré liée au mécanisme de revolté est lá notion d'alienation qui semble avoir trouvé une place prépondérante dans lá littérature africaine.* E esta foi a situação do romance negro-africano, objeto de estudo do professor da Universidade de Ghana.

Essa manifestação do misto da revolta a alienação se inicia em termos de raça. A este respeito, a clarividência de Jingiri J. Achiriga fá-lo advertir que *"nous pouvons ajouter que tout combat ans ce domaine devient douteux lorsque faute de distinguer les moyens du but, le racisme devient un fin soi"*. A força do romance negro-africano se caracterizaria, mau grado alguns equívocos, portanto nos caminhos abertos pelo pioneiro da novelística negra: *Batoulavéritable roman nègre*, do martinicano René Maran, editado em Paris em 1921. E em *Gouverneurs de lá Rosée*, de Jacques Roumain. Concebida a política no alto sentido a que lhe atribuiu Aristóteles, estas obras ressoariam profundamente nos artistas da África negra de expressão francesa. Subjacente em todas as importantes criações literárias, abriria espaço para significativas realizações.

Num estudo tão sólido não esqueceu Jingiri J. Achiriga de assinalar influências outras, além do Haiti e de Martinica, na trajetória do romance negro. Lá encontramos o português Castro Soromenho, que antecipa os atuais escritores angolanos com seu *Camaxilo*, em tradução francesa. Também se faz presente Harriet Beecher Stowe, autora de *A Casa de Pai João*, e Richard Wright, outro autor norte-americano bastante conhecido por *Native Son* e *Black Boy*. Cada um, a seu modo, contribuiu para a floração dessa expressiva geração de escritores.

La Révolte des Romanciers Noirs com limitação e qualidades não trariu uma realidade a se insurgir contra as sutis teorias do prof. Antônio Cândido, autor de *Formação da Literatura Brasileira*? É uma indagação que se impõe.

1. – *La Révolte des Romanciers Noirs*, Jingiri J. Achiriga, Éditions Naaman, Québec, Canadá, 2ª edição, 257 PP., 1978. Prefácio de George Ngal, da Universidade Nacional do Zaire.

Correio das Artes
(Suplemento de A UNIÃO)

EDITOR
Sérgio de Castro Pinto

SUPERVISOR
Agnaldo Almeida

CONSELHO CONSULTIVO
Gonzaga Rodrigues
Antônio Barreto Neto
Arlindo Almeida
Walter Galvão
Vilson Brunei Meller
Sergio da Castro Pinto

***

Os conceitos e opiniões emitidos em matérias assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores.

Os originais de matérias não publicadas, mesmo quando solicitadas pela Editoria, não serão devolvidos.

***

Toda correspondência referente à editoria (cartas, colaborações, revistas e livros para registro) deve ser enviada à Rua Desembargador José Peregrino, 321, João Pessoa/Paraíba.

A correspondência referente a vendas, assinaturas e publicidade deve ser enviada para A UNIÃO Companhia Editora, Distrito Industrial, km 3 da BR-101, João Pessoa/Paraíba.

Assinatura anual
Paraíba
Cr$ 350,00
Outros Estados
Cr$ 400,00

Poema da infância feito em adulto

Se o tempo parasse
eu montava em sua garupa
e com o chicote do vento
gritava:

Yo Silver!

e célere galopava...

NESTE NÚMERO

Entrevistado pelo prof. Chico Viana, Antônio Carlos Villaça não sentiu nenhum recato em tecer considerações sobre a sua existência enquanto homem e enquanto escritor. Mas é principalmente do homem Villaça, de suas dúvidas, apreensões idiossincrasias, que o escritor Antônio Villaça discorre com muita propriedade. É óbvio, no entanto, que a excelência da entrevista também deve-se ao Prof. Chico Viana, principalmente se atentarmos na pertinência de suas indagações e no modo como ele soube conduzir uma entrevista que, em alguns momentos, se transforma num diálogo lúcido e inteligente. Esta é a primeira de uma série de entrevistas que o Prof. Chico Viana irá fazer para o *Correio das Artes*, ele que é uma espécie de correspondente deste suplemento no Rio de Janeiro.

João Batista Barbosa de Brito, que já publicou dois bons ensaios sobre Shakespeare neste suplemento, comparecem novamente ao *Correio das Artes*, desta feita com um ensaio sobre o crítico Northrop Frye, ao mesmo tempo em que aplica alguns dos princípios propugnados por esse teórico nas obras de alguns autores representativas da literatura universal.

Archidy Picado, Rita Monteiro, Tanussi Cardoso e Antônio Arcela são os poetas publicados nesta edição.

Pauló Sérgio Duarte - talvez o crítico brasileiro mais autorizado a falar sobre o trabalho do paraibano Antônio Dias -, em o *Papel do Artista: Trabalhar e Refletir*, aqui publicado, discorre a respeito dos papéis do Nepal, e, mais particularmente, o que eles representaram (e representam) para as artes plásticas brasileira.

No mais, veiculamos textos de Mercedes Ribeiro Pessoa Cavalcanti, Átila de Almeida, J. Alves Sobrinho, Geraldo Sobral, Lúcia Helena e Jácomo Mandatto.

As seções *Registro* e *Novos*, já tão conhecidas dos leitores deste suplemento, compõem este número do Correio das Artes.

Por último, desejamos informar que, na próxima edição, estaremos lançando um número especial do C. A. comemorando os oitenta anos do nascimento do escritor José Lins do Rego. Aguardamos colaborações.

O Editor.



A capa deste número é de Griselda Kluppel que, do período de 8 a 30 de julho, juntamente com Ana Isabel Ferreira, estará expondo uma série de fotografias no Núcleo de Arte Contemporânea

POEMAS DE TANUSSI CARDOSO

COMUNICAÇÃO

Haverá algo mais triste que o elevador?
Seu sobe-desce é monótono e inautêntico
e seu coração de aço é gélico.
As pessoas nunca falam.
Estão sempre sérias-com-rei-na-barriga
e dão sempre impressão de que vão morrer
sufocadas.
(Um dia, ainda dou um grito num elevador
qualquer, para acordar as pessoas).

SETA

O sinal vermelho parou o ônibus
na hora exata em que o amor passou.
(amor passa sempre no sinal vermelho).

MÃO-DE-OBRA

Um poeta é preso
e sua poesia queimada
e seus dentes quebrados
e sua língua cortada
pelo bem do país.
(Os outros poetas
bebem cerveja
e promovem debates
sobre os rumos da poesia).

POEMA

Amanhã é dia de esperança.
Coloquei o meu chinelo novo
Mandei minha mãe construir o meu brinquedo preferido
Minha vó fez o pudim de pão
Vesti a roupa
(branca)
mais leve
Desbravei um bonito sorriso
O coração pra um novo amor
E pus-me sentado à varanda na noite coberta
de estrelas.
Mas o amanhã passou tão sem jeito!
(Bem feito! Quem foi que disse pra eu não chorar?).

CAMA E MESA

Então ele vem cansado
Me dá com a pasta na cara
e cala.

Depois arrota um escárnio
Desabotoa e atira a roupa
à toa.

Bem passado seu terno
Me espreita pelo cabide
Cheirando a suor e bife.

Me arrasta pelos cabelos
Me esguelo me entrego
Sexo a álcool e a dente.

A DANÇA DOS MANEQUINS

ARCHIDY PICADO

os manequins
cobertos de pura seda
dançam feericamente
com suas mortas faces
e seus braços e pernas de cera

eretos, rígidos, inflexíveis
em sacrílegas procissões
os manequins se inclinam
em respeitosos gestos
e sorrisos involuntários

sem o menor constrangimento
bailam e rodopiam velozes
em patética alegria

contudo
eis que soa a hora nona
e neste momento
voltam às rebentadas vitrines

contemplam deslumbrados
o indisfarçável horror
dos que assistiam invisíveis
a devastadora dança dos manequins



O EVANGELHO DA CRÍTICA SEGUNDO NORTHROP FRYE

"Se a crítica, alguma vez, pudesse ser concebida como um estudo coerente e sistemático, cujos princípios elementares pudessem ser explicados a qualquer rapaz inteligente de dezenove anos, então, do ponto de vista de tal concepção, nenhum crítico seria senhor, atualmente, da idéia fundamental a propósito da crítica. O que os críticos têm agora é uma religião-mistério sem evangelho, e eles são iniciados que podem comunicar-se, ou discutir, apenas um com o outro". (Northrop Frye)

• JOÃO BATISTA BARBOSA DE BRITO

O objetivo desse trabalho é apresentar, de forma sucinta, alguns dos princípios básicos da teoria crítica de Northrop Frye, como expostos em sua obra *Anatomia da Crítica* (Cultrix, 1973). Embora o original *(Anatomy of Criticism*, Princeton, 1957) já tenha vinte e quatro anos de existência, a obra de Frye não é suficientemente conhecida em nossos meios universitários, onde, muitas vezes, os *modismos* sufocam quaisquer possíveis discussões de teorias que não estejam *em voga*.

Há toda uma gama de argumentos que se podem alegar em favor de um retrospecto de Frye, mas, aqui, um único é bastante: a sua obra, além de reivindicar um caráter científico para a crítica, abrange-a em sua totalidade, discutindo as várias correntes modernas de crítica e colocando-as como abordagens possíveis e não necessariamente excludentes. Segundo Frye, há quatro perspectivas distintas que a crítica pode assumir em relação à literatura: pode-se ver o fenômeno literário como *história, ética, arquétipo,* ou como *retórica*. A primeira perspectiva leva à teoria dos *modos*, a segunda, à teoria dos *símbolos;* a terceira, à teoria dos *mitos;* e, finalmente, a quarta, à teoria dos *gêneros*. A cada um desses tipos de crítica é dedicado um ensaio em seu livro. Aqui, por razões de espaço, nós nos limitaremos à *crítica histórica*.

Convém antes, porém, deixar claro o conceito de crítica literária defendido por Frey na *Introdução Polêmica* de seu livro. Para Frye, duas atitudes extremas prejudicam o conceito de crítica: uma, é a de que a arte seria um fenômeno *exclusivamente* popular, e que, portanto, não necessitaria de críticos para explicá-la; a outra é a que vê a arte como um artifício exclusivo para iniciados, neste caso, a crítica seria um mero código místico e esotérico, um privilégio de poucos. De acordo com Frye, a História tem provado a invalidade de ambas as atitudes: a popularidade e o mérito de um autor são fatos que não se relacionam diretamente, e é sempre através da crítica que um autor se afirma na história literária de seu país. Para dar um exemplo nosso: no século passado, José de Alencar pode ter sido mais *popular* do que Raul Pompéia, porém, o que os consagrou como autores foi o estudo crítico de suas obras, feito ao longo dos anos.

Outro argumento que Frye apresenta em favor da crítica é o fato de que as artes são *mudas* e a crítica *fala*. Isso é óbvio quando se considera as artes plásticas, mas mesmo uma arte verbal como a literatura não se dirige ao leitor *diretamente*, pois faz um uso *desinteressado* das palavras. Citando John Stuart Mill, Frye argumenta que o artista não é ouvido, mas entre ouvido: "o axioma da crítica, conclui Frye, devia ser, não que o poeta não sabe do que está falando, mas que ele não pode falar do que sabe". (p. 13).

Para Frye as escolas de crítica tradicionais (marxistas, tomistas, neo-clássicas, freudianas, junguianas, existencialistas, etc) partem geralmente de uma estrutura conceptual científica e/ou filosóficas (e portanto, extra literária) pre-estabelecida à qual se tenta adaptar o fenomeno da literatura. Em contraposição a essa submissão do fato literário a sistemas que o transcedem, Frye exige da crítica uma análise que se fundamente na existência de uma estrutura conceptual eminentemente literária, ou seja, derivada do estudo das obras como tal. Essa atitude crítica, que ele reputa de *científica*, a exemplo das ciências humanas, seria *intuitiva* enquanto processo, porém rigorosa e coerentemente sistemática, enquanto método e estrutura conceptual. Dessa forma, exclusivamente a experiência literária (que no crítico se transforma em habilidade) propiciaria a construção dessa estrutura que permitiria ao crítico emitir julgamentos de valor com base no seu próprio *bom gosto*.

Inspirando-se na *Poética* de Aristóteles, Frye inicia sua explanação sobre a *crítica histórica* com uma classificação da ficção em modos, a partir do poder de ação que o protagonista tem na obra. Assim, o herói pode ser superior em espécie aos outros homens (inclusive, e sobretudo, aos leitores) e ao seu meio: este é o *modo* do *mito*, que normalmente transcende as categorias literárias, como se dá com os deuses das mitologias clássica e cristã. Pode o herói ser superior em grau aos outros homens e ao seu meio: é o caso da *história romanesca* (em inglês, *romance)* que tem seus melhores exemplos nas lendas medievais. Outra possibilidade é o herói ser superior em grau aos outros homens, mas não ao seu meio, como acontece nas tragédias e na epopéia renascentista: usando terminologia aristotélica, Frye denomina esse *modo* de *alto-mimético*. É possível, ainda, que o herói esteja em nível de igualdade tanto com os outros homens, como com o seu meio, sendo tal o caso da comédia e da ficção realista, um *modo* que Frye chama de *baixo-mimético*. E, finalmente, o protagonista pode ser inferior a todos e a tudo: para esse tipo de literatura, muito comum no nosso século, Frye usa a expressão *modo irônico* que, naturalmente, não deve ser confundida com o sentido comum da palavra *ironia*.

Para efeito de ilustração, façamos o esquema:

Como se vê, essa classificação corresponde, *grosso modo*, à divisão tradicional da história da literatura em períodos ou escolas, com a vantagem, porém, de fundamentar-se em um fato literário, e não apenas histórico, qual seja, a importância do protagonista no contexto da obra. O que chamamos de Era Clássica se enquadra (até um certo limite) no *modo* fryeano do *mito*, o período medieval se encaixa no modo da *história romanesca;* o classicismo, no *alto-mimético;* já o romantismo seria uma tentativa de retorno à *história romanesca*. O realismo se relaciona com o *baixo-mimético*, e por fim, a literatura do século XX, com o *modo irônico*. Chamamos a atenção para o fato de que o que está interessando aqui não é a novidade da terminologia, mas da perspectiva.

Frye passa, então, a investigar o funcionamento de cada um dos cinco *modos* dentro do fenômeno da ficção, sem, porém deixar de fazer uma distinção importante no que tange ao comportamento social do protagonista: este, tanto pode estar marginalizado do seu meio social, como integrado a ele. Estas duas situações são responsáveis por dois tipos diversos de ficção, respectivamente, a fic-

OS MODOS DA FICÇÃO:	
Denominação e exemplos:	Poder de ação do herói em relação às outras pessoas e ao seu meio:
MITO (fora das categorias da literatura)	Superior em espécie
HISTÓRIA ROMANESCA (lendas e contos folclóricos)	Superior em grau
ALTO MIMÉTICO (tragédias e epopéias renascentistas)	Superior em grau às pessoas, mas inferior ao meio
BAIXO MIMÉTICO (comédias e ficção realista)	Igual
IRONIA (a maior parte da literatura moderna)	Inferior

ção *trágica* e a ficção *cômica*. Vejamos, de início, a relação dos *modos* com a ficção trágica.

Na ficção trágica, o *mito* tem seu exemplo mais patente na figura do Cristo que agoniza na cruz, exilado dos homens e de Deus, como se deduz de suas palavras: "Senhor, por que me abandonastes?" Na *história romanesca*, onde os personagens são ainda semi-deuses, os melhores exemplos do herói trágico são Bewulf, Roland, e os mártires das *vidas de santos*. Mas é com o *alto-mimético* que a ficção trágica alcança a sua intensidade maior: o seu herói está representado pelo líder que cai (vide: drama grego, tragédia elizabetana e Racine) em virtude, não necessariamente de um erro, mas sobretudo devido ao choque entre a força de sua personalidade e as adversidades do meio social em que vive. Já o *baixo-mimético*, no seu aspecto trágico, desenvolve a noção do *pathos*, e é muito comum que seu protagonista seja, não uma figura do sexo masculino, mas uma mulher (ou, às vezes, criança), como Daisy Miller em Henry James, e Tess em Thomas Hardy. O *modo irônico*, por sua vez, parece partir do pressuposto de que nenhuma relação entre o protagonista e o seu meio é possível, e que portanto, tudo que lhe acontece é arbitrário em sua essência; seu modelo é o *pharmakos* aristotélico, ou seja, a vítima por excelência, de um mundo mau por excelência. Os heróis trágicos desse *modo* são os marginais absolutos de, por exemplo, Kafka, Joyce, Camus e Sartre.

Passemos à ficção cômica. Em contrapartida ao mito de Dionísio morto (ou Cristo), a comédia mítica tem Apolo como seu protagonista, e.é, o herói que foi aceito pela sociedade dos deuses. Um sentido idêntido tem a imagem do Cristo ressuscitado. Na *história romanesca, a ficção cômica* se veicula através do idílio e do pastoral. No *alto-mimético* esta ficção tem seu melhor exemplo na *Comédia Antiga* de Aristófanes, e mais tarde, nos *romances* (sentido inglês do termo) como *A Tempestade*. Como já indicado, o *baixo-mimético* é por natureza o *modo* da comédia; a ele se associa a Nova Comédia de Plauto, Menandro e Terêncio, além de quase toda a produção cômica renascentista e pós-renascentista. Normalmente, a *ficção cômica baixo-mimética*, apresenta um conflito amoroso entre um homem e uma mulher, originado por alguma espécie de oposição social, que é superada através de uma mudança brusca no enredo: por exemplo, o herói, impedido de desposar a heroína por ser pobre, recebe, de súbito, uma herança de um tio rico que falece. Não esqueçamos que o tema aqui, ao contrário da ficção trágica, é o da integração do protagonista ao seu meio social

A comédia irônica nos leva a uma situação-limite no que se refere à situação do protagonista, que é agora um *pharmakos* que deve causar o riso, (como o fazem os heróis de Chaplin no cinema), ou sofrer um processo de reintegração forçada, como ocorre com os criminosos das *detective-stories*, caçados pelo olho infalível de um Sherlock Holmes ou James Bond.

Mas nem tudo em literatura é *ficção*. A esse termo, que designa o aspecto, narrativo da literatura, Frye opõe o termo grego *dianoia*, ou seja, pensamento poético, ou ainda, como quer Frye, *tema*. Quando alguém se indaga sobre o desenlace de uma estória numa obra qualquer (quer em prosa, quer em verso!) Ele está preocupado com o seu aspecto *ficcional*, ao passo que, ao perguntar-se sobre a mensagem ou significado dessa obra, essa pessoa se preocupa com o seu lado *temático*. Há obras que enfatizam a ficção, e outras há que enfatizam o *tema;* o que não há é uma obra exclusivamente *ficcional*, ou *temática*.

Feita esta diferenciação, Frye passa a examinar o funcionamento da sua escala de *modos* dentro da literatura temática. Na ficção, a posição do herói para com a sociedade permitiu a distinção entre o *trágico* e o *cômico*. Na literatura *temática* a atitude do autor para com seu meio vai permitir um outro tipo de distinção: ele pode retrair-se (como acontece geralmente na poesia lírica, na sátira e no epigrama) ou identificar-se com a sociedade de sua época (poesia épica, literatura didática, etc). Para classificar esses dois tipos de atitude e, consequentemente de literatura, Frye usa os termos *episódico* e *enciclopédico*, respectivamente.

No plano *mítico*, a literatura *temática* parece associar o *episódico* e o *enciclopédico:* para dar exemplos chave, o oráculo é essencialmente *episódico*, enquanto que as escrituras sagradas e o *Mahabharata* são tipicamente *enciclopédicos*. Na *história romanesca*, onde, muitas vezes o poeta é um nômade guiado pela memória, o *enciclopédico* prevalece: o menestrel errante das tradições grega e celta, e o trovador medieval são exemplos de um tipo de literatura que, segundo Frye, tem em Dante o seu maior expoente.

A literatura enciclopédica se fortalece mais ainda no período do *alto-mimético*, quando a nação se torna o valor supremo e o povo passa a identificar-se com o seu soberano: é a era dos grandes épicos como *The Faerie Queene, Paraiso Perdido* e *Os Lusíadas*. Até a poesia *episódica* da época tem um caráter centrípeto no sentido em que o poeta se volta, não para dentro de si, mas para a amante, o amigo ou alguma divindade, como se dá com Shakespeare e os poetas metafísicos.

Com o *baixo-mimético*, curiosamente, a *ficção* e o *tema* se distanciam um do outro mais do que em qualquer um dos outros *modos: Orgulho e Preconceito* e *Hyperion* são contemporâneos na Inglaterra, como no Brasil, por exemplo, são contemporâneos Alvares de Azevedo e José de Alencar. O *enciclopédico* nesse *modo*, consiste na criação de épicos mitológicos onde os mitos simbolizam estados mentais, dos quais *Fausto* é o exemplo supremo. Mas a grande força do *baixo-mimético* está na poesia *episódica*, egocêntrica e anti-social, que caracteriza o movimento romântico.

No *modo irônico*, a literatura *episódica* se caracteriza pela exclusão do poeta do processo de criação, que se reduz ao papel de mero artesão. O autor abdica a sua individualidade em prol de uma arte *pura*, e tal é o caso dos simbolistas franceses, como também de Rilke, Joyce e Proust. Por outro lado, o *enciclopédico* é traço forte nesses autores, especialmente em Joyce e Proust; o *temps perdu* deste último e o resumo histórico contido em *Finnegans Wake* são provas disso.

Um dos objetivos dessa divisão da literatura em *modos*, de acordo com Frye, é permitir uma maior flexibilidade no significado dos termos críticos. Consideremos os termos *romântico* e *realista* por exemplo. Contrariamente à fixidez de suas significações, nada impede que uma obra possa ser vista como romântica e realista, dependendo do ângulo pelo qual se olha para ela. Para dar exemplos brasileiros, *Dom Casmurro* é realista, se comparada a, digamos, *Iracema*, e romântica se comparada a *Vidas Secas*. A preocupação de Frye não é com cronologia ou rótulos de escolas, mas com a estrutura intrínseca da obra.

O esquema dos modos, por outro lado, também pode ser aplicado a detalhes específicos do processo de criação. Frye dá exemplo disso comparando o uso que é feito de fantasmas em cada um dos *modos* literários. Mo *mito* não há distinção entre fantasma e gente viva; na *história romanesca* o fantasma é visto como normal funcionando como um personagem a mais; no *alto-mimético* ele é facilmente introduzível (vide os fantasmas nas tragédias shakespearianas) embora se mantenha distante e misterioso. No *baixo-mimético*, o fantasma não existe, a não ser como elemento exclusivo do gênero de terror. E, finalmente, não há lugar para fantasmas de qualquer espécie no *modo irônico*.

Mas tão importante quanto distinguir os *modos* é ser capaz de recombiná-los. Pois a predominância de um dado *modo* numa obra não implica na ausência dos outros *modos*. Quem pode negar a força romanesca numa novela *baixo-mimética* como *O Morro dos Ventos Uivantes*? Ou a dosagem de *ironia* numa tragédia *alto-mimética* como *Antônio e Cleópatra*?

Concluindo seu ensaio sobre a *crítica histórica*, Frye demonstra como cada *modo* tende a criar, a partir de sua própria natureza, uma projeção existencial. Assim, nós teríamos a teologia como projeção do *modo mítico*. A religião fantástica, subjacente em *A Tempeste* e *Comus*, constituiria a visão filosófica da *história romanesca*. Um idealismo semi-platônico seria o núcleo filosófico do *alto-mimético*. Já o *baixo-mimético* teria desenvolvido uma filosofia do organismo, enquanto que a projeção existencial do *modo irônico* "talvez" (sic) seja o próprio *existencialismo*.

Aqui termina a primeira quarta parte do livro de Frye. Seguem-se então, três longos ensaios sobre as críticas, métrica, arquetípica, e retórica. Aos interessados que por ventura não conheçam a obra, recomendamos em particular as conceituações que o autor magistralmente desenvolve, no terceiro ensaio Comédia, História Romanesca, Tragédia e Sátira, com base nos arquétipos respectivos da Primavera, Versão, Outono e Inverno. A propósito, um mérito a mais que a *Anatomia da Crítica* possui (apesar do título) é o da beleza, um elemento não muito comum em livros de crítica.

ANTÔNIO CARLOS VILLAÇA, CRISTÃO DO MUNDO

ENTREVISTA A CHICO VIANA





Chico Viana e Antonio Carlos Villaça

Antônio Carlos Villaça é um homem particularíssimo. Acho que poucos viveram marcados por impulsos tão contraditórios - de crença e dúvida, sensualismo e misticismo, humildade e fome de poder. Villaça jamais conseguiu ser, em sentido estrito, um religioso, ou um leigo, pois sua fé e sua inteligência estiveram sempre em combate, impedindo uma escolha, ou mesmo uma síntese tranquila.

Hoje, depois dos cinquenta anos, poucos homens podem dizer o que ele diz, tal a singularidade e intensidade dos conflitos que o marcaram. A intimidade constante com a literatura e com o homem, dentro e fora do mosteiro, permitiu-lhe atestar enfim "a profundidade trágica que preludia o santo e o cínico". Entrevistá-lo foi compreender melhor a infinita dimensão do humano, no seu trágico confinamento com o divino. (L. V.).

A atualidade do Cristianismo

P - Na minha opinião, não há sistema ético que se mantenha sem uma sustentação metafísica. Os golpes infligidos ao Cristianismo - pelos iluministas, pelo cientificismo do séc. XIX - não destruíram a fábula, a mística, os mitos cristãos, aluindo desta forma a base de sustentação a que me referi? Até que ponto é possível que a igreja se laicize, assumindo o jogo (político) dos homens - e consiga manter a mística do sobrenatural?

R - Acho que tudo isto (marxismo, comunismo, ciência) purificou o cristianismo, que foi desafiado no sentido de ser mais fiel a si mesmo, de que assuma de forma mais autêntica, radical, a sua própria identidade como mensagem de renovação do mundo. Quanto nós não devemos a Marxs. Quanto nós, que acreditamos no cristianismo em certo sentido, não devemos a Freud ou a Nietzsche? Todos esses movimentos constituem um longo processo de tomada de consciência do homem diante de si mesmo.

P - Você falou em Nietzsche, mas ele escreveu o anti-Cristo!

R - Não obstante ter lançado o desafio da morte de Deus, e a negação mais radical do Cristo, ele provocou nos cristãos uma resposta com esse desafio. É preciso não separar tanto os homens e os cristãos - homens de um lado, cristãos do outro -, pois tudo isto como que forma um caldo só. Não se pode delimitar no homem onde acaba o cristão e começa o não-cristão ou o homem puramente humano. Tudo é uma coisa só, um processo histórico em que estamos todos engajados.

P - Mas você não acha que há uma crise de mitos, sobretudo dos mitos cristãos? Sem o medo de um julgamento eterno, em esferas de um outro mundo, não há porque cumprir os preceitos dispostos pela ética cristã. O homem tem que se defrontar perigosamente com a sua liberdade...

R - Sem dúvida que há uma libertação. O Pe. Gustavo Thils, de Louvain, tem todo um livro, "A Teologia das Realidades Terrestres", em que fala do serviço que a cultura moderna prestou ao cristianismo, no sentido de libertá-lo de sua própria mitologia, digamos, negativa.

P - Mitologia negativa?

R - Certa mitologia negativa. A descoberta do humano, com a superação dessa alienação pseudamente metafísica - isto nós devemos aos profetas do mundo moderno.

P - Seria o caso de se conceber um cristianismo imanentista?

R - Sim. O Cristianismo caminha no sentido do imanentismo. É uma exigência, um dado histórico.

P - Mas isto não é contraditório?

R - Exatamente. Há toda uma teologia, uma teologa significativa, que afirma o ateísmo cristão. Parece uma contradição, mas nós devemos ir além dela. O cristianismo só seria cristianismo, dizem esses teólogos, sendo ateísmo, não no sentido de uma sucessividade histórica, a experiência do ateísmo como um aprofundamento de que depois surgiria o cristianismo - mas algo de realmente ontológico, e não propriamente existencial.

P - Você vai lançar um novo livro, "Degustação". Em "O Nariz do Morto" manifestam-se diversas crises, em razão das quais a vida, seguramente não teria sido degustada. Será que agora o escritor encontrou gosto, sabor na existência? Haveria alguma relação entre esse gosto, enfim encontrado, e o sentido... o sentido da vida?

R - Eu sempre vivi em crise. Ainda hoje me vejo dentro desse processo crítico. Sempre fui uma pessoa dilacerada justamente por estes dois apelos: de um lado, o ascético-místico; do outro, o sensual. Há fases em que há uma vitória do primeiro. Eu tive a minha fase mística violenta, patética, entre os 20 e 25 anos, com sua supremacia absoluta do ideal místico ascético - mais místico do que ascético. Depois disso, a dimensão da sensualidade cresceu. Sempre fui um sensual. Mesmo nos dias em que estava no mosteiro, eu tinha a sensualidade da mística, e a sensualidade da ascese...

Entre o mosteiro e o mundo

P - Villaça, por falar em mosteiro; você aponta os monges...

R - ... como seres terríveis, abissais.

P - Na descrição dos monges indo para o ofício matinal, em "O Nariz do Morto", você os mostra lerdos, estremunhando, arrotando... Parece que a dimensão física do homem concorreu para destruir o idealismo que você concentrava na vida religiosa.

R - Certo, e de uma forma muito profunda e pessoal, porque eu fugia da minha problemática física. Eu fugia do meu próprio corpo. Havia um anseio, um ímpeto de superação do próprio corpo. Me horrorizava encontrar o físico, valores de ordem física, por exemplo, na privada do banheiro - que monge mijasse, que monge defecasse. Se você me pergunta o que mais me chocou no mosteiro, eu respondo: ver o monge chegar junto ao mictório, levantar aquela saia (eles levantavam assim, com uma violência inacreditável) e urinar. Eu me fechava na privada para urinar. Me violentava aquele encontro com a genitália... monástica. Me parece que havia em mim uma sede de intensidade mística que era uma fuga. Eu fugia de mim mesmo, eu fugia do meu próprio corpo. Essa problemática era muito intensa - o corpo -, mas foi superada aos poucos, com o tempo. O tempo nos faz e nos desmancha, nos destrói...

P - O sensualismo também tem que superar essa sombra de escatologia. Ele requer certo traço de idealidade...

R - Santo Agostinho tinha pavor das fezes e da urina. Eu sempre tive também. Acho que todo ser humano tem certa reserva diante desse submundo, ou quase submundo.

P - Essa incompatibilidade, essa rejeição era algo muito maior do que uma questão de fé ou não-fé. Você parecia não aceitar o humano integral, negar o humano integral.

R - Eu procurava os anjos. Não queria encontrar os homens, mas o anjos. Havia um profundo angelismo, uma forma de alienação, de fuga, do humano.

P - Mas nada ficou respondido acerca da degustação. Após tanto sofrimento, o que é realmente degustável?

R - O mundo, a vida. Eu tenho hoje uma posição de espectador da vida, alguém que assiste.

P - Então a vida vale pelas pessoas, pelo convívio. Daí se pode extrair certo hedonismo...

R - Mas não haverá um hedonismo no misticismo? Não haverá um hedonismo na ascese?

P - Acho que a idéia de hedonismo está em choque com o anseio de redenção. Ela não é hedonística.

R - Você pode encontrar prazer na própria dor.

P - Villaça, qual foi o mais difícil: entrar ou sair do mosteiro?

R - Sair foi muito mais difícil. Medo do mundo, medo de mim. Ainda hoje fico pensando a toda hora em entrar para Serra Clara, o único mosteiro contemplativo do Brasil.

P - E por que não faz isso? O que é que o impede?

R - Eu acho que ficaria doido se entrasse para lá. Eu adoro movimento, adoro vida, adoro coquetel, adoro receber você pra bater papo, adoro partir para a China daqui a cinco minutos...

P - Você tem uma prática religiosa rotineira?

R - Não, não. Eu não aguento missa. Fico impaciente, acho aquilo muito chato. Não aguento sermão de padre. Há vinte anos que eu não tenho rotina religiosa. Tenho angústia, até sedução por esses valores - mas quando me aproximo concretamente, não suporto.

P - Ali você não identifica a vida. A vida está fora do convento...

R - Mas também está dentro do convento (Ri.). Está nos dois lugares, esta é que é a dificuldade.

A nostalgia do poder

P - Realmente, a dificuldade. E que dificuldade.

R – Olhe, gosto da vida como espetáculo, mas tenho ao mesmo tempo grande fascínio pela ação. Tenho um grande sofrimento por não possuir o poder. A grande frustração da minha vida decorreu do poder. Eu nasci para ele. Maior em mim do que a nostalgia de não ter amado, é a nostalgia do poder. Quando era menino, eu pensava que era o Mao-Tse-Tung. O poder entendido como banda de música. Em essência o poder para mim é a banda de música. Você me dá a banda de música, eu sou um homem feliz.

P – O que é que satisfaria a fome de poder, hoje, do escritor Villaça? A Academia?

R – A Academia é uma conversa fiada. Bom, é um pouco na linha do poder, é uma fatia dele. Olhe, não tem poder nenhum... é o poder de dizer umas palavrinhas, tomar umas gulodices nas quintas-feiras, fazer um discursinho ali na sala para dezesseis velhotes sonolentos, doidos para você acabar de falar para lhes dar o que falarem, ou irem embora.

P – Como se pode conciliar a fome de poder com o desprendimento das coisas materiais?

R – Eu vi homens profundamente humildes, em São Bento, que eram verdadeiros autocratas, autocratas de si mesmos - como Dom Martinho Michler, uma figura fáustica, abade de São Bento no meu tempo, e meu padre-mestre como noviço. Ele tinha vivido o sétimo capítulo da regra de São Bento, de humilitate - o centro da espiritualidade beneditina- de forma intensíssima. Fazia da humildade uma plenitude de poder. Tinha consciência até psicológica do poder quase diabólico, faústico, da humildade. É impressionante como as antíteses que nós criamos, ou que existem na realidade, se comunicam e tendem à síntese. Que síntese? - eu não sei. Hoje o velho, obrigado a renunciar contra a vontade, está refugiado num mosteiro da Alemanha; foi abade de 1948 a 1969. Tinha sede de poder, como eu. Está lá, entregue à vida vegetativa, entregue às baratas, sonhando com o Rio de Janeiro.

Sexo: ausência presente

P – Há quem diga que as duas grandes aspirações do homem são poder e sexo.

R – O sexo foi muito importante na minha vida, pela... pela ausência até certo ponto. Eu era um menino muito assexuado.

P – Desormonizado e desarmonizado...

R – É. E sentindo que por isso mesmo não viveria a vida. Daí a concentração toda no plano intelectual, como uma compensação, e a certeza de que o meu destino seria uma grande frustração. Entrei para o mosteiro virgem, aos vinte anos. Sexo para mim era uma coisa tão longe como a muralha da China. Mas era uma pessoa extremamente sensual, guloso em relação à vida, atento ao sexo. O sexo me preocupava e me absorvia.

P – Isto chegou a se objetivar em relação a alguma pessoa, alguma mulher específica?

R – Não, eu sempre fui muito misógino. Sempre tive medo e aversão às mulheres.

P – Este sentimento não estaria ligado à visão cristã do mundo - a mulher como tentação?

R – Podemos atribuir ao cristianismo influência nessa posição de misoginia. Por exemplo, a concepção da Virgem como pureza, a virgem Santíssima. Mas nós devemos pensar que os gregos, muito antes do cristianismo, conheceram a misoginia. O cristianismo tem muito medo do sexo. Na velha Teologia clássica, em todo o ascetismo cristão há uma posição de reserva em relação ao sexo. Não hoje. Com a teologia das realidades terrestres, houve uma revolução, houve um salto.

P – Essa fuga, aos vinte anos, não era medo do pecado?

R – Podia ser medo do pecado, podia ser... gosto pelo pecado.

Tristão versus Corção

P – Villaça, a literatura foi uma religião alternativa?

R – As duas coisas sempre existiram, o apelo místico e o literário, com a primazia do literário na fase posterior aos trinta anos.

P – Há escritores que se perguntam se a literatura não foi, em suas vidas, uma ajuda ou um tropeço.

R – Pode ser as duas coisas. É simultaneamente um tropeço e uma ajuda, uma libertação e uma prisão.

P – A certa altura de "U Anel", está escrito: "O interesse político (...), a sobrepor-se à temática religiosa (...), que é que revela a não ser a agonia de um catolicismo que se faz dimensão temporal, porque perdeu a substância de si mesmo...?"

R – Você veja nessa frase um eco do Corção. Era um meu momento Corção. Ele me parecia nesse tempo uma sombra, cansado de si mesmo, da vida, de tudo; fugindo das pessoas. Me marcou muito. Eu escrevi um artigo nesse tempo atacando o ISEB, por influência direta do Corção. - foi no Jornal do Brasil, em 59. Essa indagação que você cita d'U Anel foi tipicamente uma perplexidade na linha do Corção, e foi superada exatamente na fase de 60, ano da minha ruptura com ele.

P – Neste caso, no Fla x Flu - Tristão x Corção, a que você se refere no livro, ficou um a zero para Tristão?

R – Foi. (Ri).

P – E Tristão de Athayde, como você o vê agora?

R – Tristão fez o itinerário oposto ao de Corção. Passou da direita para a esquerda, é um homem de esquerda lato sensu. Eu o vejo como o maior líder espiritual da América. Não só intelectual, mas espiritual no sentido mais amplo.

P – Em "O Nariz do Morto" você faz comentários sobre ele...

R – Faço minhas restrições, digo as minhas mágoas, decepções. Mas é inegavelmente um grande líder, como não temos igual em toda a América - nem Octávio Paz, nem o falecido Alfonso Reyes, nem o falecido José Vasconcellos. Nenhum deles chega a totalidade de Tristão.

P – Politicamente...

R – Ele é um socialista. Ele quer um socialismo com liberdade, como dizia Mitterrand.

Teologia da Libertação

P – Como você vê a Teologia da Libertação?

R – Não há uma, mas várias Teologias da Libertação.

P – Como você vê a de Leonardo Boff?

R – Representa uma tendência. Acho perfeitamente legítimo que os cristãos dialoguem com o marxismo e proponham sínteses que sejam novas, superadoras de antinomias desconfiadas, tímidas, do passado.

P – E o materialismo dialético?

R – Este é o problema do ponto de vista de uma lógica estrita, não é? Mas a contradição foi superada na prática através da colaboração durante a guerra. Os interesses comuns, tanto na Itália como na França, mostraram que é possível você colaborar, digamos, na ação prática, com os marxistas, e chegar a certas formulações comuns. Daí surgiu essa tendência, a uma síntese, já não mais prática, mas ideológica.

P – Ideológica?

R – Sim. É um lugar-comum se dizer "você é marxista, então..., você é materialista, então não pode ser cristão" - mas o fato é que há pessoas marxistas e cristãs. Há cristãos que têm como doutrina o marxismo, são militantes. O fenômeno ultrapassa o plano da análise social, é mais do que isso: trata-se de uma adesão profunda, na linha da paixão, ao marxismo como mística. O que nós vemos é que duas místicas se aproximaram, a cristã e a marxista.

P – Mas a mística cristã pressupõe toda uma fábula, toda uma metafísica. A mística marxista é terrena, imanentista...

R – É o diálogo da imanência com a transcendência, da História com a Eternidade. Vejo antes conjunção do que contradição entre as duas linhas.

Contradições do Cristianismo, hoje

P – Dos atuais pensadores cristãos, quais os que estão atualizados?

R – Os grandes pensadores cristãos morreram. Não temos, hoje, em termos universais, um grande pensador cristão.

P – A morte desses pensadores cristãos não corresponderia, sintomaticamente, uma primazia do não-cristão?

R – Estou pronto a conceder. Me dizia Carlos Chagas Filho, presidente da Pontifícia Academia de Ciências do Vaticano, que a maioria absoluta dos cientistas é de ateus. Não obstante, o fato cristão subsiste. Há um povo cristão, uma presença cristã. É verdade que não temos hoje um pensamento católico para enfrentar um Sartre, um Heidegger-mas observe que esses pensadores também morreram.

P – Então o que nós temos hoje é um vácuo...

R – De liderança, tanto político quanto filosófica. Quem é o grande filósofo hoje?

P – O que vai emergir dessa encruzilhada com que a humanidade se defronta?

R – João Paulo II é uma grande liderança, a única grande liderança do mundo. Ele não é um filósofo propriamente, mas uma presença, uma liderança, espiritual, social, se você quiser... A Igreja é uma força social complexa - econômica, política, espiritual.

P – A Igreja se mostra, hoje, muito progressista em política, e retrógrada em comportamento. O Papa ainda condena a pílula, o aborto.

R – Mas ele é contestado pelos teólogos. Há uma corrente hoje enorme de teólogos moralistas que não obedecem à orientação do Papa em matéria de ética cristã. Não dão a menor bola. É todo um movimento subversivo, digamos, assim, mas altamente responsável, intelectualizado.

P – Como você os vê?

R – Com simpatia. Eu não sou moralista.

P – A cisão a que me referi, entre política e comportamento, não desacredita, aos olhos de muitas pessoas, a figura, por exemplo do Papa? Não produz um abalo na fé?

R – A fé não pode ser algo assim ingênuo... não é fé em algo monolítico, perfeito.

DOIS POEMAS DE ANTÔNIO ARCELA

POEMA (I)

O que nunca saberei escrever
para sempre quero esconder.
Os versos, faço-os à toa
criança boa que sou
poeta de só de mim.
Faço poemas
do proletário vocabulário
que tenho.
Desenho nos papéis crepom
a vida fragmentada
(movimentada máquina)
de concretas formas

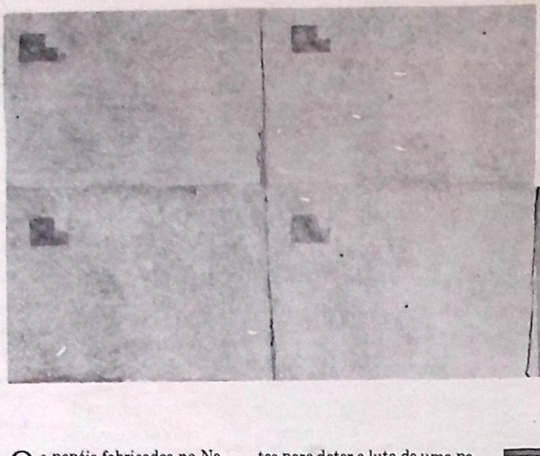
Faço poemas
com uma colher-de-pedreiro:
engenheiro popular
da arquitetura secular;
sei juntar o cimento bem
as palavras ladrilham nos muros
escuros versos
inverso do belo.
Minha palavra é "analfa"
dos bêbados e próscritos
faço versos: grifo,
e depois eu risco...

POEMA (IV)

O que me faz poeta?
O olho?
A testa?
Ou a forma atlética dos versos?

O que me faz poesia?
Ser vento?
Maresia?
Ou as palavras que meço?

O que me faz poeta?
O que me faz poesia?
O olho? A testa?
Ser vento? Maresia?
Ser profeta?
Ou ter ousadia?

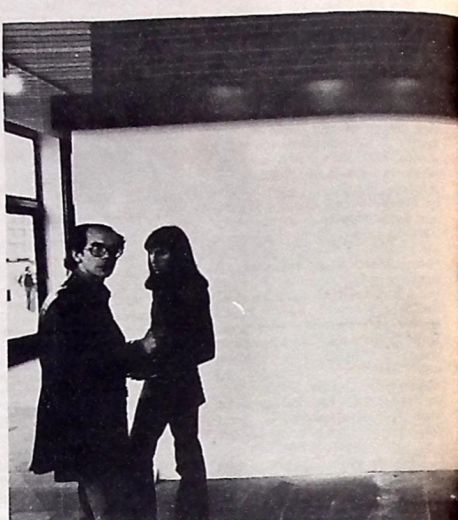


O PAP

TI

Os papéis fabricados no Nepal por Antônio Dias encontram-se em mais uma encruzilhada do seu processo de trabalho. Para compreender melhor sua problemática é importante recordar, ainda que precária e esquematicamente a conjuntura cultural no campo das "artes plásticas" do final dos anos 60 e início dos anos 70, lembrando que Antonio vive e trabalha em Milão desde 1968, tendo interrompido sua estada na Itália, apenas durante o ano de 1972, quando residiu em Nova Iorque.

Partindo do pressuposto que se conhece os elementos básicos do José Resende e Ronaldo Brito em recente artigo insistiram em sublinhar como espaço da contemporaneidade (J. Resende e R. Brito, Mamãe Belas Artes in jornal Beijo, ed. Boca Ltda., nº 2, dezembro de 77, Rio de Janeiro) cabe destacar um momento crucial da crise ideológica de nosso tempo: 1968. O início daquele ano foi marcado pela reviravolta das condições político-militares na guerra do Vietnam, a ofensiva do Teth marcava a passagem das Forças Armadas de Libertação Nacional da posição de defensiva para a ofensiva estratégia. O napalm, os B-52, a informática do Pentágono e os soldados norte-americanos desmonstravam-se insuficientes para deter a luta de uma pequena nação. As revoltas estudantis e operárias se multiplicaram na Europa e com frequência escapavam ao contrôle dos partidos políticos. Naquele ano o Happenning foi político e em tal momento ruiam as "autonomias relativas" de todos campos, tão sabiamente conquistadas pelo arbítrio do discurso universitário. As "artes plásticas" não foram imunes a esta crise. Relegadas desde Duchamp e o Dadísmo à periferia da cultura, desenvolvendo experiências ou decorando espaços, os problemas suscitados por esta esfera, por mais fértil e complexa que fosse sua formulação, permaneceram, em relação à música, ao teatro e à literatura, a epiderme do "espaço da contemporaneidade". A brecha aberta por Duchamp se generaliza a imensa maioria dos movimentos do final dos anos 60 e início dos 70, "conceitual", "Art. & language", "land art", "body-art", "arte povera" e tantos outros trazem em comum o impacto ideológico da intervenção em detrimento do objeto produzido, além de sublinharem o caráter efêmero de seus produtos pela sobrecarga de discursos teóricos com que se sustentam. Na Alemanha domina a força crítica do trabalho de Beuys, que sem recusar a produção de objetos e

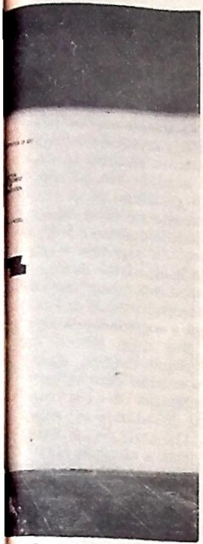


Antonio Dias: A ilustração da Arte/Sociedade, um modelo, 1974. Kunsth

desenhos vai complementá-los com a crítica do ritual da exposição e dos materiais tradicionais. Utilizando o feltro, a manteiga, a cera ou o mel produzia o efeito de contraste às telas tradicionais, aos óleos e acrílicos mas, sobretudo, integrando-os à temática específica de seus trabalhos. Beuys fez-se ainda acompanhar de uma intensa atividade de agitação cultural no meio uni sitário de grandes consequ cias para o chamado "ensin arte" na Alemanha. De deste quadro o campo esté se encontra ameaçado e é sin mática a insistência na sua tonomia que, de relativa só o enunciado, posto que nã evidenciam as mediações e terminações. Exemplo inte sante desse caso é o movime francês Support-Surface

EL DO ARTISTA:
ABALHAR E REFLETIR

Paulo Sérgio Duarte



...ência (Foto de Giorgio Colombo)

...percussão cultural está em ...nde desproporção com o ra...itismo dos trabalhos que de...riam animar o debate. Ali...entado pela bem lubrificada ...quina de produzir discursos ... revista Tel Quel um grupo ...e artistas passou ... centro de discus...ão da vanguarda das "artes ...ísticas" parisiense apoiados ...n filologia chinesa, psicanáli...e lacaniana e mais uma péssima leitura do "Sôbre a Contradição" de Mao Tsé-Tung. Agitando as bandeiras mais sectárias conseguiam dizer que a tela podia existir sem chassis, serem monocromáticas ou simplesmente manchadas sem pincel e sem restrições de dimensões. Graças aos recursos mobilizados e o investimento discursivo as consequências foram muito além da anêmica problemática intrínseca aos trabalhos dos teóricos da "prática pictórica" expressão pedante para tingir de maoismo um certo odor de chez Chanel. O resultado foi a renovação do interêsse pela pintura e sobretudo da arte americana cujas dimensões internacionais puderam se retirar do gueto da pop-art. Entre as muitas bobagens, houve vantagens. Se os quinze anos de telas negras de Ad Reinhardt puderam dar margem a discussão sôbre a influência da pintura chinesa na direção dos traços do seu pincel, toda uma geração de parisienses interessados pôde ver pela primeira vez Newman, Pollock, Motherwell, Johns, Stella. Rauchenberg à parte, essa mobilização foi utilizada pelos os donos da teoria para reanimar uma velha dicotomia moribunda: de um lado, abstração - arte, pintura; de outro figuração - folclore integrado e rebaixado no cotidiano; o resto, ritos obssessivos, problemas de psicanálise, pura e simplesmente. Paris, como boa caixa de ressonância, conseguiu exportar mais esta moda para outros centros, embora sem muito sucesso. Dentro deste quadro devemos situar o rigor da trajetória de Antonio Dias que adquire ainda maior consistência com as séries A Ilustração da Arte.

Os papéis do Nepal apontam para duas direções. De um lado eles são, no álbum Trama, mais um suporte do amplo espaço crítico aberto por Antonio desde 1972, em torno do tema A Ilustração da Arte. O elemento novo, neste caso encontra-se à sombra, revigorando a ironia poética que o artista lançou na conjuntura cultural que foi descrita. Niranjanirakhar e Chapati para Sete Dias, por exemplo, diferem de Trama, na medida em que se encontram liberados da carga de dissonância com que os modelos da Ilustração da Arte marcam os novos suportes. Trama procura evidenciar a necessidade de continuar a tarefa crítica do interior da esfera de produção; Niranjanirakhar e Chapati anunciam uma nova trilha onde o material reclama uma disponibilidade que os trabalhos dos últimos anos não podiam possuir.

Seria Malévich Nosso Pai Todo Poderoso? A esta questão recalcada dos apologistas da "prática pictórica", a Ilustração da Arte parece responder com um sorriso irônico, sem sarcasmo. Antonio, bom conhecedor do suprematismo e do construtivismo, utiliza sua reflexão para desarmar os códigos, que deslocados historicamente, só vêm fortalecer a tradição. Quem acompanhar o desenvolvimento deste trabalho, desde 1972, observará a segurança do método que permite uma extensa dispersão dos campos de trabalho sem perda de coerência. Mais ainda. Indica a fragilidade de base do projeto conceitual na medida em que este repetir em paralelo o desejo da ciência: introjetar o real avidamente pela mediação da onipotência do conceito. Antonio, na Ilustração da Arte, teve inúmeras ocasiões de desmascarar a fantasia da introjeção do bom objeto na figura da mini-verdade conceitual. Fica assim evidenciada a regressão, ainda que a grande distância e transfiguração, ao mais vulgar projeto realista. Muda-se o real mas permanece o mesmo movimento e o desejo que o alimenta. Cabe a Antonio responder sobre seu trajeto quando afirma "o trabalho do artista, como qualquer trabalho, atira-se à poética quando percebe que, além da luta pela própria sobrevivência, há a possibilidade de violar o real no que ele tem de impedimento à atividade criadora".

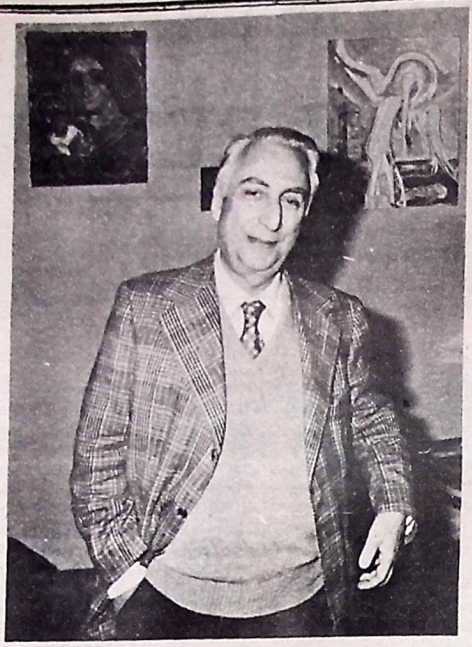
ESCRITURA

• MERCEDES RIBEIRO PESSOA CAVALCANTI

Quem introduziu o termo na acepção específica que aqui passaremos a abordar, foi Roland Barthes, em *O Grau Zero da Escritura (Le Degre Zero de L'écriture)*. Suas colocações concernentes à escritura, sofreram, entretanto, uma evolução que, longe de assumir a forma de sucessivas contradições, apontam, antes, para um contínuo deslocamento. Este pode ser esquematicamente desmembrado em três momentos básicos, abrangendo desde a obra supradita até *O Prazer do Texto (Le Pleisir du Texto)*.

O primeiro momento centra-se nas concepções teóricas inerentes ao *"Grau Zero"*. Aqui, posto que Barthes tenha presente o compromisso da escritura com a literatura, enfatiza particularmente o consciente engajamento daquela na configuração histórico - sociológica em que se insere.(1)

Para determinar o lugar da escritura, Barthes se defrontou com a necessidade de situar *a priori* a língua e o estilo. Língua é o "copor de prescrições e hábitos comum a todos os escritores de uma época". Na medida em que supõe uma "linha cuja transgressão designará talvez uma sobrenatureza da linguagem", um "limite e uma parada ao mesmo tempo, numa palavra, a extensão tranquilizadora de uma economia", a língua é um horizonte. Sendo propriedade não especificamente dos escritores, mas de todos os homens indiscriminadamente, trata-se de "um objeto social por definição, não por eleição". Enquanto a *língua* esta aquem de literatura, o estilo está quase além: "imagens, um fluxo verbal, um léxico nascem do corpo do passado do escritor e tornam-se pouco a pouco os próprios automatismos de sua arte". Desta forma, sob o nome de estilo, "forma-se uma linguagem autárquica que só mergulha na mitologia pessoal e secreta do autor". Encontra-se não no nível de uma historia, mas de uma biologia ou passado e independe de escolha ou intencionalidade. Sendo um fenômeno de ordem germinativa, decorre da transmutação de



um humor. Mergulha no pensamento encerrado no corpo do escritor, possuindo, assim, uma dimensão densa e vertical, que contrasta com a velocidade e horizontalidade peculiares à fala.

A escritura surge, então, como um entre-lugar, como uma realidade formal situada entre a língua e o estilo. Contrapõe-se-lhes na medida em que aqueles se tratam de uma natureza, são forças inocentes e constituem o produto natural do tempo e da pessoa biológica, antecedente a toda problemática da linguagem. Língua e Estilo são objetos. A escritura, paradoxalmente, é uma função e subentende um compromissamento intencional com a sociedade. "É um ato de solidariedade histórica" e "a escolha da área social no seio da qual o escritor decide situar a natureza de sua linguagem".(2) Tal relação se dá sob o estigma da liberdade e é por essa via que se produz o engajamento, a captação da moral da forma, do tom ou etos. É precisamente no julgamento e significação de uma escolha que é estabelecida a identidade formal do escritor e a individualização da obra literária, a qual se torna, assim, um signo total.

Isto posto, faz-se mister observar-se a relatividade que norteia essa livre tomada de posição. Ora, esta se encontra aprioristicamente limitada pelos parâmetros da história e da tradição! Por outro lado, a liberdade da escritura ruma, em última análise, para a escravização às subsequentes repetições decorrentes da própria escolha. Esta ambiguidade explica-se pelo fato de que, se por um lado o gesto de escolha supõe liberdade; na sua duração a escolha perde o frescor original do livre-arbítrio, tornando-se o escritor finalmente acorrentado às suas palavras ou às de outrem. A duração acarreta o gradativo afloramento da "memória segunda" ou do "passado em suspensão" de que a palavra está imbuida. De modo que a liberdade do discurso escritural se restringe à efemeridade momentânea do gesto de escolha. Donde advém que "não há escritura que se conserve revolucionária".(3) Tal transitoridade se manterá constante nas ulteriores colocações barthesianas. Igualmente estável se manterá o tratamento da escritura como questão de enunciação - de tom, de recitação, de finalidade e de moral. Dependendo da maneira como o escritor vive a história e pratica a língua, poderá uma escritura se particularizar, diferenciando-se até de outras de estilo idêntico ou provenientes do mesmo círculo espacial, linguístico e histórico-social.

Não se pode passar à segunda fase conceitual de Barthes, sem antes apontar para uma ambiguidade que nasce e subsiste em *"Grau Zero"*. Efetivamente, a definição da escritura se torna complexa na medida em que esta não se restringe ao compromissamento no nível referencial. Como constata o próprio Barthes, "a escritura é uma realidade ambígua: de um lado, nasce incontestavelmente de uma confrontação do escritor com a sociedade; de outro lado, por uma espécie de transferência mágica, ela remete o escritor para as fontes instrumentais de sua criação."(4) Situando-se entre uma liberdade e uma lembrança, a escritura atrela-se também a dois objetivos aparentemente antitéticos, quais sejam o de voltar-se para o mundo e o de voltar-se para si própria. É esta auto-reflexividade que dá o caráter de fechamento da escritura, a qual, ao contrário da fala, não se confunde com um instrumento de comunicação. Este fechamento constitui outra invariante que forma parte da ponte de contato entre as redefinições barthesianas de escritura.

Teoricamente fundamentado pela linguística estrutural, o segundo momento da perspectiva escritural barthesiana se caracteriza pela ênfase deslocada da função referencial para a auto-reflexividade do discurso poético; fato que, conforme se viu, é semente já lançada em

"Grau Zero". Assim, os *Ensaios Críticos (Essais Critiques)*, ressaltam a intransitividade do enunciado da escritura. No capítulo concernente a "Écrivains et Ecrivants", põe-se em pauta a distinção entre o escrevente, que elabora escrevência, e o escritor que concebe a escritura. Remetendo a um destinatário concreto as informações - cujo conteúdo é (ou se aproxima de) uma comunicação utilitária - o escrevente é, pois, transitivo. A intransitividade é um atributo específico e imprescindível da escritura, que, como produtora de pluralidade de sentido, é emissora de informação poética não transmitida, mas gerada pela e na própria mensagem. Se a escrevência admite mudança de significante, o mesmo é inviável no texto, cuja primazia e enunciação. A duplicidade ambígua constante em *"Grau Zero"* no concernente ao objeto da escritura, toma, em *Essais Critiques* uma direção radical: "Escrever é ou projetar ou terminar, mas nunca 'exprimir', entre o começo e o fim, falta um elo que poderia entretanto ser considerado como essencial, o da própria obra; escreve-se tálvez menos para materializar uma idéia do que para esgotar uma tarefa, que traz em si mesma sua própria felicidade".(5) De modo que a escritura não depende de adequação a um referente exterior, mas de sua própria organização. Donde se deduz que o engajamento fundamental do escritor deve introverter-se à própria linguagem escritural.

Respaldo por suporte psicanalítico, *O Prazer do Texto (Le Plaisir du Texte)* protagoniza o terceiro momento das re formulações. Nesta fase são ressaltadas a travessia da escritura pelas pulsões inconscientes e a inscrição do próprio corpo do escritor no texto. Tampouco aqui Barthes envereda por caminhos inéditos, visto como, em *"Grau Zero"*, a propósito da descrição opositiva entre fala e escritura, o autor coloca que esta "parece sempre simbólica, introvertida, voltada ostensivamente para uma vertente secreta da linguagem".(6) Focalizado conteudisticamente sob o prisma da sedução, o texto é uma enagrama do corpo erótico; "é um objeto fetiche *e esse fetiche"* (...) "tem que me dar prova *de que ele me deseja.* Essa prova existe: é a escritura".(7) Esta se particulariza pela liberdade libidinal, pelo gozo, opondo-se à castração, ao interdito da escrevência.

O que se depreende do exposto é a aura de ambiguidade de que o discurso escritural é conceitualmente revestido. Contudo, não residirá precisamente na feição ambígua a característica central da escritura?

NOTAS

(1) - Por razões óbvias, constitui excessão a escritura "neutra", ou "Branca", também denominada de o "grau zero da escritura". Observe-se, entretanto, que até esta não se acha isenta de um ulterior engajamento. O próprio esforço de se tornar "amodal", inocente, evitando qualquer participação na escolha de julgamento ou moral da forma não impede uma servidão que abole a neutralidade alcançada. É que, "infelizmente, nada é mais infiel do que uma escritura branca; os automatismos elaboram-se no mesmo lugar em que antes se encontrava uma liberdade (...). A sociedade faz da escritura uma maneira e o (o escritor) manda de volta, prisioneiro de seus próprios mitos formais" - *O Grau Zero da Escritura*, p. 93

(2) - As sitações se encontram localizadas entre as pgs. 19 e 24, em *O Grau Zero da Escritura.*

(3) - Idem, pg. 106

(4) - Idem, pg. 25

OBS - Nesta edição brasileira de *O Grau Zero da Escritura* (vide referências bibliográficas), aparece "transferência *mágica"* (Sublinhei). O mesmo se dá na outra edição intitulada *Novos Ensaios Críticos/O Grau Zero da Escritura*, ed. Cultrix, S. Paulo, 1972, pg. 125. Contudo, no texto de Leyla Perrone - Moisés, lê-se "transferência *trágica"* (sublinhei)

(5) - *Essais Critiques*, pg. 10 - Como nosso texto está em francês, preferimos recorrer a tradução constante em *Texto, Crítica e Escritura.*

(6) - *O Grau Zero de Escritura*, pg. 31

(7) - *O Prazer do Texto*, pgs. 38 e 11, respectivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland - *O Grau Zero da Escritura*, Ed. Cultrix, S. Paulo, 1971
- *Essais Critiques.* Editions du Seuil, Paris, 1964
- *O Prazer do Texto*, Ed. Perspectiva, S. Paulo, 1977.
MOISÉS - Leyla Perrone - *Texto, Crítica Escritura.* Ed. Ática, S. Paulo, 1978.

Dois Poemas de Rita Monteiro

É dia
E olhar-te então é uma beleza
extrema
extrema
De teus cabelos, longas ondas
plenas,
pende o sonho - suave despertar

É dia
e nesta manhã em que o mar
acaricia a praia
com um ruído de sal na sua
saia
pela janel' um raio vem te
pousar.

Rosto no vidro
chove o choro das gentes
sobre o chão silêncios
agulhas emergem de um mar
raso
e ameaçam a vida num furor
sem meios
ou prazo, entre móveis máquinas
a romper veios e vasos e ventos...
... sanguíneo amanhecer, o
que alimento...

SOBRE A DATAÇÃO DE FOLHETOS

• Átila Almeida e J. Alves Sobrinho

Os anúncios (catálogos) de obras publicadas por editores, ou poetas se constituem em boas fontes subsidiárias, tanto para a datação de folhetos quanto para a determinação aproximada ou precisa de tempo em que ocorreram as composições de certos poemas. Por exemplo, graças a anúncio da quarta capa de folheto, fica-se sabendo que o poema de José Camelo, UMA DAS MAIORES PROEZAS QUE ANTONIO SILVINO FEZ NOS SERTÕES PERNAMBUCANOS, é posterior a 1948, e provavelmente de 1949. Pelo mesmo caminho pode-se descobrir o ano em que João José da Silva escreveu o HOMEM DO ALÉM. As datas de composição de outras obras ficam mais ou menos determinadas cotejando-se anúncios feitos em folhetos datáveis ou datados. O processo é realimentativo. Em particular, pode-se por essa via impugnar-se certas atribuições de autoria, como por exemplo, as que dão como de Leandro os romances: A PRINCESA DA PEDRA FINA (não confundir com O REINO DA PEDRA FINA), A PRINCESA ROSA, O CAVALO QUE DEFECAVA DINHEIRO, JUVENAL E O DRAGÃO, GENEVRA, OS MARTÍRIOS DE GENOVEVA, O GRANDE ROBERTO DO DIABO, e assim, todas as obras que figuram na relação da quarta capa, sob o título LIVROS HISTÓRICOS EXPOSTOS A VENDA, do folheto de Athayde, o PRANTEIADA MORTE DO GRANDE POETA LEANDRO GOMES DE BARROS? Impresso em 1918, na TIPOGRAFIA J.M. DE ATHAYDE, situada à rua São Francisco, 251, em Recife. Diante desse catálogo, não tem mais sentido atribuir-se a Leandro obras que em vida deste poeta eram editadas, e publicamente anunciadas à venda por Athayde. Os poemas relacionados na referida quarta capa, além de não serem da autoria de Leandro são anteriores a 1918. Muitos são de Athayde, outros de José Duda (MARTÍRIOS DE GENOVEVA) alguns de Pirauá (ZEZINHO E MARIQUINHA), ... e de quem mais? Da época, os poetas que escreveram foram Leandro, Chagas Batista, José Adão Filho, Cordeiro Manso, Antonio da Cruz, José Duda, Pirauá, Melchiades, Manoel Vieira do Paraíso, e parece que só. De qualquer desses, executados, os quatro primeiros poderá haver produção na lista das obras que Athayde vendeu enquanto Leandro teve vida. Os quatro primeiros eram independentes, cada um publicava seus folhetos. Só depois que Pedro, irmão de Chagas, se casou com a filha de Leandro foi que os dois Batista começaram a publicar folhetos do poeta de Pombal.

A PRANTEIADA MORTE DO GRANDE POETA LEANDRO GOMES DE BARROS está datada, mas, antiga edição de OS MARTÍRIOS DE GENOVEVA, não. Ambos trazem na quarta capa lista de LIBROS DE HISTÓRIAS EXPOSTOS À VENDA. Praticamente os 50 títulos do primeiro coincidem com os 54 do segundo. A lista de A PRANTEIADA MORTE traz os seguintes títulos que não estão em OS MARTÍRIOS: 1. ENTERRADO VIVO; 2. A MORTE DE XICO BARULHÃO; 3. A QUEDA DE BRAÇO; 4. O ASSASSINATO DO CORONEL DELMIRO GOUVEIA; 5. O INCÊNDIO DAS CASAS ALEMÃES; 6. PROPHECIA DE LUSITANO NO ANO DE 17;7. O BRASIL NA GUERRA; 8. O JULGAMENTO DE ANTONIO SILVINO; 9. O SORTEIO MILITAR; Já a lista de OS MARTÍRIOS anuncia estes livros não constantes da relação do outro: 1. PELEJA DE GAVIÃO COM MACHADO; 2. O HOMEM NA LUA; 3. HISTÓRIA DO PESCADOR; 4. O PODER DA NECESSIDADE; 5. GALINHA COM DENTE; 6. O MENINO DA FLORESTA; 7. A GUERRA DOS ANIMAIS; 8. MULHER BONITA; 9. HISTÓRIA DE BARBA AZUL; 9. DONSELLA THEODORA; 11. HISTÓRIA DO VELHO ANTONIO COCORÓTE; 12. ROQUES MATEUS; 13. PAULO E MARIA. Note-se que oito dos nove primeiros títulos são de folhetos de ocasião. Dos treze seguintes, só GALINHA COM DENTE está na mesma situação. (Esse assunto deve ter estado em evidência na época, porque mais ou menos em 1918 Leandro escreveu O GALLO MYSTERIOSO, MARIDO DA GALINHA DE DENTE, publicado no mesmo folheto em que veio COMO DERRIBEI O MARCO DO MEIO MUNDO). Acontece que em ambas as quartas capas figuram os seguintes folhetos da época: A MORTE DE XICO BARULHÃO; A MOÇA ENTERRADA VIVA; O TORPEDIAMENTO DO MACAU; e, MORTE DE LEANDRO, que não está na lista de A PRANTEIADA, porque é o próprio. Daí se conclui que ambos os folhetos são, da mesma época, tendo saído OS MARTÍRIOS, a mais tardar em 1920. É oportuno registrar que, fora esses, são comuns às duas listas os seguintes livros: 1. ZEZINHO E MARIQUINHA; 3. PRINCESA ELYSA; 4. CAPITÃO DO NAVIO; 5. JOSÉ DO EGYTO; 6. OS DOIS CLOSADORES; 7. PADRE CÍCERO; 8. JUVENAL E O DRAGÃO; 9. GENEVRA; 10. NATANAEL E CECÍLIA; 11. PIERRE E BEATRIZ; 12. RICO AVARENTO; 13. PRINCESA ROSA; 14. A VIDA DO SERINGUEIRO; 15. O CASAMENTO INFELIZ; 16. DISCUSSÃO DE ZÉ DUDA COM JOÃO ATHAYDE; 17. A RAINHA QUE-SAHIU DO MAR; 18. O ADVOGADO DA RELIGIÃO; 19. OS MARTYRIOS DE GENOVEVA; 20. PELEJA DE MANOEL RAYMUNDO COM MANEOL CAMPINA; 21. O SEGREDO DO CASAMENTO; 22. O HOMEM QUE NASCEU PRA NÃO TER NADA; 23. O CAVALLO QUE DEFFECAVA DINHEIRO; 24. O GRANDE ROBERTO DO DIABO; 25. RACHEL E A FERA ENCANTADA; 26. MARCO DO MEIO MUNDO; 27. PRINCESA DA PEDRA FINA; 28. A FILHA QUE MATOU A MÃE; 29. PRISÃO DE ANTONIO SILVINO; 30. A DISCUSSÃO DE ATHAYDE COM LEANDRO; 31. PELEJA DE VENTANIA COM PEDRA AZUL; 32. PELEJA DE BERNARDO NOGUEIRA COM PRETO LIMÃO; 33. A INFELICIDADE DE DOIS AMANTES; 34. O HOMEM QUE TEVE UMA QUESTÃO COM SANTO ANTONIO; 35. A GRANDE SURRA QUE O POETA CORDEIRO MANSO LEVOU DE JOÃO ATHAYDE; 36. ROMEU E JULIETA; 37. A BELLA ADORMECIDA NO BOSQUE. A presença de A DONZELA TEODORA na lista de OS MARTÍRIOS e a existência atual de duas versões daquele romance revela que antes de 1920 já circulavam as duas formas. Não é novidade o recurso usado pelos poetas de duplicarem obras muito procuradas pelo público. Versões diferentes de um mesmo romance de grande aceitação é fato corriqueiro no mundo, em todas as épocas. Por que então crucificar Athayde, Manoel Pereira, Antonio Teodoro e outros? Demais, nada prova que Athayde tenha escrito A PRINCESA DA PEDRA FINA e a outra versão de A DONZELA TEODORA como não há certeza de ter sido Leandro quem escreveu as primeiras versões!

Dos editores, dois timbraram em não datar os folhetos que publicaram: José Costa Leite e João José da Silva. Considere-se o caso do segundo e veja-se que, por certas informações, em geral contidas nas quartas capas dos folhetos de todos os editores contemporâneos, pode-se reticular o tempo de modo a datar os folhetos de João José com boa aproximação, (normalmente, mais ou menos um ano). Isso é possível porque agentes de uns editores são comuns a outros e às vezes, os próprios editores agenciam. Se os agentes não tivessem endereços e fossem os mesmos, esse recurso não funcionaria. Como porém alguns são meteóricos e outros variam muito de endereço, exatamente esses funcionam como raias precisas que possibilitam a localização no tempo de um folheto. Por exemplo, Mario Francelino da Silva é agente em Itabaiana, de João José e de José Bernardo. Como este último datava seus folhetos, descobre-se que Mário só permaneceu em Itabaiana, na Rua 13 de Maio, 527, entre meados de 1955 e meados de 1956. Consequentemente, será dessa época o folheto de João José que dá Mário como seu agente. Esse critério combinado com o preço (que é função do número de páginas, e do ano, graças à inflação) permite em certos casos, boas ajustagens. Há ainda indicadores como certos sinais tipográficos, variações de endereço do editor, informações sobre a tipografia utilizada, mudanças de nome da firma editora, etc. No ano de 1954, João José usou uma cercadura de capa que, só por ela, e independentemente doutras recursos, data-se com precisão o folheto em que ela comparece. João José inicialmente fundou a *Folheteria Luzeiro do Norte*, depois modificou o nome para *Folheteria e Tipografia Luzeiro do Norte*, em certo ano perdeu o nome de firma e as máquinas, tentou prosseguir com o nome *Editora Luzeiro do Norte*, (da qual se dizia Diretor), mas quem lhe tomou os bens cassou-lhe também o novo título e ele terminou nostalgicamente como o editor esporádico e individual João José da Silva que, por fim, vendeu à Luzeiro Editora (São Paulo) sua propriedade literária.

Uma vez datados esses sinais e acontecimentos os folhetos de João José podem ser metidos em caixas temporais cujas dimensões normalmente são inferiores a dois anos. O caso de José Costa Leite seria perdido se ele não publicasse anualmente um Almanaque como o título de Calendário Brasileiro. Contudo, a datação dos folhetos de Costa Leite é mais difícil do que a dos folhetos de João José.

As quartas capas de João José da Silva podem ser divididas em grupos segundo o endereço (sempre em Recife) do editor: 1. R. Direita, 120, 2º andar: 1949; 2. Trav. Visconde do Abaeté, 138, Tamarineira: 1950; 3. Praça do Mercado São José, 167, 1º andar, sala 4: 1950 – 1952; 4. R. Padre Muniz, 338: 1953-1960; 5. R. Santa Rita, 217: 1960-1964; 6. Trav São José, 87; 1964-1965; 7. R. São José, 216: 1966; 8. R. São José, 138: 1967-1969; 9. 2º Trav. Major Mario Portela, 164, Mustardinha: 1970-1971; 10. Av. Manoel Gonçalves, 337, Mustardinha: 1972-1980. O longo período da Rua Padre Muniz acarretaria grande incerteza na datação se não pudesse ser subdividido em faixas estreitas. Uma primeira partição é feita em função do nome da empresa de João José. Até 1958 ou 1959, a firma era FOLHETARIA LUZEIRO DO NORTE, a partir de então, até 1964, TIPOGRAFIA E FOLHETARIA LUZEIRO DO NORTE: Contudo, os dois períodos resultantes dessa divisão ainda são grandes. Ocorre que certos sinais gráficos permitem o estabelecimento de partição mais fina. Até 1954, as quartas capas de João José se caracterizavam pela presença do seu retrato em tamanho 3x4 no canto superior esquerdo. Em fins de 1953, começo de 1954, João José comprou livros que eram propriedade de Severino Borges, Sales Arenda, Lumerque, Manoel Pereira, Manoel d'Almeida e Cirilo. De 1954 a 1958 as quartas capas caracterizam pela ausência do retrato pela presença de um retângulo no centro, no interior do qual, vêm impressos, nomes da firma, nome e endereço do editor, e o anúncio de um agente. Em 1958 mais ou menos, o retângulo é adornado com quatro pequenos retângulos nos vértices, ligados entre si por dois segmentos de retas paralelas. A partir dessa data, João José volta a estampar seu retrato, agora no canto inferior direito e nas dimensões aproximadas de 5,5x8. Observa-se que em maio de 1960 o endereço da firma passa a ser R. de Santa Rita, 217, e que este dado deve ser combinado com os anteriores, e com o preço quando declarado. Até 1962/63 os preços eram impressos, mas, a partir daí, por causa da inflação, regra geral, deixaram de comparecer, nos folhetos. Como foi dito, em maio de 1960 João José se passa para a Rua Santa Luzia onde permanece até início de 1964 quando perdeu as máquinas e o nome da firma. Muda-se então para a Trav. São José onde tenta utilizar por pouco tempo o nome EDITORA LUZEIRO DO NORTE, pseudo firma da qual se dizia Diretor. De 1965 a 1972 mais ou menos, as quartas capas de João José vêm em branco e os poucos folhetos que edita, são impressos em tipografias comerciais cujos adornos e tipos são bem diversos dos de sua antiga tipografia. A partir de 1972, João José dá sinais de que está se reorganizando, mas, a tentativa dura pouco e não tem vigor. É que o mercado de folhetos está em franco declínio no Nordeste.

Quanto aos catálogos de João José, quatro são da Rua Pe. Muniz e um da Rua de Santa Rita. Este último deve ter aparecido entre 1960 e 1961, e os da Rua Pe. Muniz, entre 1956 e 1958. Desses quatro, dois anunciam folhetos de 16 a 48 páginas e os outros dois, folhetos de 16 páginas.

Como se viu, a propósito de catálogo publicado por Athayde em 1918, as conclusões que se podem tirar desses anúncios são bastantes esclarecedoras. Alguns catálogos de Pedro Batista e Chagas Batista publicados entre 1918 e 1924, esclarecem muitos pontos obscuros. Por exemplo, a quarta capa do folheto A ALEMANHA VENCIDA E HUMILHADA. VICTORIA DOS ALLIADOS: OS HORRORES DA INFLUENZA HESPANHOLA, publicado por Pedro Batista em Guarabira-PB, por volta de maio de 1918, estampa relação dos romances de Leandro, na qual não constam os títulos dos catálogos de Athayde inicialmente referidos. Pedro, genro de Leandro, não deixaria de arrolar todos os romances do sogro! O folheto que traz esse catálogo foi atribuído a Leandro por equívoco de Sebastião Batista. Na época da publicação (maio), Leandro estava morto, vitimado pela influenza. Demais, Pedro Batista não deu Leandro como autor, apenas colocou o folheto na coleção FOLK-LORE NORDESTINO - BIBLIOTECA LEANDRO GOMES DE BARROS. O título posto no folheto teve objetivo comercial competitivo. É que na capital do estado saíria dos prelos da POPULAR EDITORA (de Chagas Batista) o folheto A VICTORIA DOS ALLIADOS. A DERROTA DA ALLEMANHA E A INFLUENZA HESPANHOLA, este assinado por João Melchíades. Do conteúdo de ambos concluímos que foram escritos, praticamente, na mesma época, antes do término oficial da guerra, e que o de Guarabira foi descalcado do de Melchíades.

Fora catálogos publicados nas quartas capas, expediente também explorados por Manoel Camilo, Costa Leite, etc., alguns editores, (Athayde, José Bernardo, Guajarina) fizeram circular publicações relacionando os folhetos que publicavam.

OFÍCIO

(HERESIA: HEREJE

eligo, eligis
adheree, adheres
ercisco, ercisceris

Do hereje se pode dizer que é um elegedor, um aderente, um dividido)

CONTO DE: LÚCIA HELENA

ILUSTRAÇÕES DOMINGOS SÁVIO



- Nome?
- Catharina Feodov.
- Natural de?
- Angstad.
- Estás pronta a dizer a verdade?
- Tudo, tudo é melhor do que a espera.
- Responde, então, com clareza, sem truques.
- Sim.
- Atividades?
- Nasci no campo. Conheço ervas. Faço chás. Vi bois nascerem. Faço vir à luz os que estão por vir. (É geral a persignação. Mãos negras de hábitos longos se crucificam em gestos breves e cheios da graça da fé).
- Com que então tens a coragem de ir contra nós?
- Por certo não, ó senhores! Sois todo poderoso dos valores de vossa fé e dos bens da terra e das gentes a que sirvo.
- Insistes em não ser clara.
- Tenho a pele queimada pelo sol quente dos campos em que tresvario. Mas sou clara: podeis ver as partes cobertas de meu corpo, aquelas que foram desnudadas por vós em vergalhões de sangue. Elas são claras como as luas da meia-noite.

(É geral a persignação. Mãos de longos hábitos negros crucificam em gestos os valores e os bens da terra).

- Preferes a Lua ao Sol, ó devassa e perniciosa criatura?
- De sol me ilumino, na luz dos campos verdes. De lua me aclaro nas noites negras que se avizinham.
- São tuas palavras tão profanas que mal podemos ouvi-las. Nós, dispostos sempre ao Bem, temos ouvidos sutilmente preparados por Deus, o Senhor de nossos caminhos, a legenda de nossas Cruzadas, para distinguir na tua fala a iniquidade do senhor a que serves.
- Nos campos, sirvo à terra, que faz brotar a vigorosa rama do trigo. Nos lares, sirvo à vida, que quer surgir do ventre, entre sangue, sangue, sangue que alimenta.

Nova persignação geral. Como de hábito, olhares negros de hábitos negros se entrecruzam nas cruzes feitas em gestos breves).

- Então não sabes, ó criatura do Demo! (Salvenos Deus em Sua altíssima clemência!), que são proibidas as atividades que insistes em praticar?
- Confesso não sabê-lo, piedosíssimos senhores. Se da terra vem a força que germina, eu não faço senão tratar das sementes que ela mesma produz. Se do ventre que viveu o amor surge a vida que há de vir-a-ser, sou apenas aquela que não impede a vida. Assim, piedosos e pios, podeis ver, com a claridade que emana de vossa fé, como é ínfimo o ofício que executo.
- Herege e infiel tu és que não dás a ti mesma o ofício de ouvir os que apenas querem o teu Bem.

(Malleus Maleficarum) (Magnificat) (Aleluia).

- Então não sabes que a Terra, as Gentes, Tudo o que há é uma realização de Algo que transcende ao teu vil entendimento?
- Ó, senhores, como alegrais meu coração que de tal Obra humildemente se apercebe! Pois então não ouvi, em noites de grandes tormentas, as palavras que me dissestes?

"Amaste a justiça e aborreceste a iniquidade; por isso Deus, o teu Deus te ungiu com óleo de alegria mais do que a teus companheiros".

- Mas confesso, pios hábitos negros que habitais este recinto de graça: ousei também pensar que bom seria terem meus companheiros tantos óleos e terras e verdes como eu.
- Vês, ó infiel, com olhos turvos a Verdade do Verbo.
- Com que, então, varões de hábitos negros, ver o mundo de forma diferente de vós me ameaça da solidão de vossa companhia?
- Saudemos, ó irmãos, a graça de concluir a sentença de piedade para com esta alma em culpa e este corpo em pecado: absolvâmo-la de seus tempestuosos males. (Nova persignação geral. São entoados cantos em louvor à comunhão dos homens).

Lá fora a neve se acalentava das ardentias. Labaredas de Fé cresciam do chão aos céus, entre lenhos e madeiros. E palha seca e sonho e anjo e nuvens de piedade acresciam o cenário.

Um corpo já quase alma, um'alma já quase salva nada a banhar-se por entre labaredas e luares.

Rogos e preces e cânticos perdoam a lualabareda, a luareda, a luarda, o luar.

- Deixemos, irmãos, em fila, vagorosa e fervorosamente, este recinto que habitamos, e em que assiste em Deus a clemência por aquela alma que lhe enviamos, para buscar, em seus braços, a salvação.

Sai o primeiro hábito, o segundo hábito, o terceiro, como de hábito. Linhas negras misturam-se na noite, entre laberadas de lenho e lume, entre o sangue e a [illegible]

REGISTRO

LANÇAMENTO DA EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

As aparições do Dr. Salu e outras histórias, de Guido Guerra (4ª edição, ampliada). Este livro de Guido Guerra recém-lançado pela Civilização Brasileira reúne cinco contos, todos eles escritos de modo a transplantar a linguagem coloquial para a linguagem escrita. Evitando qualquer carga de pieguismo que possa comprometer os seus textos, Guido Guerra se preocupa, fundamentalmente, com os incriados de Deus, com os desvalidos da sorte, com os marginais que, a cada dia que passa, mais se transformam em personagens de ficção do que da própria vida.

Moderna Ficção Brasileira 2, de Malcolm Silverman - Malcolm Silverman, como tão bem disse Mário da Silva Brito, é um desses brasilianistas infatigáveis e ubíquos. Neste livro, ele se propõe a incursionar aos mecanismos de criação de vários autores os mais representativos da literatura brasileira contemporânea. E essa tarefa, diga-se de passagem, é das mais árduas; das mais árduas porque as várias obras objeto de análise não se servem a um só tipo de abordagem. Mesmo assim, Malcolm Silverman faz com que a obra o ciceronie ao invés de ciceroneá-la, o que equivale a dizer que o professor americano vem a reboque das estruturas narrativas de cada um dos textos estudados neste *Moderna Ficção Brasileira 2*. Editado em convênio com o Instituto Nacional de Livro /MEC, Moderna Ficção Brasileira reúne ensaios sobre Antônio Torres, Dinah Silveira de Queiroz, João Antônio, João Ubaldo Ribeiro, Josué Montello, Lygia Fagundes Telles, Murilo Rubião, Orígenes Lessa, Otto Lara Rezende, Rubem Fonseca e Sérgio Sant'Anna.

Os Feitosas e o Sertão das Inhamuns, de Billy Chandler - Billy Chandler, também brasilianista, publicou recentemente um estudo sobre Lampião. Agora, nos três um estudo de fôlego a respeito da família Feitosa no sertão dos Inhamuns, no Estado do Ceará.

Em suma, *Os Feitosas e o Sertão dos Inhamuns* trata da "história geral de uma comunidade sertaneja do Nordeste brasileiro, desde a sua colonização, no início do Século XVII, até o ano de 1930, como também de uma família que desempenhou destacado papel na região".

LANÇAMENTOS DA VOZES

Tempo e Liturgia, de H. Rennings, A. Chupmungo, I.H. Dalmais e D. Power - Um dos ensaios insertos nesse livro, exatamente o que trata sobre o tempo na bíblia, pode ser tomado como um ponto de referência ou mesmo como uma espécie de chave que facilitará a leitura dos demais ensaios que compõe esse "Tempo e Liturgia". Já os três primeiros ensaios tecem considerações sobre a escolha dos tempos de celebração, enquanto que outro en-



saio versa a respeito da história primitiva do calendário da igreja. Por último, o leitor poderá entrar em contato com um excelente artigo que questiona o simbolismo sazonal e cósmico com relação à escolha dos tempos para a sua celebração.

Do Latifúndio à Empresa - Unidade e Diversidade do Capitalismo no Campo, de Juarez Rubens Brandão Lopes - Este livro é fruto de uma pesquisa das mais sérias sobre os processo centrais que impulsionam o desenvolvimento nas áreas rurais e o modo como se articulam as relações de produções na agropecuária das várias regiões do país.

LANÇAMENTOS DA EDITORA ÁTICA

Dona Guidinha do Poço, de Manoel de Oliveira Paiva - Falecido precocemente, Manoel de Oliveira Paiva não teve o ensejo de ver publicado esse *Dona Guidinha do Poço* que, pronto para ser editado em 1892, somente o foi no ano de 1952 graças à iniciativa de Lúcia Miguel Pereira.

Partindo de um evento preexistente, Manoel de Oliveira Paiva - como bom naturalista - fez um levantamento minucioso do espaço e do tempo em que os episódios históricos narrados nesse livro sucederam tendo como núcleo um crime passional cuja vítima foi o Cel. Abreu, marido de Maria Francisca de Paula Lessa, a D. Guidinha do Poço, que é cúmplice do homicídio.

Não falta, no entanto, a Manoel de Oliveira Paiva, uma participação efetiva na elaboração da matéria ficcional, o que implica dizer que ele soube injetar à narrativa de D. Guidinha do Poço, outros elementos que não os só de ordem histórica. Atenta-se, sobretudo, para o estilo do autor, estilo revolucionário à época em que o romance foi escrito.

O Belo Imundo, de V. Y. Mudimbe - Dando continuidade à publicação de livros de autores africanos, a Ática lançou o excelente *O Belo Imundo*, do zairense V. Y. Mudimbe.

Vazado numa linguagem expressiva, orgânica, Mudimbe instiga o leitor a questionar "as relações sociais nas sociedades sob domínio colonial que normalmente se caracteriza pela ambiguidade".

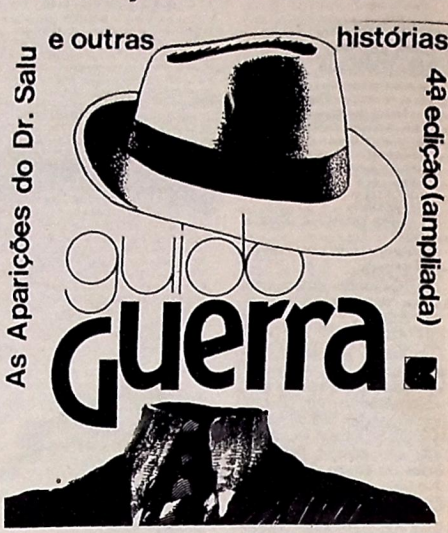
Fundindo e interpenetrando o diálogo à narrativa, Mudimbe trata de apreender o relacionamento entre um ministro e uma prostituta, protagonistas principais de uma trama fragmentada mas que, de um modo ou de outro, finda por compor um romance compacto.

LANÇAMENTOS DA COMPANHIA MELHORAMENTOS

Verde era o Coração da Montanha, de Francisco Marins - Francisco Marins, consagrado por várias gerações de jovens leitores, narra a história do garoto Cambuí e de seus companheiros, entre os quais a menina Pintadinha, que buscam desvendar os mistérios da Montanha do Gigante. A partir dessa episódio, Francisco Marins conduz as personagens a uma série de aventuras que, indubitavelmente, provocará o deleite das crianças.

O Roubo das Pirâmides, de Peter Ehlebracht - Este livro denuncia a violação aos túmulos e aos cadáveres embalsamados. Ao mesmo tempo, esclarece o real significado da palavra múmia e desvenda as estratégias utilizadas por pessoas inescrupulosas para saquearem os tesouros egípcios. O incrível é que até mesmo diplomatas - e por que não? - são responsáveis pela violação de túmulos e pilhagem de objetos valiosos.

A Força do Ser Vivo, de Jean Dorst - Editado em convênio com a Editora da Universidade de São Paulo. A Força do Ser Vivo trata do homem e do seu temperamento iconoclasta sempre empenhado em destruir a natureza. Para o Autor, quando se produz uma ruptura do equilíbrio entre o homem e



seu meio ambiente, as civilizações tendem a desaparecer.

LANÇAMENTO DA JOSÉ OLYMPIO

Verde Verdade, de Celina Bittencourt - Celina Bittencourt, em *Verde Verdade* é dessas autoras que se propõem a cultivar o *eu* sem nenhum recato de que os leitores se adentrem no seu universo vivencial. Sob esse aspecto, dir-se-la que *Verde Verdade* instaura uma ruptura com uma espécie de poesia comprometida tão-somente com a palavra.

Verde Verdade é apresentado por Rachel de Queiroz.

Os Vira-latas da Madrugada, de Adelto Gonçalves - Com esse livro, Adelto Gonçalves obteve menção honrosa do Prêmio de Romance José Lins do Rêgo/1980, instituído pela Editora José Olympio.

Escrito originalmente quando o autor tinha 18/19 anos, permaneceu um bom tempo engavetado para ser reescrito em 1977/78. Trata de uma história de amor vivida no Porto de Santos durante os anos de 63/64.

OUTROS LANÇAMENTOS

Abelardo e Heloísa, de Jeanne Bourin - De Jeanne Bourin, a mesma autora de *O Quarto das Senhoras*, a DIFEL lança este *Abelardo e Heloísa*, história de um amor ardente vivido em 1100 ou 1101. Jeanne Bourin trata o seu texto com a mesma intensidade amorosa com que Abelardo e Heloísa se entregam à realização de um amor quase impossível.

Dimensão é uma revista de poesia de Uberaba e que está no 2º número. Publica poemas de Carlos Roberto Lacerda, Cid Seixas, Elias José, Geraldo Dias da Cruz, Jorge Alberto Nabut, Linfof Bell, Márcio José Lauria, Maria Dinorath, Mário de Oliveira, Max Martins, Nei Leandre de Castro, Neide Araben e Zila Mamede.

Noite nos Andes é uma antologia lançada pelas edições da Universidade do Rio Grande do Sul e que contém os poemas dos vencedores de 1 Concurso Universitário de Literatura/UFRGS. São eles da autoria de José Eduardo Degrazia (1º lugar), Ernesto Wayne, Moacir Silveira Nunes, Roberto Oslzewstzii, Mário Fernando Chiari Ebeling, Angela Maria Soares Carvalho, Linda Maria Saafeld e Maurílio Cardini.

Brasil, Tempo e Cultura III de Hélio Jaguaribe, José Honório Rodrigues e outros. Edição SEC/PB; 244 páginas.

Há iniciativas culturais inúteis, porque fechadas em si; outras frutíferas, porque abertas. Os Seminários Paraibanos de Cultura Brasileira, realizados anualmente em João Pessoa, incluem-se no segundo grupo como se comprova pela leitura de *Brasil, Tempo e Cultura III*, que reúne os materiais concernentes ao terceiro da série.

Realizado em 1979, o Seminário contou com a presença de alguns nomes conhecidos - Octaciano Nogueira, Paulo Bonavides, Hélio Jaguaribe, Odilon Nogueira, José Octávio, Vamireh Chacon e José Honório Rodrigues, - incumbidos de discutir as relações da História com as demais Ciências Sociais e com a prática política e historiográfica.

Estudioso da História do Parlamento, Nogueira faz um panorama da pesquisa histórica no Brasil. Pergunta ele se as alegadas dificuldades para a pesquisa, como o desamparo do Estado, a limitação do acesso ao acervo documental e as facilidades dadas aos *brasilianistas* são, na realidade, desculpas para "a pobreza da nossa pesquisa histórica atual". Muitas dissertações universitárias, observa, tratam de assuntos assentes ou de interesse meramente acadêmico. Falta aos pesquisadores humildade para trabalhos menores, de garimpagem de documentos, para os quais seria necessário perder "um pouco da empáfia".

Examinando as relações entre História e Política, Hélio Jaguaribe mostrou que "o fato político tende a ser o fato mais produtivo da História", mais do que a tecnologia, a religião e a economia. Insistiu em que a História brasileira tem sido uma reflexão das classes dirigentes sobre o seu próprio destino, vista através de uma perspectiva elitista". O resultado é uma História-mito, do tipo daquela ensinada às crianças. Jaguaribe aproveitou para fazer uma crítica ao determinismo, afir-

mando que, embora a História não seja feita por heróis, não é feita apenas por estruturas: "As estruturas incentivam e condicionam, mas é sempre a liberdade humana que atua".

Odilon Nogueira, da Unicamp, ao fazer o balanço da História Econômica do Brasil, lamentou o fato de não haver uma tradição, na área, de livros sérios e simples, legíveis pelo grande público. José Honório Rodrigues encerra o volume, falando sobre Tradição, Memória e História. A intenção do autor de *A História da História do Brasil* é combater a força da tradição e da memória, enquanto objetos da indústria do lazer. Para ele, o futuro da História, enquanto ciência, está em se libertar do comprometimento da tradição, esta "parteira do autoritarismo", usada para explicar o destino complexo do homem e reconciliá-lo com a sua condição", a fim de que os marginalizados aceitem como inevitável o processo que os inferioriza".

Cada conferência acabou por se tornar uma reiteração de idéário, apresentado algumas vezes de forma veemente, como nos casos de José Octávio e Honório Rodrigues. No conjunto, o exame dos diversos temas se centrou na prática da História enquanto Ciência e na da Ciência enquanto serva dos homens. Embora feitos mais para serem ouvidos do que lidos, os textos resultam frutíferos para aqueles que só através do livro virem a conhecê-los. (Israel Belo de Azevedo)



O DECLINIO DA ESCRAVIDÃO NA PARAÍBA (1850-1888) de Diana Soares de Galliza. Ed. da Universidade Federal da Paraíba,

A multiplicação de Universidades por quase todo o país foi objeto de muita crítica. O assunto é complexo e não será discutido aqui. Por vezes, porém, aparecem frutos desa desconcentração do estudo, com teses e livros valiosos em diferentes Estados. E o que se vê com este O DECLÍNIO DA ESCRAVIDÃO NA PARAÍBA. O texto foi tese de mestrado da autora na Universidade Federal de Pernambuco. Suas altas qualidades podem conferir-lhe o título de Mestre em História, recomendando bem o curso de Recife e a jovem professora de João Pessoa. Já não são só o Rio e São Paulo que produzem trabalhos dignos de nota, mas também outros centros. Sabíamos, aliás, que a Paraíba é um deles, com intensa atividade de pesquisa, conferências, seminários e edições de obras de História. Essa tem naquele Estado um núcleo operoso e lúcido, como se poderia demonstrar com a citação de seus títulos: a Paraíba, que tem História rica e movimentada, já tem hoje historiografia digna de ser levada em conta e que deve ser citada quando se fala na historiografia no Brasil.

O estudo de Diana Soares de Galliza se distingue pela realização e pelo que demonstra. Pela realização, como o uso variado de fontes essenciais. Se a autora conhece e usa quanto se escrevera sobre o assunto, faz pesquisa que cobre todas as fontes primárias a seu alcance: os documentos do Arquivo Público de João Pessoa, de arquivos cartoriais e particulares; usa a coleção de leis da unidade e do Império, como os relatórios, mensagens, falas, exposições de Presidentes da Paraíba; os Anais da Câmara e do Senado; inúmeros jornais. Bastaria o uso de tantas fontes primárias para valorizar o esforço.

Em sua realização, porém, devem ser levados em conta outros elementos, como a estrutura inteligente do assunto - sete capítulos bem escoinidos e apresentados -, a redação apreciável (alguns deslizes não lhe comprometem a forma); e autora não se alonga em digressões teóricas, como é comum em teses, mas vai direto ao tema, enfrentando-o com decisão e economia de meios. Comprova quanto afirma, sem abusar de citações, o que seria fácil pela pesquisa e documentação farta. Dá muitos inúmeros, de modo a calçar bem a exposição como os arquivos locais - da Capital e do interior - não são bem organizados, ou não têm organização nenhuma - sem falar no muito que já se perdeu, pela falta de assistência -, às vezes ela esbarra em dificuldades intransponíveis, como se vê no estudo das manumissões: "A precariedade de condições dos documentos não nos permitiu calcular o total das manumissões conferidas nessas localidades" (p. 140). A mesma falta impediu-lhe "determinar com precisão a porcentagem das alforrias obtidas durante uma década (...), como também dar um tratamento quantitativo perfeito a essa documentação em áreas de diferentes atividades econômicas e confrontá-las, como pretendíamos" (p. 140).

O texto se impõe ainda pelo que revela: tinha-se como pacífico fosse pequena a colaboração escrava no sertão, nas atividades pastoris. E o que dizíam os historiadores locais e os outros, como afirma. Ora, essa pesquisa demonstra a assinalável participação de escravos nos serviços, em revisionismo da visão tradicional. Um assunto importante para a história econômica brasileira - o do tráfico interprovincial, intenso sobretudo depois de 1850 - tem aqui muita informação esclarecedora.

Assim, com modéstia, lucidez e sentido da importância dos temas, a autora conduz sua análise e contribui para a historiografia sobre a escravidão, tema que hoje tanto preocupa. Já se tem monografia esclarecedora sobre aquela província, área da qual pouco se sabia. É meritório, pois, o esforço de Diana Soares de Galliza e útil a iniciativa da Editora da Paraíba, que publica monografia que se impõe. Pelo tema, pela pesquisa, pela elaboração, pelo alto sentido crítico da autora.

(Francisco Iglésias)

GUIDO GUERRA REAPARECE COM O DOUTOR SALU

Guido Guerra era considerado até pouco tempo atrás um pornográfico cronista baiano. Com a publicação da novela *As Aparições do Dr. Salu na Terra de Santa Luz*, ele dá o primeiro passo no sentido de se projetar como escritor nacional. Ainda aproveitando o pornográfico, como meio de suprir as limitações da censura política, conforme afirma, procurava avançar em termos de forma e estilo. Com *Perecgonha Céu Azul do Sol Poente*, adquire notoriedade nacional como um escritor político, preocupado com seu tempo. Mas é com *Lili Passeata* que vem se afirmar como romancista seguro ao realizar uma obra inovadora do ponto de vista formal e ficcional, obra difícil pelos perigos de cair no panfletarismo que o próprio tema sugere. As passeatas estudantis de 64 e 68. Agora reaparece em 4ª edição ampliada a novela *As Aparições do Dr. Salu* que se acresce de quatro contos inéditos em que, ao lado de tratar da problemática do misticismo e as consequências da alienação religiosa, esse autor retoma sua preocupação de recriar tipos que estão desaparecendo.

Nos depoimentos que se seguem, extraídos de entrevista que concedeu ao contista Valdomiro Santana e ao ensaísta Paulo Ribeiro Martins, *Guido Guerra* fala de sua literatura.

Sobre como se tornou escritor, ele disse: "Em geral, convida-se um escritor conhecido para ser cronista de jornal, não é? No meu caso, aconteceu o contrário: a crônica foi meu passaporte para a literatura. Diria mesmo que foi a preguiça baiana que me fez cronista. Um fim de tarde, sábado de carnaval - já se vão quase vinte anos, Clementino Heitor de Carvalho, redator-chefe do *Diário de Notícias*, estava todo enrolado pra fechar uma página. Aí, ele falou pra mim: "Fulano, você que é metido a literato, aproveite um texto aí pra mim. Pode ser qualquer coisa, tanto faz. Até crônica." Minha ambição era ser cronista. Me agarrei a essa possibilidade. Na quarta-feira de cinzas, Odorico Tavares, diretor dos *Associados* na Bahia, me chamou a seu gabinete e me promoveu o cronista diário".

Hoje em dia, *Guido Guerra* é um escritor respeitado, mas houve tempo em que era



Guido Guerra

pouco levado a sério ou, pelo menos, muita gente torcia o nariz para a sua literatura. Seus comentários sobre isso foram estes: "Essas restrições não eram ditadas por uma aversão pessoal, mas como exigências no tocante à qualidade; elas se diluíram na medida em que meu trabalho evoluiu. Quanto a mim, estou certo de que, na essência, não mudei, embora não seja exatamente como era ao me iniciar na literatura. E que não me contentei com a primeira fórmula encontrada. É uma necessidade que tenho - não parar nunca. Tentar uma coisa hoje, outra amanhã, nunca me bastar com o que consegui ontem. Quero me surpreender sempre. E isso que me estimula: achar que, logo e já, tenho uma nova tentativa a fazer, outro tipo de linguagem a experimentar, mais coisas a dizer e dizê-las da melhor maneira que me for possível. Enfim, a gratificante necessidade de novas procuras e novas descobertas."

Há também, os que viam a criação literária de *Guido Guerra* como subliteratura e sobre isso ele comenta: "Esse preconceito não era contra minha literatura, mas contra o jornalismo que eu faço, voltado para uma procura de linguagem popular. Fato sintomático desse preconceito cultural foi, na década de 60, a circunstância de a Academia de Letras da Bahia criar embaraços para o ingresso de Dorival Caymmi a seus quadros exatamente por tê-lo na conta de um trovador popular e não de um poeta. Em geral, nossas academias de letras admitem acolher em seus quadros um epigramista, mas nem cogitam em eleger um poeta de cordel que não é necessariamente um criador inferior. Preferem eleger personalidades que, não obstante autores de obra ignorada, conferem prestígio social à instituição. Lá pelo ano de 1962, quando comecei, o jornalismo baiano era extremamente bem comportado. A linguagem era a estratificada e quem saísse do lugar comum, era olhado meio atravessado. Bem, começando, resolvi aproveitar a linguagem popular. A coisa pegou e os "sérios" começaram a me rotular de subliterato, isso e mais aquilo. É que existe forte preconceito contra tudo que tem cheiro e gosto de povo".

A respeito do seu romance *Lili Passeata*, publicado pela *Editora Civilização Brasileira* em 78, *Guido Guerra* assim se expressou: "Ao escrever esse romance, eu me fiz um desafio: partir de um tema panfletário sem cair no panfleto, o que equivale dizer que eu pretendia escrever um romance que, calcado em circunstâncias, não fosse circunstancial. Ou seja: que não servisse à política, mas dela se servisse como temática. Por isso mesmo, não obstante político, *Lili Passeata* não é politizante, como é a chamada literatura de catacquese, aquela que emprestaria consciência política até a cadela *Baleia*, do *Vidas Secas* de Graciliano Ramos."

Guido Guerra explicou que, o fato do lançamento do livro *Lili Passeata* ter coincidido com a abertura política, não foi intencional e comentou sobre os que o consideram um carreirista: "Arte não se faz com caráter. Se faz com texto, no caso da literatura. Se o crítico acha que tal livro não presta, deve dizer isso, inclusive em benefício de seus leitores. Claro que o problema da crítica no Brasil é bem mais profundo: com a quase extinção dos suplementos culturais, o crítico não dispõe de espaço suficiente para a análise do texto, de modo que fica na superfície: resenha o livro, anota um defeito aqui, uma qualidade ali, faz uma citação acolá e mete sua opinião no final".

Quando as pessoas se referem ao *Guido Guerra*, o cronista, sempre o consideram um sujeito desbocado, pornográfico, um papagaio devasso. *Guido Guerra* explica: "É meu jeito de ser. E também de escrever. Eu diria que o papagaio devasso foi uma alternativa política, a única possível diante do endurecimento político. Como a literatura tem uma função política que não consiste no imediatismo e muito menos na militância partidária, o papagaio devasso exercia outro tipo de militância, a que se propõe a registrar objetivamente moral de seu tempo, realizando a crítica de costumes e, ao mesmo tempo, contestando a moral vigente."

CORRESPONDÊNCIA

Da professora Sônia Maria van Dijck Lima, recebemos a seguinte carta:

João Pessoa, 22 de junho de 1981

Senhor Editor,

Tendo apresentado no CORREIO DAS ARTES, de 21 de junho deste ano, trabalho sob o título "Para uma abordagem das novelas de Hermilo Borba Filho", solicitamos que V. Sa. se digne conceder-nos espaço no próximo número do citado periódico, a fim de que possamos corrigir alguns equívocos presentes na publicação.

A relação lógica ou causal (relação de causa e efeito) é sempre indicada pelo sinal → (veja-se 2ª coluna, p. 4 e 3ª coluna, p. 5).

Na primeira coluna, p. 5, falamos dos modos da hipótese. O segundo modo a que nos referimos é o modo predictivo - modo que se apresenta com a mesma estrutura do condicional, porém o sujeito que prediz não deve ser o sujeito da segunda oração.

Quando tratamos das relações entre as orações narrativas, estamos falando de relações sintático-narrativas (3ª coluna, p. 5).

A transcrição correta da fábula de "As esporas" é a seguinte:

$X\ a_3 - Y\ b\ X = - W + Y - d\ X \rightarrow X\ r + - X\ Y\ t\ Z\ B^a$

Deve-se ler:

Clementina (X) comete adultério (a^3), por isso (→) o marido (Y) sabedor vinga-se (ou seja, castiga) de Clementina (b X) eliminando por morte o amante (= - W) e (+) não falando com Clementina (= ... Y - d X) e ao mesmo tempo transformando as esporas do amante em símbolo do adultério cometido (= ... Y t Z B^a), por isso (→) Clementina definha (X r) e (+) Clementina morre (- X).

Na quarta coluna, p. 5, a relação entre os verbos a e b têm a seguinte indicação:

a b

O núcleo narrativo de "As esporas" deve ser transcrito assim:

X a b X... + - X

Acreditando contar com a compreensão de V. Sa., registramos nossos mais sinceros agradecimentos.

Atenciosamente

Sônia Maria van Dijck Lima

Correio das Artes

JOÃO ANTONIO: UM ESCRITOR EM BALANÇO

• JÁCOMO MANDATTO

Um livro de contos acaba de sair do prelo pela sétima vez em menos de vinte anos, com um total de quarenta mil exemplares, mais ou menos. É significativa essa quantidade para esse tempo? Para o Brasil, terra de poucos leitores, o fato não deixa de ser até que muito expressivo e auspicioso. Mas, é preciso que se saliente desde já que, normalmente, qualquer livro não vai além da primeira ou segunda edições quando o obra é razoável.

Os contos e as novelas que João Antônio enfeixou num livro apareceu em 1963, precedendo a diversos prêmios e menções honrosas levantados em concursos instituídos na época, causaram impacto repercutente nos meios literários do Brasil, com maior estridor em São Paulo, isto porque tanto o autor como os temas abordados pelo então jovem estreiante de 26 anos, são genuinamente paulistanos.

Para um título que desde logo chamava a atenção pelo inusitado - estranho e longo, principalmente longo, já que pelo menos 90% dos títulos são compostos por uma enfiada de palavras - "Malagueta, Perus e Bacanaço", nome que nem de leve sugere o significado que o escritor lhe deu, surgia como um parto temporão, de sete meses. Na verdade "Malagueta" lembra pimenta, "Perus" recorda ave e "Bacanaço" é gíria que significa bem feito, bonito, legal, etc. Contudo, para João Antônio, tais denominações equivalem aos apelidos de três malandros criados pelo escritor e que se tornaram figuras de carne e osso, talvez mais osso do que carne pela magreza de seus corpos.

João Antônio foi feliz desde o instante em que colocou na capa do livro, como "carro-chefe", o nome desse conto que mostra as peripécias de três tipos singulares, muito conhecidos nas rodas do sub-mundo de São Paulo. Com exceção de um outro título - "Afinação da Arte de Chutar Tampinhas" - também bastante longo e que poderia perfeitamente figurar na capa, os demais não possuem a mesma força atrativa: "Busca", "Fujie", "Retalhos de Fome numa Tarde de G. C.", "Natal na Cafua", "Frio", "Visita" e "Meninão do Caixote". Dessa novena de contos, pelo menos três ("Afinação...", "Meninão..." e "Malagueta...") avantajaram-se sobre os demais e mereceram sempre análises mais demoradas da crítica. São, certamente, os alicerces que sustentaram a sobrevivência literária do contista na sua ascensional e fértil produção futura, culminando, em 1977, com o esplêndido "Lambões de Caçarola", passando por "Leão-de-Chácara", "Malhação do Judas Carioca", "Casa de Loucos", "Calvários e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto" e "O Copacabana!", livros que reúnem a produção ficcional e as reportagens mais alentadas e importantes feitas por João Antônio em menos de duas décadas.

Aos nove contos do seu primeiro livro, João Antônio reuniu outros quatro em "Leão-de-Chácara": o que dá título ao livro e mais - "Três Cunhadas - Natal 1960", "Joãozinho da Babilônia" e "Paulinho Perna Torta". Seu terceiro livro de ficção abriga um único conto - Lambões de Caçarola". As quatro obras restantes de sua bibliografia enfeixam ensaios e reportagens diversas. Desde o ano do aparecimento de seu livro de estréia até 1978, quando foi editado o último, as edições tiveram esta sequência:

MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO - 1ª edição, 1963, Edit. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro; 2ª edição, 1975, Edit. Civ. Bras. em convênio com o INL/MEC, Rio de Janeiro; 3ª ed., 1975; 4ª ed., 1976; 5ª ed., 1978, as três através da Civilização; 6ª ed., 1980, pelo Círculo do Livro, S. Paulo; e 7ª ed., 1980, pela Record.

LEÃO-DE-CHÁCARA - 1ª edição, 1975; 2ª ed., 1975; 3ª. ed., 1976, todas pela Editora Civilização Brasileira; 4ª ed., 1976, pelo Círculo do Livro; 5ª ed., 1976, Edit. Civ. Bras., 6ª ed., 1980. Record.

MALHAÇÃO DO JUDAS CARIOCA - 1ª edição, 1975; 2ª ed., 1976, ambas da Edit. Civilização Brasileira; 3ª ed., 1981, Record.

CASA DE LOUCOS - 1ª e 2ª edições em 1976, pela Editora Civilização Brasileira.

CALVÁRIO E PORRES DO PINGENTE AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO - única edição em 1977, pela Editora Civilização Brasileira.

LAMBÕES DE CAÇAROLA - 1ª, 2ª., e 3ª., edições em 1977; 4ª, ed., em 1978, sendo todas da L&PM Editores, de Porto Alegre.

O COPACABANA! - única edição em 1978, pela Editora Civilização Brasileira.

Do sumário de "Malhação do Judas Carioca" consta: *Problema* - "Marizinha Tiro a Esmo", "Galeria Alaska" e "Pingentes"; *Polícia* - Carlinhos, o Inconveniente"; *Conto-reportagem* - "Cais"; *Especial* - "Lapa Acordada para Morrer"; *Gente* - "Quarenta anos de Profissão - Paulo Gracindo"; *Costumes* - "Pequena História Matreira da Fila Carioca", "Sinuca" e "Malhação do Judas Carioca"; *Futebol* - "É uma Revolução". E conclus com um depoimento do autor sobre as suas atividades nas letras: "Corpo-a-corpo com a vida".

Em "Casa de Loucos" João Antônio reuniu os seguintes trabalhos: *"Protesto* - "Olá, professor, há quanto tempo!"; *Comportamento* - "55 anos de casados"; *Música Popular* - "Nelson Cavaquinho", "Noel Rosa, poeta do povo"; *Costumes* - "Merdunhos", "As virgens blindadas do footing"; *Futebol* - "Raul, meu amor", "Uma banana para os valentes"; *Gente* - "A morte e as vidas de Sérgio Milliet"; *Habitação* - "Testemunho de Cidade de Deus"; *Vida* - "A morte"; *Drama* - "Casa de loucos".

Nos livros "Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto" e "O Copacabana!" João Antônio realiza uma incursão felicíssima no campo do ensaio, respectivamente sobre o notável romancista brasileiro e o famoso bairro do Rio de Janeiro.

Os contos de João Antônio já apareceram em antologias brasileiras e estrangeiras. No Brasil pudemos anotar as seguintes:

MENINÃO DO CAIXOTE - "Revista Brasileira", Rio de Janeiro, 1960; "Coletânea I", Edições GRD, Rio de Janeiro, 1963; "O Moderno Conto Brasileiro", Edit. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.

PAULINHO PERNA TORTA - "Os Dez Mandamentos", Edit. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975; "Vida Cachorra", Edit. Civ. Bras., Rio de Janeiro, 1977.

LAPA - "Revista Senhor", 1963.

VISITA - "Revista Brasileira", Rio de Janeiro, 1964.

FUJIE - "Depois das Seis", Edições GRD, Rio de Janeiro, 1964.

BOLO NA GARGANTA - "Ficção", Rio de Janeiro, 1964.

AFINAÇÃO DA ARTE DE CHUTAR TAMPINHAS - "Literatura Brasileira em Curso", Edit. Bloch, Rio de Janeiro, 1968; "Antologia Escolar de Contos Brasileiros", Edições de Ouro, Rio de Janeiro, 1969; "Contos Jovens 2", Edit. Brasiliense, S. Paulo, 1973.

FRIO - "O Conto Brasileiro Contemporâneo". Edit. Cultrix. S. Paulo, 1975; "Vida Cachorra", Edit. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977.

JOÃOZINHO DA BABILÔNIA - "25 Escritores Brasileiros", Revista "Status", 1976.

RETALHOS DE FOME NUMA TARDE DE G. C. - "Compreender e Expressar", Livraria Sulina Editora, Porto Alegre, 1976.

JUIZ - "Hoje", Livraria Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro, 1977.

CARAMBA! - "Malditos Escritores!", Extra-Realidade Brasileira, nº 4, São Paulo, 1977.

No estrangeiro:

"FRIO" (FRIO) - tradução de Pilar Gómez Bedate, "Revista de Cultura Brasileira", Madrid, Espanha, 1964. Tradução de Santiafgo Kovadloff, "Quince Cuentistas Brasileños de Hoy", Editorial Sudamericano, Buenos Aires, Argentina, 1978. Tradução de Victor Taphanel, "El Cuento", Revista de Imaginación, México, 1977.

"BUSCA" (BUSCA) - tradução de Victor Taphanel, "Jorge Álvarez, Editor", Buenos Aires, Argentina, 1965.

"DER GROSSE KLEINE MIT DER KLEINEN KISTE" (MENINÃO DO CAIXOTE) - tradução de Curt Mayer-Clason, "Horst Erdmann Verlag", Herrenalb, Alemanha Ocidental, 1967.

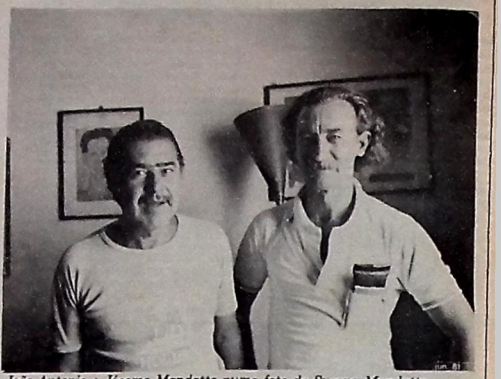
"ANIZ POSADAS STAKTU JEHO" (PAULINHO PERNA TORTA) - tradução de Pavla Lidmilová, Revista "Svetorá Literatura", Praga, Tchecoslováquia, 1967.

"EL MUCHACHO DEL CAJÓN" (MENINÃO DO CAIXOTE) - tradução de Flávio Macedo Soares, "Nuevos Contistas Brasileños", Monte Avila Editores, Venezuela, 1969.

"JANEK ZE WZGÓRZA BABILÓNIA" (JOÃOZINHO DA BABILÔNIA) - tradução de Janina Z. Klave, Cracóvia, Polônia, 1977.

"DOSKONALENIE SZTUKI KOPANIA KAPSLI" (AFINAÇÃO DA ARTE DE CHUTAR TAMPINHAS) - tradução de Janina Z. Klave, Cracóvia, Polônia, 1977.

O cinema já [illegible] com *Malagueta, Perus e Bacanaço*, produzindo o filme "O Jogo da Vida", realizado por Documenta Produções e Embrafilme, em 1977, sob direção de Maurice Capovilla e produção de José Zimmerman. Lima Duarte interpretou "Malagueta", Gianfrancesco Guarnieri "Perus" e Maurício do Valle "Bacanaço".



João Antonio e Jácomo Mandatto numa foto de Susana Mandatto

Sempre ligado ao jornalismo, João Antônio já pertenceu a algumas equipes de renome tais como - "Realidade", "Bondinho", "Fx", "Panorama", "Última Hora", tendo colaborado também em publicações como "Pasquim", "Opinião", "Movimento", "Ovelha Negra" e outros jornais brasileiros.

Ganhou prêmios e menções honrosas por vários trabalhos. Seu primeiro prêmio literário foi ganho no antigo jornal "O Tempo", de São Paulo, em 1955, com o conto "Um Preso", que João Antônio excluiu de sua obra por achá-lo "horrível". Em 1962, vence o Concurso de Contos Alvorada, instituído pela Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo e patrocinado pela Livraria Francisco Alves, com o conto "Meninão do Caixote". Nesse mesmo ano ganha menção honrosa no Concurso de Crônicas promovido pela Academia de Letras de Teresópolis, durante o Primeiro Festival Brasileiro de Literatura, daquela cidade. Conquista o Prêmio Fábio Prado de Contos, da União Brasileira de Escritores, S. Paulo, com a coletânea "Aluados e Cinzentos", relativo a 1961. Ainda em 1962 recebe a primeira menção honrosa do Prêmio Menotti del Picchia, do Centro Itapirense de Cultura e Arte, de Itapira (SP), com o conto "Meninão do Caixote", concorrendo com 110 escritores. Ganha o Prêmio Jabuti de revelação de Autor e Prêmio Jabuti de Melhor Livro de Contos, da Câmara Brasileira do Livro, ambos em 1963. Vence o Prêmio Prefeitura Municipal de São Paulo, de 1965. Conquista o 4º lugar no Prêmio Nacional de Contos do Paraná, em 1974. Menção honrosa no Prêmio Ficção da Associação dos Críticos de Arte de São Paulo, em 1975.

Desse notável contista nascido na capital de São Paulo a 27 de janeiro de 1937, a Editora Record está anunciando o lançamento para as próximas semanas de mais um livro de contos - DEDO-DURO, que, lido por alguns amigos do escritor, já vem com prenúncios de ser a melhor obra de ficção de 1981

Revista NACIONAL

A UNIÃO
JOÃO PESSOA

ANO III — DE 5 A 11 DE JULHO DE 1981 — Nº 136

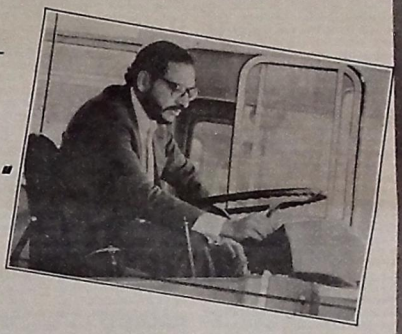


A glória começa sem nome

8 • 9

Mário Kertész

"Não se pode administrar se não tiver amor"



Ao ser indicado Prefeito de Salvador, Mário Kertész (foto) confessa que hesitou em aceitar o posto, que tanto o honrava. "Afinal — diz ele na entrevista que concedeu a Joel Silveira — o desprestígio da Prefeitura alcançava talvez o mais baixo nível da história da Bahia". Hoje, a Cidade mudou sua feição, "porque a estamos administrando com muito amor". Páginas 4, 5 e 6



Burity:

São Paulo coloniza o Nordeste

O Governador Tarcísio Burity mergulha fundo nas causas que tornaram o Nordeste uma colônia do Centro-Sul do Brasil. Tudo o que ele disse a Mauritonio Meira — e quem ele é — está na página 7

Esta Revista é uma oferta do seu jornal. Não pode ser vendida separadamente

RevistaNACIONAL

Diretor-Editor-Chefe
Mauritonio Meira

Diretores
José Aylar Rocha
Oscarino A. Vasconcellos

Publicidade: Elias Vigiano; Redação – Altenir Rodrigues – Editor Executivo; Carlos Felippe – Editor Adjunto; Arte: Walter ("Xavier") Machado – Diretor; Appe, Franco e Rogério Delgado, Fotografia: Florentino Carneiro; Seções: Any Vasconcelos; Marcos Marehi, Mister Eco, Regina Coelho e Rubem Braga

Conselho de Redação
Adonias Filho
Antônio Houaiss
Aurélio Buarque de Holanda
Guilherme Figueiredo
Joel Silveira

Colaboradores: Abelardo Jurema, Adirton de Barros, Alberto Nunes, Antônio Girão Barroso, Bernardete Cavalcanti, Carlos Gaspar, Carlos Newton, Celina de Farias, Érika Rodrigues, Everardo Guilhon, Everton Schneider, Fernando Luiz Cascudo, Fred Ayres, Homero Homem, Ivanilda Tavares, João Condé, Jorge Roberto Martins, Lago Burnett, Marcelo Faria, Mário Morel, Maurício Caminha de Lacerda, Nelson Dimas Filho, Nerian Macedo, Oliveira Bastos, Paulo Roberto Peres, Raul Giudicelli, Reinaldo Pees Barreto, Roberto Paulino, Sandra Martins e Sebastião Nery.

Sucursais: São Luís – Adirson Vasconcelos; Teresina – Jesus Trebuth; Fortaleza – Venelouis Xavier Nasal – Agnelo Alves e Wanda Miranda; João Pessoa – Petrônio Vinicius de Souto; Recife – Esmeraldo Marroquim; Aracaju – Laé Filho, Salvador – José Lopes da Cunha; Campos-RJ – Aluysio Cardoso Barbosa; Nova Iguaçu-RJ – A. Borges de Mello; Volta Redonda-RJ – Geraldo Pançardes; Barra Mansa-RJ – João Pançardes; Curitiba – J. Nunes Cotter; Chapecó-SC – Cyrio Nunes de Oliveira; Canoas-RS – José Fontes; Goiânia – Elton da Costa Campos e Campo Grande – Bernardo Elias Lahdo. Correspondente no Exterior: Jacyra Dominques (Milão-Itália); Fotocomposição: Marino G. Pinheiro (chefe); Algir Pereira da Silva e Evenir José Ribeiro da Fonseca; Fotolito: Jorge da Cunha Ferreira e Evaldo Pinto; Revisão: Adriano Jorge; Paginação: Luís da Silva Henriques (chefe) e Irene Kantor.

REVISTA NACIONAL (*) é uma publicação da

grados jornalismo ltda.

Diretor-Gerente
Mauritonio Meira
Gerente Administrativo
Heroildo de Carvalho

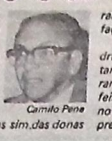
e Administração, Redação, publicidade e Oficinas: Rua Santa Luzia, 799 – 8º andar Tels.: (PABX) – 240-8430 – 220-6049 Telex: (021) 21013 – CGC. 29.978145/0001-45 Inscr. Est. 000.000.00 – Rio de Janeiro – CEP. 20.030 Sucursal Ceará – Elias de Oliveira Jr. – Diretor. Av. Santos Dumont, 4081 – Aldeota – Fortaleza; Sucursal Pernambuco: Murilo Marroquim – Diretor; Alagoas – Ivan Costa – Representante. Av. Paraíba, 410 – Tel.: 223-8004 – Maceió.

A Grados Jornalismo se responsabiliza pelas matérias da REVISTA NACIONAL com exceção das que venham a ser inseridas pelos jornais filiados.

(*) Circula aos domingos com exclusividade regional, pelo sistema de franquia, com os seguintes jornais brasileiros aos quais são fornecidos os filmes (fotolitos) para impressão:
O IMPARCIAL – São Luís; O DIA – Teresina; O ESTADO – Fortaleza; TRIBUNA DO NORTE – Natal; A UNIÃO – João Pessoa, JORNAL DO COMMERCIO – Recife; JORNAL DA CIDADE – Aracaju; JORNAL DA BAHIA – Salvador; JORNAL DO COMMERCIO – Rio de Janeiro; FOLHA DA MANHÃ – Campos-RJ; SEMANA Ilustrada – Nova Iguaçu-RJ; INTEGRAÇÃO – Barra Mansa-RJ; A VOZ DA CIDADE – Volta Redonda-RJ; TRIBUNA DO COMERCIO – Rezende-RJ; VOZ DE VALENÇA – Valença-RJ; JORNAL DO SUL – Angra dos Reis-RJ; O ESTADO DO PARANÁ – Curitiba; CORREIO DO SUDOESTE – Chapecó-SC, JORNAL DA CIDADE – Canoas-RS; FOLHA DE GOIAZ – Goiânia; e O ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL – Campo Grande-MS.

Ponto de vista

O Ministro e as donas de casa


Camilo Pena

O Governo ficará por certo muito tranqüilo, caso lhe faltasse o mínimo senso de autocrítica, com a declaração estarrecedora do Ministro da Indústria e do Comércio. Numa hora em que o próprio Presidente da República reza o "mea culpa", ao exigir das empresas estatais que parem de gastar, o Sr. Camilo Pena apregoa de público que a culpa da inflação não é do Governo, mas sim das donas de casa.

É bem provável que a angulação tenha causado espécie até mesmo ao Ministro do Planejamento que, por seu lado, defende a tese de que os verdadeiros culpados seriam os empresários particulares, cevados no leite generoso de subsídios que viveriam a sugar nas tetas da nação. O Sr. Delfim Netto já foi mais contido, mas hoje não se acanha de abrir o berreiro como um bezerro desmamado.

Mas, com certeza, quem gostaria de pedir explicações ao Sr. Camilo Pena seriam as próprias acusadas – as injuriadas donas de casa. Em que cálculos profundos se teria baseado o ministro para delatar, com tanta segurança, pacatas senhoras que, até aqui, consideravam-se e eram justamente consideradas por toda a opinião pública nacional como vítimas de uma política econômico-financeira pouco escrupulosa na distribuição de pesos e medidas? Sem essa, Dr. Camilo!

ooo

Não é preciso ser dona de casa para conhecer os percalços e vicissitudes enfrentados diariamente por essas abnegadas criaturas a quem compete operar o milagre de satisfazer, com uma moeda superdesvalorizada, as necessidades fundamentais de toda a família. Algum dia o Sr. Camilo Pena, para espairecer, deu-se ao trabalho de visitar algum desses supermercados onde os preços são elevados a jato de "spray", numa simples mágica, à vista do freguês? Saberia o ministro o que é lidar com comerciantes nem sempre muito preocupados com a sua imagem perante a clientela, desde que a caixa esteja tilintando de satisfação?

Não. Com certeza o ilustre membro do Governo jamais madrugou numa fila de leite ou de pão. Passou ao largo pelas quitandas da vida, olhou de soslaio o armazém e não quis misturar-se com essas senhoras atarefadas que trocam pernas pelas feiras-livres, pechinchando sem acanhamento e especulando no bom sentido, na ânsia de obter a mercadoria desejada pelo preço mais justo possível.

Quem assim age, lutando pela verdade monetária em cada pequena transação comercial, pode ser responsabilizado pela inflação que corrói o orçamento da nação e reduz a pó as previsões orçamentárias de cada dona de casa? Lógico que não. Mas o Sr. Camilo Pena vislumbrou nas mulheres o melhor pretexto para desviar do Governo o ônus da crise econômica.

ooo

Afinal, não se pode atinar com os verdadeiros objetivos do Ministro da Indústria e do Comércio. Eliminada a possibilidade de querer dar uma contribuição pessoal para a solução do problema, já que não é possível levar a sério semelhante análise, a quem desejaria agradar o Sr. Camilo Pena? Dizer que o Governo nada tem a ver com a inflação é gentileza demais.

Ora, não é agredindo aliados que se vence a guerra. Ninguém melhor do que as donas de casa para influir no equilíbrio dos orçamentos domésticos e, conseqüentemente, no comportamento do mercado. A rejeição de uma mercadoria, pela alta excessiva do preço, é uma forma de conter a inflação. Mesmo sem a metodologia dos movimentos organizados de boicote, como ocorre em países onde já funciona uma política eficaz de defesa do consumidor, a dona de casa dispõe de uma arma poderosa, que é o seu poder de barganha.

Um poder que se ramifica infinitamente, longe, muito longe, do centro das decisões governamentais e das divagações ministeriais.

Cartas

O PENSAMENTO DE D. HÉLDER

"Por ter sido objeto de análise de muitos pronunciamentos de leitores dessa importante revista como por estar freqüentemente nas apreciações de muitos jornalistas, políticos e autoridades nem sempre justos nestas considerações comumente elevadas de ignorância e má fé, passo a transcrever abaixo excertos dos pensamentos do Arcebispo de Olinda e Recife, cujas idéias e ações ao meu ver caracterizam um homem e um pensador de grande profundidade e humanismo. Analisando-se com honestidade o verdadeiro pensamento de D. Hélder fica-se a corar de vergonha pelo comportamento desleal de tantos bestuntos arrogantes, ignorantes totais da verdade, ou melhor, talvez, agentes de má fé, em um mundo de misérias que inconscientes defendem atolados na lama de suas vidas de egoísmo e sem imaginação. Vejamos alguns extratos do verdadeiro pensamento de D. Hélder constante, por exemplo, do "Roteiro Catequético", livro didático do 1º grau, 8ª série, edição Editora VOZES, 1979, páginas 76 e 77: "OS SETE PECADOS CAPITAIS: Tenho 70 anos, mas creio que sou capaz de entender o que pensam os jovens. Para começar permiti que enumere os sete pecados capitais do mundo contemporâneo". Vejamos como o grande Arcebispo comenta alguns deles. O RACISMO: "Não é simples questão de brancos contra negros: é também sistemática atitude de branco que se fecha diante do branco...". A GUERRA: "A guerra torna-se cada dia mais desumana e imoral. Agora, nem sequer dá ocasião para praticar aquela aparente heroísmo dos guerreiros que se estimulavam nos soldados... Não é por medo que os jovens se opõem à guerra. É por desprezo e repugnância". O FARAISAÍSMO: "Os jovens se opõem a toda manifestação de farisaísmo, e estão contra os puritanos que nas suas famílias exigem uma moralidade, mas que são os primeiros a violá-la. Estão contra aquelas pessoas "piedosas" que carecem de caridade, sem a qual a pureza se torna agressiva, farisaica. Os jovens revoltam-se especialmente contra o farisaísmo internacional tanto dos países capitalistas como dos países comunistas. O capitalismo na sua forma clássica apesar de defender o indivíduo e a liberdade, é egoísta, interesseiro e cruel. Não hesita em esmagar seres humanos, quando o exigem os benefícios visados, sob pretexto de salvar o mundo livre comete horríveis atrocidades contra a liberdade. Fala com orgulho da tradição e da família, mas não cria as condições adequadas para que os trabalhadores e os pequenos proprietários promovam suas famílias. Dá grande importância à religião quando esta favorece aos seus interesses, mas desafia e persegue e quando luta pelo desenvolvimento do homem total e de todos os homens. Em nome da iniciativa privada mantém monopólios e coligações nacionais e internacionais. Por outro lado o marxismo, que nada mais é do que o capitalismo do Estado, chama-se a si mesmo o único humanismo autêntico. Na prática as superpotências que se revelaram da inspiração em Marx são tão frias e egoístas como as rivais capitalistas..." Eis algumas parcelas do verdadeiro espírito de D. Hélder sendo lamentável que a perseguição surda contra esse magnífico educador não permita que sua voz se faça ouvir com freqüência e mais alto para o aperfeiçoamento e melhoria dos homens do Brasil. Há naturalmente milhares de outros pensamentos de D. Hélder que essa revista poderia transcrever para lançar mais luz sobre o assunto."

José Ricardo Albuquerque Arruda
Recife – PE

AQUI, BEM

"Quero destacar a minha alegria pela oportunidade que tenho todos os domingos de ler a REVISTA NACIONAL que me chega através do O Estado de Mato Grosso do Sul. E não somente eu, minha esposa também. Tenho um filho adolescente que se delicia com as pichações do Mister Eco. A revista atende a todos os gostos e é uma agradável e bem humorada companheira de nossos quentes domingos desta terra. (...) Agora, uma sugestão: gostaria de ver na revista matérias policiais de alto nível, com o tratamento que vocês sabem dar com essa equipe (equipe? selecionado!) que a RN alvitra. Tenho certeza de que os leitores vão gostar e será mais um motivo e um atrativo para as nossas conversas nas mesas do chopinho."

Alcides Serra
Dourados – MS

Você acertou na mosca, Alcides, com a sua sugestão. Você sabe que as publicações que mais crescem no Mundo são as que tratam prioritariamente de assuntos policiais. Há muito que vimos planejando matérias desse tipo para oferecer aos nossos leitores, mas não é fácil. Há sempre o perigo de se descambar para a apologia do crime. Encontraremos, agora, a fórmula.

O NÁSSARA É QUENTE

"Uma coisa eu gostaria de dizer a vocês a(da patota da RN: eu gosto muito das charges do Nássara. Muitas pessoas comentam comigo que o humor dele é inteligente demais para a compreensão dos mortais comuns. Mas não é. Ele é finíssimo e deixa sempre uma brecha para dar o que pensar. Não é humor escancarado que você capta no primeiro momento. Ele estimula o nosso raciocínio. E que traço finíssimo e seguro. Uma pergunta: o Nássara chargista é o mesmo Nássara compositor de música carnavalesca?"

Marisa Alvear Costa
Itumbiara – GO

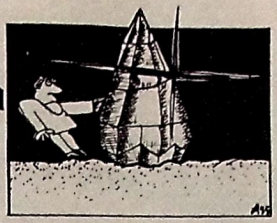
Em poucas palavras você traçou um perfil perfeito do humor do nosso Nássara. Que mais se gostaria que dissessem dele? Certa ocasião – aí por volta de 1954/55 –, Leon Eliachar, um excelente humorista carioca (que anda sumido) ganhou um concurso de humor em Bordighera, na Itália, com esta obra prima de definição de humor: "Humor é fazer cócegas no raciocínio dos outros". E é. Pois bem, você se aproxima dessa definição premiada internacionalmente ao dizer que o Nássara "estimula o nosso raciocínio" É que o Nássara é, acima de tudo, uma pessoa elegante – por dentro e por fora – e sua elegância se espalha pela sua obra até pelo respeito à inteligência do leitor. Em relação à sua pergunta final: ele é o mesmo Nássara compositor de música carnavalesca, autor de tantos sucessos que se tornaram clássicos como, por exemplo, o "Alah, lá Ô", o "Balzaquiene" ("Sete dias por semana / eu preciso ter / minha balzaquiana..."),

RUBEM BRAGA



A poesia é necessária

Uma água-marinha para Bárbara



Já trabalhei com jóias. Não quero contar vantagem; minhas jóias não eram das mais preciosas, nem eu extraí do olho de um ídolo hindu a esmeralda sagrada, nem mesmo fui assassinado no Araguaia por causa de um diamante azul. Minha aventura foi bem mais modesta e, para começar, só lidei com pedras semipreciosas.

Acontece que eu estava mal de dinheiro, como tem sucedido em outras fases de minha vida — e a vida de outras pessoas também. Escrever em jornal, coisa que sempre fiz mais ou menos, estava difícil, pois o Brasil vivia sob uma de suas ditaduras (a de Vargas) e eu estava colocado sob censura prévia; é uma colocação desagradável, inclusive porque dá raiva, e a gente só tem vontade de escrever coisas censuráveis. Acabei parando de escrever, ou só fazendo uns tópicos anônimos para um jornal qualquer; além disso redigia anúncios para a agência de um amigo meu — a Inter-Americana do Armando d'Almeida, para ser exato. Redigia mal; jamais consegui ser um publicitário razoável, embora tenha perdido muitas noites tentando criar algo de fremente e original sobre as virtudes da Lâmina Gillette Azul e as volúpias do Sofá-Cama Drago.

Foi então que me encontrei com um velho amigo mineiro, o Otávio Xavier Ferreira. Otávio tinha me iniciado no jornalismo, pois era secretário da redação do "Diário da Tarde" de Belo Horizonte, primeiro jornal diário em que trabalhei — isto foi há 49 anos, se vocês fazem questão de saber. Depois de me jogar cá dentro da profissão ele, espertamente, saltou fora — e naquele tempo era dono de uma lapidação e de uma joalheria em Minas — duas joalherias, se vocês querem que eu seja mesmo exato, uma em Belo Horizonte, outra em Poços de Caldas.

Encontramo-nos no Rio; subi com ele a um apartamento no Hotel Itajubá, cujo bar era o "quartel-general" dos vendedores de pedras. Mostrou-me topázios, águas-marinhas, ametistas, muitas outras pedras; ensinou-me coisas, a avaliar o preço pela cor, a distinguir lapidações, os "pontos" e outros defeitos; preveniu-me contra os truques mais vulgares, feitos a fogo e fumo para alterar a cor das pedras, deu-me um livro; deixou-me várias coleções em uma caixa e em pacotes de papel branco que aprendi a fazer e desfazer; nomeou-me seu representante no Rio, arrumou a mala, pagou-me três uísques no bar do hotel e embarcou de volta para Minas.

Funcionei nessa coisa vários meses, talvez um ano — e, se não ganhei muito, graças a Deus não dei prejuízo ao Otávio. Até hoje ainda me sucede ser cumprimentado na rua por algum sujeito louro de cabelo meio crespo que só depois de ir longe eu me lembro quem é — algum holandês a quem outrora vendi pedras ... Mas foi muitos anos depois dessa medíocre aventura comercial clandestina (não, nunca paguei impostos!) que descobri sua utilidade. Eu vinha dos Estados Unidos, trazia algum dinheiro e um pouco de saudade de uma americana de dois metros de altura que o Carlos Niemeyer me arranjara lá — doce Bárbara de olhos verdes, anjo do Greenwich Village. Fui a uma luxuosa loja da esquina de Gonçalves Dias e Ouvidor comprar uma lembrança para ela — toda gente sabe que americana adora água-marinha e não faz muita questão de qualidade. Escolhi uma pedrinha clara, mas o vendedor me propôs outra:

— Se é presente, por que não leva esta?

Peguei a pedra, sopesei-a um instante, disse distraído:

— Deve ter uns 22 quilates ... Fortaleza? Não, quero coisa mais barata ...

O homem disse que aquela não estava cara, mostrou-me o preço. Para mim, podia fazer uma redução. Eu mirava a pedra; murmurei que ela tinha um ponto, mas a lapidação era realmente muito boa; tinha muita vida, até parecia Itaguaçu, mas era Fortaleza, não era?

— O senhor trabalha no ramo?

— Não, há muito tempo que não mexo com isso ...

Pois levei a pedra boa pelo preço que estava marcado para a outra; uma redução espontânea de mais de 40 por cento para o "colega". Um "colega" que não aprendeu a vender, mas de certo modo aprendeu a comprar. Escrevi uma carta caprichada em inglês bárbaresco liquidando meu romance com Bárbara, e mandei-lhe a pedra por um amigo, o Armando Nogueira, que embarcava para Nova Iorque. Ela me respondeu que jamais ousara acreditar na minha promessa de a mandar vir para o Brasil, nem de vivermos juntos em Nova Iorque; que a pedra era linda, e eu era uma flor, que chorara muito mas compreendia. Que aquele amor ficaria em sua vida como algo ... bem, ainda tenho a carta guardada, mas a modéstia me impede de publicá-la. Na ocasião eu a li, fiquei com um certo aperto na garganta e uma confusa saudade sentimental e principalmente física de minha grande Bárbara — e talvez, no fim das contas, um pequeno orgulho em ter feito, pela primeira vez em minha vida, um bom negócio com uma pedra.

Lamento Adolescente

OLIVEIROS LITRENTO

Virás vestida de manhã marinha,
ofertando ao adulto a meninice.
Virás dos céus natais, com as lagoas,
trazendo o sol nascente no teu rosto.
Há fantasmas correndo no meu canto
e eu me perco nas névoas vacilantes
da claridade alada dos outonos.

Luz surgida na noite eu te contemplo
junto à fonte esquecida que desata
a permanência de um amor perdido!
E eu vejo em toda parte onde me encontro
os teus olhos de mar e de abandono
que me fazem voltar à adolescência
e às águas verdes de mistério e sono.

(Do livro "Inquietação de Narciso".)

Pode achar que estão debochando

Há no Rio, agora, um verdadeiro frenesi de gastronomia. Os hotéis anunciam semanas de cozinha sueca ou marroquina, ou italiana, holandesa. Há restaurantes dedicados à nova cozinha francesa, outros que preferem a antiga. Uma sociedade de grastrônomos brilhou tanto que já houve uma dissidência: um dos seus melhores comedores saiu para fundar outra. Há cursos de cozinha fina muito caros e completamente lotados. Há uma bela revista chamada "Gourmet". Há, no "Jornal do Brasil", um crítico de restaurantes muito refinado, pelo menos no escrever. Os cronistas mundanos especificam os pratos dos jantares que noticiam; e eu me lembro do tempo em que o estrogonofe era uma fatalidade. Os "maîtres" dão entrevistas à imprensa e à televisão. Vi e escutei, meio abobado, uma longa conversa de um cara que só falava de "pâtisserie" e "confiserie". Muitos cavalheiros fazem coleções de vinhos e uísques, e importam queijos e temperos.

Confesso candidamente, sem demagogia, que sinto um pouco de vergonha diante de tudo isso. A gastronomia incrementa-se exatamente num momento em que a alimentação do povo é reduzida de maneira incrível. Os preços dos gêneros sobem com uma tal rapidez que não há salário que agüente. É o pão, o leite, o arroz e o feijão; pergunto-me, como já tenho ouvido muitas pessoas perguntarem: "como é que essa gente vive?" E "essa gente" é a maioria da população do Rio, do Brasil ...

Meus caros colegas de jornalismo: sejamos hipócritas, docemente hipócritas; gastronomia é uma conversa íntima, não fica bem em coluna de jornal que pode cair nas mãos de qualquer um. E esse qualquer um, o povo, pode acabar achando que nós estamos mas é debochando dele. Certo?

Segurança - Liquidez - Confiança.

Letras de Câmbio COROA



Para Mário Kertz, Prefeito de Salvador, não se administra sem amor

TEXTO JOEL SILVEIRA

Salvador - 81

A difícil batalha de Governar uma cidade muito especial



Estação de Transbordo da Lapa (maquete)

Ao ser indicado pelo Governador Antônio Carlos Magalhães para a Prefeitura de Salvador, Mário Kertész confessa que hesitou em aceitar o posto, que tanto o honrava. "Afinal – diz ele – o desprestígio da Prefeitura junto à população alcançara talvez o mais baixo nível da história da Cidade. A máquina administrativa municipal arqueava sob o peso dos seus vícios crônicos. As condições econômico-financeiras do Município chegaram ao nível do pauperismo quase absoluto, em vista do esvaziamento causado pelo atual sistema tributário nacional. As perspectivas de captar recursos na área federal ou no exterior para investir na Cidade mostravam-se bastante desanimadoras, em virtude da crise econômico-financeira determinar cortes expressivos nos programas de obras públicas. As novas regras do jogo político-administrativo, estabelecidas com o advento da abertura democrática, expunham o Poder Municipal – o mais próximo do povo – a toda sorte de pressões e reivindicações. Em resumo: a situação oferecia todos os ingredientes do insucesso – muito problema, pouco dinheiro; muita gente exigindo, pouca gente com capacidade de resposta; muito trabalho, pouco tempo".

Na verdade, o que Mário Kertész lastimou ao assumir era a gerência de uma firma não apenas desorganizada, mas um ramo do poder público – talvez o segundo em importância na hierarquia administrativa da Bahia (afinal, Salvador é a quarta cidade mais importante e populosa do País) – à beira da insolvência. Uma cidade em crise, uma prefeitura em crise, onde a grande maioria da população encontrava-se submetida a baixos níveis de qualidade de vida assentada nas encostas e no fundo dos vales, carente de saneamento básico, transporte, habitação e tudo o mais que caracteriza o ser humano e o faz partícipe de uma comunidade digna deste nome.

Basta dizer que cerca de 75 por cento dos habitantes de Salvador, perto de 1 milhão e duzentas mil pessoas, vivem em estado de subemprego ou têm baixa renda – ou seja, vivem entre a pobreza e a miséria mais absoluta. São mais de cinqüenta os bairros de Salvador que compõem tal panorama – e entre eles se destacam como aglomerados humanos (ou "humenos") que podem ser incluídos entre os mais miseráveis de todo o Terceiro Mundo a população do Vale do Camurujipe (onde mais de 500 mil pessoas vegetam atoladas na lama e dejetos que descem das encostas e "cumeadas") e Alagados, onde vivem nas mesmas condições outras 500 mil pessoas.

Mas não é só. Salvador é, hoje, uma cidade pressionada por um crescimento demográfico muitas vezes superior à sua capacidade de investir e de manter-se, originando, em conseqüência, invasões de terrenos, colapso dos serviços públicos, tensões sociais, caos urbano. É também uma cidade-dormitório, cuja oferta de emprego ainda é insatisfatória e cujo emprego situe-se além das suas fronteiras, particularmente em Camaçari, Município próximo onde está instalado o Pólo Petroquímico. A isso, some-se, mais, uma determinada espécie de subemprego, caracterizada pela legião de ambulantes, barraqueiros e outras subocupações que povoam as ruas, as praias (tão belas!) e as praças da cidade; um serviço de transporte coletivo à beira do colapso, apesar de Salvador encontrar-se entre as cidades brasileiras mais bem servidas de rede viária; um serviço de limpeza públicos quase inexistente que dava aos seus logradouros, praças e avenidas um aspecto de verdadeiro abandono; e baixa qualidade dos serviços de conservação e fiscalização, ao lado da lentidão na execução de algumas infindáveis obras públicas (só agora é que a Baixa do Sapateiro conseguiu ser urbanizada, depois de anos seguidos de uma inoperância administrativa que fazia daquele recanto tão popular no País inteiro um interminável, caótico e mal-cheiroso canteiro de obras) conferia à cidade um aspecto de sítio arrasado; em alguns bairros, uma chuva mais forte causava inundações nas ruas e casas, fazendo do bote o único meio de transporte para se chegar às residências. Era o conjunto destas fatores que ameaçava a sobrevivência do forte caráter cultural da mais importante cidade brasileira, dada sua profunda significação na formação e na compreensão do caráter nacional.

POVO E JUVENTUDE, OS DOIS GRANDES ALIADOS

Um emprego ingrato, como se vê, o que lhe ofereciam, mas Mário Kertész conta que podia contar, com seus aliados para empreitada tão difícil, vários fatores altamente positivos.

– Eu tinha potencialmente a meu favor a alma generosa, paciente e forte do mais alegre e esperançoso povo de todo o Brasil, o povo baiano. E ainda mais a confiança no futuro do Brasil e no seu destino no conjunto das nações, apesar da difícil transição por que estamos passando; o sentimento de responsabilidade da minha geração para com o momento político e social da Nação, e consciência de que não poderemos nos furtar – em nenhuma circunstância e sob qualquer condições – a participar e a contribuir com nossos ideais, com as nossas mensagens e com nossa vivência, da construção de uma nova sociedade brasileira, moldada nos anseios de toda e humanidade contemporânea, sintetizados nas aspirações de liberdade, de paz e de justiça social. Contava, ainda, com a força da juventude dos meus 34 anos (hoje ele tem 36), traduzida no corpo sadio e na mente aberta, falando a mesma linguagem sem preconceitos dos jovens da minha terra, entendendo com facilidade os desejos dessa grande maioria menor de 40 anos, ansiosa por participar de qualquer modo no crescimento do Brasil.

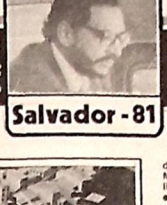
A partir do impulso industrial dos anos 50, Salvador cresceu muito, em virtude do acréscimo é sua população de milhares de trabalhadores que para lá se deslocaram em busca de emprego nas novas fábricas e na construção civil. Em 1950, a Cidade não tinha mais de 400 mil habitantes e ainda guardava uma certa harmonia ambiental. Hoje, Salvador já passou do milhão e meio de habitantes e continua a "inchar" – o que significa dizer que já é portadora, desordenadamente, da maioria dos problemas que afligem e estrangulam as grandes cidades. Perdeu o equilíbrio urbano – que somente de dois anos para cá começa a ser restabelecido.

Para Mário Kertész, a velocidade com que os problemas se agravam, exige intervenções profundas, capazes de conter e mesmo reverter o processo de degradação da qualidade da vida em Salvador. Permitir o avanço desta deterioração, seria um ato intolerável de omissão diante da agressão que se vinha cometendo contra a cidade – uma cidade muito especial – que é Salvador. Compreender Salvador em todas as suas nuances, foi o primeiro e fundamental trabalho da Prefeitura.

– Nestes últimos dois anos temos procurado realizar um trabalho que reposiciona Salvador perante si mesma, perante o Estado da Bahia e perante o País. Este trabalho representa uma retomada de consciência de sua própria identidade, dos seus valores humanos, urbanísticos, arquitetônicos, artísticos e culturais. Elegendo a melhoria dos serviços públicos como meta prioritária, identificamos três espaços urbanos de grande significado social, de extrema importância nos destinos de cidade e em avançado grau de degeneração: o Centro da Cidade, a Orla Marítima e, principalmente, os Assentamentos da Baixa Renda, ou seja, a parte mais populosa da cidade. Justifica-se a prioridade administrativa no que diz respeito a melhoria das condições de vida dessa população mais carente. É preciso repetir que mais de 70 por cento da população de Salvador têm renda mensal abaixo de 5 salários mínimos, o que a caracteriza como de baixa renda. Mais grave ainda é o fato de que cerca de 600 mil pessoas vivem com renda entre 1 e 2 salários mínimos. Tal população sobrevive, até bem pouco, completamente desassistida pelos programas habitacionais regulares. Com isso, proliferam os assentamentos constituídos por loteamentos clandestinos (que "incham" do dia para a noite), invasões, parcelamentos irregulares em áreas totalmente destituídas de infra-estrutura e serviços.

– Esta expansão desordenada escapa ao controle da administração municipal, além de provocar problemas de grande complexidade social e a impossibilidade de se implantar um mínimo de infra-estrutura e serviços urbanos. A ocupação irregular dos terrenos invadidos também determina a desestabilização das encostas e, por conseqüência, os deslizamentos nos períodos de chuva, com o saldo freqüente de casas soterradas e famílias desabrigadas. Nestas épocas, as baixadas, os rios espalham suas águas poluídas, que invadem e inundam casas, agravando os problemas de saneamento. Dos muitos rios que correm entre os vales de Salvador, o maior e o mais importante é o Camurujipe, que se espa-

"Compreender Salvador em todas as suas nuances foi o primeiro e fundamental trabalho da Prefeitura"



Salvador - 81

lha por cerca de dois terços de toda Salvador, com mais de 15 quilômetros de extensão. E é justamente em torno da Bacia do Camurujipe que se agrupam os contingentes mais pobres da população. Essas mais de 500 mil pessoas a que me referi.

O QG AVANÇADO DO VALE DOS BARRIS

Para organizar suas tropas e prepará-las para a dura batalha que iria ter pela frente, uma das primeiras providências do prefeito Mário Kertész foi instalar o seu Quartel-General num ponto central de Salvador — precisamente no coração do Vale dos Barris. Praticamente do dia para a noite a gente de Salvador viu nascerem, ali onde se estendia um amplo terreno baldio batizado por encostas quase ingremes, uma série de módulos de madeira compensada, uma trintena deles, construídos para abrigar as diversas dependências do Escritório de Projetos da Prefeitura. Hoje, o Escritório é uma inquieta e nervosa colmeia na qual, sob a direção do próprio Prefeito, que lá despacha diariamente na parte da manhã, e do Engenheiro-Arquiteto João Filgueiras Lima (ele fez parte da equipe que, sob o comando de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, construiu Brasília), toda uma legião de jovens engenheiros, arquitetos e urbanistas se movimenta na elaboração dos projetos e planos mais vibrêis (embora alguns sejam de exigente complexidade) para enfrentar os sérios problemas espelhados pela maior parte do território da Capital baiana. O jovem batalhão do Escritório está praticamente atacando esses problemas nos mais diversos setores — porque, afinal de contas, Salvador é hoje, em matéria de carência, uma cidade sitiada, com exigências imediatas a serem atendidas por todos os lados.

Não resta dúvida que entre os graves problemas de Salvador, o que mais se destaca — até mesmo pela sua pungência, retratada nas condições de extrema miséria em que vive quase metade da população da cidade — é o do saneamento básico. Existe Alagados — a já famosa favela erguida nas sucessivas camadas de lixo que aterraram o mar e onde mais de 400 mil pessoas vivem em condições as mais precárias. Mas existe também Camurujipe, a que nos referimos — e em comparação com Alagados, a chaga aberta e purulenta do Vale do Camurujipe apresenta aspecto ainda mais repelente. Porque além dos problemas de Alagados — falta de saneamento, falta de quase tudo — o Vale do Camurujipe ainda tem que se defrontar com a ameaça das periódicas enchentes do próprio rio Camurujipe, que é o maior e mais importante coletor natural de Salvador, para onde afluem tanto os excessos das precipitações fluviais, quanto os efluentes de águas servidas, domésticas e industriais. Na verdade, é até exagero chamar o Camurujipe de rio — o que, de fato, ele é, é um enorme esgoto aberto que somente agora começa a ser dragado e drenado. Na Bacia do Camurujipe estão localizados mais de 25 bairros e, dentro deles, 37 assentamentos populacionais, onde, como já dissemos, vivem cerca de 500 mil pessoas. A ação básica da Prefeitura dentro dessa área é de saneamento. E para sanear essa imensa área insalubre, por onde o rio Camurujipe se espraiou e se misturou aos esgotos, tem a Prefeitura que dragar e canalizar o rio, montar os canais de drenagem, fazer rampas e escadarias drenantes, que ao mesmo tempo são ruas de circulação de pedestres e a parte terminal do sistema de saneamento. Para isso, a Prefeitura teve que investir ela própria na procura de uma tecnologia singular, que permitisse realizar estas obras, sem deslocar a população, que permitisse também o trabalho em locais de acesso difícilimo. E a Usina de Pré-Moldados, que é uma unidade da Companhia de Renovação Urbana de Salvador (RENURB), empresa municipal criada por Mário Kertész encontrou nas estruturas pré-moldadas em argamassa armada a solução para os seus objetivos.

BOM JUÁ, A PRIMEIRA VITÓRIA

Bom Juá, um dos bairros da Bacia de Camurujipe, tem em sua história algumas páginas trágicas. O bairro (nome pomposo demais para aquele aglomerado de barracos e casinhas, na sua maior parte ainda enterrados na lama) escorrega pelas encostas, das "cumeadas" ao fundo do vale cortado pelo rio-esgoto, e é vítima constante das inundações que fazem com que o Camurujipe, com todas suas imundícies, saia do seu leito pútrido e se espalhe pelas margens; ou então causando grandes deslizamentos — como o que aconteceu em 1971, que deixou como saldo dezenas de casas destruídas, 17 mortos, dezenas de feridos. Agora, quatro meses após iniciadas, as obras do canal drenante do bairro já mostram o muito que já se fez ali; e dão à gente que ali vive a certeza de que a partir de agora sua realidade física está mudando. Um dos mais velhos habitantes do Bom Juá conta ao repórter: "Cheguei neste bairro há 13 anos e vi sempre a mesma coisa, sempre que chovia. Minha casa caiu em 72, fiquei sem nada. Foi meu filho quem me salvou, quando a água já me chegava ao pescoço. Pois bem — pela primeira vez desde que moro aqui, nas chuvas deste ano, eu vi o Bom Juá não ficar debaixo d'água".

Ali no Juá um dos canais do Camurujipe tem ao todo 700 metros de extensão. É esse canal que praticamente já foi drenado e colocado numa dimensão de dois metros de largura por dois de altura. Todo ele está sendo revestido com peças de argamassa armada pré-moldadas, peças estas de no máximo 100 quilos de peso, o que permitem sejam colocadas manualmente, sem a necessidade de máquinas e guindastes. Mesmo porque uma maquinaria mais pesada jamais poderia entrar naquele bairro (como na maioria dos bairros pobres de Salvador) sem a conseqüente derrubada de casas e deslocamento da população. Mais de 5.000 dessas peças pré-moldadas estão sendo colocadas no Bom Juá — e colocadas com o emprego da mão-de-obra local, toda uma imensa legião de crônicos desempregados ou subempregados.

Drenar, dragar, sanear e corrigir o Camurujipe não é trabalho fácil; nem barato. Haja dinheiro. Para conseguir realizá-lo o Prefeito Mário Kertész conseguiu do Banco Nacional recursos da ordem de 50 milhões de dólares — ou seja, um terço das verbas que todo o Projeto exige.

Para chegar à "argamassa armada", a RENURB — tendo à frente o engenheiro João Filgueiras Lima, a quem se deve o desenvolvimento definitivo da nova tecnologia — realizou estudos e experiências a partir de 1979. Na prática, a "argamassa armada" é uma variante do "ferro-cimento", inventado há cerca de 40 anos pelo engenheiro italiano P.L. Nervi. Mas a "argamassa armada" que vem sendo utilizada no Camurujipe difere do "ferro-cimento" e do concreto armado comum em alguns pontos básicos: a) como agregado usa-se somente areia, não há pedra; b) o teor de cimento é da ordem de 750 kg/m3, isto é, mais do que o dobro em comparação ao concreto armado; c) a armação é difusa, isto é, composta de telas de arame e barras de diâmetros reduzidos; e, finalmente; d) a densidade da armação é de 150 kg/m3 a mais, isto é, maior que a usada no concreto armado.

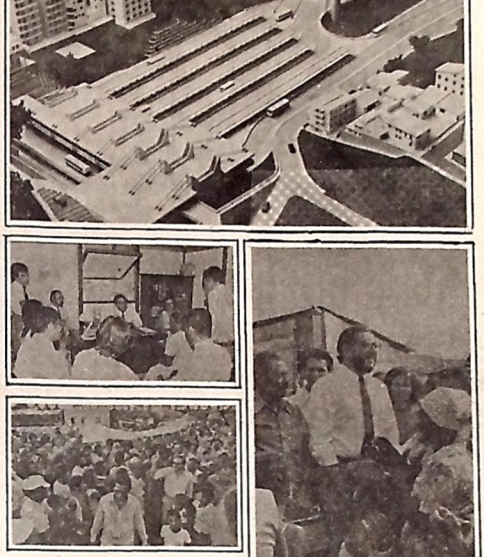
No caso específico das peças pré-moldadas desenvolvidas para Salvador é fundamental assinalar que o seu custo, se comparado a outros dispositivos que pudessem integrar as mesmas finalidades previstas — saneamento, estabilização de encostas e circulação de pedestres — é bastante baixo.

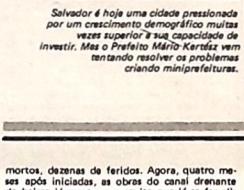
Dentro do projeto para a Bacia do Camurujipe, mais de 200 quilômetros de escadas e mais de 40 quilômetros de canais (onde o Bom Juá se impõe como a primeira grande vitória para a definitiva regularização do rio e do Vale por onde ele corre), além dos efeitos evidentes sobre a situação sócio-econômica da população atingida, é preciso considerar dois outros aspectos inovadores, em propostas desta natureza. (Mas, lembremos, antes, a respeito dos custos, que o processo da "argamassa armada" que vem sendo utilizada baratearia e tal ponto o custo das obras, que basta dizer que somente o preço de uma das estacas que estão sendo fincadas na Usina Nuclear de Angra dos Reis bastaria para pagar todo o projeto de drenagem e saneamento de Salvador inteira. Isto diz tudo!). Um dos aspectos inovadores que o Projeto apresenta é de ordem essencialmente econômica: aproveitando-se a mão-de-obra disponível no local, se criará, a partir da execução das obras, um novo mercado de trabalho capaz de absorver uma parcela considerável de subempregados. Em outras palavras, se formará um mutirão e as pessoas serão remuneradas pela Prefeitura. Dentro das várias equipes de trabalho, deverá ser colocado um profissional para trabalhar em conjunto com a mão-de-obra não especializada e deste modo se fará um processo de transferência de tecnologia. O segundo aspecto se relaciona com a filosofia que hoje impera na Prefeitura de Salvador, e que parte da convicção de que administrar uma cidade é tarefa de todos. Em Salvador, isso significa envolver as comunidades de baixa renda de maneira decisiva, já que elas constituem a maioria da população.

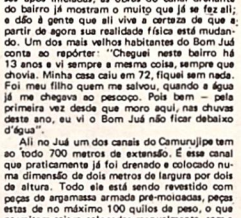
— Não posso fazer tudo sozinho. Nem apenas com a ajuda dos meus assessores, meus engenheiros e urbanistas, — me diz o Prefeito Mário Kertész. — Preciso da ajuda do povo, inclusive dos seus conselhos. E como afirmei no meu discurso de posse: sentei-me na cadeira de Prefeito com a humildade e a prudência recomendáveis aos que vão governar. A verdade deixei na gaveta. Antes de falar, desejo ouvir.

Uma das prioridades na administração Mário Kertész visa à preservação do fabuloso conjunto histórico que representa o centro daquela que foi a primeira Capital do Brasil, e onde se encontram alguns dos instantes mais inspirados e fulgurantes do barroco brasileiro. No caso, a luta principal vem sendo levada e efeito contra o chamado "progresso" que, através de uma mecânica arbitrária e insensata que, em nome do desenvolvimento, desfigura e violenta o que as velhas cidades, como é o caso de Salvador, têm de mais autêntico e precioso. O objetivo de Mário Kertész é resolver os problemas de ocupação espaço urbano do Brasil sob o ponto de vista histórico — mais amplo e mais significativo do que qualquer outro conjunto arquitetônico que nos foi legado pela época colonial. Mário Kertész tem opinião firmada a respeito:

— Salvador não é apenas dos baianos. Ela pertence ao Brasil inteiro. E o que é, na verdade, o progresso? Ele deve ser essencialmente mandatório e benfeitor? Ora, o progresso não acabou com Londres, Paris, Roma ou Lisboa. Pelo contrário, fê-las mais humanas e atraentes. Em Salvador, o Centro urbano estava morrendo aos poucos. É como eu dizia não faz muito ao Sebastião Nery: no Centro de Salvador, a agência bancária expulsou a conversa, a lanchonete expulsou o bar, os veículos expulsaram os pedestres, os abrigos de ônibus expulsaram as árvores, a ausência da comprador expulsou o comércio, a violência expulsou as moças. Agora estamos revivendo nosso Centro, que é o coração da nossa Cidade. Um velho e encantador coração.

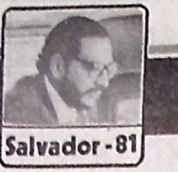






Salvador é hoje uma cidade pressionada por um crescimento demográfico muitas vezes superior à sua capacidade de investir. Mas o Prefeito Mário Kertész vem tentando resolver os problemas criando miniprefeituras.

"Salvar e preservar Salvador é a grande meta"



Salvador - 81

Preservar o Centro de Salvador significa, antes de mais, tirar dele o tráfego intenso que hoje o congestiona — o que não conseguiu ser feito por nenhum dos cinco interventistas prefeitos que de 1976 a 1979 governaram a capital baiana. E isso que Kertész está conseguindo. E nesse sentido, dois projetos, já em execução, destacam-se de imediato. Um é a construção, no Vale dos Barris, da Estação da Lapa, que o próprio Kertész considera um dos maiores empreendimentos de sua administração. Na verdade, a Estação da Lapa, de traçado arquitetônico ousadamente funcional, irá constituir-se na solução está prevista para dentro de um ano) no centro do sistema de transporte coletivo de Salvador, com um movimento previsto de 400 ônibus e 355 mil passageiros nas horas do "rush" — pela manhã, ao meio-dia e no final da tarde. Situada na fundição do Comércio da Lapa — na depressão existente entre o Vale dos Barris e o Tororó — a estação terá 61 mil metros quadrados de área construída e será ligada à Avenida Joana Angélica, por escadas rolantes — as mais modernas do País. Segundo Ivan Barbosa, Secretário de Obras da Prefeitura, a Estação foi concebida para dar o maior conforto possível aos usuários, deixando livre a circulação dos ônibus. As seis escadas rolantes ligarão as dependências da Estação à rua Joana Angélica em três pontos: junto ao Fórum Teixeira de Freitas, próximo ao bairro da Piedade, junto ao Convento da Lapa e próximo ao Colégio da Bahia. O prédio da Estação será construído em três pavimentos: os dois primeiros se destinam às plataformas de embarque e desembarque, enquanto no terceiro ficarão um centro comercial, instalações da administração e serviços. Ivan Barbosa esclareceu que, com a Estação da Lapa em operação, a grande maioria dos ônibus (que hoje têm, na sua maioria, ponto final na angustiada e mais que saturada Praça da Sé) será relocada, chegando até o final da linha apenas os veículos que servem aos bairros mais próximos. Assegura ele que outras obras serão feitas para apoiar as operações da Lapa, incluindo-se aí as Estação de Transbordo da Rodoviária (já em fase de conclusão) e o Aquidabã (já concluído). No Campo Grande — outro ponto de extrema saturação do Centro de Salvador — um terminal de transbordo e duas linhas circulares percorrerão roteiros capazes de cobrir todos os atuais terminais, inclusive o terminal da França e a Barroquinha, lá no princípio da Baixa do Sapateiro.

— Tenho repetido sempre — me diz Mário Kertész — que o Centro de Salvador, o lugar a partir do qual a cidade nasceu e cresceu, é o espaço da identidade cultural da cidade. Por seu valor histórico, por ser ele a referência física mais concreta de uma cultura baiana. É, através do Centro, principalmente, que o habitante de Salvador pode voltar a sentir orgulho de ser baiano. Mas um centro só cumpre a sua função essencial, é preciso lembrar, se de fato é o espaço da conversa, do encontro, da convivência, da convergência, enfim, dos habitantes de uma cidade. Daí porque o projeto de intervenção para o Centro visa antes de tudo a devolver ao pedestre. É nessa perspectiva que se insere a decisão de colocar ônibus circulares no centro da cidade. Para livrar este trecho dos engarrafamentos provocados pelos ônibus, deixando livre a circulação dos ônibus. As seis escadas rolantes ligarão as dependências da Estação à rua Joana Angélica em três pontos: junto ao Fórum Teixeira de Freitas, próximo ao bairro da Piedade, junto ao Convento da Lapa e próximo ao Colégio da Bahia. O prédio da Estação será construído em três pavimentos: os dois primeiros se destinam às plataformas de embarque e desembarque, enquanto no terceiro ficarão um centro comercial, instalações da administração e serviços. Ivan Barbosa esclareceu que, com a Estação da Lapa em operação, a grande maioria dos ônibus (que hoje têm, na sua maioria, ponto final na angustiada e mais que saturada Praça da Sé) será relocada, chegando até o final da linha apenas os veículos que servem aos bairros mais próximos. Assegura ele que outras obras serão feitas para apoiar as operações da Lapa, incluindo-se aí as Estação de Transbordo

As idéias de Mário Kertesz

1 — Estendo meus sentidos a todos os recantos de Salvador: a cada casa, cada praça, cada árvore, com o desejo de aprender todas as maneiras de ser da minha cidade, a mais fascinante do Brasil.

2 — Em todos os instantes prestarei reverência à sabedoria do povo de minha cidade. Que tem grandeza, que é forte, indomável, afetivo, alegre. Que nunca abdicou de ser feliz e luta por isso com as forças da esperança. Que é capaz de uma compreensão superior e distante do conformismo. Que tem sido provado em todos os difíceis momentos de sua existência.

3 — Acredito que uma cidade que tem o direito de manifestar suas aspirações, debater seus problemas e procurar suas próprias soluções, encontrou o caminho mais seguro para o acerto das decisões técnicas.

4 — Não posso deixar de conviver com o fato de ser a Cidade do Salvador um fenômeno de cultura viva, do maior significado para a compreensão da realidade brasileira.

5 — Não há nenhum lazer que eu deixe de ter para manter uma imagem. A imagem que a gente deve ter é a imagem da gente.

6 — Sou democrata por definição, porque acredito nisso. Eu conviveria com um filho meu qualquer que fosse o pensamento dele. Ele pode me contestar e eu vou respeitar a opinião dele. Porque ele é outro indivíduo.

7 — Se é uma verdade de caráter geral que, numa economia de mercado, as cidades não podem escolher os seus momentos de fartura, nem determinar onde e como as reservas econômicas devem ser convertidas em benefício da população, por outro lado, é um fato irrecusável a omissão e a timidez da administração municipais no exercício do seu papel disciplinador sobre o efeito desses investimentos no espaço da cidade e na vida da população. Como Prefeito, eu jamais serei um tímido.

8 — É minha responsabilidade indeclinável apontar a incapacidade de administrador que deixa escapar os recursos a ele destinados, simplesmente porque não consegue apresentar os projetos exigidos para a liberação desses recursos.

9 — Só a comunidade unida, como um todo, tem a capacidade de gerir os destinos de uma cidade como Salvador. A cidade é de todos nós e exige que cada um de nós esteja consciente desse fato. E só assim será possível planejamento na co-administração: Prefeito e povo.

10 — Ao assumir a Prefeitura, quis deixar muito claro que era com amor que passava a governar minha cidade. E escolhi o coração como a marca da minha passagem na administração da minha terra. Mas o coração não simboliza apenas os meus sentimentos para com Salvador. É também o coração do seu povo e finalmente uma mensagem, um apelo ao diálogo, ao entendimento, à compreensão. Símbolo universal do amor, o coração desenhado no nome de Salvador está falando de entrega, de desejo do encontro, de sinceridade, de negação de quaisquer ressentimentos. Ele é um convite para que, juntos, com muito amor, tenhamos esperança de que é possível conduzir Salvador ao destino que ela merece.

SEBASTIÃO NERY



O imbecil

Seu nome era Claribalte Vilaim de Vasconcelos Galvão. Elegeu-se deputado federal por Santa Catarina na República Velha (antes de 30) e os amigos, por brincadeira, chamavam-no de "Cavaco, Violino, Violoncelo e Violão".

Chega à Câmara Federal, no Rio, encontra alguém logo na porta:

— Olá, Joaquim, como vai?

— O senhor está equivocado. Não me chamo Joaquim. Sou o dr. Claribalte Vilaim de Vasconcelos Galvão, representante do povo de Santa Catarina.

Um mês depois, no café da Câmara, a mesma cena. O equivocado reaparece:

— Bom dia, Joaquim. Como vai?

— O senhor está equivocado. Não me chamo Joaquim. Sou o dr. Claribalte Vilaim de Vasconcelos Galvão, representante do povo de Santa Catarina.

Meses depois, no corredor, lá vem o mesmo sujeito:

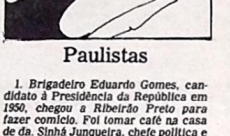
— Joaquim, encontrei um imbecil que é a sua cara.

— O senhor continua equivocado. Sou o dr. Claribalte Vilaim de Vasconcelos Galvão, representante do povo de Santa Catarina.

— Então o senhor não é o outro, não?

— Não. O imbecil sou eu mesmo.

E foi votar com o governo.



Paulistas

1. Brigadeiro Eduardo Gomes, candidato à Presidência da República em 1950, chegou a Ribeirão Preto para fazer comício. Foi tomar café na casa de da. Sinhá Junqueira, chefe política e sogra de Altino Arantes, chefe do PSD. Da. Sinhá foi gentil:

— Brigadeiro, o senhor terá todo o meu eleitorado. Vai ter ótima votação aqui.

— Muito obrigado, da. Sinhá. Mas em 45 a senhora me disse a mesma coisa e mandou votar no Dutra.

2. Hugo Borghi inventou que o brigadeiro Eduardo Gomes, candidato da UDN em 1945 à Presidência da República, contra Dutra, havia dito que não precisava de voto dos "marmiteiros". O brigadeiro perdeu para Dutra. Hugo Borghi pegou o avião, voou para São Borja, desceu na fazenda dos Santos Reis, estava com remorso:

— Doutor Getúlio, estou com um drama de consciência. Aquele negócio do voto dos "marmiteiros" o brigadeiro não falou, eu criei.

— Deputado fique tranquilo. O Eduardo e o Dutra são homens muito diferentes. O Dutra é burro e sabe que é; o Eduardo também é burro, mas pensa que é inteligente. Por isso perdeu.



Assis



Dr. Data Venia

No avião, o velho e culto político mineiro, dobrado por séculos de montanhosas sabedorias, está preocupado com a imagem nacional do ministro Abi Ackel:

— Nery, Você ouviu nosso Ibraim sábado, na TV Educativa, na "Hora da Verdade"?.

— Não senhor. Eu estava em Vitória. Em matéria de educação e cultura, os adjetivos do governador Eurico Resende, comemorando mais um aniversário de Domingos Martins, o herói do Espírito Santo.

— Pois o nosso Abi Ackel anda antigo rebuscado. Ele fala assim: "Quero crer", "permito-me dizer", "ainda não minudenciei...". Parece estar fazendo a campanha do marechal Hermes.

— E sem as palmas da Viúva, Nair de Teffé, que acaba de morrer.

— O Ibraim é um incrível parnasiano. E o próprio "dr. Data Venia" do nosso genial Stanislaw Ponte Preta. Eu acho que o problema dele é não saber que houve a Semana de Arte Moderna de 1922.

— A opinião do senhor coincide inteiramente com a do deputado Marcelo Cerqueira, segundo o qual o ministro fala, não para dizer, mas para se encantar com a melodia da própria voz. Fala, não para ser ouvido, para se ouvir.

O avião chegava, a orelha esquerda do ministro estriava.

O critério

Logo depois de março de 1964, começaram a sair as listas de cassações. Aluísio Alves era governador do Rio Grande do Norte, estava à tarde no escritório do Estado, no Rio, o rádio passou a dar um "listão" de cassados. De repente, ele ouviu:

— Clóvis Mota, deputado federal, presidente do PTB do Rio Grande do Norte.

Aluísio saiu, foi ao Ministério da Guerra, procurou o coronel Sizeno Sarmento, chefe de gabinete de Costa e Silva, presidente do "Comando Supremo da Revolução".

— Coronel, acabei de ouvir a cassação do deputado Clóvis Mota, lá de meu Estado. É um homem sério, correto, equilibrado, um grande empresário, não tem nada de subversão, nem de corrupção. É presidente do PTB, mas nunca ninguém o acusou de nada.

— O senhor o conhece bem?

— Muito. É um velho amigo meu. Essa cassação não tem sentido nenhum.

— Governador, vou confiar em sua informação.

Sizeno levantou o curto pescoço:

— Sargento, traz a lista de hoje.

Pegou um lápis vermelho, riscou o nome de Clóvis Melo.

— Sargento, bate de novo.

Na "Hora do Brasil", saiu novamente o "listão" dos cassados do dia. Clóvis Mota não estava.

É nunca foi cassado.



Governador Tarcísio Burity

Burity, Governador da Paraíba:

-O que é bom para São Paulo não é bom para o Nordeste

MAURITONIO MEIRA

No quadro geral da política brasileira, o Governador Tarcísio Burity, da Paraíba, vem se destacando como o mais cáustico crítico do Governo Federal em relação à política desenvolvida em relação ao Nordeste. Escolhido, como os demais, pelo método indireto, Burity não diz Amém. Reivindica, reclama, luta, critica. E faz! Está fazendo um dos melhores governos do seu Estado – inclusive, realizando obras de responsabilidade exclusiva do Governo Federal. Quem é ele, o que pensa, o que pretende é o que mostramos nesta reportagem-entrevista, fruto de uma conversa de três horas – sem interrupção – em seu gabinete em João Pessoa.

Nem sempre o que é bom para São Paulo é bom para o Nordeste. Há um evidente colonialismo interno no Brasil que deve ser corrigido enquanto é tempo.

Tais palavras resumem o pensamento do Governador Tarcísio Burity, da Paraíba, ao fazer para a REVISTA NACIONAL uma ampla explanação da situação de hoje do Nordeste Brasileiro, em função da ação política do Governo Federal para a região.

Ele acrescenta:

– O Governo Federal tem de estabelecer um tratamento diferenciado no sentido de oferecer meios para que o Nordeste, em prazo curto, possa diminuir sensivelmente as distâncias que o separam do Sul do País. Tem de haver um estudo minucioso das medidas econômico-financeiras que se aplicam no Nordeste. De vez em quando, acontecem aberrações, até feitas inconscientemente. Exemplo: as medidas antiinflacionárias são um dever de todos nós, mas tais medidas de combate têm de variar conforme a região. O aumento dos juros e o corte dos subsídios são medidas corretas. Mas seus reflexos na região nordestina são muito maiores do que na região Sudeste. É como se tivessemos dois doentes: um mal e outro menos mal que podem morrer com a intenção de curá-los.

VEM DESDE A COLÔNIA

O Governador Burity – um professor universitário com cursos de extensão na Europa e um estudioso dos problemas econômicos – faz uma remissão ao Século 18, ao tempo do ciclo do açúcar. Lembra que o começo das desgraças do Nordeste remonta ao desenvolvimento do café. Foi a partir da riqueza do café, como principal fonte de divisas no século 19, que começaram as distorções. A partir daí ("por um tropismo natural" – diz ele) todas as medidas econômico-financeiras foram tomadas no sentido de fortalecer o café. Em 1916, quando se estabeleceu o "Plano de Salvação da Economia Cafeeira" – idéia como medidas de "Salvação nacional" – tudo se fez para fortalecimento de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná. Logo em seguida, se organizou o fluxo de imigração, trazendo-se pessoas qualificadas para o Brasil e instalando-as em São Paulo, preferencialmente "A região foi ficando cada vez mais rica e foi formando uma poupança nacional que deu como consequência natural, a industrialização. Para isso, o Governo ofereceu todas as melhores condições possíveis e imaginárveis para o incipiente parque industrial, enquanto no Nordeste o açúcar caía cada vez mais, inclusive com o aparecimento de concorrentes (Cuba) e de sucedâneos, como o açúcar de beterraba. Nada se fez para auxiliar o açúcar nem mesmo para modernizar as usinas. Ao contrário, permitiu-se a instalação de usinas de açúcar em São Paulo.

Nessa época, passou-se a somente se lembrar do Nordeste nos tempos de seca, como hoje. Por exemplo: no tempo da famosa seca de 77, ocorreu um lance dramático. O Imperador resolveu dar as suas jóias para auxiliar o Nordeste, num gesto emocional, mas de nada objetivo. As primeiras medidas concretas – mas tímidas – foram as de criação do hoje DNOS. Somente em 1934 é que a Constituição começa a estabelecer que uma parte da renda nacional se destine ao Nordeste, como medida positiva para mudar a situação. Criou-se depois o Banco do Nordeste (Governo Constitucional de Vargas – década de 50) e veio Juscelino Kubitschek com a (hoje fracassada) Sudene.

– Mas o que ocorreu? – pergunta Burity. – Simplesmente quando se começa a industrializar o país, procura-se proteger a indústria nacional contra as importações estrangeiras. E que indústria tínhamos? A indústria paulista. Contra o Nordeste.

Burity discorre:

– O Nordeste, como um todo, exporta mais para o Exterior do que importa do Exterior. Se houvesse uma balança de pagamentos de um país-Nordeste, esse país seria superavitário. Pois bem, nossos saldos são gastos e ainda ficamos devendo nas trocas. Com a região Sudeste. Importamos mais dela do que exportamos para ela.

Acrescenta, forrado de números

– Vejamos o caso do petróleo que sai do Nordeste. O Nordeste contribui com 90 por cento do petróleo nacional, correspondendo a 20 por cento do consumo nacional. Desses 20 por cento, o Nordeste somente consome em torno de 12 por cento. Ou seja: do petróleo produzido no Nordeste nós consumimos muito menos do que produzimos. Isto é uma prova de que o Nordeste é sumamente viável, não somente pelo petróleo mas por outros recursos minerais.

NORDESTINO NÃO TEM CULPA

Observa o Governador que o nordestino não tem culpa de seu sofrimento. "Não é por causa da seca e nem por causa da falta de recursos do solo – lembra ele. – O que entrava é a acumulação de erros na política econômico-financeira federal que vem de muito tempo, desde o fim do Império. Não é o Governo Figueiredo que vai resolver tudo – completa, para acrescentar: "Felizmente os Governos Geisel e Figueiredo foram os que mais se preocuparam com o Nordeste. Mas as medidas têm de ser mais profundas e permanentes durante vários Governos"

SEPARATISMO DO NORDESTE?

– De vez em quando, Governador, vem uma voz, um deputado, um líder empresarial e ensaia uma campanha de separatismo do Nordeste – lembramos. Como vê isso?

Burity assume uma postura enfática.

– Nada disso. O desenvolvimento do Nordeste é uma questão de segurança nacional. Primeiro, porque aqui se encontra 1/3 da população brasileira. Segundo, os maiores bolsões de pobreza absoluta estão no Nordeste, provocando as tensões sociais. Terceiro, porque do ponto de vista geopolítico, consideramos a região Nordeste, pela sua posição geográfica, das mais importantes para a segurança do Brasil e da América Latina. O Nordeste não pode ser caldo de cultura para os extremismos de direita ou de esquerda. Sou contra o separatismo porque é medida antipatriótica, uma vez que um dos objetivos supremos do país é a unidade nacional. Depois, porque o separatismo somente interessa ao estrangeiro: país dividido é mais fácil de ser dominado. O caso da Índia, de que se separou o Paquistão, fácil presa dos ingleses para depois dividirem o Paquistão.

COMO RESOLVER MESMO?

O governador entende que os caminhos para superar as dificuldades do Nordeste estão aí mesmo. "São fáceis – disse. – O necessário é criar vontade nacional para resolver mesmo e não apenas minorar o problema. Que é problema político e não econômico e financeiro. Tudo deve resultar de políticas, de vontade nacional, para resolver mesmo e não para paliativos. Por exemplo: se houvesse uma união de todos os parlamentares do Nordeste acima dos partidos, tudo se resolveria.

COMO VAI O GOVERNO

Como Burity não pode, sozinho, resolver os problemas do Nordeste, vai solucionando os problemas do Estado:

1. Pretende concluir até o fim do Governo, 620 km de estradas asfaltadas, uma meta enorme que supera os governos reunidos, de seus antecessores.

2. Abastecerá da água 171 municípios, inclusive triplicando a capacidade de abastecimento de João Pessoa e Campina Grande.

3. Eletrificará mais de mil propriedades rurais.

4. Infra-estruturs social: além da existência de números de salas de aula, das 11 mil casas populares construídas nos últimos 15 anos, o Estado saltará para mais 18 mil casas no seu Governo, distribuídas por 30 cidades.

5. Encontrrou 101 municípios sem telefone. Em um ano estarão instaladas 101 centrais telefônicas.

6. Na agricultura, desenvolve um programa de açudagem de porte médio. E de silos metálicos. A meta era de 60 mil, já tem 40 mil instalados, vendidos a preço de custo com 4 anos de carência. Preço unitário: Cr$ 850.

7. Está modernizando o Aeroporto de João Pessoa, duplicando a pista em comprimento, largura e espessura, ao custo de Cr$ 240 milhões e aumentando o calado do porto de Cabedelo – duas obras que são de competência do Governo Federal. "Como não fazem – diz ele – nós vamos fazendo. Se nos pagarem, depois, tudo bem".

Quem é mesmo esse Burity?

O sobrenome Burity surgiu no século 17, quando os portugueses resolveram mudar os sobrenomes para os de árvores brasileiras – Pinheiros, Carvalho etc. Buriti é uma palmeira. O Governador nasceu em 28.11.1938, em João Pessoa, mais novo de 8 irmãos do casal Luís Gonzaga de Albuquerque Burity-Maria José de Miranda Henriques Burity, ele dentista e professor universitário. Do lado paterno, família Cavalcanti de Albuquerque e Cabral de Melo – uma das mais tradicionais do Nordeste –. O pai do atual embaixador do Brasil no Equador, poeta (de Academia Brasileira de Letras), João Cabral de Melo Neto, é primo-irmão do pai do Governador. Da parte materna, família Miranda Henriques que deu o primeiro arcebispo da Paraíba, D. Adauto Aurélio Miranda Henriques, tio-avô de Burity.

Seus estudos se desenvolveram em grande parte no Seminário, até o primeiro ano de Filosofia. Ao sair, conseguiu classificar-se em primeiro lugar no vestibular para Direito, em João Pessoa, disputando com 150 colegas as 40 vagas existentes. Formado, seu primeiro cargo público foi de Promotor. Um ano depois, a Universidade da Paraíba o convocava para implantar o Escritório de Prática Forense. Mesa depois, ganhou uma Bolsa de Estudos para a Universidade de Poitiers, França, fazendo logo depois o doutorado em Ciências Políticas no Instituto de Altos Estudos Internacionais em Genebra. De volta à Paraíba, ingressou na Universidade, regendo a Cadeira de Introdução à Ciência do Direito, de onde foi nomeado (Gov. Médici) para Diretor da Faculdade de Direito. No Governo Ivan Bichara, seu antecessor, foi nomeado para a Secretaria de Educação e Cultura até seus indicação para Governador.



Glauce e Tarcísio Burity

Quando estava no terceiro-ano de Direito conheceu uma bela estudante da quarta série ginasial, Glauce Maria Navarro, filha de um primo-legítimo de Arnaldo Navarro, Interventor da Paraíba na Revolução de 30. Casou-se com ela em outubro de 1964. Têm quatro filhos homens: Tarcísio (15 anos), Maurício (11), Leonardo (7) e André (6).

Tarcísio Burity é um trabalhador intelectual. No Governo queixa-se de já ter, inexplicavelmente, aumentado de peso, de 82 kg para 85. Acorda normalmente às 6h30m da manhã e seu desjejum é de comidas da terra: cuscuz, café, queijo, tapioca, inhame, cuscuz, abacaxi – o que tiver na hora. Trabalha em casa pela manhã ("rende mais") e preserva sua privacidade não chamando pessoas para almoçar em casa. À tarde, despacha com seus Secretários às vezes nas próprias secretarias. Sai do Palácio normalmente às 9 horas da noite. Seu "hobby" é música (toca piano) clássica. Sempre que pode vai à praia de sua casa particular.

Sempre encontre um tempinho para auxiliar a D. Glauce no seu trabalho de Assistência Social ao Menor Carente.

PONTO DE ENCONTRO

FIQUEMOS DE OLHO NO ATUM

Interesses espúrios de grupos internacionais levaram as autoridades deste País a erro, porque, durante muito tempo, tinha-se como verdade indiscutível a inexistência do atum em costas brasileiras. E, assim, ficamos impedidos, talvez por descrença na nossa própria capacidade, de faturar milhões de dólares com a pesca e a exportação do produto.

Fácil de explicar: um grupo de outros brasileiros – estes mais crentes no próprio esforço e na inteligência – provou que não passava de balela tal história da ausência do atum em mares nacionais, pois, após longa pesquisa, conseguiu detectar vários lanços de cardumes e, melhor, proceder à pesca dentro de todos cuidados técnicos.

Agora, novamente a ameaça, desta vez à própria segurança nacional: um outro grupo, mas de maus brasileiros, testa-de-ferro de multinacionais, está importando barcos especiais de pesca, no valor de milhões de dólares, com o objetivo de fazer a pesca predatória do atum, numa arremetida que visa a nocautear o grupo precursor, de forma a jogá-lo por terra, embora seus negócios sejam no mar.

É que, com esses tais barcos (com aparelhagem eletrônica) – que podem proceder desde a pesca até o enlatamento do atum – tal grupo não pretende sequer poupar os atuns em desova, pois se propõe a uma verdadeira razzia em toda a costa brasileira, ou seja: não deixará nada para depois, porque se a pesca do atum em desova não lhes importa alguma coisa, muito mais lhe importará fazer naufragar, ou matar por afogamento, a indústria nacional da pesca, porque o arrastão não levará apenas atuns, mas todos os tipos de peixe.

Com a palavra a Sudepe – isto é, o Governo Federal.

O "MINEIRO" THALES RAMALHO



Em sua última viagem a Brasília, o nosso companheiro Joel Silveira reencontrou o deputado Thales Ramalho, homem forte do PP, seu amigo de longos anos. Acertaram, logo, um jantar porque Joel queria se informar do "inside" político de Brasília. O jornalista Carlos Castelo Branco, também convidado, declinou do convite com uma judiciosa observação: como era jornalista político militante, com coluna diária nacional onde todo dia faz sua "deliverance" das informações que recolhe, queria evitar constrangimento ao deputado e permitir, assim, que ele ficasse à vontade para as confidências.

Thales

Conta Joel:

– Fomos para o melhor restaurante, comemos bem, bebemos melhor ainda. O Thales pagou uma conta milionária. Mas eu descobri que ele virou "mineiro": passou o tempo todo me falando dos poetas franceses, sobretudo de Rimbaud – que sabe de cor.

E completou:

– Saí de lá mais jejuno do que cheguei sobre política...

A USURA DO ENSINO PAGO

Eis aí um bom projeto, o do deputado Ubaldo Dantas (PP-BA), estabelecendo limites para as multas e juros que atanazam a vida de todos nós – e que são cobrados com uma voracidade sem limites e sem o mínimo de respeito ao devedor. O projeto estabelece que as multas e juros cobráveis a tarifas, aluguéis, mensalidades escolares e outras obrigações semelhantes não poderão "ultrapassar, em seu total, o equivalente à correção monetária oficial, acrescida de 2% ao mês".

No caso do ensino, o que se vê é usura mais deslavada. Os preços das mensalidades já são altíssimos e se passar um dia, o aluno tem de morrer em 10 por cento, no mínimo.

O CAVALHEIRO MÁRIO SIMONSEN



Simonsen

Um destaque para a elegância do comportamento do ex-Ministro Mário Henrique Simonsen durante seu depoimento na CPI dos juros, da Câmara Federal, sua primeira aparição oficial em Brasília desde sua queda há quase dois anos. Ele evitou críticas ao desempenho do Ministro Delfim Netto à frente do Ministério do Planejamento. Pelo contrário, até foi solidário com seu sucessor por estar vivendo – e sofrendo – no "purgatório". Fez uma previsão: a inflação vai baixar neste segundo semestre.

Em relação à alta taxa de juros que todos estamos pagando, Simonsen se comportou, entretanto, como banqueiro que é. Não fez condenação, limitando-se a dizer que elas são "um fenômeno transitório". Deus o ouça, dizemos (gemendo) nós.

NOVOS LIVROS DE JOSÉ SARNEY



Sarney

A despeito de suas múltiplas atividades e ocupações que lhe impõe o mandato de Senador e a Presidência do PDS, o escritor José Sarney encontra tempo para produzir sua boa literatura. Agora mesmo, nos próximos dias, lançará um novo livro: "O Congresso Necessário". Está escrevendo um romance: "Major Sertório", nome de uma rua de fama ruim na chamada "boca do lixo" em São Paulo.

Quem conhece estes ros

A glória



João Signorelli



Buza Ferraz



Fernando



Cláudia



Solange



Alzira Am

Mônica Torres – 23 anos, abandonou a faculdade de Comunicação para se dedicar exclusivamente à carreira de atriz. Mônica é Letícia em "Ciranda de Pedra" – jovem rebelde que não aceita as idéias conservadoras do pai.

– Cristina Aché – 24 anos, casada há seis anos, dois filhos (um menino de quatro e uma menina de dois), fez inúmeros filmes, entre eles "Os Sete Gatinhos", "Guerra Conjugal", "Chuvas de Verão"; teve rápidas participações em "Vejo a Lua no Céu" e "Plumas & Paetês", atualmente interpreta a Teresa de "O Amor é Nosso".

– Cláudia Costa – participou de um episódio da série "Malu Mulher" e de um especial de Natal antes de ser convidada para viver a Liloca de "Baila Comigo" – convite que não esperava. Cláudia se acha parecida com a personagem tanto pela alegria de viver, como também pelos problemas que ambas enfrentam por causa do físico.

– Priscila Camargo – ela é Otávia de "Ciranda de Pedra", uma jovem apaixonada pela pintura e pela música. Depois de ter participado durante cinco anos da linha de shows, fazendo humor no "Planeta dos Homens", Priscila Camargo sente-se gratificada por ter ingressado nas novelas compondo uma personagem de continuidade e composição mais profunda; s
o humorismo lhe
de interpretação
de improvisar.

– Dina Flores
25 anos, prima d
dançarina desde
é Fátima de "Ba
empregada de Pa
(Suzana Vieira e
Augusto). Dina F
participou do ep
"Reinação Atôm
do Picapau Amar
algumas cenas d
Paetês". Entre s
fora do estúdio
dança, e o praze
balé para crianç

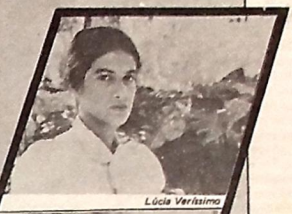
– Haylton Fa
de seus 30 anos
menino), partici
"Shazam e Xer

conhecidísmos?

começa sem nome


Carlos Alberto Bahia


Cristina Aché


Lúcia Veríssimo


Cristina Mullins


Mônica Torres


Priscila Camargo


Marcela Muniz


Cristina Santos


Cláudia Alencar

A televisão — não se pode negar — é o veículo de maior penetração no Brasil. Ela vem mostrando, quase que diariamente, uma infinidade de novas caras que aos poucos vão aguçando a curiosidade de saber quem são. Descobre-se rostos novos ou pouquíssimo vistos em televisão que obriga o telespectador a refletir sobre a segurança com que vêm desempenhando seus papéis, e quase que obrigando a admirá-los pelo talento, sem saber realmente seus nomes reais — passa-se a falar do desempenho deles através do nome dos personagens que interpretam. Há uma infinidade de nomes a destacar. Alguns deles com trabalhos realizados em teatro e cinema, mas só agora despontando as primeiras chances de mostrar seu trabalho em televisão, que, pela penetração e repercussão que tem, acaba tornando os artistas mais íntimos dos que estão do outro lado da tela. Eis alguns desses "astros de amanhã":

Sandra Reis

Família", "Chico City", "O Planeta dos Homens", e várias peças de teatro, só agora ele entrou para as novelas encarnando Miguel, jovem ator de teatro, ex-namorado de Sílvia (Fernanda Montenegro), em "Baila Comigo".

– Cristina Santos – 20 anos, a Conceição da série "Obrigado, doutor" – menina do interior, um tanto inconseqüente. Cristina fez parte do elenco de novelas da extinta TV Tupi e da Rede Bandeirantes. Ela pretende realizar um sonho antigo: realizar um trabalho conjunto com a irmã – Lucélia Santos.

– Gilda Guilhon – a Tininha de "O Amor é Nosso" – estudante de Comunicação, que ainda não descobriu se o jornalismo é realmente seu ideal em termos profissionais; defensora da ecologia, apaixonada por plantas e animais. Gilda Guilhon interpreta a Tininha com garra e talento, fazendo de sua personagem uma das figuras mais engraçadas e simpáticas da novela.

– Marcus Alvisi – 27 anos, o Oscar de "Baila Comigo" – jovem implicante, professor de ginástica da academia de Caio Fernandes (Carlos Zara). Marcus começou no teatro aos 14 anos, e descobriu nas aulas de expressão corporal uma transformação na maneira de representar e até mesmo viver. Logo que terminar as gravações da novela, ele embarca para Nova Iorque para se aperfeiçoar no que considera a arte quase perfeita – a dança.

– Fernando Ramos da Silva – 13 anos, a grande revelação do filme "Pixote, a lei do mais fraco". Fernando, órfão de pai, sete irmãos, agora é Pingo em "O Amor é Nosso", filho adotivo de Gilda (Tônia Carrero), menino travesso, que vive pregando peça nas pessoas.

– Alzira Andrade – 23 anos, a jovem Margarida de "Ciranda de Pedra", professora primária e grande confidente de Virgínia (Lucélia Santos).

– Cristina Mullins – é Nininha da novela "Os Imigrantes". Cristina começou a carreira há quase cinco anos e foi Godoia, a irmã protetora do garoto Zezé em "Meu Pé de Laranja Lima".

– Cláudia Alencar – encarna em "Os Imigrantes", a operária Antonia, que se descobre sensual e sem pudor numa época em que a sensualidade era reprimida e o pudor valorizado.

– Marcela Muniz – filha de Lauro Cesar Muniz, tomou parte em "Os Saltimbancos", no ano passado, mas agora vai se limitar à televisão para não prejudicar seus estudos. Marcela é Maninha de "Os Imigrantes".

– Solange Couto – nove anos em contato direto com os mais diversos tipos de público no show de Sargentelli deram a Solange uma grande tarimba. Ela foi Biá na primeira fase de "Os Imigrantes", seu primeiro trabalho em novelas.

– Lúcia Veríssimo – participou do Tablado, onde teve como professora Louise Cardoso. Lucia foi Isabel na primeira fase de "Os Imigrantes".

—•••—

O número de jovens atores que vêm apresentando trabalhos dignos de aplausos é grande. Além desses podemos citar: Maria Alves, a Conceição de "Baila Comigo", Carlos Alberto Bahia, o Frank de "O Amor é Nosso", Buza Ferraz, o Bruno da novela das sete, Carla Camurati, a Bebel do episódio "Gatinhas e Gatões", da série "Amizade Colorida", e outros.

MISTER ECO



Volta à origem

Betty Faria, que sempre foi bailarina, está dando aulas de balé e de ginástica numa academia de São Paulo. Um reencontro muito oportuno, no momento em que "Baila Comigo", novela de tantos bons artistas, deixa Betty Faria em absoluta inferioridade histriônica, não justificando a sua apresentação como atriz convidada, enquanto a excelente Fernanda Montenegro é mencionada apenas pela personagem que interpreta. Betty Faria, de péssima dicção e atriz medíocre, não terá obrigação alguma de falar e de sentir o drama, se continuar como bailarina.



Betty Faria

estas cá me ficaram



Gretchen

- Desabafo da cantora – que Senhor do Bonfim me perdoe! – Sharon:
– Gretchen não teve o mínimo respeito profissional. Quis, a todo custo, acabar com a minha carreira. Me sabotou, tentou fechar minhas portas. Ela fez de tudo.
Uma questão de competência, apenas. Ambas cantam o gênero bumbum.

●●●

- Declaração de Paulo Afonso Grisolli, diretor-geral dos seriados da Globo, sobre "Amizade Colorida":
– A empresa não decidiu nada. Por enquanto, não há decisão alguma (sobre a retirada do programa). A especulação existe porque a Censura está aí, o programa está sendo sistematicamente mutilado, essa é a verdade.
Como não é menos verdade de que a turma da Globo, pelo que "Amizade Colorida" apresentou até agora, está com uma saudade danada da Censura. E provoca.

●●●

- De Éli Halfoun, sempre bem informado:
– Mas o grande vitorioso no final de "Baila Comigo" será, sem dúvida, o autor Manoel Carlos que, se não chegou a fazer uma novela perfeita, fez pelo menos um trabalho honesto, sem apelações, inteligente e de boa qualidade, provando que a tão anunciada crise de autores não existe.
Provando principalmente, Éli, que as novelas da senhora Janete Clair são muito ruins, muito desonestas, muito apelativas e muito desinteligentes. O que vinha acontecendo é que nunca deixavam o Manoel Carlos realizar um trabalho todo seu. Ele era sempre chamado para tapar buraco e salvar novelas alheias, como aconteceu com "Água Viva". Se não atrapalharem com essas exigências absurdas – e já estão atrapalhando – o Manoel Carlos continuará botando pra quebrar.

●●●



Moacyr Franco

- Declaração de Moacir Franco, aquele mesmo que se acha ótimo:
Eu não vou fazer programas de prêmios, mas vou fazer programas com aquele calor, endereçados a esta gente brasileira que, felizmente, entende o que eu falo e gosta das coisas que eu faço. Eis porque estou neste meio há 21 anos...
O pai do Guto agora é contratado do Silvio Santos. E, logo de saída, espinafra com o programa do seu novo patrão. Quanto à gente brasileira, o Franco tem razão: como gosta de sofrer!!!

●●●

- De Tônia Carrero, a belíssima:
Eu, aos 20 anos, aparentava 12, aos 40, 30, e estou indo assim. Agora, parece que tenho quarenta e poucos. É preciso sempre aparentar uma dez anos a menos.
Cuidado com as contas, Tônia. No ano passado, quando pessoas geralmente bem informadas garantiam que vosmecê já tinha ultrapassado a barreira dos 60 (61, precisamente), vosmecê alardeou ter 58 anos. Agora, aparentando dez anos a menos, afirma ter quarenta e poucos anos. Assim não dá. Mas não se preocupe. Concordo inteiramente com o Millor Fernandes quando disse que vosmecê é a única mãe do mundo que tem um filho (Cecil Thiré) mais velho que a própria. Isso não é reconfortante?

●●●

- De Ney Matogrosso:
– Quando rodo e balanço, rodo mesmo.
E quem duvida?

●●●

- De Luiz Carlos de Assis, enveredando pelo mundo do disco:
– O disco de Wanderléa, que está sendo produzido por Roberto Carlos, ganhou crédito antes do seu lançamento. É que foi retirado um compacto promocional.
E daí, Seu Assis? Nessa crise terrível que o mercado brasileiro de disco atravessa, somente as lojas de discos usados e "promocionais" estão fazendo negócio. E disco da Wanderléa não há Roberto que dê jeito. Nem no "sebo", preço vil, tem aceitação.

●●●



Ronaldo Bôscoli

- De Ronaldo Bôscoli, o que sabe de tudo sobre Roberto Carlos:
– Dr. Helomar Alvarez e Roberto Medina tiveram um contato telefônico demorado. O assunto foi Roberto no Maracanã... Esta semana que entra dirá das possibilidades do Rei pintar no Maracanã. Ele ouvirá uma longa exposição e tudo indica que deverá aceitar a proposta.
Vosmecê, Bôscoli, deverá fazer o "show" do Roberto no Maracanã! Mas não seja tão otimista. O Rei é bem capaz de não aceitar. Afinal, esse negócio de cantar em campo de futebol é coisa para Frank Sinatra e outros menos votados, Bôscoli.

●●●

- De Marlene Macedo, crítica de discos, sobre o primeiro LP de Sheena Easton:
– Esta é o seu primeiro LP e a música "One Man Woman" pode ser ouvida em todas as rádios brasileiras.
Ah, Marlene, assim vosmecê ainda vai perder aquela boquinha de receber discos de graça das gravadoras. Pense bem: se se pode ouvir Sheena Easton em todas as rádios brasileiras, quem é que vai comprar o disco, não é?

Crítica

A descoberta do Anchorman

Após mais de trinta anos de existência, o telejornalismo brasileiro descobriu finalmente a figura do anchorman. **Anchor**, *sabe o mais relapso aluno do Instituto Brasil-Estados Unidos (a citação vale pela nossa maior familiaridade), é, em inglês, âncora, ferro. No sentido figurado,* anchor *é estabilidade, esteio, segurança, amparo, apoio. Entre outras coisas.*

O anchorman, *assim, num programa telejornalístico, funciona como um complementador de notícias. Ou seja: dá maior profundidade ao* **aquilo que** *foi relatado pelo locutor. Mais ainda:* **analisa** *o fato, o acontecimento, tornando-o, em termos de informação, mais rico e mais contributivo para o espectador. Sem impor pontos de vista pessoais, sem pretensos ou descabidos didatismos.*

Foi a Globo que, sem dúvida – e justiça lhe seja feita – lançou o anchorman *em sua "revista" das segundas-feiras. Essa "revista", diga-se de passagem, tem, visualmente, o aspecto de tribunal de última instância, onde os seus juízes atrás de imensa mesa – ou será um balcão – como senhores absolutos da verdade. Todos eles de canetinha na mão, como a conferir a si próprios notas de avaliação do seu trabalho. E, entre os "magistrados" da notícia, o* anchorman*: Ênio Pesce.*

Mas, na realidade, será Ênio Pesce um anchorman *na perfeita acepção do termo? O que se tem observado é que Ênio Pesce se limita a passar a bola, a fazer-se de elemento de ligação entre os noticiaristas, como candidato a vedete do antigo teatro de revistas. Correto, é certo. Bem penteado, é certo. Bem vestido, é certo. Polido, é certo. Mas, por isso mesmo a longa distância do que seja verdadeiramente um* anchorman.

Tudo leva a crer, todavia, que Ênio Pesce esteja preso a um sistema que é próprio da Globo e que poderia ser consubstanciado no bordão daquele tipo criado por Jô Soares: não me comprometa! E esse comportamento doméstico pode ser dimensionado pela ênfase que os noticiosos da Glono dão aos assuntos internacionais, em detrimento dos assuntos da terra.

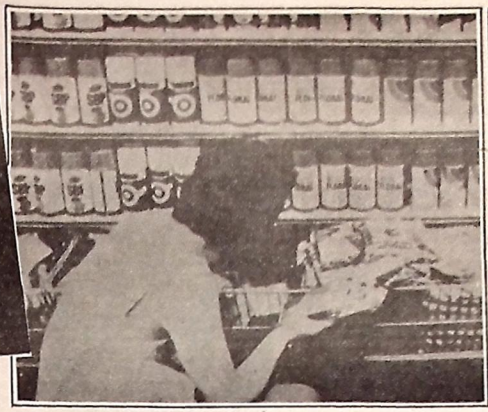
Um bom-bocado, entretanto, como se dizia lá em Maragojipe, não é para quem o faz e sim para quem o come. E quem se vem mostrando o mais perfeito, se não o único, anchorman *da nossa televisão, é Joelmir Betting, do Jornal Bandeirantes. Logo se diga que o noticioso da Bandeirantes não dispõe dos recursos do Jornal Nacional, da Globo, mormente na cobertura internacional. Mas contando apenas com três ou quatro elementos, e apenas com o que lhe é fornecido de visual internacional pela Embratel, ele cresce extraordinariamente porque girando em torno do apoio, da segurança, do amparo e da estabilidade que lhe são dados pelos comentários de Joelmir Betting.*

Até bem pouco limitado às análises econômicas feitas em linguagem ao alcance de todos nós, pobres mortais – ao contrário dos doutos em economia que muito enrolam para que ninguém entenda o que eles "pretendem" explicar – Joelmir Betting arremata tudo e qualquer assunto com pareceres irônicos, sarcásticos, mas nem por isso debochados ou conflitantes com a realidade. Pelo contrário. A verve e o espírito de Joelmir Betting muito contribuíram para que o espectador sinta minimizadas as agruras dos difíceis tempos que estamos vivendo. E que, como todos nós sabemos, não são poucas.

A televisão de serviço público deve procurar informar, estimular, educar e cultivar opiniões responsáveis sobre atividades e projetos nacionais e da comunidade, como querem Bluen , Cox e McPherson. Mas, acrescento eu, sem que isso seja chato ou empulhativo, como Joelmir Betting está demonstrando, sobejamente.

VENENOS

Governo proíbe sua comercialização em supermercados



PAULO IGARA

Comida e veneno não podem mais conviver nas prateleiras

Imposta primeiramente no Rio Grande do Sul, por determinação expressa da Secretaria de Saúde, uma importante medida de caráter profilático em defesa da população brasileira fatalmente deverá ser estendida a todo o País: da quitanda ao hipermercado, nenhum estabelecimento que venda produto alimentício poderá comercializar raticidas, removedores compostos de ácidos e bases fortes, desinfetantes que contenham fenol ou creosol e defensivos agrícolas.

Prometida para muito breve pelo Ministério da Saúde, a providência resulta do fato de do Centro de Informação Toxicológica da Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul ter comprovado, após demorados estudos e pesquisas in loco, um assustador aumento no número de intoxicações provocadas pelo uso de defensivos domésticos. Segundo o CIT, um problema gravíssimo, porque tais intoxicações só são superadas por aquelas provocadas por medicamentos.

Prevenidamente, o Secretário de Saúde Germano Bonow deu conta do problema às demais autoridades sanitárias, mas, pessoalmente, tomou drásticas providências em favor da gente gaúcha, que se iniciaram com a proibição da venda de produtos alimentares em locais em que também são negociados produtos sanitários domésticos. E mais: além de tais produtos terem de ficar separados um dos outros pelo menos um metro no sentido frontal e 30 cm no sentido lateral, todos os locais de venda deverão ter obrigatoriamente cartazes de advertência, além de sacos plásticos para o acondicionamento individual dos produtos.

A nível nacional, o problema encontrou repercussão junto ao próprio Ministro da Saúde que, profundo conhecedor da seriedade do trabalho desenvolvido pelo CIT – antes de assumir o Ministério da Saúde, o sr. Dirceu Arcoverde fora Secretário de Saúde do Rio Grande do Sul e, anteriormente, um dos principais assessores do também ex-Secretário, atualmente Ministro da Previdência Jair Soares –, impressionou-se com um dado contido no relatório daquela instituição: 80 por cento dos atendimentos prestados pelo CIT foram a crianças, porque estas, certamente, não têm idéia do que seja um veneno.

Outro dado, porém, foi bastante considerado pelas autoridades sanitárias federais: também os adultos são bastante desinformados sobre os riscos desses produtos altamente tóxicos, danosos em sua maioria à própria saúde, levando-os a não ter os cuidados necessários no seu uso. E pior, muito pior: o caso de algumas donas de casa e empregadas excessivamente despreocupadas com os males que podem causar, deixam-nos em lugares de fácil acesso às crianças, tais como os vãos dos tanques, armários baixos e sob as pias das cozinhas.

Através de recente circular, o Ministério da Saúde informou a todas as Secretarias de Saúde que dêem atenção especial à Lei 986/69, que trata especificamente do problema, visando com isso a reduzir ao máximo a possibilidade da contaminação dos alimentos por parte dos saneantes. E enfatiza, inclusive, a necessidade de uma campanha de conscientização da população, a fim de evitar, por exemplo, a proliferação de um fato já tornado comum nos mercados: a venda de defensivos agrícolas com embalagens domésticas para uso em plantas ornamentais.

Mais atento ao problema, o CIT não apenas enfatiza mas clama pela necessidade de uma campanha de informação do povo, que não deve inclusive ser limitada ao disciplinamento do comércio de venenos: a campanha deve conscientizar desde o produtor até o vendedor, porque se uma criança vê com normalidade a sua mãe colocar no mesmo carrinho de compras biscoitos e mata-baratas, quem poderá convencê-la de que estará cometendo uma impropriedade se, ao invés de comer os biscoitos, comer o mata-baratas?

Um outro aspecto da questão refere-se ao símbolo convencional de anunciar-se o perigo: a caveira. Segundo técnicos do CIT e do próprio Ministério da Saúde já existe uma proposição internacional no sentido de modificá-lo, porque as crianças já não o encaram com temor, pois a ele estão acostumados pela visão constante da caveira inofensiva nos desenhos animados da TV. E como a caveira para a maioria delas é "boazinha", ao invés de tornar-se um aviso de perigo tem-se transformado num chamamento de amizade – no caso dos produtos tóxicos um verdadeiro convite ao perigo.

Autoridades médico-sanitárias informam que as intoxicações humanas ocorrem através da ingestão deliberada do produto tóxico, acentuando, porém, que os sintomas variam de acordo com a idade, a suscetibilidade individual e, obviamente, com a quantidade da dose ingerida. Informam, ainda, que os produtos tóxicos de uso doméstico em contato com a pessoa, de forma indiscriminada, pode provocar várias espécies de intoxicações – entre elas, notadamente, a dermatite, as lesões de hipersensibilidade, as alergias.

O CIT alerta, no entanto, que o uso indiscriminado de inseticidas à base de cloratos provoca lesões graves no sistema nervoso, cujos resultados são as convulsões e as disritmias.

Saúde: atenção à Lei

Contradições empresariais

São Paulo

O presidente da Confederação Nacional da Indústria, sr. Albano Franco, fez na semana última declarações à "Gazeta Mercantil", sobre a política salarial e sobre a intervenção do Estado na economia, que demonstram que os empresários começam a compreender que, para exercer o papel não apenas de classe dominante mas também de classe dirigente, devem partir do Brasil real — subdesenvolvido, industrializado, monopolista estatal, marcado por profundas desigualdades sociais, e hoje mergulhando em uma grave crise econômica — ao invés de insistirem em velhas teses liberais.

O sr. Albano Franco colocou-se a favor da atual lei salarial e, além disso, defendeu "um certo" controle pelo Estado das taxas de juros e dos preços. Disse que a atual lei salarial não é inflacionária e observou que a atual política de preços e juros livres vem beneficiando apenas as grandes empresas, afirmando: "Para as grandes é melhor a liberalização, para as pequenas um certo controle seria a solução."

Esta posição contrasta com a de outros líderes empresariais. Alguns resolveram recentemente criticar a lei salarial, dando assim apoio à política econômica monetarista e recessionista das autoridades econômicas. É o caso do presidente da Fiesp que, ao mesmo tempo em que foi, corretamente, alertar o presidente da República contra os altos juros e o desemprego generalizado a que estão nos conduzindo as medidas monetaristas do governo, contraditoriamente criticou a atual lei salarial, a qual, ao sustentar parcialmente a demanda agregada, talvez seja o principal fator (juntamente com os investimentos e subsídios do Estado) a impedir que a atual recessão assuma características ainda mais graves, transformando-se em depressão. Realmente, esta lei salarial é incompatível com uma política econômica recessionista. Mas se isto é verdade, a solução é mudar a política econômica, não a lei salarial.

Outros empresários e políticos, entre os quais salienta-se o sr. Olavo Egídio Setúbal, insistem em atribuir todos os males da sociedade e da economia brasileira à forte participação do Estado na economia. Ignoram, ao assumir esses velhos postulados liberais, que apesar de todos os erros que os governos autoritários cometeram e que o atual governo, apenas relativamente democrático, vem cometendo na condução dos destinos econômicos do País, o desenvolvimento que conhecemos desde o início dos anos 50 jamais teria sido tão grande sem a participação que houve do Estado. Ignoram também que a crise em que estamos mergulhando atualmente já seria muito mais grave, dada a drástica redução dos investimentos privados, não fosse a manutenção relativa dos investimentos estatais.

Diante desses equívocos e contradições dos representantes da burguesia, seja criticando a lei salarial, que estabelece as bases de uma paulatina e necessária redistribuição de renda neste País, seja transformando maniqueisticamente o Estado no novo demônio, quando ele é simplesmente uma realidade inerente ao estágio atual das sociedades capitalistas monopolistas como a brasileira, foi uma surpresa agradável ouvirmos o presidente da Confederação Nacional da Indústria defender a lei salarial e o controle de preços e juros. Porque, se a atual lei salarial é um caminho para uma melhor redistribuição da renda neste País, o controle de juros e dos preços das grandes empresas é a única forma possível de se vir a controlar a inflação em uma economia altamente oligopolizada e cartelizada como a brasileira.

L.C.B.P.

(Transcrito da "Folha de São Paulo" dia 23/6/81)

Parsifal Barroso

Evolução democrática

Ao longo dos meus quarenta anos de militância político-partidária, já encerrados por inteiro, fui me preocupando e sempre analisando as razões que dificultam nossa evolução democrática, durante a fase republicana.

Quando meu saudoso amigo, o notável escritor que foi João Camilo de Oliveira Torres, publicou sua obra "A Democracia Coroada", debati com ele os motivos que o haviam levado a enaltecer tanto a democracia imperial, em detrimento da republicana em que vivemos.

Recordo-me de tudo quanto discutimos, amenamente, procurando resumir agora o essencial que se fixou em mim, como aluno que sempre me considerei do Mestre mineiro.

Situamo-nos, exclusivamente, no plano da formação e de projeção das elites dirigentes, ao tempo do Império e durante a República Federativa, dentro do condicionamento sócio-cultural de cada uma das fases em que elas se desenvolveram.

Acudiu-nos, de início, a observação de haverem sido utilizados pela nascente República, alguns valores autênticos herdados do Império, e de nunca haver ascendido à suprema magistratura da Nação, nosso maior republicano, o imortal Ruy Barbosa.

Em nossos dias, aliás, autênticos valores do quilate de um estadista, como José Américo de Almeida e Armando Sales, não chegaram à Presidência da República.

Rendemo-nos à evidência preliminar de que o regime republicano não ensejou o aproveitamento político-administrativo de seus autênticos valores, estabelecendo um sistema de imperfeita avaliação, enquanto a falta de formação política do nosso povo jamais lhe permitiu livrar-se da demagogia e do poderio econômico na escolha dos seus representantes.

Mas, se levarmos em conta que jamais se cuidou de uma conscientização social e política da nossa gente, não se poderia esperar uma floração de valores na fase republicana, resultando daí a falta de líderes.

Aliás, não há negar que tudo conspirou contra nosso desenvolvimento cultural e sócio-político, durante a República.

Embora se saiba que o desenvolvimento econômico não tem uma real e positiva conexão, com o processo de fortalecimento do Poder Nacional, certo é que se foi formando o primado da Economia e dos economistas, em prejuízo da prevalência do Social.

Anote-se que essa anomalia vem se verificando sem ter ocorrido, até agora, a válida comprovação do acerto das diretrizes oriundas do economicismo que se implantou no Brasil, na sucessão dos seus Planos e Programas salvíficos e iludentes.

Ocorre, por outro lado, que o Poder Legislativo foi se tornando um mau agente de acumulação das lições de suas lutas e vivências, sem registrá-las em termos de uma válida experiência política, deixando assim de ver e fixar o essencial, e de fazer o necessário.

Nossa tendência elitista começou a fugir do nosso Parlamento, em cujo seio deixou de passar o meridiano político, porque se constituíram novas elites dirigentes, ao arrepio da vontade política do Congresso Nacional, nascidas que foram dentro do Poder Executivo, haurindo no seu seio as forças do seu prestígio.



Refiro-me ao surgimento do poder tecnocrático e tecnoburocrático, cuja evolução se faz em progressão geométrica.

A classe política não o soube enfrentar, justamente na fase crucial da passagem lenta de nossa formação patriarcal-rural, para a que deveria se caracterizar como a urbano-social.

Embora todos venham sentindo e reconhecendo que as necessidades vitais do homem não estejam sendo atendidas, e que os Planos e Programas continuam inconclusos e descoordenados, dentro da descontinuidade administrativa, permanece de pé o primado do economicismo e da Economia.

E quanto mais elitista é o sistema de poder, mais altas se tornam as taxas de coerção social, e menos são reconhecidas nossas dívidas sociais, já apontadas em lúcido ensaio do economista Rubens Vaz da Costa.

Adirson de Barros

Café: Crime de Lesa-Pátria

A política de café do País, formulada e executada pelo IBC, foi condenada veementemente pelos cafeicultores reunidos em Brasília e também pelos ministérios da Fazenda e do Planejamento, que pretendem exigir um substancial aumento de cota na OIC sob pena de abandonarmos o acordo mundial de café, assinado ano passado, que não funciona a nosso favor, mas apenas no interesse dos países importadores e das multinacionais do café.

A briga pela política do café ganhou maior dimensão com a viagem do sr. Otávio Rainho a Nova Iorque e Washington para negociar com o departamento de Estado a renovação do acordo de Londres condenado publicamente pelo secretário-geral da Fazenda, Carlos Viacava, *expert* em café. Os órgãos de informações do governo já identificaram a origem das pressões para manter a atual e desastrada política de café e o Brasil prisioneiro da Organização Internacional do Café. As origens são claras: poderosos grupos econômicos americanos e o próprio Departamento de Estado dos EUA comandados pelo sr. Rainho.

Tentando permanecer no IBC, o que parece improvável, o sr. Rainho teria montado um esquema externo de sustentação a partir de contatos mantidos com grupos americanos de café e elementos do Departamento de Estado. Evidente que esses grupos estão exercendo pressões porque lhes interessa a atual política do IBC, sabidamente contrária aos interesses nacionais pois está levando os preços do café para o fundo do poço, enquanto caem as exportações em relação ao mesmo período do ano passado, conforme as estatísticas oficiais comentadas pelo secretário-geral da Fazenda.

Tendo concordado com uma cota ridícula no ano passado, por imposição dos Estados Unidos, que na verdade comandam a OIC, o sr. Otávio Rainho ainda manteve os famosos *contratos especiais* com importadores lesivos ao interesse nacional, vez que continuamos a conceder descontos a firmas estrangeiras privilegiadas cujos dirigentes são freqüentadores assíduos do gabinete do presidente do IBC ou têm amigos íntimos que também são amigos do sr. Rainho.

O Brasil entrou, assim, numa situação realmente perigosa em termos de café, pois os preços estão cada vez mais baixos, em queda constante, enquanto não conseguimos exportar o volume necessário numa hora em que temos uma supersafra de café, porque estamos amarrados a cotas estabelecidas pela OIC e pacificamente aceitas pelo IBC em setembro de 80.

Tendo em vista o problema da receita cambial do País é que os ministros da Fazenda e do Planejamento trataram de investir contra essa política antinacional praticada pelo IBC, sendo que as sucessivas declarações públicas do Viacava apenas refletem o pensamento que já existe na alta cúpula do governo para mudar radicalmente essa política incompetente e que atende apenas aos interesses dos consumidores e de firmas privilegiadas.

O sr. Rainho agarra-se ao cargo como outro às pedras porque ama a mordomia e as oportunidades de subir na vida que a presidência do IBC oferece a pessoas despidas de sensibilidade moral e de escrúpulos. Montou esquemas externos sob patrocínio de certas firmas importadoras e montou também esquema de imprensa no Brasil, incluindo até um boletim reservado de circulação restrita que há tempos denunciava, em tom grave e com detalhes pitorescos, as andanças internacionais do presidente do IBC, sua *vida colorida*, suas amizades lá fora, os negócios especiais, vôos alegres no jato do IBC... Afinal a verba de propaganda do IBC é enorme e serve para essas providências...

Mas as manobras políticas do sr. Rainho – assim como os negócios suspeitos no IBC e sua fantástica mordomia nacional e internacional já foram identificadas pelos serviços de informações do Governo, onde o *dossiê* do sr. Rainho já ultrapassou o de um governador atual e de um ex-governador do Estado do Rio, campeões de *dossiês* nos órgãos de informações oficiais... O sr. Rainho, em dois anos no IBC, conseguiu suplantá-los para espanto dos analistas de informações.

Sua última manobra para justificar essa política que será radicalmente modificada por decisão do Planalto, baseada em documentos apresentados pelos ministérios da Fazenda e do Planejamento, consistiu em mobilizar alguns amigos do Itamaraty, que saíram com informações sobre a preocupação da Casa de Rio Branco com a queda dos preços do café que "ajudariam a vitória do movimento guerrilheiro de El Salvador".

A colocação do Itamaraty, no caso, é estranha, vez que a Casa não se preocupara com os avanços das guerrilhas e deu de ombros para as informações fornecidas pelo general Vernon Walters como enviado especial do presidente Reagan, denunciando a manipulação da guerrilha salvadorenha por Cuba e Moscou. Repentinamente o Itamaraty preocupa-se com os destinos do bravo país da América Central...

Ocorre que seria muito mais barato para o Brasil mandar uma tropa em socorro do governo de El Salvador na sua guerra contra os comunistas do que abrir o *guarda-chuva* para proteger todo mundo e levar o País a perder milhões de dólares com os preços do café em queda constante. Uma propaganda de milhões de dólares, cifra parecida com a que o IBC presenteou uma agência de publicidade na conta da seleção brasileira de futebol. E a manutenção do sr. Rainho, com sua política baixista e de interesse dos americanos, representa uma queda de mais de 600 milhões de dólares na receita cambial do País.

Por tudo isso não se espera vida longa para a política do café e para o presidente do IBC, hoje sob o fogo cruzado dos ministros do Planejamento e da Fazenda, assim como de toda a cafeicultura nacional que se reuniu em Brasília, no legítimo direito de pressionar o Governo para protestar contra essa política incompetente e antibrasileira do sr. Rainho. Mas que não encontraram os cafeicultores o interlocutor oficial, o sr. Rainho, que estava em mais uma vilegiatura ao exterior, em busca de apoio externo para permanecer no cargo que deslustra. O sr. Rainho, sabendo que seria naturalmente (e com justiça) apedrejado pelos cafeicultores, escafedeu-se, tomou um avião para os EUA, fugindo do debate com a cafeicultura e dos paralelepípedos que lhe seriam justamente atirados. E o Planalto – posso afirmar – detesta convardia. Além de detestar outras *qualidades* do sr. Rainho...

Na verdade, segundo altas autoridades e de Brasília, o sr. Rainho, ao ser demitido do IBC, não deveria ir para uma embaixada qualquer, mas permanecer aqui para ser julgado por crimes de lesa-pátria.

Curto-Circuito

"Luas de papel"



Eu sempre disse que os objetos são nossos cúmplices. Mesmo quando depois nos delatam. Ou seja: será que o despertador que deve despertar a sexta dança em cima da mesinha às seis da manhã procede, meramente, como um relógio a quem se adicionou um dispositivo de alarme?

Não, claro que não. Ele tem consciência que é mau como aguarrás mas, por outro lado, é vítima também, como eu, como você, da ditadura do horário, que aborta o sono e joga o feto no chuveiro... carrasco de uma figa!

Querem ver outra? A rolha. Convivente, sim senhor. De quem? Do garçom, ora, que abre a garrafa, serve o vinho, mas fica de longe espreitando o gesto em falso, o brinde indecisо, o enólogo postiço. E, às vezes, até comenta com a rolha: coitado, pensa que é Cabernet!

E que dizer, então, dos ingênuos que ainda supõem que a maçaneta guarda só para si os segredos das portas que tranca, dos corpos que abre, das vestes que despe! Bando de sonsos... sem ela não se teria escrito a crônica escandalosa dos doze césares!

Mas, muito bem. Eu, ontem, convidei uns amigos para tomar um uísquinho na franja do dia.

Sentamo-nos no fundo de boteco, fizemos despencar uma garrafa de Dimple cor de ouro e, quando já íamos começando a salvar o Brasil, o escoces foi-se embora. Secou. Bom, era pagar e sair. Meti, então, a mão na algibeira e, quando tirei o "Barão", dei com seus bigodes, a careca, os seus olhos fundos, fixos em mim. Zangados. Tentei ignorar... debalde. Uma mão diplomática pousou no meu ombro. Gelei. Por um minuto, pensei que ia me dizer: você não têm vergonha? Centenas de brasileiros sem ter o que comer e você me gastando em birita!

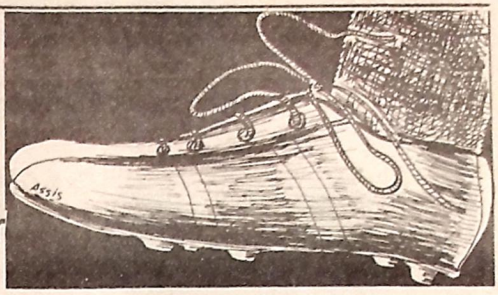
Mas, não. Ele se virou para mim e suplicou: — Por favor, me empresta um general?

REINALDO PAES BARRETO

Esporte

Carlos Felippe

Seleção se afirma pelo que tem de melhor



A mágica explosão de grandes craques, que é um dos característicos do jeitinho e da improvisação brasileiros, surpreendeu recentemente toda a Europa, ao consumar-se mais um desmentido à conclusão científica dos treinadores das seleções francesa, inglesa e alemã, segundo a qual a habilidade técnica é muito pouco ou quase nada — a força e a tática no futebol são tudo.

Foi contra a França que a espontaneidade de Sócrates deslumbrou o Parc des Princes, do mesmo modo que, um pouco mais adiante, em Wembley, contra a Inglaterra, Zico provou que a genialidade pode superar qualquer outro fenômeno num campo de futebol. Sem dúvida, porém, foi certamente contra a Alemanha, no Necharstadion, num claríssimo dia de sol, que caiu definitivamente por terra a filosofia européia de que a força física suplanta a criatividade aliada ao cumprimento irrestrito da tática.

A Seleção nacional, sob o comando de Telé Santana, sofreu verdadeiramente uma revolução na sua concepção, porque, a partir deles próprios, todos voltaram a acreditar na capacidade individual dos jogadores brasileiros, conscientizados sobretudo da imprescindibilidade da disciplina fora e principalmente dentro do campo — sem perder aquele misticismo que os leva a entrar em campo com o pé direito e beijando as medalhinhas de santos que lhes caem do peito, fazendo todos o sinal da cruz.

De positivo para o nosso futebol, os três jogos da seleção brasileira — além de a tornarem novamente respeitada e colocada entre as possíveis vencedoras da Copa-82, na Espanha — demonstrou até que ponto é possível, em nosso País, o surgimento de novos jogadores capazes de repetir os dribles de Mané Garrincha, as jogadas geniais de Pelé. Numa escala maior, o próprio sentido coletivo dos times que conquistaram os três títulos mundiais, numa repetição gloriosa das grandes vitórias nascidas da competência de Didi, Zito, Nílton Santos, Gilmar, Carlos Alberto Torres, Rivelino, Gérson, Amarildo, Jairzinho e, dentre tantos outros grandes craques, o agora dr. Tostão.

Em Salvador, contra a Espanha, a nova seleção brasileira terá a oportunidade de reafirmar o seu prestígio internacional, enquanto o nosso adversário — tanto quanto outros interessados em conhecer da nossa atual força — visará, sem dúvida, ajuntar conhecimentos sobre também a nossa técnica, tão pródiga quanto versátil, que há tantos anos procuram a todo custo assimilar.

Afinal, sabe a Espanha — como sabem todos os nossos adversários próximos e futuros (especialmente aqueles que têm praticamente assegurada a presença no campeonato mundial) — e sem fazer dos seus propósitos qualquer segredo, que assimilando a nossa técnica, a nossa forma de jogar, até mesmo aproximadamente, talvez encontre o caminho que lhe venha possibilitar a conquista da Copa-82.

Como até mesmo os apologistas caboclos do futebol praticado pelos demais participantes, (principalmente as seleções européias), passaram a admitir que o título máximo está de volta ao Brasil — sou obrigado a dar-lhes razão, sem qualquer ufanismo, mas como conseqüência lógica de uma superioridade que vem sendo demonstrada exatamente onde deve ser: dentro do campo, com a bola rolando no gramado.

Claro é que eu, pessoalmente, por convicção e amor ao futebol-arte brasileiro — eles por não terem outra forma de evidenciar uma decepcionante frustração, face a verdade de que, até agora nada podem fazer para que ocorra o contrário.

Móvel da dúvida

Ano do cinqüentenário do Esporte Clube do Recife, todos os esforços estavam sendo feitos para que o clube fosse campeão pernambucano. E uma das principais metas da direção do clube era trazer um treinador famoso do Sul do País.

Contatos feitos, tudo acertado, o novo treinador desembarga no aeroporto de Guararapes, desfilando pelas ruas engalanadas de Recife, na festa para receber o "velho marinheiro" — o eterno Gentil Cardoso, a verdadeira salvação da lavoura. A certeza de que o título estava realmente assegurado.

E os reforços apontados por Gentil começaram a chegar: Eli do Amparo, Osvaldo Baliza, Eliezer e outros. E o preto velho madrugava no campo dando duro na moçada, para a felicidade do vice-presidente do clube, o industrial José Rosemblit, proprietário da fábrica de discos Mocambo.

Certa manhã, o dirigente convida Gentil Cardoso para o almoço em sua casa e, à hora aprazada, chega o treinador com ar cansado, justificando seu estado como de "terrível cansaço". E pede para que seja ligada a vitrola, porque, na sua opinião, a música relaxa, descansa.

— Decerto, meu vice-presidente, o senhor é um homem feliz: pode chegar a casa, banhar-se, fazer a refeição, e descansar acomodado em confortável poltrona, mas sem dúvida alguma o melhor de tudo é poder ligar essa admirável vitrola. Que belo móvel, heim?

Interessado em proporcionar do bom e do melhor a Gentil Cardoso, o vice-presidente José Rosemblit mandou para a casa do treinador, nas cercanias do estádio, na Ilha do Retiro, uma belíssima vitrola, mais moderna até que a sua própria, que o "velho marinheiro" tanto admirara.

Final da semana, na concentração, José Rosemblit encontra Gentil Cardoso e, entre tantos outros assuntos, pergunta se gostou do presente que lhe fora enviado — se era realmente de boa qualidade, se tinha um som perfeito.

— É uma coisa que não posso ainda afirmar, meu querido vice-presidente, embora o móvel seja uma perfeição. Afinal, radiovitrola sem disco não toca... não toca... não toca...

A saída

Desenhada em cores negras a derrota — o primeiro tempo terminara Flu 4 x Botafogo 0 —, o treinador Geninho é o primeiro que chega aos vestiários, onde, com os nervos à flor da pele, recebe os jogadores com um violento carão.

— Olhem aí, uma porção de malandros, tudo garoto vivo, menina-da maneira.

Uma pausa, Geninho roda nos calcanhares e, voz alta, pergunta se alguém ali já havia ouvido falar do Monumento dos Pracinhas..no Aterro da Glória.

E, ante o silêncio como resposta, talvez por medo de nova bronca, Geninho voltou a falar. No Monumento dos Pracinhas tem inscrito o meu nome: Efigênio de Freitas Baiense. E sabem por quê? Porque eu fui à guerra e voltei e fiz ainda a maior ala direita jogando com um paraguaio.

Também conhecido por ser pavio curto, Bianchini, sentado a um canto, levantou os olhos, pediu a palavra e começou a explicar que, do jeito que o time estava jogando, o pau tricolor seria dobrado.

— Eu estou sozinho lá na frente. E para jogar, eu tenho que sair para receber a bola.

Invocado, Geninho não quis mais papo com ninguém e, olhando para Bianchini, gritou a plenos pulmões:

— Você está dizendo que tem que sair para receber a bola, não é? Mas a solução do problema é outra: sai você. Entra no lugar dele, Sicupira!

"É MARAVILHOSA A MINHA VIDA SEXUAL, APÓS OS 70 ANOS!"

Estranho? Impossível?

Pois saiba que um homem pode perfeitamente desfrutar de uma vida sexual maravilhosa até o ocaso de sua existência.

O importante é que esteja atento para uma renovação constante das células enfraquecidas, suprindo-as de vitaminas e de sais minerais que revitalizam o organismo e mantêm o vigor sexual.

No Brasil já chegou às farmácias e drogarias BIOSEX, um medicamento que cuida exatamente da renovação das células enfraquecidas.

Não importa a idade que você tenha. Tome BIOSEX que sentirá o ressurgimento de todo o seu vigor sexual.

Se não encontrar BIOSEX na farmácia ou drogaria de sua preferência, peça pelo correio para a Caixa Postal nº 66, Agência Central, Rio de Janeiro — anexando um cheque ou vale postal de Cr$ 1.490,00 a favor de Chimica Baruel Ltda. e enviaremos caixa com 120 drágeas imediatamente.

Mulher

Celina de Farias



A Garotinha "IN"

Dentro da linha jovem, a calça culote, a camiseta e o cinto completando, fazem o espírito da garotinha descontraída; já a saia, em estilo folk, com diversos babados, a blusa linha romântica fazem o clima da garotinha mais sofisticada. (fotos Safkir)



As crianças gostam do frio

O inverno fascina as crianças muito mais que o verão. Mas para as mães, o frio é um perigo ameaçador, difícil de enfrentar, fonte de doenças. Quem está com a razão? As crianças ou as mães? Médicos, especialistas em pediatria e psicologia, nos ajudam, aqui, a solucionar problemas práticos do inverno, quanto à saúde, alimentação, roupa adequada, na vida do todo-o-dia ou nas férias.

— As férias de inverno são importantes para as crianças?

Sim e tanto que em alguns países de frio intenso, do abaixo de zero, essas férias foram aumentadas de duas semanas para um mês inteiro.

— Para férias de inverno serve exclusivamente a montanha?

Não se deve generalizar um hábito, que, mesmo em grande aumento, é sempre limitado a uns quantos privilegiados. É importante mudar de ar no inverno, muito mais do que no verão, mas se a criança é sadia, normal, não é indispensável que as férias de inverno sejam obrigatórias fora da cidade; mas quem não pode, por muito tempo, sair da cidade, deve pelo menos proporcionar à criança uma semana na praia ou na serra.

— Qual o lugar mais aconselhado — mar ou montanha?

Para crianças que têm como ponto fraco a garganta e as amígdalas, será mais benéfica uma estação invernal perto do mar; contudo a montanha, entre 700 e 1000 metros não tem, quase nunca, contra-indicação.

— Como defender a criança do frio?

A frase "defender do frio" é errada. O médico, hoje, se esforça para eliminar das mães esse instintivo e ancestral medo, o complexo de defender os filhos do frio como de um inimigo das crianças, o calor é muito mais perigoso. Estudos e estatísticas recentes demonstram que todas as crianças, desde o recém-nascido até a primeira infância, e segunda também sofrem mais com o calor que as torna cansadas, fatigadas, sem apetite, o frio facilita o sono, e a recuperação das forças é mais imediata. Enquanto que uma criança, ainda que muito pequena, se defende espontaneamente do frio, regulando a circulação, e conseqüentemente a temperatura corpórea, é difícil que consiga defender-se sozinha do calor.

— Então, é erro agasalhar demais a criança?

Sim, é um erro porque a pele é térmica e já é uma cobertura, por assim dizer, e quanto mais ela é coberta, menos se treina a defender espontaneamente o corpo.

— Uma criança muito agasalhada se sente frustrada psicologicamente, além de se sentir bloqueada nos movimentos?

Sim, e está provado que isso acontece até mesmo com a criança muito novinha. Cobrir demais bloqueia não só os seus movimentos, como também seu desenvolvimento psíquico e é a mais freqüente fonte de resfriado e doenças de resfriamento.

— É útil os pequeninos se habituarem a sair com qualquer tempo?

É um dos hábitos mais salutares manter as crianças ao ar livre, mesmo com o frio, todo o tempo que for possível; naturalmente, as horas por volta do meio-dia, sendo as mais temperadas devem ser as preferidas.

— A alimentação deve ser mais farta no inverno?

O frio aumenta espontaneamente o apetite da criança. Mas se isso não acontecer, a mãe deverá reforçar a alimentação mais do que no volume, no enriquecimento dela, com proteínas, gorduras, açúcares e vitaminas, isto é carne, manteiga, ovos e queijos.

— É verdade que o frio aumenta o cansaço e diminui a resistência física?

De um lado sim, e por isso os pequeninos devem ter uma alimentação suficientemente rica, com o número de refeições aumentado, se for o caso, isto é, uma pequena merenda na metade da manhã (entre café e almoço) e uma na metade da tarde (entre lanche e jantar) se o jantar for tardio.

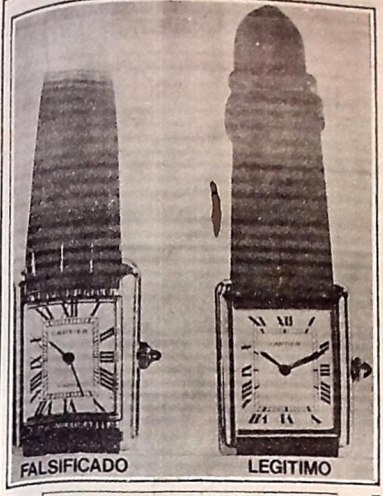
— Quais os esportes mais indicados para a criança durante as férias de meio de ano?

Depois dos primeiros meses passados em ambiente fechado, ou depois da retomada dos estudos, é útil um período de esportes em zonas climáticas, mas quando isso não é possível, também se pode organizar isso na vida rotineira da criança, na cidade, proporcionando-lhe alguma atividade esportiva: natação, em piscina coberta, ginástica e caminhadas ao ar livre.

Toda mulher pode ser bonita

Quem afirma é o italiano Piero Gherardi, estilista e cenógrafo cuja fama lhe deu um grande título: "arquiteto das mulheres". Mas ouçamos o que ele diz sobre as mais célebres estrelas de cinema italiano: São todas um produto maravilhoso de força de vontade e de inteligência. Algumas, porém, para não dizer quase todas, funcionam como perfeito e precioso eletrodoméstico. E ele ri, que é o homem que conseguiu tornar belas noventa por cento das mulheres que para isso lhe foram confiadas. Jovem, louro, seu entusiasmo é sincero: Jamais me sinto cansado, tudo o que é calor humano me interessa, me vence. O meu trabalho me dá calor humano, sou capaz de dedicar às minhas tarefas vinte, trinta horas seguidas, sem repouso.

Às mulheres ele aconselha: A beleza está no estilo, na maneira com que se olha ou se sorri. A beleza é educação e por educação entendo o respeito aos outros. A beleza, lembrem-se sempre, é limpeza: xampu, água, sabão. Beleza é estilo, cheiro de limpeza, boa educação, saber sorrir.



Cartier

A maior ameaça é a falsificação



A ourivesaria especializada na confecção de caixas de pólvora e na ornamentação de coronhas de fuzil, Pierre Cartier inicia o seu filho Louis-François nas artes da ourivesaria. Em 1847, já um dos melhores artesãos joalheiros de Paris, após destacar-se como um dos mais brilhantes discípulos de Mestre Picard, Louis-François acaba por substituí-lo no famoso atelier da rua Montorgueil, tornando-se o fornecedor exclusivo das joalherias do Palais Royal.

Com o ouro em voga, Louis-François tornou-se um inovador porque passou a enriquecer ainda mais as suas jóias incrustando nelas pedras preciosas com originalidade e bom gosto, tornando a joalheria de concepção um domínio exclusivo da sua genialidade, que o levou a instalar-se na privilegiada rua Neuve des Petits Champs. Recebido e requisitado por toda a nobreza, recebeu a proteção da princesa Mathilde, prima de Napoleão III, que o fez ter em seu atelier, agora no boulevard des Italiens, toda a aristocracia internacional, que fora a Paris atraída pela Exposição de 1867.

Com a sua arte, Louis François Cartier encanta a todos mas é surpreendido pela ruína decorrente da derrota dos franceses para os prussianos em 1870 (e a Revolução que se sucedeu), que o obriga a começar tudo de novo — desta vez, ao lado do seu filho Alfred Cartier, também um grande artista, mas muito mais um homem de negócios. Decorria o ano de 1872, quando os Cartier, novamente famosos em toda a Europa, juntam-se aos Worth, costureiros de todas as celebridades, que os tornam também célebres pela sua arte Joalheira — fama que se amplifou e se cristalizou definitivamente: a beleza e a perfeição de tudo o que favava o nome Cartier.

Alfred e Louis passam para o número 13 da rua de La Paix, Louis casa-se com a neta de Worth, abrindo assim as portas de todas as famílias reais. E, entre as grandes, talvez a maior, das amizades de Alfred e Louis, estará o Príncipe de Gales, futuro Eduardo VIII que encomenda 27 diademas para a sua coroação em 1907 — mesmo ano em que, Pierre Cartier, segundo filho de Alfred e irmão de Louis, instala-se em Londres, no famoso endereço do Edifício Worth, na Burlington Street. E é lá que Pierre Cartier recebe a sua primeira licença de fornecedor real: da Casa Real de Portugal, em 1903, seguida em 1904, pela Casa Real da Inglaterra.

Após fabricar jóias para reis e principalmente marajás e príncipes orientais, o gênio de Louis Cartier encaminha-se para um outro campo — a relojoaria, cujas tradições se havia perdido há mais de um século. E passa a criar relógios de mesa e de bolso, todos de rara beleza de estilo, perfeição e originalidade, transformando-se rapidamente em uma das formas predominantes da atividade e do prestígio Cartier, que teve seus primeiros trabalhos criados especialmente para as famílias reais da Inglaterra, Orleáns e Grécia.

E o gênio de Louis Cartier juntase finalmente a outro, brasileiro, Santos Dummont, inventor do avião, em 1904, para quem constrói especialmente o primeiro relógio de pulso. A Louis e Pierre junta-se o irmão caçula Jacques, passando os três a correr o mundo vendendo a nova emoção de ter as horas no próprio pulso, além de jóias especiais. Em 1908, instala-se a primeira loja Cartier, nos EUA (Nova Iorque), sob o comando de Pierre — Jacques, o caçula, assuma, em 1909, a loja de Londres (agora no nº 175, da New Bond Street —, enquanto Louis percorre Moscou, o Golfo Pérsico e toda a Europa, numa roda-vida que durou até 1914.

Em 1914, com o fim da "belle époque" face à Primeira Guerra Mundial, o gênio de Louis Cartier novamente se mostra: passa a interessar-se pela presença da mulher como consumidor das suas obras, às quais dá o nome de "liane dos années folles". E não pára aí: fabrica espadas de marechais — entre elas a do Marechal Foch (estilo até hoje seguido nas espadas dos eleitos para as Academias de Letras) —, passa depois à fabricação de peças originais em ouro maciço, prata, couro, edições de jogos, papel para cartas e cartões gravados — até chegar aos idos de 1942, quando, pouco antes de morrer, (seu irmão Jacques, também morre no ano seguinte), cria um novo metal que iria revolucionar todo o universo das artes: o *paladium*, derivado da platina e destinado a criar armações mais moldáveis. Em 1964, Pierre Cartier, o único sobrevivente da trilogia Cartier, morre na Suíça. Mas a tradição Cartier já era — e é — uma realidade indiscutível, sustentada no mesmo conceito de qualidade pelas gerações Cartier que se seguiram, já agora espalhadas por todo o mundo.

Porém, toda uma tradição de respeitabilidade e confiabilidade — assegurada e garantida por Robert Hocq, (primeiro fabricante mundial de isqueiros a gás), que a partir de 1968, assumiu a presidência da Cartier Paris — passou a sofrer a sua maior (e agora confirmada) ameaça: a falsificação, pela primeira vez detectada, em 1977, quando a polícia prende, num restaurante, em Paris, vários revendedores de falsos relógios Cartier. Os criminosos são condenados a 4 meses de prisão. No mesmo ano, a polícia italiana descobre uma fábrica de falsos relógios Cartier, prendendo mais de 12 mil unidades, 12 mil mostradores e numerosas pulseiras. Os criminosos são punidos exemplarmente.

Vale registrar, porém, que um ano antes, isto é, em 1976, um brasileiro foi preso na fronteira suíça portando 800 falsos relógios Cartier (foi condenado a 4 meses de prisão), pista que levou a polícia italiana, dois anos mais tarde — ou seja, em 1978 —, a prender um comerciante de relógios e jóias falsos Cartier, com a justiça condenando-o a um mês de prisão. Logo a seguir, a polícia de Hong-Kong, descobriu uma oficina de fabricação de falsos relógios Cartier, tendo a justiça local condenado os quatro chineses envolvidos a 18 meses de prisão.

Daí por diante todas as polícias passaram a ter um cuidado especial na busca e prisão de falsificadores, sendo que a alemã desmantelou, em fins de 1978, uma operação de falsificação em que os relógios falsos eram estocados em casas de veraneio na margem italiana do Lago Maior. Daí passados para a margem suíça através de barcos a vela e encaminhados em veículos particulares até o Lago Constancam ponto de retorno à Alemanha. E a cada dia que passa é maior o esforço da Cartier para pôr um termo definitivo às falsificações, valendo-se inclusive de campanhas através da imprensa em praticamente todos os países.

A falsificação é terrível porque não causa apenas prejuízo à empresa, tanto pela perda do faturamento como pela deterioriazação da marca, mas também aos seus clientes, iludeados na sua boa-fé por elementos inescrupulosos. Afora isso, a falsificação vulgariza o nome do produto — avalia-se em 50 mil o número de falsos relógios Cartier fabricados anualmente em todo o mundo —, desgasta a imagem de alta qualidade técnica (a durabilidade de um relógio falso é curta, enquanto os verdadeiros Cartier têm garantia para toda a vida).

E mais: a assinatura Cartier — sob o comando de Natalie Hocq (filha de Robert Hocq, de apenas 24 anos) as vendas da alta joalheria beteram todos os recordes — garante não somente a qualidade técnica, mas também a escrupulosa valor artístico e o prestígio ligados à noção de exclusividade. Prova disso é que as valises e artigos de couro Cartier inspiraram as marcas mais conhecidas; a moda relojoeira foi quase toda ela inspirada por Cartier (mostradores de algarismos romanos e os relógios retangulares); o relógio tank, criado por Louis Cartier, em 1917, é o modelo mais famoso do mundo.

Segundo as autoridades policiais, a fonte principal de falsificadores é Nápoles, na Itália, mas informações seguras dão conta de que os mecanismos dos relógios — todos de péssima qualidade — são comprados na Suíça. Os traficantes de falsos relógios Cartier compram-nos a preço de aproximadamente 30 francos suíços por unidade, contrabandeando-os, posteriormente para a França, em lotes mínimos de 3 mil, onde, um "distribuidor" pega a carga e através de um último elo da quadrilha, realiza a venda ao público por um preço mínimo de 100 dólares. Desde 1972 até hoje, a Cartier já gastou um montante de 4 milhões e 500 mil dólares no combate à falsificação dos seus relógios.

Com o objetivo de garantir ainda mais os seus produtos, a Cartier decidiu patentear-los em um grande número de países e, desse modo, por exemplo, o isqueiro Cartier é protegido por sete patentes internacionais, a caneta Cartier duas, enquanto as suas valises o são no mundo inteiro. Na maioria dos países, a identificação e a prisão da falsificadores — seguidas obviamente dos processos judiciais — estão a cargo da Interpol, Polícias Judiciária e Alfandegária e, ainda, agentes da próoria fábrica.

A Cartier, em nenhuma hipótese, responsabiliza-se ou conserta falsificações.

TETÉ SUZUKI

A CRUZ E A ROSA

ALGO DE DIFERENTE EM SUA VIDA!



Palavras e sons musicais, magicamente coordenados levam a seu lar uma mensagem profunda e vibrante

Na FILOSOFIA PERENE, Carlos Alberto apresenta o eterno na filosofia do Homem, numa coletânea harmoniosamente encadeada, de pensamentos dos maiores místicos, filósofos, poetas, escritores e cientistas de todos os tempos. É um tesouro inestimável, colocado ao alcance de todos numa só obra.

A HISTÓRIA DE AISHA, escrita e narrada por P.A.Freire, é a própria história da Criação; a partir da ideação do Criador, através das fases evolutivas das formas, até os nossos dias. Todo o drama da evolução do Ser encenado no teatro do pensamento do Universo.

Estas obras foram originariamente apresentadas na Convenção Mundial Rosacruz de 1975, em Curitiba, com música incidental.

Para que todos pudessem partilhar tão emocionante e reveladora experiência, a Editora Renes a produziu agora, em texto escrito e falado, com sonorização especialmente composta e executada por um dos mais capazes artistas de nossa época: LUIZ EÇA.

Coordenação-Geral de MARIA A. MOURA, Grande-Mestre da **Ordem Rosacruz — AMORC**

CARLOS ALBERTO S. SOARES, Bacharel em Geologia de Petróleo, Master e Doutor em Filosofia, em Literatura Comparada pela Universidade de Michigan; Conferencista, Professor de Línguas, Filosofia, Literatura, Estética, Metafísica; Ator Dramático. Membro da **Ordem Rosacruz — AMORC**

P. A. FREIRE, formado em Engenharia Eletrônica em Antuérpia, Bélgica, especializado em Engenharia Eletroobstétrica na França, Professor de Métodos Gráficos da UFRJ; Autor de livros e manuais técnicos. Participante, no Brasil, nas pesquisas parapsicológicas feitas pela **Belk Foundation,** com equipes da Universidade de Princeton. Membro da **Ordem Rosacruz — AMORC**

LUIZ EÇA, Figura exponencial da música brasileira contemporânea. Luiz Eça compôs e executou a sonorização especialmente feita para a CRUZ E A ROSA, tendo atingido efeitos notáveis, que complementam emocionalmente os textos com surpreendentes vibrações.

À EDITORA RENES LTDA.
Caixa Postal 2424 — Rio, RJ — CEP 20.000

Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal, A CRUZ E A ROSA pelo preço de Cr$ 780,00 que pagarei aos Correios contra entrega. Contém disco estéreo de 30 cm inteiramente grátis.

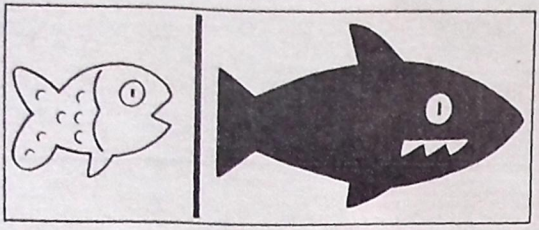
Nome .....
Endereço .....
Cidade ..... Estado .....
CEP ..... Assinatura .....

Nássara

Lição de coisas

Ictiologia

Aproveitando a oportunidade de bem utilizar a Revista Nacional — meio de comunicação insuperável —, como veículo de cultura e educação pedagógica, vou falar de Ictiologia, que, como vocês sabem e eu tive que recorrer ao Aurélio para confirmar, é a parte da ciência que trata da *Fauna Marítima*. Assim,vamos à primeira estampa.



1 A primeira estampa representa um peixe qualquer. A cabeça é inútil e deve ser jogada fora. Sobra o rabo. Ou melhor, um "rabo de peixe" que vale uma nota preta e dá um prestígio enorme com as mulheres. Um fusca também serve.

2 Nesta segunda estampa vê-se um tubarão. É um peixe voraz que prolifera, de preferência, nas costas do Oceano Índico ou Pacífico... Com o tempo emigrou para o Brasil e vive magnificamente bem nas costas da gente...



3 Como vêem, a Ictiologia é um estudo encantador. Nesta terceira estampa aparece um polvo. (Procurei na letra P do Aurélio e fiquei sabendo que polvo não é peixe. É molusco). Isto em Ictiologia. Porque na realidade — polvo — é uma composição de oito ou nove tubarões manipulados por um americano, um inglês, um japonês, um francês ou todos juntos...
O leitor já deve ter descoberto que estou me referindo às benfazejas MULTINACIONAIS...

4 Para terminar a aula, que já vai longa, escolhi o mais progressista dos peixes: A sardinha em lata. Superou a fase agrícola e ...parece altamente industrializada em embalagens coloridas e afogadas em azeite (?) ou, então, nos trens da Central, nos ônibus 60 em pé etc...
Com o preço, das passagens, reajustadas...

Appe



Franco



COMPANHIA EXCELSIOR DE SEGUROS

Opera em todos os ramos

MATRIZ: Rio de Janeiro
SUCURSAIS: Niterói – São Paulo – Fortaleza – Belo Horizonte – Curitiba – São Luís – Teresina – Goiânia – Porto Alegre – Salvador – Brasília – Maceió – Aracaju – Recife – Natal – Cuiabá – Florianópolis.